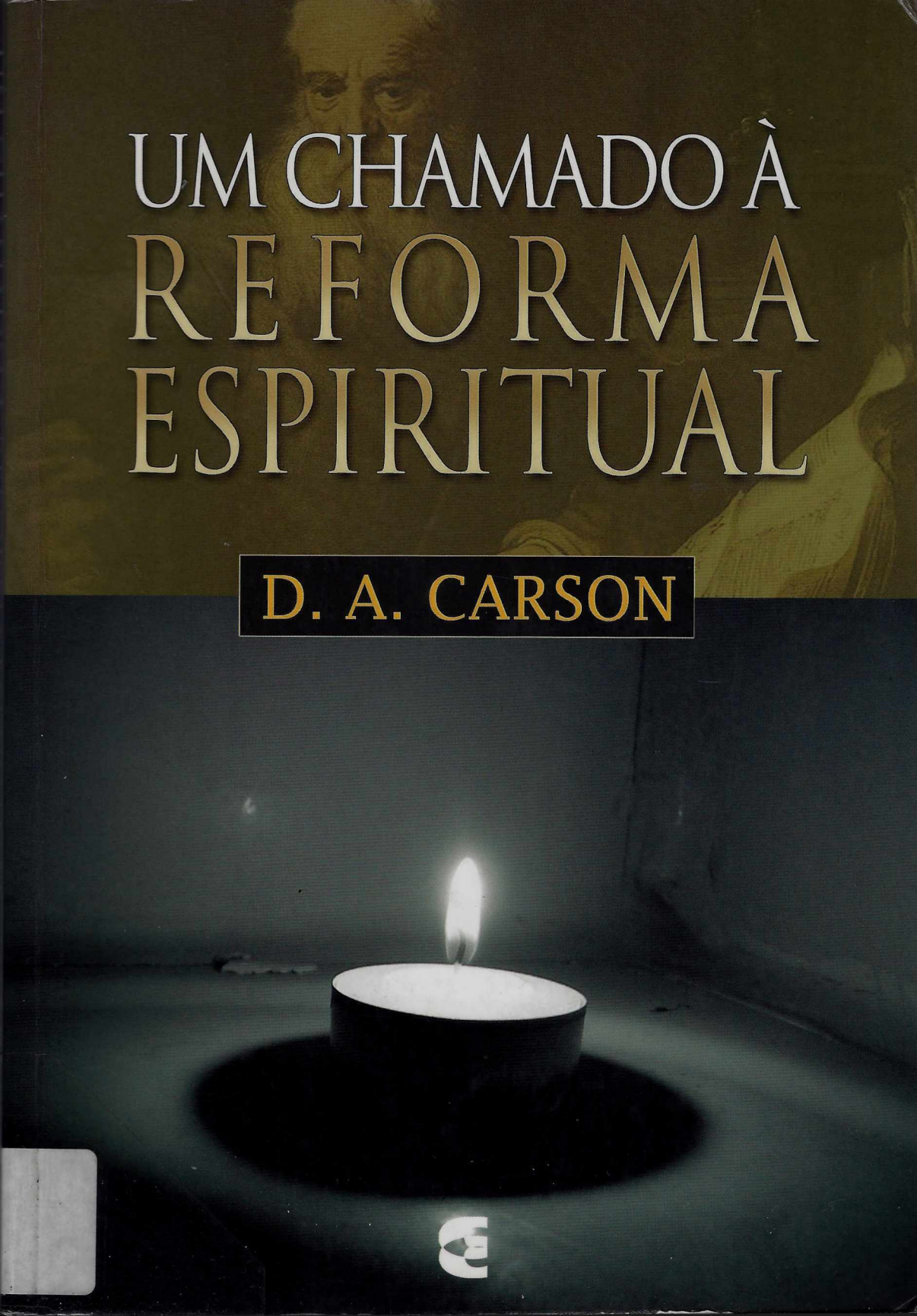
UM CHAMADO À REFORMA ESPIRITUAL

D. A. CARSON



Um chamado à reforma espiritual © 2007, Editora Cultura Cristã. © 1992 Baker Book House. Originalmente publicado em inglês com o título *A call to spiritual reformation* pela Baker Books, uma divisão da Baker Book House Company, Grand Rapids, Michigan, 49516, USA. Todos os direitos são reservados.

1ª edição – 2007
3.000 exemplares

Tradução
Valdeci da Silva Santos

Revisão
Ailton de Assis Dutra
Claudete Agua de Melo

Editoração
Ailton de Assis Dutra

Capa
Magno Paganelli

Conselho Editorial
Cláudio Marra (*Presidente*), Ageu Cirilo de Magalhães Jr., Alex Barbosa Vieira, André Luiz Ramos, Fernando Hamilton Costa, Francisco Baptista de Mello, Francisco Solano Portela Neto, Mauro Fernando Meister e Valdeci da Silva Santos.

Carson, D.A.

C321u Um chamado à reforma espiritual / D.A.Carson [tradução Valdeci da Silva Santos]. – São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

240p. ; 16x23 cm.

Tradução de A call to spiritual reformation
ISBN 85-7622-121-7

1. Oração – Ensino bíblico 2. Bíblia – Novo Testamento – Cartas Paulinas – Orações – História e crítica. I.Carson, D.A. II.Título.

CDD 21ed. – 248.3

EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Jr., 394 - CEP 01540-040 - São Paulo - SP
Caixa Postal 15.136 - CEP 01599-970 - São Paulo - SP
Fone: (11) 3207-7099 - Fax: (11) 3209-1255
Ligue grátis: 0800-0141963 - www.cep.org.br - cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Este livro é dedicado com gratidão a
Paul e Anke Miller

Sumário

Prefácio 9
Introdução: A necessidade imediata da igreja 11

1. Lições da escola de oração 19
2. A estrutura da oração *(2Ts 1.3-12)* 39
3. Petições dignas *(2Ts 1.1-12)* 53
4. Orando por outras pessoas 65
5. Uma paixão pelas pessoas *(1Ts 3.9-13)* 79
6. O conteúdo de uma oração desafiadora *(Cl 1.9-14)* 97
7. Pretextos para não orar 115
8. Superando os obstáculos *(Fp 1.9-11)* 127
9. Um Deus soberano e pessoal 149
10. Orando ao Deus soberano *(Ef 1.15-23)* 171
11. Orando por poder *(Ef 3.14-21)* 185
12. Oração pelo ministério *(Rm 15.14-33)* 209

Epílogo: Uma oração por reforma espiritual 231
Notas finais 233

Prefácio

Duvido que haja algum cristão que às vezes não considere difícil orar. Isso não é surpreendente nem desanimador: não é surpreendente porque ainda somos peregrinos, com muitas lições a aprender; não é desanimador porque lutar com essas questões faz parte do processo de aprendizagem.

O que é tanto surpreendente quanto desanimador é a absoluta falta de vida de oração que caracteriza parte tão grande da igreja ocidental. É surpreendente porque não está de acordo com a Bíblia, que descreve como a vida cristã deve ser; é desanimador porque freqüentemente coexiste com atividades cristãs abundantes que, de certo modo, dão a impressão de serem vazias, frívolas e superficiais. Um pouco menos perturbadora é a oração entusiástica em alguns círculos, que transborda de liberação emocional mas que é, na verdade, isenta de qualquer controle que seja motivado por uma reflexão zelosa sobre as orações das Escrituras.

Eu gostaria de poder dizer que sempre evito essas armadilhas. A verdade é que sou parte do que condeno. Porém, se queremos fazer qualquer progresso no sentido de reformar a nossa oração particular e pública, temos então que começar a atentar cuidadosamente para as Escrituras novamente e procurar a ajuda de Deus para que possamos compreender como aplicar as Escrituras à nossa vida, ao nosso lar e à nossa igreja.

Este livro não é uma teologia abrangente da oração, predisposto contra a prática do debate moderno a respeito da natureza da espiritualidade. Em outra ocasião, estive envolvido num projeto que tentava algo parecido.[1] Aqui, o objetivo é bem mais simples: trabalhar em diversas orações de

Paulo de tal modo que ouçamos Deus falar conosco hoje, e encontrar força e direção para aperfeiçoar a nossa oração, tanto para a glória de Deus como para o nosso bem.

Este livro começou a ganhar vida a partir de uma série de sete sermões. Essa série de sete sermões foi pregada num único lugar: na "escola de verão" da Church Missionary Society, em New South Wales, no início de janeiro de 1990. Humanamente falando, a época era desfavorável: a minha mãe tinha morrido na noite do ano-novo. Ainda assim, forçar-me a dar aquele passo para cumprir um compromisso já marcado serviu apenas para demonstrar mais uma vez que o poder de Deus se manifesta nas nossas fraquezas, pois os cultos em New South Wales estavam repletos da presença e do poder do Senhor. Sou grato ao meu irmão e ao meu pai por estimularem-me a continuar com os cultos, e ao Rev. Peter e Joan Tasker e ao arquidiácono Victor e Delle Roberts e seus companheiros pelo calor humano e encorajamento. Agradeço também a Baker Book House pelo seu interesse neste estudo expositivo, e pelas suas sugestões práticas sobre como transformar sete sermões bastante extensos em capítulos menores para as páginas de um livro. Os pregadores que se interessarem em saber como esses capítulos foram originalmente configurados poderão consultar as "notas ampliadas" na seção final deste livro.

O conteúdo destas páginas é substancialmente o mesmo que foi entregue na forma oral, mas o estilo foi modificado para a impressão. Tendo em vista o número de leitores que esperamos, não incluí bibliografia, exceto quando realmente cito uma fonte. Para facilitar o uso deste livro em grupos de estudo e em classes de escola dominical, incluí perguntas no final de cada capítulo. Às vezes, as perguntas requerem respostas factuais (e, portanto, são úteis para recapitulação), e algumas vezes requerem reflexão, debate ou mais estudo; elas podem ser mais úteis, então, a um grupo liderado por alguém que esteja mais avançado no discipulado cristão do que o leitor casual possa estar.

Soli Deo gloria.

D. A. Carson
Trinity Evangelical Divinity School

Introdução: A necessidade imediata da igreja

Qual é a necessidade mais urgente na igreja do mundo ocidental hoje? Muitas respostas diferentes são dadas a essa pergunta. Assim como no círculo político alguns grupos de assuntos individuais às vezes prendem a atenção e temporariamente controlam a discussão nacional, assim também no círculo eclesiástico existem grupos com uma visão única e uma única resposta para todas as questões.

Algumas pessoas na igreja dizem que o que precisamos é de pureza quanto às questões sexuais e de reprodução. Não há dúvida de que os fatos são alarmantes. Poucos anos atrás, *Christianity Today* publicou o resultado de uma pesquisa mostrando que em várias igrejas de grupos de pessoas sós na Califórnia – grupos de pessoas solteiras e divorciadas, geralmente com idades entre 20 e 35 anos – mais de 90% tanto de homens quanto de mulheres tinham se envolvido ou estavam se envolvendo em relacionamentos sexuais ilícitos. "Ah", você diz, "trata-se da Califórnia: o que você espera?" Porém, uma pesquisa mais recente, publicada pela *Leadership*, não é muito mais encorajadora. Um estudo sobre adolescentes de igrejas evangélicas em todos os Estados Unidos revelou que mais de 40% desses jovens, de 18 anos de idade ou menos, envolveram-se em sexo pré-marital (contra 54% que é a média nacional). Dentro de um raio de 40 quilômetros da minha casa, pelo menos quatro pastores arruinaram o próprio ministério nos últimos anos por causa de problemas morais. Os diretores de várias agências missionárias

da América do Norte e da Europa confidenciaram-me que eles têm tido que lidar com mais problemas de imoralidade sexual entre os missionários, durante os últimos cinco anos, do que durante os trinta, quarenta ou cinqüenta anos anteriores.

Embora um sapo que seja lançado em água quente pule imediatamente, o mesmo pode ser cozido vagarosamente até a morte se a temperatura da água na qual ele está elevar-se lentamente. Como esse sapo proverbial, nossa cultura está vagarosamente esquentando e nos destruindo. A celebração tecnológica da lascívia e da violência invade os nossos lares por intermédio de revistas, do rádio, dos jornais e da televisão. A pornografia que não era admitida em *nenhum* cinema da vizinhança apenas há três décadas, agora está facilmente disponível. A invenção do vídeo cassete e a ampla disponibilidade da TV a cabo e dos canais pagos expõe milhões de pessoas tanto à pornografia leve como à pesada, que mesmo hoje não pode ser exibida em cinemas públicos. Uma olhada na prateleira de revistas no caixa de qualquer supermercado mostra que pertencemos a uma cultura obcecada pelo sexo.

E isso não é tudo. A Organização Mundial da Saúde estima que não menos que dez milhões de pessoas morrerão de AIDS, não importando que descobertas sejam feitas no futuro próximo. Sem dúvida nenhuma, uma pequena porcentagem de portadores do vírus da AIDS é completamente inocente de qualquer conduta imprópria na área sexual: hemofílicos contraíram a doença, e também esposas inocentes, filhos de mães infectadas, e viciados em drogas que compartilharam agulhas contaminadas. Porém, existe pouca dúvida de que a doença é transmitida pela promiscuidade, tanto homossexual quanto heterossexual. Se a promiscuidade fosse miraculosamente barrada, a doença seria extinta.

Outros consideram o problema mais urgente da igreja como sendo menos ligado à moralidade pessoal do que aos programas de ação mais abrangentes que estão ligados à reprodução. A afronta cristã à tolerância contínua da facilitação ao aborto é firme: não são poucos os que vêem essa questão como o mais urgente desafio que a igreja ocidental contemporânea defronta.

Deus sabe que precisamos de pureza nas questões sexuais e reprodutivas. Porém, sejamos francos: algumas sociedades experimentam altos graus de integridade sexual sem muito conhecimento de Deus, sem vida eterna.

Muitas nações muçulmanas, por exemplo, exibem um grau muito mais alto de pureza sexual e um índice muito menor de aborto do que qualquer nação ocidental. Com certeza, essa não pode ser a nossa maior necessidade.

Outros dizem que a necessidade mais urgente da igreja é uma combinação de integridade e generosidade na área financeira. Pode ser embaraçoso descobrir quantas pessoas, entre as que lêem estas páginas, já trapacearam nos formulários de imposto de renda. Houve época, em muitas nações ocidentais, em que a palavra de uma pessoa tinha tanto valor quanto um contrato escrito, mas isso é coisa do passado. A corrupção em larga escala sacudiu instituições financeiras cujos nomes simbolizaram confiança absoluta.

Uma das características mais assustadoras do retorno a um estilo de vida mais conservador nos anos 80 e 90 é a ganância absoluta na qual ele está envolto. O conservadorismo dos anos 50 nasceu da Depressão dos anos 30 e da Guerra Mundial dos anos 40: os pais trabalharam duro para construir um mundo para seus filhos que fosse melhor do que o que eles tinham conhecido. Mas o novo conservadorismo dedica pouco tempo ao futuro, e menos ainda às crianças. Queremos fazer o nosso próprio pequeno pé-de-meia, e gastá-lo; queremos que o governo faça o máximo possível por nós, mas retarde os impostos até o tempo em que os nossos filhos terão que pagar por nossos excessos. As técnicas de *marketing* conspiram para nos fazer pensar que a felicidade está relacionada com as aquisições – as pessoas de negócios sabem de cor o número dos seus cartões de crédito; a posição na sociedade está fortemente condicionada à riqueza exterior.

Em certa medida, é claro, a ganância caracteriza todas as culturas neste mundo caído. Mas o culto sem restrições a Mamon tem se tornado tão evidente, tão ultrajante, tão difundido no mundo ocidental durante os últimos dez anos, que muitos de nós estão dispostos a fazer quase que qualquer coisa – incluindo sacrificar os próprios filhos –, para poder comprar mais. Assim, o que precisamos é de integridade associada à generosidade, uma nova libertação dessa miserável escravidão à riqueza, uma escravidão que está corroendo as nossas decisões e corrompendo o nosso direcionamento.

Deus sabe que precisamos ser libertos do nosso materialismo desenfreado. Mas a franqueza nos força a reconhecer que existem sociedades

que são muito menos devotas ao credo do "Mais!" do que nós, mas cujo povo não conhece a Deus. Como, então, essa poderia ser a nossa necessidade mais urgente?

Então, alguém diria, o que nós precisamos nesta hora de decadência espiritual é de evangelismo e plantação de igrejas. A população mundial está aumentando, e as "missões" não podem mais ser consideradas como algo que acontece "lá". A maioria das nações ocidentais está crescendo em diversidade étnica. Estima-se que no ano 2000, nos Estados Unidos, as pessoas de cor branca, protestantes anglo-saxões, serão apenas 47% da população. Se perguntarmos o quanto o evangelismo tem sido efetivo entre os hispânicos em Chicago, os gregos em Sydney, os árabes em Londres, ou os asiáticos em Vancouver, nós nos enforcaríamos de vergonha. Cidades mundiais continuam atraindo a massa da população mundial, enquanto na maioria dos países ocidentais a igreja, em sua força (seja esta "força" fraca como é), é rural e suburbana, não urbana. Apesar de haver maravilhosos pontos brilhantes, o evangelicalismo não tem se mostrado muito zeloso ou efetivo na obediência ao mandado do Senhor de evangelizar.

Sim, precisamos urgentemente de mais e melhor evangelismo. Porém, devemos sinceramente analisar vários fatos alarmantes. Até que ponto aqueles que se convertem em congressos evangelísticos de abrangência mundial na verdade perseveram por um período de cinco anos? Em cuidadosos estudos que foram feitos, a variação mais comum encontrada é de 2% a 4%; ou seja, entre 2% e 4% daqueles que fazem profissão de fé nesses congressos ainda estão perseverando na fé cinco anos depois, de acordo com que mostram as análises por critérios externos, tais como freqüência à igreja, leitura bíblica regular, ou semelhantes.

Nem mesmo essas estatísticas tão assustadoras revelam a imensidão do problema. Muitos dos que professam fé parecem pensar que Cristianismo é algo a ser acrescentado à vida já tão atarefada, e não algo que deva controlar, refrear e modelar a visão e todos os objetivos de uma pessoa. O Princeton Religion Research Center [Centro de Pesquisa da Religião de Princeton], que estuda religião na América, demonstrou que o pequeno aumento durante os últimos dez anos do número de americanos que freqüentam a igreja deve ser contrastado com o declínio marcante de cristãos que pensam que existe uma ligação essencial entre Cristianismo e moralidade. A triste verdade é que muito do cristianismo ameri-

cano está retornando ao puro paganismo: o pagão comum pode ser bastante religioso sem necessariamente ter algum compromisso quanto à ética, à moralidade, à auto-renúncia ou à integridade.

Em resumo, o evangelismo – pelo menos o evangelismo que tem dominado grande parte do mundo ocidental – não parece poderoso o bastante para tratar da nossa decadência.

Talvez a nossa necessidade mais urgente, então, é de pensamento disciplinado, bíblico. Precisamos de mais seminários e faculdades bíblicas, mais teólogos, mais treinamento leigo, mais pregação expositiva. Que outro modo temos para treinar uma geração inteira de cristãos a pensar os pensamentos de Deus, a não ser o ensino por meio das Escrituras, fazendo-os aprender bem a Bíblia?

Não estou em posição de criticar a pregação expositiva e os seminários: dei a minha vida a esse ministério. Ainda assim, estou entre os primeiros a admitir que alguns alunos da instituição onde ensino, e alguns integrantes do corpo docente também, podem dedicar milhares de horas ao estudo diligente das Escrituras e, mesmo assim, de alguma maneira demonstrar um conhecimento extraordinariamente raso de Deus. O conhecimento bíblico pode ser meramente acadêmico e rigoroso, mas de certo modo não edificante, não doador de vida, não devoto, insincero.

O tempo é escasso para listar outras necessidades urgentes que vários grupos defendem. Alguns grupos apontam para a necessidade premente de um culto real, vital para a igreja como corpo; outros focalizam nas tendências da nação e, portanto, a necessidade do envolvimento na política e na diplomacia.

Sem dúvida que todas essas coisas são importantes. Eu não gostaria que qualquer coisa que eu tenha dito fosse tomada como menosprezo ao evangelismo e ao culto, uma diminuição da importância da pureza e da integridade e uma falta de zelo para com o estudo disciplinado da Bíblia. Porém, há um sentido em que essas necessidades urgentes são meramente sintomas de uma carência muito mais séria. A coisa de que nós mais urgentemente precisamos na cristandade ocidental é um conhecimento mais profundo de Deus. Precisamos conhecer melhor Deus.

Quando o assunto é conhecer Deus, somos uma cultura de atrofiados espiritualmente. Grande parte da nossa religião é apresentada de modo a atender às nossas necessidades sentidas – e estas são quase que invariavel-

mente ancoradas na busca de nossa própria felicidade e realização. Deus torna-se simplesmente o Grande Ser que, pelo menos potencialmente, supre as nossas necessidades e realiza as nossas aspirações. Pensamos muito pouco a respeito de como ele é, o que ele espera de nós, o que ele procura em nós. Não somos cativados por sua santidade e seu amor; seus pensamentos e palavras capturam muito pouco da nossa imaginação, do nosso discurso e poucas das nossas prioridades.

Na visão bíblica das coisas, um conhecimento mais profundo de Deus traz consigo um progresso enorme nas outras áreas mencionadas: pureza, integridade, efetividade evangelísticas, melhor estudo da Escritura, aperfeiçoamento tanto do culto público como do privado. Mas se procurarmos essas coisas sem desejar apaixonadamente um conhecimento mais profundo de Deus, estaremos correndo egoisticamente atrás das bênçãos de Deus sem correr atrás dele. Somos piores até do que aquele homem que quer os serviços da sua esposa – alguém que o espera em casa, que cozinha e limpa, alguém com quem dormir – sem nunca fazer um esforço para realmente conhecer e amar a sua esposa e descobrir o que ela quer e do que ela precisa; digo que somos piores do que esse homem porque Deus é mais do que qualquer esposa, mais do que a melhor das esposas: ele é perfeito em seu amor, ele nos fez para si mesmo, somos devedores a ele.

Mesmo assim, este não é um livro que trate diretamente do desafio de conhecer melhor Deus. Em vez disso, ele focaliza uma pequena, mas vital parte desse desafio. Um dos passos fundamentais no conhecimento de Deus, e uma das demonstrações básicas de que conhecemos Deus, é a oração – oração espiritual, persistente e biblicamente direcionada. Robert Murray M'Cheyne, escrevendo há um século e meio, declarou: "O homem é o que ele é quando está de joelhos, sozinho diante de Deus, nada mais". Porém, nós temos ignorado essa verdade. Aprendemos a organizar, a construir instituições, a publicar livros, a nos inserir na mídia, a desenvolver estratégias evangelísticas e a administrar programas de discipulado, mas nos esquecemos de como orar.

A maioria dos pastores testifica a respeito do declínio da oração individual, familiar e pública ao longo de toda a nação. Até mesmo os recentemente organizados "concertos de oração" são, de uma perspectiva histórica, sinceramente desanimadores: alguns deles, pelo menos, são tão evidentemente manipuladores que estão a anos-luz de reuniões de oração que aconteceram em partes do mundo que experimentaram o alento

de um despertamento enviado do céu. Além do mais, está mais do que claro que eles estão mudando os hábitos de oração das nossas igrejas, ou a disciplina particular de um significativo número de crentes.

Há dois anos, num importante seminário norte-americano, 50 alunos que estavam se oferecendo para o ministério em outros países durante as férias de verão foram cuidadosamente entrevistados para que a adequabilidade deles fosse avaliada. Apenas 3 desses 50 – 6 por cento! – afirmaram fazer cultos individuais regulares, tirar tempo para a leitura das Escrituras e devotar-se à oração. Seria doloroso e desagradável expor a vida de oração de muitos milhares de pastores evangélicos.

Porém, podemos sondar ainda mais profundamente. Onde está o nosso deleite em orar? Onde está a nossa percepção de que estamos nos encontrando com o Deus vivo, que estamos lidando com Deus, que estamos intercedendo com unção genuína diante do trono da graça? Quando foi a última vez em que saímos de um período de intercessão sentindo que, como Jacó ou Moisés, havíamos convencido Deus? Que porcentagem de nossas orações é grandemente repetitiva, ornamentada generosamente com clichês que nos lembram, incomodamente, dos hipócritas que Jesus denunciou?

Não escrevo essas coisas para manipular você ou para despertar sentimentos de culpa. Mas o que devemos *fazer*? Não temos, muitos de nós, tentado uma vez ou outra melhorar as nossas orações, e nos atrapalhamos tanto que ficamos mais desanimados do que em qualquer outra época? Você não sente, como eu, a gravidade do problema? Exceto por algumas pessoas que a maioria de nós conhece como notáveis guerreiras na oração, não é, todavia, verdade que, em geral, somos melhores em organizar do que em agonizar? Melhores em administrar do que em interceder? Melhores na comunhão do que no jejum? Melhores no entretenimento do que na adoração? Melhores em articulações teológicas do que em adoração espiritual? Melhores – Deus nos ajude! – em pregar do que em orar?

O que há de errado? Esse triste estado não é algum tipo de indicador do nosso conhecimento de Deus? Não devemos concordar com J. I. Packer quando ele escreve: "Eu acredito que a oração é a medida do homem, no sentido espiritual, de uma maneira que nada mais é, de modo que o modo como oramos é uma questão importante com a qual sempre nos defrontamos"?[1] Podemos proveitosamente encarar os outros desafios que confrontam a igreja ocidental se a oração é ignorada na extensão em que tem sido?

Meu objetivo nesta série de meditações é, portanto, examinar os fundamentos. Muitas abordagens diferentes poderiam ter sido escolhidas, mas a adotada aqui é simples. Assim como a Palavra de Deus deve reformar a nossa teologia, a nossa ética e as nossas práticas, do mesmo modo ela deve reformar a nossa oração. O propósito deste livro, então, é examinar cuidadosamente algumas orações de Paulo, de tal modo que possamos alinhar os nossos hábitos de oração com os dele. Queremos aprender sobre o que orar, que argumentos usar, que prioridades adotar, que convicções devem moldar as nossas orações, e muito mais. Poderíamos examinar as orações de Moisés, Davi ou Jeremias. Mas aqui, nós focalizaremos em Paulo, e especialmente nas petições de Paulo, reconhecendo que o foco é limitado. Devemos constantemente tentar compreender não apenas as primeiras noções das orações de Paulo, mas também como os cristãos podem adotar a teologia da oração de Paulo nas suas próprias experiências na oração. E desde que um avivamento duradouro, uma renovação genuína e uma verdadeira reforma brotam da obra do Espírito Santo quando ele toma a Palavra e a aplica na nossa vida, é importante para mim enquanto escrevo, e para você, ao ler, parar freqüentemente e pedir que o Espírito Santo tome aquilo que for fiel à Bíblia e útil nestas meditações e aplique à nossa vida, de modo que a nossa vida de oração seja permanentemente transformada.

Questões para Revisão e Reflexão

1. Qual é a necessidade mais premente na igreja contemporânea do mundo ocidental? Defenda o seu argumento.
2. Relacione todas as necessidades da igreja, mencionadas neste capítulo, de que você puder se lembrar. Acrescente outras. Como essas coisas se relacionam à questão fundamental a respeito do quanto sabemos a respeito de Deus?
3. Embora este livro ocupe-se de encorajar orações bíblicas, obviamente é possível orar sem qualquer conhecimento real do Deus vivo. Como pode ser isso? Existe algum tipo de oração que deve ser evitado? Se existe, qual é ele?

1

Lições da escola de oração

Ao longo da minha peregrinação espiritual, duas fontes moldaram, e continuam a moldar, a minha própria vida de oração: as Escrituras e os cristãos mais maduros.

O de menor autoridade dessas duas tem sido o conselho, a sabedoria e o exemplo de santos mais experientes. Confesso que não sou um aluno muito bom na escola da oração. Ainda assim, dedicar umas poucas páginas aos seus conselhos e valores pode valer a pena, antes de voltar-me para a fonte mais importante e de mais autoridade que tem me ensinado a orar.

Dentre as lições que cristãos mais maduros me ensinaram, então, estão as seguintes:

1. Muitas orações não são feitas, porque não planejamos orar. Nós não mergulhamos na vida espiritual; não nos deixamos levar por uma vida de oração disciplinada. Não crescemos na oração, a menos que planejemos orar. Isso significa que devemos estabelecer, conscientemente, um período de tempo especial, para não fazer nada a não ser orar.

O que nós realmente fazemos reflete as nossas principais prioridades. Isso significa que podemos constantemente proclamar o nosso comprometimento com a oração, mas, a menos que na verdade oremos, nossas ações negam as nossas palavras.

Essa é a razão fundamental pela qual determinar horários para oração é importante: eles asseguram que aqueles desejos vagos de oração se concretizem em prática regular. As muitas referências de Paulo às suas "orações" (p. ex., Rm 1.10; Ef 1.16; 1Ts 1.2) sugerem que ele separava tempo específico para oração – como aparentemente o próprio Jesus fazia (Lc 5.16). É claro que a mera regularidade nessas questões não assegura que orações efetivas aconteçam: a piedade genuína é muito facilmente imitada, sendo que o seu lugar é usurpado por sua prima estéril, a religião formal. Também é verdade que diferentes estilos de vida exigem padrões diferentes: uma pessoa que trabalha em turnos, por exemplo, terá que mudar continuamente seus horários programados de oração, enquanto uma mãe de gêmeos de 2 anos de idade não terá nem a energia nem o tempo disponível de uma outra pessoa que viva em circunstâncias de menos obrigações. Porém, depois de reconhecer devidamente todas as dificuldades e admitir propriamente todos os perigos do legalismo, permanece o fato de que a menos que planejemos orar, não oraremos. A razão pela qual oramos tão pouco é que não planejamos orar. Um planejamento sábio assegurará que nos devotemos a orar freqüentemente, mesmo que seja por breves períodos: é melhor orar com freqüência, brevemente, do que fazer longas orações de vez em quando. Mas a pior opção é simplesmente não orar – e essa será a prática se não planejarmos. Se estamos querendo mudar os nossos hábitos, devemos começar aqui.[1]

2. Adote maneiras práticas de impedir que a sua mente vagueie. Qualquer pessoa que está no caminho cristão há um certo tempo, sabe que há épocas em que as nossas orações particulares soam como esta: "Querido Deus, eu te agradeço pela oportunidade de chegar à tua presença pelos méritos de Cristo. Chamá-lo de Pai é uma bênção maravilhosa... Onde será que eu deixei a chave do carro? [Não, não! De volta à oração.] Pai celestial, eu começo pedindo que cuides de minha família – não apenas na área física, mas também nas dimensões espiritual e moral de nossas vidas... Nossa, o sermão de domingo com certeza foi ruim. Será que vou conseguir escrever aquele relatório a tempo? [Não, não!] Pai, permita que aquele casal de missionários que sustentamos, não me lembro dos seus nomes... possa frutificar. Oh! Eu ia me esquecendo de que prometi consertar a bicicleta do meu filho hoje..." Ou eu sou o único cristão que já teve problemas de vaguear mentalmente?

Porém, você pode fazer várias coisas para acabar com os devaneios. Uma das coisas mais úteis é fazer as suas orações em voz alta. Isso não significa que elas tenham que ser tão altas que se tornem uma distração para outras pessoas, ou pior, um tipo de exibicionismo da piedade. Quero dizer simplesmente articular suas orações, talvez movendo os lábios; a energia dedicada a expressar os seus pensamentos em palavras e sentenças colocará a sua mente em ordem e a disciplinará, o que vai ajudar a deter os devaneios.

Outra coisa que você pode fazer é orar com base nas Escrituras. Cristãos que estão no início da vida de oração às vezes oram por tudo de que se lembram, dão uma olhada no relógio, e descobrem que se passaram só três ou quatro minutos. Essa experiência às vezes gera sentimentos de frustração, desânimo e até desespero. Uma ótima maneira de começar a vencer esse problema é orar com base em várias passagens bíblicas.

Em outras palavras, é muito apropriado relacionar as suas orações à sua leitura bíblica. Existe uma multidão de esquemas de leitura que você pode adotar. Alguns cristãos lêem um capítulo por dia. Outros acreditam que o melhor é três capítulos por dia, com cinco no domingo: isso fará com que você leia a Bíblia toda em um ano. No momento, estou seguindo o padrão estabelecido por Robert Murray M'Cheyne no último século: vou ler os Salmos e o Novo Testamento duas vezes durante este ano, e o restante do Antigo Testamento uma vez. Qualquer que seja o esquema de leitura, é essencial ler a passagem devagar e refletidamente para extrair pelo menos um pouco do seu propósito e direcionamento para a sua vida. As verdades e os vínculos podem se tornar a base de grande parte de uma oração reflexiva.

Uma pequena variação desse plano é adotar como modelo várias orações bíblicas. Leia-as cuidadosamente, analise o que elas estão dizendo, e faça orações semelhantes por você mesmo, pela sua família, sua igreja e por muitas outras pessoas além do seu círculo mais íntimo.

Do mesmo modo, orar os hinos de adoração pode ser imensamente edificante e certamente ajudará você a focalizar a sua mente e o seu coração numa direção por certo tempo.

Alguns pastores caminham a passos regulares enquanto oram. Um santo mais idoso que conheço há muito tempo faz uso dessa prática, orando a Oração do Senhor, examinando cuidadosamente as implica-

ções de cada petição ao andar e organizando suas orações em torno dessas implicações.[2] Outras pessoas fazem listas de orações de vários tipos, uma prática que discutiremos com mais detalhes adiante.

Isso pode ser parte da disciplina de manter um diário. Em muitos períodos na história da igreja, cristãos espiritualmente maduros e disciplinados mantêm o que pode ser chamado de diários espirituais. O que esses diários contêm varia muito. Os puritanos os usavam freqüentemente para registrar as suas experiências com Deus, os seus pensamentos e as suas orações, seus triunfos e seus fracassos. Bill Hybels, o pastor titular da Willow Creek Community Church, usa uma página para anotar o que ele fez e pensou no dia anterior, e então escreve algumas orações para o dia seguinte.[3] Pelo menos um seminário agora exige que seus alunos mantenham um diário desse tipo ao longo dos anos de estudo.

O valor real dessas anotações, eu acho, é multifacetado: (a) Elas impõem uma mudança de ritmo, uma redução. Elas asseguram tempo para a oração. Se você está escrevendo suas orações, sua mente não vagueia. (b) Elas incentivam o auto-exame. Um antigo ditado diz que somente a vida analisada é digna de ser vivida. Se você não tira tempo para examinar o seu próprio coração, sua mente e sua consciência, de tempos em tempos, à luz da Palavra de Deus, e não trabalhar as coisas que encontrar, você ficará infestado dos percevejos do farisaísmo destrutivo. (c) Elas asseguram uma articulação serena de sua direção espiritual e de suas orações, e isso, por sua vez, incentiva o auto-exame e, portanto, o crescimento. Assim, manter um diário impede os devaneios mentais.

Porém, essa é apenas uma de várias disciplinas espirituais. O perigo nela, como em todas elas, é que a pessoa que está formalmente se adaptando a essa prática possa enganar-se pensando que a disciplina é um fim em si mesma, ou que ela possa lhe assegurar um lugar exaltado nos céus. Essa é a razão pela qual eu me oponho à imposição desse tipo de disciplina a um grupo de seminaristas (por mais que eu encoraje a manutenção de um diário): a verdadeira espiritualidade nunca pode ser coagida.

Esses perigos à parte, você pode melhorar bastante a sua vida de oração se combinar estes dois primeiros princípios: separar tempo para oração, e depois usar maneiras práticas de impedir devaneios mentais.

3. Em vários períodos de sua vida, desenvolva, se possível, um relacionamento de oração com um companheiro. Casualmente, se você não for casado, assegure-se de que seu companheiro de oração seja alguém do mesmo sexo. Se você for casado e escolher um companheiro de oração do sexo oposto, assegure-se de que este companheiro(a) seja seu esposo(a). A razão é que a verdadeira oração é algo muito íntimo – e intimidade numa área geralmente leva a intimidade em outras áreas. Existe grande evidência de que depois de alguns dos avivamentos do Kentucky no século passado, na verdade houve um *aumento* na promiscuidade sexual. No entanto, quaisquer que sejam os obstáculos que possam surgir durante a procura de retidão, tente desenvolver um relacionamento apropriado de companheirismo na oração.

Nesse aspecto eu tenho sido extremamente afortunado. Ainda antes de minha formatura, durante as férias de verão, um pastor solteiro chamou-me particularmente e convidou-me para orar com ele. Nós nos encontramos uma vez por semana, nas noites de segunda-feira, pelos três meses seguintes. Às vezes orávamos por aproximadamente uma hora, às vezes muito mais. Mas, sem dúvida, ele me ensinou muito mais acerca dos primeiros passos da oração do que qualquer outra pessoa. Uma ou duas de suas lições eu detalharei mais adiante; no momento, é simplesmente a importância desse discipulado em dupla que eu quero enfatizar.

Em vários períodos da minha vida, outras oportunidades como essa têm batido à minha porta. Lá pelo último ano do meu doutorado, outro aluno e eu separamos uma noite por semana para orar. Finalmente (eu era um tanto vagaroso nessa área), eu me casei. Como a maioria dos casais, descobrimos que não é fácil encontrar tempo para orar juntos. Não só porque vivemos num ritmo muito agitado, mas também porque cada estágio da vida tem suas pressões peculiares. Quando você tem dois ou três filhos em idade pré-escolar, por exemplo, você se levanta cedo, e à noite está exausto. Ainda assim, tentamos seguir um padrão que tínhamos estabelecido. Além das graças no horário das refeições, que podem estender-se além do esperado "muito obrigado" para preocupações maiores, e além dos horários individuais de oração e leitura bíblica, como família nós procuramos diariamente a face de Deus. Cerca de metade do tempo, um de nós – eu ou minha esposa – lidera a família em oração; no restante do tempo, os filhos juntam-se a nós em oração. Temos descoberto a importância de injetar frescor e inovação nesses mo-

mentos, mas isso é outro assunto. Antes de dormirmos à noite, minha esposa e eu invariavelmente oramos juntos, geralmente bem brevemente. Mas além disso, em vários pontos da nossa vida juntos temos tentado separar algum tempo, uma noite por semana, para orar. Geralmente conseguimos por poucas semanas, e então algo quebra a seqüência por algum tempo. Porém, tentamos retomar o ritmo, e usamos esses horários para orar pela família, pela igreja, pelos alunos, pelas preocupações de várias naturezas, pelos nossos filhos, por orientação para nossa vida e nossos valores, pelo ministério iminente, e muito mais.

Se você sabe orar, considere a possibilidade de procurar outra pessoa para ensiná-la. Por ensinar, eu não quero dizer dar lições, mas dar exemplo pessoal comunicado num relacionamento de companheirismo na oração. Esse modelo e parceria resultarão em alguns tipos de perguntas que motivarão maior compartilhamento e discipulado mais intenso. Afinal, foi porque os discípulos de Jesus observaram a sua vida de oração que eles procuraram a sua instrução a respeito da oração (Lc 11.1).

Se você sabe pouco sobre oração, considere a possibilidade de procurar alguém mais maduro nessas questões e estabeleça um relacionamento de companheirismo na oração por um período de tempo. Se você não consegue encontrar alguém assim, então promova esse relacionamento com alguém que esteja no seu nível de crescimento espiritual. Juntos, vocês podem descobrir muitas verdades úteis. Os relacionamentos de companheirismo na oração são muito valiosos tanto pelo fato de estabelecerem disciplina, responsabilidade e regularidade quanto pelas lições que são compartilhadas.

Há muitas variações desse tipo de relacionamento. Conheço alguns pastores que procuram algumas pessoas com quem se encontram, às vezes de manhã bem cedo, para terem mais ou menos uma hora de oração intercessória. As regras básicas variam bastante de um grupo para outro. Em algumas igrejas das grandes cidades, uma reunião de oração logo no começo da manhã pode ser aberta e pública, simplesmente uma boa brecha no dia para quem quiser participar de uma reunião de oração, apesar das dificuldades de horários. Mas eu estou pensando basicamente em grupos mais confidenciais de guerreiros da oração cuidadosamente selecionados. As regras básicas para esses grupos podem incluir o seguinte: (1) Aqueles que concordarem em participar devem fazê-lo

toda semana, sem falhar e sem reclamar, por um determinado período de tempo (seis meses?), à exceção, é claro, de circunstâncias imprevistas tais como enfermidades. (2) Eles devem ser cristãos sem qualquer sombra de partidarismo, de amargura, de ressentimentos ou de fingimento em suas vidas. Em outras palavras, eles devem ser caracterizados pela integridade e pelo amor genuíno por outros crentes, até pelos mais desregrados. (3) Eles não podem ser fofoqueiros.

Esses grupos de companheiros de oração têm sido usados por Deus continuamente como pontas de lança para ministérios poderosos e para pródigas bênçãos. Eles podem orar durante muitos anos sem serem notados, exceto nos céus. Alguns pequenos grupos crescem e tornam-se grandes reuniões de oração; outros multiplicam-se e dividem-se, mantendo os mesmos princípios.

Porém, seja qual for o padrão exato, há muito a ser dito com respeito ao desenvolvimento de relacionamentos piedosos de companheiros de oração.

4. Escolha modelos – mas escolha-os bem. A maioria de nós pode melhorar a nossa vida de oração ouvindo, de modo cuidadoso e refletido, outras pessoas orarem. Isso não significa que devemos copiar tudo o que ouvimos. Algumas pessoas usam um estilo informal e loquaz na oração que reflete a sua própria personalidade e, talvez, o contexto no qual elas se converteram; outras entoam suas orações a Deus com uma erudição genuína, combinada com uma formalidade solene, e usando palavras rebuscadas e formas lingüísticas que eram usadas 350 anos atrás. Nenhum extremo é um modelo intrinsecamente bom; ambos podem ser bons modelos, mas não devido a seus hábitos relativamente externos, e certamente não devido à idiossincrasia cultural ou pessoal. Quando encontrarmos bons modelos, devemos estudar o conteúdo e a urgência, mas não imitar a linguagem.

Nem todo bom modelo nos proporciona exatamente a mesma receita de boa oração, exatamente no mesmo equilíbrio. Todos eles oram com grande seriedade; todos eles usam argumentos e seguem objetivos que já estão descritos nas Escrituras. Alguns deles parecem carregar você com eles para a própria sala do trono do Todo-poderoso; outros são particularmente fiéis na intercessão, apesar das mais difíceis circunstâncias na vida e no ministério; outros ainda são dignos de nota pela amplitude de suas visões. Todos são caracterizados por uma maravilhosa mistura de contrição e ousadia na oração.

Mais uma vez, minha vida tem sido abençoada por alguns modelos influentes. Devo começar mencionando meus próprios pais. Lembro-me de como, mesmo quando nós éramos bem pequenos, toda manhã minha mãe se retirava das confusões da vida para ler a Bíblia e orar. Nos anos em que eu estava crescendo, meu pai, um ministro batista, tinha o seu escritório em casa. Toda manhã nós podíamos ouvi-lo orando. Meu pai orava em voz alta – alto o suficiente para que soubêssemos que ele estava orando, mas não o bastante para que ouvíssemos o que ele dizia. Todos os dias ele orava, geralmente por cerca de quarenta e cinco minutos. Talvez tenha havido ocasiões em que ele também deixava de orar, mas eu não consigo me lembrar de nenhuma.

Meu pai foi um plantador de igrejas em Quebec, nos difíceis anos quando havia forte oposição, algumas vezes brutais. Somente ministros batistas passaram um total de oito anos na prisão entre 1950 e 1952. As congregações do meu pai não eram grandes; geralmente elas estavam no limite inferior de uma escala de dois dígitos. Nas manhãs de domingo, depois do culto das 11 horas, papai geralmente tocava piano e chamava seus três filhos para que cantassem com ele, enquanto mamãe terminava de preparar o almoço. Porém, lembro-me que, numa manhã de domingo, no final da década de 50, papai não estava ao piano, e nós não conseguíamos encontrá-lo. Finalmente, eu o achei. A porta do seu escritório estava entreaberta. Eu a empurrei, e lá estava ele, ajoelhado em frente de sua poltrona, orando e chorando serenamente. Dessa vez eu pude ouvir o que ele dizia. Ele intercedia a Deus em favor de algumas pessoas para quem ele havia pregado, e em particular pela conversão de uns poucos que freqüentavam a igreja regularmente, mas que nunca depositavam sua confiança em Cristo Jesus.

Na hierarquia eclesiástica, meu pai não é um grande homem. Ele nunca serviu numa igreja grande, nunca escreveu um livro, nunca ocupou um alto cargo denominacional. Sem dúvida, suas orações, também, contêm linguagem e idiossincrasias de estilo que não devem ser copiadas. Mas com grande gratidão a Deus, testifico que os meus pais não eram hipócritas. Essa é a pior herança possível a deixar para os filhos: altas pretensões espirituais e baixo desempenho. Meus pais eram o oposto: poucas pretensões, e desempenho disciplinado. As coisas pelas quais eles oravam eram as coisas importantes, as coisas que se reúnem ao

redor das orações da Escritura. E, às vezes, quando olho para os meus próprios filhos, imagino se, dando-nos o Senhor outros trinta anos, eles se lembrarão de seu pai como um homem de oração, ou pensarão a seu respeito como alguém distante, que estava sempre fora de casa e que escreveu vários livros obscuros. Essa reflexão reservada sempre me ajuda a colocar ordem nos meus dias.

Tem havido muitos outros modelos desde os dias da minha juventude. Lembro-me de duas mulheres que, em reuniões de oração na igreja, oravam invariavelmente com visão abrangente e um senso de absoluta realidade e, acima de tudo, com uma compaixão constrangedora. Elas oravam de acordo com a verdade das Escrituras, mas elas oravam porque amavam as pessoas. Lembro-me das orações de alguns dos líderes cristãos que tenho encontrado por meio da World Evangelical Fellowship [Comunhão Evangélica Mundial].

Lembro-me de algumas das orações públicas do Dr. Martyn Lloyd-Jones. Em particular, lembro-me de como me envergonhei quando uma das filhas de Lloyd-Jones disse-me alguns meses antes de ele morrer que seu pai havia pedido a ela para dizer-me que ele orava por mim regularmente. Eu não podia dizer que pertencesse ao seu círculo íntimo de amigos – e então subitamente percebi o quanto o seu ministério de oração era extenso e o quanto era profundo o seu compromisso de interceder por ministros do evangelho.

Escolha modelos, mas escolha-os bem. Estude o conteúdo deles, sua abrangência, sua paixão, sua unção – mas não imite sua linguagem.

5. Desenvolva um sistema para suas listas de oração. É difícil orar fielmente por uma grande quantidade de pessoas e preocupações sem desenvolver listas de oração que o ajudem a lembrar-se delas. Essas listas podem ter várias formas. Muitas denominações e agências missionárias e até mesmo algumas igrejas locais grandes publicam suas próprias listas de oração. Estas podem oferecer uma ajuda considerável para aqueles com grande interesse na organização particular; de outra maneira, podem parecer um pouco vagas. Apesar de ser vaga, existe uma lista de oração que oferece uma tremenda vantagem compensadora. A lista à qual estou me referindo é a publicação *Operation World*,[4] que, no decurso de um ano, leva você ao redor do mundo, país por país e região após região, dando-lhe informações sucintas e inteligentes para

assisti-lo em suas orações. Seu valor está na sua habilidade de ampliar os seus horizontes, expandir o seu interesse pela igreja mundial e pelas necessidades do mundo.

Muitos cristãos que se dedicam à oração, contudo, consideram que, além dessa informação publicada, é sábio e frutífero preparar suas próprias listas. Elas podem ter várias formas. Algumas, na verdade, são variações do diário, já descrito brevemente neste capítulo. Um modo de fazer um diário é escrever pedidos de oração nas páginas do lado esquerdo de um caderno, juntamente com a data e as Escrituras relevantes, e as respostas no lado direito. Esse modelo tem a vantagem de encorajar pedidos refletidos, *específicos*. Por mais importantes que sejam, a intercessão geral não pode ser facilmente relacionada a respostas específicas.

Embora eu às vezes tenha adotado essa e outras formas de listas de oração, a lista de oração padrão que tenho seguido nos anos recentes foi adaptada de J. Herbert Kane, um missionário veterano na China (1935-1950) e depois um produtivo professor de missões mundiais. Além de quaisquer guias impressos que posso usar, mantenho uma pasta no meu escritório, onde oro, e geralmente levo comigo quando viajo. A primeira página dessa pasta é uma lista de pessoas pelas quais devo orar regularmente: elas estão ligadas a mim, a quem eu sou. Minha esposa é a primeira da lista, seguida pelos meus filhos e vários parentes, que por sua vez são seguidos pelos vários amigos íntimos em várias partes do mundo. Os dois nomes de instituições nessa página são a igreja local da qual faço parte, e o seminário onde ensino agora. É claro que o que peço em favor dessas pessoas exatamente varia de tempos em tempos de acordo com minha percepção de suas necessidades (ao ver meus filhos ficarem mais maduros, por exemplo, ou quando um amigo íntimo passa por um desafio específico na vida ou no ministério), mas o centro de minha responsabilidade por essas pessoas é modelado, até onde sou capaz de modelá-lo, por minha concepção do que as Escrituras requerem de nós.

A segunda página na minha pasta relaciona preocupações de curto e médio alcance, que não irão permanecer lá indefinidamente. Elas incluem responsabilidades que estão para aparecer no ministério e várias crises ou oportunidades de que ouvi a respeito, freqüentemente a respeito de cristãos que conheço vagamente. Ou são o tipo de coisas que em breve

farão parte do passado (como o projeto de escrever este livro!), ou são referentes a pessoas ou situações remotas demais para que eu me lembre delas indefinidamente. Em outras palavras, a primeira página focaliza pessoas por quem eu oro constantemente; a segunda inclui pessoas e situações por que posso orar por um período de tempo curto ou longo, mas provavelmente não indefinidamente. Os registros na primeira página não mudam, mas suas necessidades particulares freqüentemente mudam; as anotações na segunda página são moldadas basicamente por necessidades de curto prazo, e os nomes e preocupações são acrescentados e apagados constantemente.

O próximo item na minha pasta é a lista dos meus pupilos – alunos pelos quais sou particularmente responsável. Essa lista inclui algumas anotações sobre os seus antecedentes, programas acadêmicos, famílias, interesses pessoais e similares, e evidentemente essa lista muda todos os anos.

O resto da pasta é repleto de cartas – cartas de oração, cartas pessoais, ocasionalmente bilhetes com o nome de alguém no topo. Estes são arquivados em ordem alfabética. Quando uma nova carta chega, eu sublinho todos os problemas nela que possam ser temas de oração, e então arquivo no lugar apropriado na pasta. A carta que esta substitui é puxada ao mesmo tempo, resultando em que a pasta de oração está sempre atualizada. Eu tento separar tempo para interceder a Deus em favor das pessoas e situações representadas por essas cartas, tomando a primeira, depois a seguinte, e a próxima, e assim por diante, colocando as primeiras, quando termino, por baixo das outras. Assim, embora a lista esteja em ordem alfabética, a qualquer dia uma carta diferente do alfabeto pode confrontar-me. Enquanto escrevo estas linhas, vejo que os nomes que iniciam em "F" são os próximos na pasta.

Não estou sugerindo que esse seja o melhor sistema. Ele é conveniente para mim, e estou feliz com ele. Preciso usá-lo mais, não aumentá-lo. Mas o sistema é flexível, sempre atual, expansível; e acima de tudo, ajuda-me a orar. Digo a meus alunos que se eles quiserem que eu ore por eles regularmente depois que se formarem, eles precisam me escrever regularmente. De outra maneira, eu com certeza esquecerei a maioria deles.

Qualquer que seja o sistema, use listas de oração. Todos nós seríamos mais sábios se resolvêssemos nunca marcar uma pessoa, exceto nas nossas listas de oração.

6. Combine louvor, confissão e intercessão; mas quando interceder, tente ligar o máximo de pedidos possível às Escrituras. Tanto as considerações teóricas quanto as práticas estão subordinadas a essa recomendação.

As considerações teóricas podem ser estabelecidas do melhor modo quando trazemos à lembrança dois extremos. O primeiro julga ser inapropriado pedir coisas a Deus. Certamente ele é soberano: ele não precisa do nosso conselho. Se ele é o que "faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade" (Ef 1.11), com certeza é um pouco insolente insistir com ele por coisas. Ele não muda o curso do universo porque algum ser humano finito, ignorante e pecador pede a ele. A resposta apropriada a ele, certamente, é a adoração. Deveríamos adorá-lo pelo que ele é e faz. Como freqüentemente nós limitamos os seus caminhos, deveríamos estar prontos para confessar os nossos pecados. Porém, levar a ele as nossas petições é de fato deturpar o lugar da verdadeira piedade. A piedade repousa na submissão à vontade do Todo-poderoso, não em intercessões que procuram modificar essa vontade. Orações petitórias podem, portanto, ser rejeitadas na melhor das hipóteses como impertinência; e na pior, como um insulto desesperado ao Deus santo e soberano. Além do mais, se Deus realmente é soberano, ele fará o que ele quiser, quer peçamos ou não a ele. Naturalmente, se um cristão adota essa linha, está pensando de maneira muito semelhante a um muçulmano: o modo correto de se apresentar diante de Deus compromete você a um tipo de determinismo lógico, para não dizer fatalismo.

O segundo extremo começa com o lema: "A oração transforma as coisas". A oração petitória é tudo. Isso significa que se pessoas morrem e vão para o inferno, é porque eu ou você ou alguma outra pessoa negligenciou em orar. As Escrituras não dizem: "Nada tendes, porque não pedis" (Tg 4.2)? A adoração e a confissão devem, naturalmente, ter partes proporcionais, mas elas podem reduzir à mera auto-satisfação: adorar pode ser divertido e confessar os próprios pecados, um alívio. Contudo, o serviço verdadeiro a Deus requer que lutemos com Deus, e choremos, como Jacó: "Não te deixarei ir se me não abençoares" (Gn 32.26). Não interceder é fugir de suas responsabilidades como cristão. Longe de ser um insulto a Deus, a oração petitória honra-o porque ele é um Deus que gosta de dar suas bênçãos em resposta à intercessão do seu povo. De fato, se você agoniza em suas orações, jejua muito, clama o

nome de Jesus e passa várias horas intercedendo, você não pode deixar de invocar do céu um vasto cortejo de bênçãos. Naturalmente, se um cristão adota essa linha, ele corre o perigo de tratar a oração como mágica: determinados encantos produzem o efeito desejado.

Em face disso, nenhum dos dois extremos capta o equilíbrio das orações bíblicas, e ambos são reducionistas em seu tratamento de Deus. Devo retornar a essa questão com mais minúcias nos capítulos 9 e 10. Antecipando o argumento, devemos lembrar que a Bíblia retrata Deus simultaneamente como completamente soberano, e como um Deus que ouve e responde às orações. A menos que percebamos isso, e aprendamos como agir de acordo com essas verdades simultâneas, não apenas a nossa concepção de Deus será distorcida, mas a nossa prática na oração provavelmente oscilará entre um fatalismo resignado que nada pede e um desespero persistente que demonstra pouca confiança real.

Até mesmo uma pequena familiaridade recíproca com o Deus da Bíblia reconhece que ele não é menos que absolutamente soberano, e não menos que pessoal e responsivo. Correspondentemente, a Bíblia ostenta muitos exemplos de louvor e adoração, e não menos de intercessão. Na verdade, "a oração cristã é decisivamente marcada pela petição, porque essa forma de oração expõe o verdadeiro estado das coisas. Ela lembra o crente de que Deus é a fonte de todo bem, e de que os seres humanos são completamente dependentes e necessitados de todas as coisas".[5]

Dos vários modelos que proveitosamente captam esses dois pólos, o de um relacionamento pessoal com o próprio pai é bastante útil. Se um menino pede a seu pai várias coisas, todas ao alcance dele, este pode dar-lhe uma imediatamente, demorar-se para dar outra, recusar-se a dar uma terceira, estabelecer uma condição para uma quarta. Ao filho não é assegurado que ele vai receber algo por ter usado a fórmula mágica: isso seria magia. O pai pode recusar-se a dar algo porque ele sabe que isso não é o melhor para o seu filho. Ele pode demorar-se em dar alguma outra coisa porque ele sabe que muitos pedidos do seu jovem filho são temporários e caprichosos. Ele também pode reter algo que ele sabe que o seu filho precisa até que a criança peça da maneira apropriada. Mas, acima de tudo, o pai sábio está mais interessado no relacionamento com o seu filho do que em meramente dar-lhe coisas. Dar-lhe coisas constitui parte desse relacionamento, mas certamente não corresponde ao todo do

mesmo. O pai e o filho podem se divertir simplesmente saindo para andar juntos. Muitas vezes, o filho conversará com seu pai não para conseguir alguma coisa, nem mesmo para descobrir alguma coisa, mas simplesmente porque gosta da companhia dele.

É claro que nenhuma dessas analogias é perfeita. Mas é de extrema importância lembrar que oração não é magia e que Deus é tão pessoal quanto soberano. Há mais na oração do que pedir, mas qualquer oração robusta ao Deus da Bíblia certamente incluirá petições. E devido ao fato de deslizarmos tão facilmente para o egocentrismo pecaminoso, devemos nos aproximar desse santo Deus com contrição e confissão dos nossos pecados. Em outras ocasiões, focalizaremos no seu amor e paciência, no puro esplendor do seu ser, e nos achegaremos a ele com alegria e louvor exuberante. A rica mescla de aproximações a Deus espelhadas nas Escrituras deve ser trazida a nossa própria vida. E, finalmente, essa rica mescla nada mais é que o reflexo de muitos componentes diferentes do tipo de relacionamento que devemos ter com o Deus da Bíblia.

Além dessas considerações teóricas (como eu as tenho chamado), existem algumas questões altamente práticas. Se aquele a quem oramos é o tipo de Deus que acabamos de retratar, então, quando pedimos coisas a ele, quando intercedemos a ele, não devemos pensar em termos fatalistas nem em termos mágicos. Em vez disso, devemos pensar em categorias pessoais e relacionais. Pedimos coisas ao Pai celestial porque ele determinou que muitas bênçãos virão a nós somente por meio da oração. A oração é o recurso ordenado por ele para transmitir as suas bênçãos ao seu povo. Isso significa que devemos orar de acordo com a sua vontade, de acordo com os seus valores, em conformidade com o seu próprio caráter e propósitos, clamando por suas próprias promessas. Mas na prática, *como fazemos isso?*

Onde aprenderemos a vontade de Deus, os seus valores, o seu caráter e seus propósitos, bem como as suas promessas? Poderemos aprender essas coisas nas Escrituras que ele graciosamente nos deu. Mas isso significa que quando oramos, quando pedimos coisas a Deus, devemos tentar ligar, tanto quanto possível, o máximo de nossos pedidos às Escrituras. Esse é um passo imensamente *prático.*

Em outra parte, contei de minhas primeiras experiências hesitantes nesse sentido.[6] Elas começaram com aquele pastor que separou as noi-

tes de segunda-feira e começou a me ensinar a orar. Não vou repetir o relato daquelas primeiras experiências aqui. Contudo, com ele eu aprendi que um dos elementos mais importantes na intercessão é cogitar, à luz das Escrituras, no que é que Deus quer que peçamos.

Essa não é uma pergunta superficial, e as respostas são difíceis de se obter. Respostas refletidas, equilibradas, dependem de uma compreensão crescente do que a Bíblia diz em suas partes e como um todo. Por exemplo, o que, exatamente, deveríamos orar com respeito a cada membro da nossa família – e por quê? Alguém próximo a nós contrai uma enfermidade fatal: como devemos orar, e por quê? Por cura? Por livramento da dor? Por fé e perseverança? Por aceitação do que sobreveio? E faria diferença se a pessoa em questão tivesse 75 anos de idade ou 29? Por quê, ou por que não? Existem algumas coisas que podemos pedir humildemente a Deus, e outras que devemos reivindicar com ousadia? Se sim, que tipos de coisas pertencem a cada categoria?

Um livro muito proveitoso sobre esse assunto poderia ser escrito por alguém não apenas versado nas Escrituras mas também disciplinado por anos de oração. Por mais bem feito que fosse, esse livro seria incompleto, exatamente porque a oração efetiva é fruto de um relacionamento com Deus, não uma técnica de adquirir bênçãos. Além do mais, existem incontáveis situações nas quais nós simplesmente não sabemos pelo que orar. Então, o cristão que é diligente em orar aprende o que Paulo quer dizer quando escreve que "o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos" (Rm 8.26,27). Quando oramos, nossas intercessões podem estar deslocadas; sobre muitas questões não conhecemos as Escrituras tão bem, não conhecemos Deus tão bem, para estarmos confiantes sobre como orar. Mas o Espírito Santo nos ajuda intercedendo por nós com gemidos inexprimíveis oferecidos ao Pai, enquanto nós, cristãos, estamos orando.[7]

Devemos admitir francamente que a tarefa de ligar o máximo possível de petições às Escrituras é desafiador. Cristãos que desenvolvem sua habilidade de fazer isso aprenderão que existem incontáveis situações na

oração em que devemos simplesmente confiar no Espírito Santo para interceder em nosso favor. Mas, tendo reconhecido esses pontos – na verdade, tendo insistido neles – é essencial adotar essa disciplina. De que outro modo podemos aprender o que o nosso Pai celestial quer, o que ele espera que peçamos, e por quê, e como nos aproximarmos dele?

7. Se você exerce algum tipo de liderança espiritual, exercite suas orações públicas. Não importa se a forma de liderança espiritual que você exerça é o ensino de uma classe de Escola Dominical, um ministério pastoral, evangelismo de pequenos grupos, ou qualquer outra coisa: se você ora em público em alguma circunstância, como líder, então você deve trabalhar suas orações públicas.

Algumas pessoas consideram essa recomendação decididamente corrupta. Ela parece-se muito com relações públicas, com preocupação com a imagem pública. Afinal de contas, estejamos orando em particular ou em público, oramos a Deus: certamente devemos pensar nele e em ninguém mais.

Essa objeção está equivocada. É certo que, se tivermos de escolher entre tentar agradar a Deus em oração, e tentar agradar a nossos companheiros, devemos optar pelo primeiro de modo resoluto. Porém, essa não é a questão. Não é uma questão de agradar os nossos ouvintes humanos, mas de instruí-los e edificá-los.

A autorização máxima para essa abordagem vem de ninguém menos que o próprio Jesus. No túmulo de Lázaro, depois que a pedra havia sido removida, Jesus olha para o céu e ora: "... Pai, graças te dou porque me ouviste. Aliás, eu sabia que sempre me ouves, mas assim falei por causa da multidão presente, para que creiam que tu me enviaste" (Jo 11.41,42). Aqui, então, é uma oração do próprio Jesus que é moldada em parte por sua consciência do que os seus ouvintes humanos precisavam ouvir.

A questão é que, embora a oração pública seja dirigida a Deus, ela é dirigida a Deus enquanto outros estão ouvindo. É claro que, se aquele que está orando estiver mais preocupado em impressionar os seus ouvintes humanos do que em orar a Deus, então uma hipocrisia extrema entra em cena. Essa é a razão pela qual Jesus condena tão severamente grande parte das orações públicas de sua época e insiste na prioridade da oração particular (Mt 6.5-8). Porém, isso não significa que não há

lugar para a oração pública. Pelo contrário, significa que a oração pública deve ser o transbordamento da oração individual de uma pessoa. E assim, julgando pelo exemplo de Jesus no túmulo de Lázaro, existem muitas razões para refletir no que a minha oração, corretamente direcionada a Deus, está transmitindo às pessoas que me ouvem.

Resumindo, a oração pública é uma oportunidade pedagógica. Ela proporciona àquele que está orando uma oportunidade de instruir e encorajar ou edificar todos os que ouvem a oração. Em igrejas litúrgicas, muitas das orações são bem construídas, mas para alguns elas carecem de espontaneidade. Em igrejas não-litúrgicas, muitas das orações são tão previsíveis que dificilmente possuem mais espontaneidade do que as orações escritas, e a maioria delas não é nem um pouco bem construída. A resposta a ambas as situações é proporcionar mais orações que sejam cuidadosa e recentemente preparadas. Isso não significa necessariamente escrevê-las literalmente (embora isso seja uma boa idéia). No mínimo, significa meditar anteriormente e detalhadamente no objetivo da oração, preparando, talvez, algumas anotações, e memorizando-as.

A oração pública é tanto uma responsabilidade quanto um privilégio. No século passado, o grande pregador inglês Charles H. Spurgeon não se importava de compartilhar o seu púlpito: outros, às vezes, pregavam na sua cidade, mesmo quando ele estava presente. Mas quando chegava o momento da "oração sacerdotal", se ele estivesse presente, ele reservava aquela parte do culto para si. Essa decisão não era devida a qualquer convicção sacerdotal de que suas orações eram mais eficazes do que a dos outros. Antes, era devida ao seu amor por seu povo, sua alta consideração pela oração, sua convicção de que a oração pública não devia apenas interceder a Deus, mas também instruir, edificar e encorajar os santos.

Muitas facetas do discipulado cristão, incluindo a oração, são transmitidas mais efetivamente pelo exemplo do que pelo ensino formal. Bons hábitos na oração são mais facilmente percebidos do que ensinados. Se for correto dizer que devemos escolher modelos dos quais possamos aprender, então a verdade oposta é que nós mesmos nos tornamos responsáveis em sermos modelos para outros. Assim, seja liderando um culto ou orações familiares, seja orando num pequeno grupo de estudo bíblico ou numa convenção, exercite suas orações públicas.

8. Ore até que você ore. Este é um conselho puritano. Não significa simplesmente que a persistência deve ser uma característica da nossa vida de oração – apesar de que, reconhecidamente, este é um ponto que as Escrituras enfatizam repetidamente. Apesar de estar orando de acordo com as promessas de Deus, Elias orou por chuva sete vezes antes que a primeira nuvem aparecesse no céu. O Senhor Jesus contou parábolas que estimulavam a persistência na oração (Lc 11.5-13). Se algumas gerações precisam aprender que Deus não se impressiona particularmente com orações longas, e não está mais inclinado a nos ajudar apenas porque somos tagarelas, nossa geração precisa aprender que Deus não se impressiona pelo tipo de brevidade que nada mais é do que negligência culpável. Ele não está mais disposto a nos ajudar porque nossa insinceridade e frivolidade espiritual conspiram para manter nossas orações breves. Nossa geração certamente precisa aprender algo mais acerca da persistência em oração, e para esta questão eu retornarei num próximo capítulo. Mesmo assim, isso não é exatamente o que os puritanos queriam dizer quando exortavam uns aos outros a "orar até que você ore".

O que eles queriam dizer é que cristãos devem orar tanto e com tal honestidade, numa única sessão, até que sejam ultrapassados os sentimentos de formalidade e irrealidade que freqüentemente perturbam a vida de oração. Nós somos especialmente propensos a esses sentimentos quando oramos por apenas alguns minutos, correndo para dar por terminada uma mera tarefa. Para entrar no espírito da oração, devemos nos apegar a ela por algum tempo. Se "orarmos até orarmos", finalmente chegaremos à delícia da presença de Deus, para descansar no seu amor, para apreciar a sua vontade. Mesmo na oração sombria ou agonizada, de alguma maneira sabemos que estamos lidando com Deus. Resumindo, descobrimos um pouco do que Judas quis dizer quando exortou os seus leitores a "orar no Espírito" (Jd 20) – que presumivelmente significa que é deslealmente possível orar *não* no Espírito.

Algo com a mesma perspectiva é pressuposto num poema anônimo que C. S. Lewis cita:

> Eles me dizem, Senhor, que quando pareço
> Estar em conversa contigo,
> Desde que apenas uma voz é ouvida, é tudo um sonho
> Um imitando dois.

Às vezes é assim, ainda que não como eles
Imaginam. Ao contrário, eu
Procuro em mim as coisas que espero dizer,
Mas ai!, minhas fontes estão secas.

Então, vendo-me vazio, tu deixas
O papel de ouvinte e por intermédio
De meus lábios tolos sussurra e em elocução desperta
Os pensamentos que nunca tive.

E assim tu nunca precisas de réplica
Nem pode; assim, enquanto parecemos
Dois dialogando, tu és um para sempre, e eu
Não um sonhador, mas teu sonho.[8]

Como Lewis comenta, essa linguagem de "sonho" cheira a panteísmo, mas "talvez tenha sido introduzida por causa da rima".[9] Sem dúvida o autor anônimo é melhor poeta do que teólogo. Porém, mesmo assim, há algo de grande importância aqui. Se Deus é "quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2.13), então é claro que ele é o Deus que, pelo seu Espírito, nos ajuda em nossas orações. Todo cristão que aprendeu os fundamentos da oração sabe, por experiência, pelo menos um pouco do que isso significa. Os puritanos sabiam muito a respeito disso. Essa é a razão pela qual eles exortavam uns aos outros a "orar até que você ore". Essa recomendação não deve se tornar um pretexto para um novo legalismo: existem exemplos surpreendentes de orações rápidas, muito curtas na Bíblia (ex., Ne 2.4). Porém, no mundo ocidental nós carecemos urgentemente desse conselho, pois muitos de nós em nossas orações somos como aqueles meninos malcriados que tocam a campainha das portas e correm antes que alguém atenda.

Ore até que você ore.

Essas, então, são algumas das lições que eu aprendi de outros cristãos. Mas eu não gostaria nem por um momento de deixar a impressão de que elas constituem uma regra, um teste tornassol, e muito menos um manual de "como fazer". As palavras de Packer a esse respeito são dignas de consideração:[10]

Começo com o truísmo de que a vida de oração de cada cristão, como todo bom casamento, tem nela fatores comuns a respeito dos quais podemos generalizar e também singularidades que serão diferentes da vida de oração de qualquer outro cristão. Você é você, e eu sou eu, e devemos, cada um de nós, encontrar o nosso próprio caminho com Deus, e não há receitas para oração que possam funcionar para nós como um manual "faça você mesmo" ou um livro de culinária, em que a afirmação é de que, se você seguir as instruções, não há possibilidades de erro. Orar não é como carpintaria ou culinária; é o exercício ativo de um relacionamento pessoal, um tipo de amizade com o Deus vivo e seu Filho Jesus Cristo, e a maneira como funciona está mais sob o controle divino do que nosso. Livros sobre oração, como os manuais de casamento, não devem ser tratados com superstição escravizadora, como se a perfeição técnica fosse a resposta para todas as dificuldades; seu propósito, em vez disso, é sugerir coisas a serem tentadas. Porém, como em outros relacionamentos íntimos, assim também na oração: você tem de encontrar, por tentativa e erro, o que é certo para você, e aprender a orar orando. Alguns de nós falamos mais, outros menos; alguns falam constantemente, outros cultivam o silêncio perante Deus como o seu modo de adorar; alguns deslizam para a glossolalia, outros fazem questão de não a usarem; ainda assim, podemos todos estar orando como Deus quer que oremos. As únicas regras são: permaneça dentro dos limites bíblicos e, dentro desses limites, como John Chapman afirma, "ore como você pode e não tente orar como você não pode".

Perguntas para revisão e reflexão

1. Relacione as coisas positivas e as negativas que você tem aprendido ao ouvir a oração de outras pessoas.
2. Relacione maneiras práticas pelas quais você se comprometerá a progredir na sua vida de oração durante os próximos seis meses.
3. O que querem dizer os pregadores e professores cristãos quando nos encorajam a "meditar em oração na Palavra de Deus"?

2

A estrutura da oração

2 Tessalonicenses 1.3-12

Antes de começar a analisar as petições da oração de Paulo em 2 Tessalonicenses 1.11,12, é bom fazer uma pausa para refletir sobre os fundamentos que o próprio apóstolo coloca. Afinal de contas, Paulo inicia suas petições com as palavras: "Por isso também não cessamos de orar por vós" (v.11).[1] Por isso? Paulo só pode estar se referindo a tudo que precede esse versículo nesse capítulo, com exceção, talvez, da saudação (vs.1,2). Paulo, como vários outros escritores de cartas de sua época, geralmente começa suas cartas, depois da saudação inicial, com um parágrafo de agradecimento. Esses segmentos de agradecimentos geralmente são cuidadosamente elaborados ao dirigir-se a seus leitores. Porém, nesse exemplo, o agradecimento que se inicia no versículo 3 ("Cumpre-nos dar sempre graças a Deus no tocante a vós outros..."), e toda a linha de pensamento que flui dele (até o v.10), constitui o que Paulo tem em mente quando ele começa a sua oração nos versículos 11,12.

Em outras palavras, os versículos 3-10 nos oferecem uma estrutura do pensamento que Paulo tem em mente ao orar, uma estrutura que

Uma oração de Paulo pelos tessalonicenses

[1]Paulo, Silvano e Timóteo, à igreja dos tessalonicenses, em Deus, nosso Pai, e no Senhor Jesus Cristo,

[2]Graça e paz a vós outros, da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo.

[3]Irmãos, cumpre-nos dar sempre graças a Deus no tocante a vós outros, como é justo, pois a vossa fé cresce sobremaneira, e o vosso mútuo amor de uns para com os outros vai aumentando, [4]a tal ponto que nós mesmos nos gloriamos de vós nas igrejas de Deus, à vista da vossa constância e fé, em todas as vossas perseguições e **nas tribulações que suportais,**

[5]sinal evidente do reto juízo de Deus, para que sejais considerados dignos do reino de Deus, pelo qual, com efeito, estais sofrendo; [6]se, de fato, é justo para com Deus que ele dê em paga tribulação aos que vos atribulam [7]e a vós outros, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do

controla em grande parte o objetivo e a razão das orações de Paulo. Este não é o momento certo para analisar os detalhes do conteúdo dos versículos 3-10, mas devemos fazer uma pausa para observar duas características dominantes dessa estrutura da oração de Paulo, para que possamos compreender a oração em si.

Gratidão por sinais da graça

"Irmãos, cumpre-nos dar sempre graças a Deus no tocante a vós outros, como é justo, pois a vossa fé cresce sobremaneira, e o vosso mútuo amor de uns para com os outros vai aumentando, a tal ponto que nós mesmos nos gloriamos de vós nas igrejas de Deus, à vista da vossa constância e fé, em todas as vossas perseguições e nas tribulações que suportais" (vs.3,4). Não há dúvida de que a gratidão é um componente fundamental da estrutura mental que controla em grande medida a intercessão de Paulo. Mas pelo que Paulo agradece?

céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, [8]em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. [9]Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, [10]quando vier para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram, naquele dia (porquanto foi crido entre vós o nosso testemunho).

[11]Por isso, também não cessamos de orar por vós, para que o nosso Deus vos torne dignos da sua vocação e cumpra com poder todo propósito de bondade e obra de fé,

[12]a fim de que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós, e vós, nele, segundo a graça do nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo.

(2Ts 1.1-12)

Pelo que nós, comumente, damos graças? Damos graças às refeições, agradecendo a Deus pelo nosso alimento; damos graças quando recebemos bênçãos materiais – quando os papéis da hipoteca finalmente saem, ou quando ligamos pela primeira vez a chave da ignição de um carro que acabamos de comprar. Podemos suspirar uma prece de agradecimento suado depois de quase termos errado o caminho na rodovia; podemos proferir uma oração de sincera e fervente gratidão quando nos recuperamos de uma enfermidade séria. Podemos verdadeiramente oferecer um breve agradecimento quando ouvimos que alguém que conhecemos se converteu recentemente. Porém, em geral, a nossa gratidão parece estar muito profundamente ligada ao nosso bem-estar e conforto material. A verdade nua e crua é que aquilo pelo que mais agradecemos mostra o que mais valorizamos. Se grande porcentagem dos nossos agradecimentos é por prosperidade material, é porque valorizamos a prosperidade material na mesma proporção.

Essa é a razão pela qual, à primeira vista, quando nos voltamos para os agradecimentos de Paulo, eles podem nos surpreender; eles podem parecer até estranhos, pois não focalizam no que muitos de nós habitualmente apreciamos. Paulo dá graças por sinais da graça entre os cristãos, entre os cristãos aos quais ele está se dirigindo.

1. Paulo agradece porque a fé dos seus leitores estava crescendo. "Cumpre-nos dar sempre graças a Deus", diz ele, "... pois a vossa fé cresce sobremaneira" (v.3). Desde que ele fala da fé crescente deles, ele não pode estar se referindo à conversão inicial, mas à crescente dependência do Senhor que eles demonstravam. De fato, a palavra *fé* (grego *pistis*) pode também significar "fidelidade" ou "lealdade" e, nesse contexto, "fidelidade" e "confiança" não estão distantes. Uma fidelidade crescente ao Senhor e ao seu evangelho é, inevitavelmente, caracterizada por uma crescente confiança no Senhor e no seu evangelho; o desenvolvimento da confiança produz confiabilidade. Os tessalonicenses estavam crescendo na sua fé, insatisfeitos com as realizações do dia anterior e avançando para a maturidade espiritual, e por isso Paulo dá graças.

2. Paulo dá graças porque o amor deles estava aumentando. O que ele tem em mente nesse contexto não é o amor deles por Deus (apesar de pressupor que o amor a Deus estava aumentando também), e nem algum sentimento meramente piegas ou insípido, mas o prático "mútuo amor de uns para com os outros". Se o amor deles de uns para com os outros estava crescendo, só podia ser porque eles eram discípulos de Jesus: o próprio Jesus não disse que esse amor seria a marca distintiva dos seus seguidores (Jo 13.34,35)?

Vale a pena seguir um pouco mais essa linha de pensamento. Uma sociedade estreitamente ligada, que compartilha ideais e objetivos, considera relativamente fácil incentivar o amor, a tolerância e os relacionamentos íntimos. Seja quando pensamos no clube de alpinismo, no time regional de futebol, ou numa igreja local socialmente ativa, uma certa quantidade de profundidade.fraternal é bastante comum. É evidente que nesses grupos podem acontecer terríveis divisões por questões políticas ou por causa de um membro de má reputação, ou a um odioso bocado de favoritismo, mas certa quantidade de amor transparente não é incomum nesses grupos.

Idealmente, a igreja é diferente. Ela é composta de pessoas tão diferentes quanto possível: ricas e pobres, cultas e incultas, práticas e não-práticas, sofisticadas e simples, aristocráticas e plebéias, disciplinadas e distraídas, veementes e despreocupadas, extrovertidas e introvertidas – e tudo o que se situa entre esses. A *única* coisa que mantém essas pessoas juntas é a dedicação a Jesus Cristo, a devoção a ele que elas compartilham, provenientes do indescritível amor que ele demonstrou por elas.

Essa é a razão pela qual é sempre tristemente patético quando uma igreja local transforma-se num caldeirão de ressentimentos e amargura cultivada. Essa situação lamentável pode estourar simplesmente porque há muito pouco nos níveis social, econômico, temperamental, educacional ou outros que mantenha as pessoas unidas. Portanto, quando os cristãos perdem de vista a sua fidelidade primeira e fundamental, eles entrarão em disputas. Quando a uniformidade social, étnica, econômica ou temperamental parece mais importante do que desfrutar do amor de Deus em Cristo Jesus, a idolatria já levantou a sua cabeça profana. Quando protestos de profundo amor por Jesus Cristo não são espelhados em amor por outros que professam amar o mesmo Jesus Cristo, podemos legitimamente perguntar se esses protestos são realmente sérios.

Porém, podemos colocar isso de forma positiva. Quando cristãos crescem no amor de uns para com os outros, pela única razão de serem amados por Jesus Cristo e de amá-lo em retorno, esse amor crescente é um sinal infalível da graça na vida deles. Quando Paulo ouve notícias a respeito dos tessalonicenses, fica impressionado com o crescente amor deles. Esse amor deve ser obra de Deus, e assim, é a Deus que Paulo dirige as ações de graça. Mais enfaticamente, esse espetáculo particular de amor é uma demonstração marcante da graça: "vosso mútuo amor" nos diz que esse amor estava em todos os crentes tessalonicenses, não somente numa pequena elite espiritual. Isso é avivamento, e Paulo está grato.

3. Paulo agradece porque eles estavam perseverando em meio às provações. Formalmente, é claro, esse aspecto de suas ações de graças em particular é apresentado de forma levemente diferente dos outros dois. Ainda assim, é inconfundível o bastante se seguirmos a sua linha de argumentação.

O elemento decisivo que devemos observar é que a gratidão de Paulo a Deus não é exclusivamente particular, como se fosse restrita ao seu gabinete de oração. Pelo fato de a fé e o amor dos tessalonicenses ter aumentado, eles eram espiritualmente fortes o bastante para perseverar sob perseguições e provações que já estavam enfrentando. A firme perseverança deles era tão marcante que Paulo se gloriava dela "nas igrejas de Deus" (v.4). Isso não significa que Paulo esteja dizendo: "Veja que grande igreja eu iniciei!" O que ele está dizendo certamente não implica um orgulho desse tipo, pois isso significaria orgulhar-se de si mesmo, e não deles. Em vez disso, ele está dizendo algo assim: "Você notou quão poderosamente a graça de Deus está operando na vida dos crentes tessalonicenses? A maneira como eles resistem às pressões da perseguição e das diferentes provações é verdadeiramente marcante, um testemunho arrasador da graça de Deus. Fortalecidos por sua crescente fé e amor, eles seguem em frente. Que exemplo! Que encorajamento! Que incentivo para o restante de nós!" Assim, o seu orgulho nada mais é do que mais louvor e agradecimento a Deus, expressos diante de outras igrejas.

Assim, pelo que agradecemos a Deus? Em outra parte, Paulo nos diz para buscar as coisas lá do alto (Cl 3.1). Se o que nós mais estimamos pertence ao reino do céu, o nosso coração e a nossa mente se inclinarão para o céu e seus valores; mas se o que nós mais estimamos pertence ao reino da terra e o meramente transitório, o nosso coração e a nossa mente se inclinarão para o que é meramente transitório. Afinal, o próprio Mestre nos ensinou que o nosso coração se inclinará para onde o nosso tesouro estiver (Mt 6.19-21).

Então, o que isso tem a ver com a nossa oração?

Se tivermos de desenvolver, quanto às nossas orações, uma estrutura mental semelhante à de Paulo, devemos procurar sinais da graça na vida de cristãos, e dar graças a Deus por elas. Não é simplesmente que Paulo esteja agradecendo por qualquer quantidade de maturidade que algum grupo de cristãos tenha conseguido, antes de requerer ainda mais maturidade (apesar de, em parte, ser isso o que ele faz). Pelo contrário, os elementos específicos nas suas ações de graças mostram a estrutura de valores que ele coloca na sua intercessão – e nós precisamos urgentemente desenvolver a mesma estrutura.

Pelo que temos agradecido a Deus recentemente? Temos considerado uma lista de membros de nossa igreja local, digamos, ou uma lista de obreiros cristãos, e de modo quieto agradecido a Deus por sinais de graça na vida deles? Quando vemos evidências, uns nos outros, de crescente conformidade a Cristo exemplificada em confiança, confiabilidade, amor e força espiritual genuína, fazemos disso uma razão para louvar a Deus?

Mas, continue lendo, há uma segunda característica dominante na estrutura de Paulo.

Confiança na perspectiva da justificação

A fidelidade dos tessalonicenses durante a provação, a fidelidade pela qual Paulo acabou de agradecer, constitui em si "sinal evidente do reto juízo de Deus" (v.5), e "para que sejais considerados dignos do reino de Deus" (v.5). Isso não significa que os tessalonicenses de algum modo merecem o direito de entrar no reino, simplesmente por manifestar perseverança adequada. Em vez disso, a perseverança demonstra o direito deles de entrar no reino; ou seja, ela é a evidência do direito que eles têm de entrar no reino, a razão pela qual eles são "considerados dignos" de entrar no reino. O momento decisivo na vida deles aconteceu quando eles creram no evangelho: "foi crido entre vós o nosso testemunho" (v.10). No entanto, além do fato da conversão deles, Paulo assume que os verdadeiros cristãos perseverarão apesar de todas as circunstâncias. A suposição é comum na Escritura (p. ex., Mt 24.13; Jo 8.31; Hb 3.14; 1Jo 2.18,19). Os cristãos podem tropeçar e cair, duvidar como Tomé, e negar o seu Senhor como Pedro, mas eles, enfim, proferirão o seu "Amém" à confissão de Tomé (Jo 20.28) e chorarão com Pedro (Mt 26.75).

Esse não é o lugar para embarcarmos numa exposição dos versículos 5-10. Precisamos apenas observar os dois temas que Paulo acabou de introduzir, que o levam na direção do próximo passo no argumento. (1) O "reino de Deus" nesse contexto é o último reino, o reino consumado, o reino de Deus sem contendas, o triunfo final de Deus no novo céu e nova terra. Do mesmo modo, (2) a perseverança demonstrada pelos tessalonicenses não é mera resistência sem propósito, mas persistência imutável, com o seu objetivo fixo nesse glorioso reino final. Os cristãos não

são masoquistas: eles não querem sofrer por terem uma triste e estúpida crença de que o sofrimento é intrinsecamente bom. Eles estão preparados para sofrer e perseverar porque mantêm os olhos no objetivo. Assim, ambos os temas nos levam ao objetivo do cristão.

Esse objetivo é o assunto de Paulo nesses versículos. Não que ele focalize no "céu" *per se*: ao contrário, Paulo focaliza no que o início do novo céu e nova terra significa para os crentes e para aqueles que se opõem a eles.

1. Para os crentes, haverá justificação. "se, de fato, é justo para com Deus que ele dê... e a vós outros, que sois atribulados, alívio juntamente conosco ...quando vier para ser ...admirado em todos os que creram, naquele dia (porquanto foi crido entre vós o nosso testemunho)" (vs.6,7,10).

Aqui está um sentimento real de expectativa que tem faltado de forma crescente em muitos círculos evangélicos no Ocidente. Há poucos anos, contendíamos por causa da escatologia, acerca do que pensávamos que aconteceria no final. Muitos cristãos estavam prontos para se dividir por causa dos mais delicados detalhes dos seus sistemas teóricos. Hoje, poucos de nós estão dispostos a brigar por essas sutilezas. Houve um aumento louvável na tolerância. Mas também perdemos alguma coisa. Cedendo à reação exagerada a tanta ênfase na escatologia, muitos de nós descartaram não somente a dissensão a respeito dos detalhes, mas o interesse pelo que é fundamental.

Estamos perdendo a nossa expectativa pela volta do Senhor, a expectativa que Paulo mostra ser básica para o seu pensamento. Apesar de não negarmos verdades centrais, para muitos de nós seu poder tem sido removido. A perspectiva do retorno do Senhor em glória, a esperança da conclusão do universo como o conhecemos, a certeza de que haverá uma divisão final e irrevogável entre os justos e os injustos – esses pontos têm se tornado para nós simples partes do nosso credo, em vez de realidades supremas que até mesmo agora são transformadoras de vida.

A perda é grande. Isso significa que em vez de investir no banco do céu, onde "traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam" (Mt 6.20), podemos ser seduzidos a devotar quase todo o nosso tempo, a nossa energia e o nosso dinheiro às coisas meramente temporais e efêmeras.

Quando foi a última vez que você ouviu um sermão profundamente bíblico e narrativo sobre a segunda vinda? Onde estão as congregações que cantam verdades tais como as abaixo com entendimento e fervor, e não somente formalismo?

Olhe! Ele vem, descendo com as nuvens,
  Uma vez morto em favor de pecadores:
Milhares e milhares de santos observando
  E leva o triunfo do seu séqüito:
    Aleluia!
  Jesus agora reinará para sempre.

Todo olho o verá
  Envolvido em formidável majestade;
Aqueles que o desdenharam e o venderam,
  Trespassaram-no e pregaram-no no madeiro,
    Lamentando profundamente,
  Verão o verdadeiro Messias.

Toda ilha, mar e montanha,
  Céu e terra, passarão rapidamente;
Todos que o odeiam ouvirão, confusos,
  A trombeta proclamar o dia:
    Venham para o julgamento!
  Venham para o julgamento! Saiam!

Sim, amém! Que todos te adorem,
  Alto em teu eterno trono:
Salvador, tome o poder e glória,
  Declare o reino para ti mesmo:
    Oh, venha depressa,
  Aleluia! Vem, Senhor, vem!
        – Charles Wesley, 1707–1788

(baseado em John Cennick, 1718–755)

Quantos de nós cantam um hino como esse com transparente expectativa?

Face a face com Cristo meu Salvador,
Face a face – como será
Quando em êxtase eu o vir,
Jesus Cristo, que morreu por mim?

Apenas fracamente eu o vejo agora,
Através do sombrio véu;
Mas um dia melhor está chegando,
Quando sua glória será vista.
– Carrie E. Breck

Mas, se no último dia há justificação para alguns...

2. Para outros, haverá retribuição. "se, de fato, é justo para com Deus que ele dê em paga tribulação aos que vos atribulam... quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidades de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, quando vier para ser glorificado nos seus santos..." (vs.6-10).

Muitos consideram repugnante a idéia de retribuição. Essa teologia de olho por olho, dizem, não atinge o alto nível do evangelho cristão, em que a graça reina e o perdão toma o lugar da vingança. Isso é vingativo, mesquinho, rude e totalmente indigno dos que seguem a Cristo – o Cristo que clama: "Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem". Não há dúvida de que essa passagem é simplesmente uma volta indigna à mais primitiva postura do Antigo Testamento.

Mas essa análise não está correta. Ela não está correta nem no simples nível de imparcialidade. Menos de um ano atrás, um caso chocante foi julgado diante de uma corte britânica. Um soldado, num acesso de fúria, atingiu com tiros sua esposa e o seu filho, matando-os. O soldado não alegou insanidade; visivelmente ele estava esmagado pela culpa e pela vergonha por causa de sua própria brutalidade e fúria assassina. O juiz finalmente o absolveu, com base em que ele já havia sofrido o bastante.

Onde está a justiça nesse caso? Onde está a integridade? Onde existe algum aroma do que é correto? Não há nada a ser dito em retribuição?

Na verdade, o evangelho cristão é solidamente baseado em algumas noções básicas de retribuição. Onde o mal ocorre, ele deve ser retribuído, ou o próprio Deus é afrontado. Se Deus negligencia o mal sempre, aparentemente com base em que ele é amoroso e paciente, não estaria ele também revelando o fato de que é pateticamente desinteressado da injustiça?

A verdade é que todo cristão que pensou longamente e com empenho a respeito da cruz, começa a entender que Deus não é meramente um inflexível dispensador de justiça, nem meramente um receptáculo de amor que perdoa prodigamente, mas o Soberano que é simultaneamente perfeito em santidade e perfeito em amor. Sua santidade requer retribuição em favor de outros; seu amor envia o seu próprio Filho para absorver aquela retribuição em favor de outros. A cruz simultaneamente posiciona-se como a evidência irrefutável de que Deus exige retribuição, e brada que ela é a medida do amor de Deus (Cf. Rm 3.21-26). Essa é a razão por que, na visão cristã das coisas, o perdão nunca está separado da cruz. Em outras palavras, o perdão nunca é o produto somente do amor, menos ainda de sentimentalidade enjoativa. O perdão é possível somente porque existiu uma ofensa real, e um sacrifício real para compensar essa ofensa.

Porém, e se homens e mulheres rejeitarem esse sacrifício? E se eles insistirem em verem a si mesmos como centros do universo e recusarem-se totalmente a reconhecer Deus como Deus? E se toda a vida deles clamar: "Eu farei do meu jeito!"?

Se Deus é Deus, ainda deve haver retribuição, ou toda a ordem moral entra em colapso. Se nós nos recusarmos a reconhecer que merecemos retribuição, nós nos recusarmos a aceitar o perdão que está disponível porque, devido ao indescritível amor de Deus, Jesus sofreu a retribuição para reconciliar pecadores como nós com Deus, então devemos enfrentar nós mesmos essa retribuição.

Na pior das hipóteses, as pessoas podem se tornar tão endurecidas na sua independência jactanciosa que desdenharão daqueles que vieram a conhecer as alegrias do perdão de Deus; elas podem até se julgar na obrigação de causar tanto dano quanto puderem a eles. Essa era a situação que os crentes tessalonicenses enfrentavam: oposição implacável a tudo o que prezavam. Então, qual é o resultado? "é justo para com Deus que ele dê em paga tribulação aos que vos atribulam" (v.6).

O quadro final não é dos melhores. Algumas pessoas pensam no inferno como um lugar em que pecadores estarão clamando por outra chance, implorando uma oportunidade de se arrependerem, e Deus de algum modo assumindo uma postura inflexível e declarando: "Desculpe. Você teve a sua oportunidade. Tarde demais". Mas a realidade é

infinitamente mais sensata. Não há evidência em nenhum lugar da Bíblia de que haja qualquer arrependimento no inferno. As ilustrações bíblicas sugerem que o mal e o egocentrismo persistem e persistem – como também o julgamento. Homens e mulheres recusam-se intencionalmente a reconhecer Deus como Deus; eles não confessarão a sua retidão essencial; eles não possuirão os seus justos requisitos; eles não desistirão dos seus desejos perpétuos próprios de serem o centro do universo; eles não aceitarão que são culpados de rebelião; eles não aceitarão o perdão fundamentado na providência que o próprio Deus faz para os pecadores no sacrifício de seu próprio Filho. "Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder" (v.9).

Num mundo caído, essas pessoas pareciam tão fortes, tão inevitavelmente corretas, tão sábias. Porém, os cristãos entendem que a justificação final da revelação de Deus, das afirmações do evangelho, vem no final dos tempos: "quando vier para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram, naquele dia (porquanto foi crido entre vós o nosso testemunho)" (v.10).

Isso é o que Paulo entende; isso é o que ele escreve. A importância disso nesse contexto é profunda. Parte do que Paulo tem em mente, quando ora, é essa orientação essencial para o final dos tempos, para a vindicação do povo de Deus e para a retribuição de Deus aos "que não conhecem a Deus e não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus" (v.8). Suas ênfases zombam das nossas. Na nossa sociedade pragmática e materialista, em que cada um de nós procura conforto, "realizações" e respeito, é difícil seguir um Messias desprezado e crucificado – a menos que fixemos o nosso olhar no final. Se não visamos ao novo céu e à nova terra, muitos dos nossos valores e decisões neste mundo serão míopes, desonrosos, maculados, fundamentalmente mal orientados. Em palavras mais diretas: a espiritualidade bíblica pode sobreviver por longo tempo onde cristãos não são orientados para o mundo por vir? E, nesse contexto, podemos esperar orar corretamente a menos que sejamos orientados para o mundo vindouro?

"Por isso, também não cessamos de orar por vós" (v.11): vimos que o "isso" que Paulo tem em mente é uma gratidão perspicaz pelos sinais de graça entre as pessoas por quem ele ora e simples confiança na perspectiva da perfeita vindicação de Deus do seu povo quando Jesus voltar. Essa é a estrutura de suas idéias quando começa a orar pelos tessalonicenses.

Perguntas para revisão e reflexão

1. Pelo que Paulo agradece? Pelo que você agradece?
2. Que tipos de coisas na vida das pessoas deveriam inspirar a nossa mais profunda gratidão a Deus? Por quê?
3. Como a expectativa que Paulo tinha do retorno de Jesus modelava os seus valores e as suas orações?
4. De que outro ensino do Novo Testamento você se lembra que nos encoraja a viver (e orar!) com os valores eternos em mente?

3

Petições dignas

2 Tessalonicenses 1.1-12

Se seguirmos Paulo e adotarmos o tipo de estrutura espiritual que ele nos expõe (o tema do capítulo 2 deste livro), devemos contudo perguntar que tipo de petições deveríamos apresentar ao Deus vivo. Se formos gratos pelas coisas mais importantes, e determinados a viver com o nosso destino eterno ocupando a primeira posição na nossa mente, por qual tipo de coisas oraremos?

As petições de Paulo

Na oração de Paulo pelos cristãos tessalonicenses aparecem duas petições.

1. Paulo ora para que Deus possa considerar esses cristãos dignos da sua vocação. "Por isso", escreve Paulo, "também não cessamos de orar por vós, para que o nosso Deus vos torne dignos da sua vocação" (v.11a). Essa vocação da qual Deus deve tornar os cristãos dignos requer alguma explicação. Para alguns escritores do Novo Testamento, o chamado ou a vocação de Deus é equivalente ao seu convite. Por exemplo, na parábola das bodas (Mt 22.1-14), muitas pessoas são convidadas para o banquete de casamento que o rei preparou para o seu filho (22.3,8,9),

Uma oração de Paulo pelos tessalonicenses

[1]Paulo, Silvano e Timóteo, à igreja dos tessalonicenses, em Deus, nosso Pai, e no Senhor Jesus Cristo,
[2]Graça e paz a vós outros, da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo.
[3]Irmãos, cumpre-nos dar sempre graças a Deus no tocante a vós outros, como é justo, pois a vossa fé cresce sobremaneira, e o vosso mútuo amor de uns para com os outros vai aumentando, [4]a tal ponto que nós mesmos nos gloriamos de vós nas igrejas de Deus, à vista da vossa constância e fé, em todas as vossas perseguições e nas tribulações que suportais,
[5]sinal evidente do reto juízo de Deus, para que sejais considerados dignos do reino de Deus, pelo qual, com efeito, estais sofrendo; [6]se, de fato, é justo para com Deus que ele dê em paga tribulação aos que vos atribulam [7]e a vós outros, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do

mas elas se recusaram a ir: a palavra traduzida como "convidados" é o verbo costumeiramente traduzido por "chamado". Essa é a razão pela qual a parábola termina assim: "Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos" (Mt 22.14).

Contudo, nos escritos de Paulo o chamado ou convite de Deus é sempre eficaz: os que são chamados por Deus são verdadeiramente salvos. Em nenhuma outra passagem isso é mais claro do que em Romanos 8.29,30: "Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também *chamou*; e aos que *chamou*, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou" (ênfase acrescentada). Usado dessa maneira, ser chamado por Deus significa ser salvo, pertencer a Deus, ser aceito como um dos seus.

No entanto, Paulo nunca pensa que nós somos chamados por Deus porque merecemos. Como ele poderia? Ele sabe que foi enquanto ele

céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, [8]em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. [9]Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, [10]quando vier para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram, naquele dia (porquanto foi crido entre vós o nosso testemunho).

[11]Por isso, também não cessamos de orar por vós, para que o nosso Deus vos torne dignos da sua vocação e cumpra com poder todo propósito de bondade e obra de fé,

[12]a fim de que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós, e vós, nele, segundo a graça do nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo.

(2Ts 1.1-12)

estava ativamente perseguindo a igreja e tentando destruí-la que Deus interveio e o chamou por sua graça (Gl 1.13-15). Assim, Paulo não está orando aqui para que os tessalonicenses possam, de alguma maneira, se tornar dignos de ser chamados. Pelo contrário, uma vez que esses tessalonicenses eram cristãos, eles já tinham sido chamados, e agora Paulo ora para que eles possam corresponder às expectativas desse chamado. Mais explicitamente, Paulo ora para que o próprio Deus os considere dignos do seu chamado. Isso significa que esses crentes deviam crescer em todas as coisas que agradassem a Deus, de tal modo que ele se agradasse deles, e finalmente os julgasse à altura do chamado que tinham recebido. Resumindo, "que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados" (Ef 4.1).

Pela graça de Deus nós fomos perdoados; por sua graça fomos feitos "herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo" (Rm 8.17). Pela sua graça fomos justificados, o seu Espírito nos foi dado, provamos a vida eterna. Mas Paulo quer que sejamos dignos desse chamado. Certamente

nenhum de nós era digno quando o recebemos. Contudo, agora Paulo quer que nos tornemos o que não éramos, e ele ora com esse objetivo. Ele ora para que os cristãos possam tornar-se dignos de tudo o que significa ser cristão, de tudo o que significa ser filho do Deus vivo, de tudo o que significa ser digno do amor que levou Jesus à cruz.

Eu vou insistir mais sobre o que isso significa, num nível prático, num capítulo posterior. Porém, a julgar por esse exemplo da oração de Paulo, já deveria estar claro que o nosso interesse principal na petição não deve ser que nos tornemos prósperos, ricos, populares, saudáveis, brilhantes, vitoriosos, felizes ou bonitos. E muito menos Paulo nos encoraja a orarmos para que todos os nossos problemas desapareçam. A oração de Paulo é restrita à estrutura que ele dá a ela: ele ora por mais sinais da graça pela qual ele já agradeceu a Deus, e ora com valores eternos em vista.

Ele sabe que teremos de prestar contas do que temos feito. No último dia, Deus perguntará, de fato: "O que você fez com a salvação que dei a você? Como você reagiu à maneira como graciosamente chamei você para mim? Você começou a viver de um modo que correspondesse às expectativas desse chamado?"

Esse é um dos temas a que Paulo retorna constantemente. Devemos crescer na nossa maturidade cristã. Num estranho paradoxo, Paulo constantemente diz às pessoas para se tornarem o que elas já são; ou seja, uma vez que nós já somos filhos de Deus por causa da sua graça em Cristo, devemos agora nos tornar tudo o que esse filho deve ser. Deus nos chamou graciosamente; agora devemos viver à altura desse chamado. Isso significa que devemos nos tornar crescentemente santos, amáveis, cheios de integridade, negando-nos a nós mesmos, profundos no conhecimento de Deus e de sua Palavra, encantados em confiar no nosso Pai celestial e em obedecer a ele.

Não somos fortes ou disciplinados o bastante para tomarmos essas iniciativas por nós mesmos. Essa é a razão pela qual Paulo ora desse modo. Se o santo Deus quer nos considerar "dignos de sua vocação", devemos pedir ajuda a ele. Essa é a razão pela qual Paulo ora: ele não está simplesmente pedindo aos tessalonicenses para se empenharem mais, ele ora por eles com o objetivo de que Deus os considere dignos do seu chamado. Essa oração significa pedir a Deus que trabalhe na vida deles e faça-os dignos, de modo que, no final, ele os considere dignos.

E, assim, esse texto nos pergunta: quando foi a última vez que você fez esse tipo de oração por sua família? E por sua igreja, ou seus filhos? Não gastamos muito mais energia orando para que os nossos filhos sejam aprovados nos seus exames, ou consigam um bom emprego, ou sejam felizes, ou não se mudem para longe de nós, do que orando para que eles vivam uma vida digna de um cristão?

Muitos de nós já tivemos a experiência de perguntar a um pai: "Como estão os seus filhos?", recebendo uma resposta mais ou menos assim: "Johnny está muito bem, agora. Ele está subindo muito depressa na carreira como pesquisador na área da física. Ele foi o mais jovem da sua empresa a ser escolhido para a diretoria. E Evelyn também vai bem. Ela é programadora de computador e já é a chefe da sua seção".

"E como estão eles espiritualmente?"

Uma longa pausa.

"Acho que no momento eles não estão andando nos caminhos do Senhor. Mas esperamos que voltem algum dia."

É evidente que a resposta inicial desse pai pode ser apenas o reflexo da proteção à privacidade, um desejo sincero de não depreciar nenhum membro da família. Porém, muitas vezes reflete um desvirtuamento das prioridades. Tenho conhecido alguns pais, pais ostensivamente cristãos, que se enfurecem comigo por pensarem que influenciei seus brilhantes filhos a se prepararem para o ministério, talvez para o serviço missionário. Outros estão cheios de alegria pela prosperidade material dos seus filhos e não se sentem nem um pouco preocupados com a total indiferença deles em relação ao Deus que os fez.

Como esses valores estarão daqui a trinta anos ou quarenta bilhões de anos? Do ponto de vista da eternidade, quais deveriam ser as principais coisas pelas quais nós deveríamos orar com relação aos nossos filhos, a nós mesmos e aos nossos companheiros cristãos?

Quando foi a última vez que oramos por essas coisas? Quando foi a última vez que pedimos a Deus para nos considerar dignos do seu chamado?

2. Paulo ora para que Deus, por seu poder, pudesse cumprir todos os bons propósitos e obras de fé dos cristãos. "Por isso, também não cessamos de orar por vós, ... e cumpra com poder todo propósito de

bondade e obra de fé" (v.11b). Em outro lugar, Paulo pode dizer que é o próprio Deus quem trabalha em nós, tanto para nos fazer querer, quanto para agir segundo o seu bom propósito (Fp 2.12,13). Mas, aqui, ele ora para que Deus possa nos dar poder nos *nossos* propósitos bons e impelidos pela fé.[1] O que ele quer dizer?

A idéia é francamente extraordinária, e muito importante. O que Paulo pressupõe é que o povo de Deus foi transformado de um modo tal por sua conversão a Jesus Cristo e ao seu evangelho, que eles agora desenvolvem novos conjuntos de objetivos. Motivados e modelados pela bondade e pela fé, eles inevitavelmente formulam novos propósitos, planos decididamente cristãos, objetivos cristãos.

Por exemplo, eles podem começar a pensar nos seguintes moldes: "De que modo eu poderia testemunhar para o meu vizinho? Será que eu poderia iniciar um estudo bíblico nesse bairro? Eu realmente preciso encontrar uma maneira de ajudar essa pobre senhora da vizinhança, que acabou de perder o marido e que parece não ter nenhum amigo. E se eu tentasse fazer amizade com os adolescentes do meu quarteirão? O que eu poderia fazer para que os visitantes da nossa igreja se sentissem bem-vindos? Talvez eu possa, de alguma maneira, ser útil no ministério com prisioneiros".

É óbvio que, nenhum cristão pode fazer tudo isso, e nenhum de nós deveria tentar. Porém, todos nós podemos fazer alguma coisa, uma coisa significativa, e enquanto isso, devemos reconhecer que planos como esses foram gerados pelo que Paulo rotula como bondade e fé. Paulo espera que os cristãos desenvolvam esses propósitos.

Porém, Paulo vai além disso. Nesse ponto, Paulo ora que Deus, pelo seu poder, "cumpra todo propósito de bondade e obra de fé". Isso é simplesmente maravilhoso. Considerando que os cristãos desenvolverão propósitos benfazejos e espiritualmente inclinados, Paulo agora ora para que o próprio Deus traga esses atos à realidade, ao cumprimento. Podemos ter todo tipo de idéias maravilhosas acerca do que nós, como cristãos, podemos fazer, e ainda assim, de alguma maneira, nunca conseguir realizar qualquer delas. Uma outra alternativa, é proceder imediatamente à organização e à administração, e nunca procurar, exceto de modo esporádico e acidental, a aprovação decisiva e a bênção de Deus para os nossos sonhos cristãos. A verdade é que, a menos que Deus trabalhe em nós e por intermédio de nós, a menos que Deus nos capacite com respei-

to a esses nossos bons propósitos, eles não produzirão qualquer fruto espiritual; eles não exibirão qualquer poder transformador de vidas e de pessoas. "Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam; se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela" (Sl 127.1). E, a menos que o Senhor cumpra os nossos propósitos motivados pela fé e pela bondade, eles permanecerão áridos e infrutíferos – sonhos vazios ou atividades frenéticas sem vida, mas em ambos os casos espiritualmente anêmicos.

Isso significa que precisamos analisar as nossas atitudes e prioridades pessoais, e as das pessoas e dos líderes nas nossas igrejas e missões, e perguntar constantemente: "Quais são os nossos objetivos, os nossos propósitos? Qual é a nossa missão, o nosso direcionamento? O que deveríamos tentar, com respeito aos interesses de Deus?" E, ao encontrarmos respostas para essas perguntas, devemos interceder a Deus para que ele, por seu grande poder, possa trazer esses bons propósitos, esses atos motivados pela fé, à fertilidade abundante.

O objetivo da oração de Paulo

"... a fim de que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós, e vós, nele..." (1.12). Depois de listar suas petições, Paulo agora expõe o duplo objetivo dessas orações.

1. Paulo procura a glorificação do Senhor Jesus. Essa primeira parte é bastante comum: "A fim de que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós". Para Paulo, o seu interesse em que os cristãos pudessem ser considerados dignos do seu chamado, e o seu profundo desejo de que Deus pudesse cumprir os seus propósitos bons e obras de fé, nunca podiam ser os fins máximos. Não há dúvida de que esses são objetivos valorosos, coisas a serem profundamente desejadas, coisas pelas quais devemos orar. Ainda assim, eles são apenas fins imediatos; o objetivo final é que o Senhor Jesus seja glorificado em conseqüência dessa maturidade e fertilidade crescentes da parte dos crentes.

O maior e mais elevado desejo do cristão é que Jesus Cristo seja louvado. Quando queremos glória para nós mesmos, em vez de glória para ele, isso se constitui sempre numa desprezível degeneração dos nossos objetivos. Quando decoramos a igreja com flores, servimos como diácono ou pregamos um sermão; quando visitamos os enfermos, lide-

ramos um grupo de jovens ou participamos de uma reunião de oração – quando fazemos alguma dessas coisas, e outras, com o desejo oculto de sermos louvados pela nossa piedade e pelo nosso trabalho, pervertemos a salvação de que gozamos. Seu propósito é nos reconciliar com Deus, pois Deus deve ser o centro da nossa vida, a base e o objetivo da nossa existência. Realmente, o próprio Cristo, o agente da criação de Deus, é aquele a respeito de quem Paulo, em outra parte, declara que todas as coisas foram feitas por ele e para ele (Cl 1.16). No cerne de todo pecado está o desejo de ser o centro, ser como Deus. Assim, se assumirmos algum serviço cristão, e considerarmos esse cargo como o instrumento que nos fará centrais, paganizamos a obra de Cristo, domesticamos a vida cristã e a designamos para a servidão numa causa pagã.

Nossa peregrinação como cristãos não precisa estar tão avançada para reconhecermos com pesar que até mesmo o nosso melhor serviço, motivado pelo mais alto zelo, normalmente é entretecido com grandes doses de interesse próprio vulgar. Aprendemos que devemos confessar e tentar superar esses pecados também. Paulo reconhece o problema, e articula o objetivo oportuno na sua oração: "não cessamos de orar por vós", escreve ele, não para que vocês sejam considerados cristãos louváveis, ou para que ganhem reputação por perseverança, espiritualidade e poder em todo o Império Romano, mas "a fim de que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós".

A primeira parte do objetivo de Paulo, então, é a glorificação do Senhor Jesus. A segunda parte é mais surpreendente.

2. Paulo procura a glorificação dos crentes. "não cessamos de orar", escreve Paulo, "a fim de que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós, *e vós, nele*" (v.12). O que isso significa? À primeira vista é um pouco estranho. Depois de fazer a glorificação de Jesus absolutamente fundamental, Paulo agora amolece um pouco e decide que podemos legitimamente procurar um pouco de louvor para nós mesmos?

Certamente que o que Paulo tem em mente não é tão simples, ou tão grosseiro assim. Paulo está bem consciente da insistência urgente de Deus: "Eu sou o Senhor, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem..." (Is 42.8). No entanto, há outra nuança na palavra glória que torna inteiramente apropriado falar da glorificação do cristão. Em outras passagens, Paulo insiste que todos os que Deus chama e justi-

fica, ou seja, todos os que são genuinamente salvos, serão um dia glorificados (Rm 8.30). Ele quer dizer que um dia eles serão feitos perfeitos, um dia eles desfrutarão da ressurreição do corpo da mesma maneira que a ressurreição do corpo de Jesus, um dia eles viverão no esplendor do novo céu e da nova terra. Mas mesmo agora, insiste ele, "somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem" (2Co 3.18).

Nossa glorificação final nos verá sem mancha ou mácula, todo pecado e decadência serão purificados, estaremos desfrutando do êxtase da perfeição da presença gloriosa de Deus. Mas, mesmo agora, os cristãos estão sendo transformados "de glória em glória". É como se o mais magnífico choque cultural, acarretado pelo salto deste mundo para o próximo, estivesse sendo reduzido pela preparação daqueles que darão o salto. Assim, maravilhosa como é, a transformação final é prefaciada por uma completa série de transformações, ao nos tornarmos progressivamente conformados à imagem de Cristo, no antegozo do clímax da glorificação no final.

Quando glorificamos a Deus, não estamos dando a ele alguma coisa essencial que de outro modo ele não teria. Estamos simplesmente atribuindo a ele o que é dele. Mas quando nós somos glorificados, no sentido que acabamos de descrever, somos feitos mais parecidos com ele, estamos sendo fortalecidos ou capacitados a exibir características que de outra maneira não mostraríamos. É claro que, no pensamento de Paulo, essa glorificação que os cristãos desfrutam não tira nada da glória que vai para Jesus Cristo. Longe disso: ele é quem torna a nossa glorificação possível, de modo que a nossa própria glorificação torne-se o meio mais espetacular de trazer glória a ele. Pensar que mortais rebeldes e egocêntricos tornam-se filhos de Deus, espelhando progressivamente o seu caráter, e um dia participando do êxtase claro de uma existência perfeita na presença do Deus Triúno – não é possível que isso seja o fruto do nosso próprio empenho. Pelo contrário, Cristo é glorificado, recebe o louvor que é devido a ele, como nós somos glorificados, como nós somos amoldados à sua imagem. No último dia, Jesus Cristo será glorificado em nós por causa do que nós nos tornamos por sua graça, e seremos glorificados nele por causa do que ele fez por nós.

E, assim, Paulo voltou à escatologia, isto é, a seu hábito de olhar na direção do final da História, para a sua convicção de que a vida cristã só pode ser vivida fielmente à luz do fim. Já vimos que o apóstolo traz essa

perspectiva consigo quando se prepara para orar: é parte de sua estrutura mental (1.5-10). Aqui, sua visão do fim, juntamente com o que ele significa para os cristãos aqui e agora, ajuda a moldar os objetivos básicos que ele anexa às suas petições. Ele quer que os cristãos sejam glorificados, não somente no final dos tempos, de acordo com as promessas de Deus de vindicação final, mas agora, enquanto eles se preparam para o final e são progressivamente transformados "de glória em glória" na expectativa de tudo o que virá.

Este, então, é o objetivo duplo da oração de Paulo: que Cristo possa ser glorificado em nós, e nós nele. Assim eu devo perguntar a você, como pergunto a mim mesmo: quando foi a última vez que você orou com esse objetivo duplo claramente diante dos seus olhos, como a sua obsessão, o seu principal interesse?

A base da oração de Paulo

Paulo escreve: "Por isso, também não cessamos de orar [i.e., as petições articuladas no v.11] ... a fim de que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós, e vós, nele, *segundo a graça do nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo*" (1.12, ênfase acrescentada). Em outras palavras, Paulo não quer terminar a sua oração deixando os cristãos tessalonicenses com a impressão de que o que ele pede na sua oração é que eles simplesmente tentem com mais afinco. Em certo sentido, é claro, é isso exatamente o que Paulo quer. Porém, Paulo sempre reconhece que, se tentarmos com mais empenho, é porque a graça de Deus está poderosamente atuando em nós.

Nós, cristãos, precisamos constantemente ser lembrados do fato de que, assim como fomos salvos pela graça, também somos santificados e glorificados por ela. Isso está implícito no fato de que Paulo está aqui se aproximando de Deus com petições: ou seja, ele está pedindo a Deus que faça alguma coisa. É verdade que o que ele está pedindo a Deus para fazer – que ele possa considerar esses cristãos dignos do seu chamado, e assim fortalecê-los por seu poder para que os seus propósitos bons e obras de fé frutifiquem – também estabelece objetivos para os próprios cristãos seguirem. Porém, o fato de Paulo pedir a Deus para realizar essas coisas mostra que ele está profundamente consciente de que a graça de Deus deve estar trabalhando para que essas petições possam ser respondidas.

Nós nos tornamos frutíferos pela graça; nós perseveramos pela graça; amadurecemos pela graça; pela graça crescemos no amor de uns para com os outros, e pela graça apreciamos a santidade e o aprofundamento no conhecimento de Deus. Portanto, Paulo lembra a seus leitores, no final da sua oração, que tudo o que ele pediu está disponível somente com base na graça. O próprio Salvador não pode ser glorificado na nossa vida, nem nós poderemos ser glorificados no final, se não for pela graça que ele proporciona.

É de importância vital refletir no pensamento extraordinariamente holístico que está representado nessa oração. Essa oração do apóstolo não é feita de petições triviais, pedidos isolados que deveriam ser respondidos por um Deus que, de vez em quando, intervém na nossa vida e faz algo fora do comum. Não devemos pensar acerca de nós mesmos como se fôssemos basicamente independentes e estivéssemos no caminho certo, mas sim que estamos ocasionalmente necessitados de algumas informações da Deidade, de algumas bênçãos invocadas por uma oração apropriadamente formulada. Esse tipo de visão é quase semelhante à magia pagã: está a um fio do puro animismo. A visão de Paulo é muito mais ampla, muito mais completa. Ele lembra da graça que recebemos no passado, e considera a direção da nossa vida – o nosso lar final no novo céu e nova terra. Ele olha a consumação final, a última vindicação, e compreende que tipo de vida deveríamos viver à luz do fim. Essa visão coloca-nos de modo apropriado no universo de Deus, que foi feito por ele e para ele, responsivo a ele, redimido por ele, e que estabelece quais devem ser as nossas prioridades quando essa visão prevalece. As petições de Paulo e os seus objetivos declarados estão em sintonia perfeita com essa visão. Melhor ainda, ele lembra que, se formos nos mover nessa direção, devemos ter a graça de Deus em todos os momentos da nossa vida respondendo às nossas orações – sendo que as próprias orações nada mais são do que a transformação progressiva do povo de Deus, e a glória do Senhor Jesus. Em resumo, as orações de Paulo abrangem uma visão inteira.

Em 1952, uma jovem senhora chamada Florence Chadwick deu alguns passos em direção ao mar nas ilhas Catalina, determinada a nadar até o litoral da Califórnia. Ela já era uma nadadora experiente em nado de longa distância: foi a primeira mulher a atravessar a nado o canal da Mancha nos dois sentidos. O tempo estava frio e nebuloso no dia esta-

belecido por ela; ela mal podia ver os barcos que a acompanhariam. Ela nadou por quinze horas. Ela implorava para ser tirada da água, mas o seu treinador recomendava-lhe persistência, dizendo-lhe continuamente que ela era capaz, que a costa não estava distante. Exausta física e emocionalmente, ela finalmente parou de nadar, e foi retirada das águas. Os barcos chegaram à praia, e ela descobriu que estava a apenas 800 metros de distância.

No dia seguinte ela deu uma entrevista coletiva. O que ela disse, de fato, foi isso: "Não quero me desculpar. Fui eu quem pediu para ser retirada. Mas se eu tivesse visto a praia, teria conseguido".

Dois meses mais tarde ela provou isso. Num dia claro e radiante, ela lançou-se de volta ao mar, e nadou todo o percurso.

Irmãos e irmãs em Cristo, a visão bíblica deve estar no coração de toda a nossa vida de oração. Essa visão inclui quem Deus é, o que ele tem feito, quem nós somos, para onde estamos indo, o que devemos valorizar e prezar. Essa visão nos leva em direção a uma crescente semelhança com Jesus, para uma vida vivida à luz da eternidade, rumo a um ecoar entusiástico do contínuo clamor da igreja: "Vem, Senhor Jesus!" Essa visão deve moldar as nossas orações, de tal modo que as coisas que mais nos interessem sejam aquelas que dizem respeito ao coração de Deus. Então perseveraremos nas nossas orações, até alcançarmos o objetivo que o próprio Deus estabeleceu para nós.

Perguntas para revisão e reflexão

1. O que significa orar para que Deus considere os cristãos que conhecemos dignos do chamado de Deus? Como você pode incorporar essas petições às suas orações?
2. Que bons propósitos e obras de fé você tem desenvolvido? Com que intensidade você tem orado para que Deus cumpra esses propósitos? Que passos concretos você pode dar para melhorar a sua vida de oração nessa área?
3. Qual é o duplo objetivo de Paulo nessa oração pelos tessalonicenses? Como esse objetivo poderia moldar as suas orações?

4

Orando por outras pessoas

Alguns de nós pensamos que a igreja, em geral, é um lugar bem agradável. Existe comunhão, amizade, algumas vezes um refúgio seguro contra as pressões de relacionamentos tensos no trabalho ou em algum outro lugar; na melhor das hipóteses, pode haver certa sensibilidade à estética – às vezes até um órgão de tubos de boa qualidade.

Sim, a igreja é um lugar bastante agradável, a não ser por uma coisa: muitas das pessoas que pertencem a ela são simplesmente insuportáveis. Se pudéssemos desfrutar da igreja sem as pessoas, deleitar-nos no culto público sem as pessoas! É óbvio que não estamos pensando em *todas* as pessoas. Algumas delas são legais. Mas, com certeza ela seria um lugar muito melhor se um número significativo delas fosse imediatamente transferido para Pago Pago ou para o Catar.

Assim que acabamos de declarar os nossos ressentimentos de modo tão ridículo, somos forçados a dar um sorriso amarelo reconhecendo a nossa hipocrisia. A frase célebre do antigo quadrinho cômico "Pogo", diz tudo: "Encontramos o inimigo, e somos nós".

Pois o fato é que a igreja são as pessoas, pessoas das quais faço parte. A igreja não é um prédio, muito menos um reino ou um bispo. A igreja são as pessoas. Além disso, todos nós somos pessoas caídas – perdoadas, sim, e no processo da santificação, mas longe ainda da perfeição que caracterizará o novo céu e a nova terra. A igreja, resumindo, somos nós.

Na verdade, líderes cristãos maduros e criteriosos sempre relacionarão todos os aspectos da vida e do serviço cristãos às pessoas. Eles não iniciarão nenhum programa que tenha uma atratividade abstrata no papel; e menos ainda defenderão programas que exijam a devoção das pessoas, como se o povo de Deus existisse para difundir programas. Os melhores líderes cristãos sempre avaliarão todas as propostas – não importa o quanto esteticamente agradáveis ou academicamente respeitáveis elas sejam – em termos de sua capacidade de servir às pessoas, e não vice-versa.

De igual modo, pregadores cristãos espiritualmente maduros não prepararão sermões cujo propósito primordial seja obter renome por sua erudição, humor, habilidade na oratória, ou destreza exegética. Eles elaborarão sermões planejados para ajudar as pessoas – alimentá-las, instruí-las, admoestá-las, repreendê-las, encorajá-las, desafiá-las.

Além do mais, a nossa escolha de líderes não se fundamentará em carisma, poder, educação, erudição, autopromoção ou desejo de aumentar a nossa "panelinha" dentro da igreja. Em vez disso, faremos as perguntas: "Que tipo de líder será mais adequado para levar pessoas a Cristo? Que tipo de líder alimentará melhor o povo de Deus e assim edificará a igreja? O que é melhor para a igreja de Deus?"

É claro que nada disso significa que um programa *deve* ser academicamente desconceituado, ou que um pregador *deve* ser exegeticamente irresponsável, ou que nossos líderes *devem* ser precários quanto à erudição. Longe disso: um grau de perícia nessas áreas pode ajudar-nos a responder a pergunta básica: o que é melhor para o povo de Deus? Mas a pergunta básica nunca poder tomar o lugar errado. Sermões e programas e líderes não são fins em si mesmos: devidamente compreendidos, eles são designados para servir ao povo de Deus.

É verdade que alguém pode objetar que a nossa finalidade principal deve ser servir a Deus, não às pessoas. Em primeiro lugar, nós somos servos do Deus vivo, e o nosso objetivo deve ser agradá-lo. Não há dúvida de que essa conversa sobre servir ao povo de Deus está levemente distorcida: não deveríamos estar comprometidos primariamente a servir ao próprio Deus?

Num sentido, a objeção é completamente adequada. Os cristãos não são meros humanitários: nunca devemos pensar que servir às pessoas é

o bem máximo, ou supor que servir às pessoas é exatamente o mesmo que servir a Deus. Os cristãos nunca cometerão o erro fundamental enunciado de modo talentoso no poema "Abou ben Adam", que durante certa época costumava ser memorizado pelas crianças em idade escolar. Em sua visão, Abou ben Adam descobriu que o seu nome não estava na lista daqueles que amavam a Deus. Apenas levemente envergonhado, ele instruiu o anjo que fazia os registros a colocá-lo como "um dos que amavam os seus companheiros". O anjo escreveu e desapareceu, retornando somente na noite seguinte para mostrar a Abou todos "aqueles que o amor de Deus havia abençoado / E olhem, o nome de ben Adam estava no topo da lista". Nenhum cristão que reflete se identificará por muito tempo com essa conversa tola e sentimental. No ensino de Jesus, o primeiro mandamento é amar a Deus com todo o coração, toda a alma e todo o entendimento; o segundo é amar o próximo como a si mesmo (Mt 22.37-40). Jesus não sugere que os dois mandamentos sejam idênticos. Longe disso: ele enumera dois mandamentos e os exibe em termos de suas prioridades relativas: primeiro e segundo.

Tendo reconhecido o perigo de identificar interesses humanitários com Cristianismo elementar, devemos encarar honestamente o perigo oposto, ou seja, o perigo de alegar alta intimidade com Deus, não nutrindo nenhuma intimidade com pessoas; de testificar profundo amor por Cristo, alimentando todo tipo de ciúmes e rivalidades mesquinhas. O apóstolo João coloca isso objetivamente: "Nós amamos porque ele nos amou primeiro. Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão" (1Jo 4.19-21).

Assim, embora o amor a Deus e o amor aos irmãos não devam ser equiparados, existe um sentido importante no qual o primeiro pode ser testado pelo segundo. Quando vivemos à altura do nosso chamado, lembramos que na igreja de Deus as pessoas não estabelecem o programa, elas são o programa. Nossa lealdade a Deus e a seu evangelho será demonstrada no nosso serviço a seu povo, àqueles que se tornarão seu povo, àqueles feitos à sua imagem.

É nesse sentido que os cristãos devem estar constantemente se perguntando sobre o que é melhor para o povo de Deus. Nossa lealdade a Jesus Cristo, o fato de nós o confessarmos como Senhor, acarreta um

profundo compromisso com a promoção dos seus interesses – e não é necessário ler muito as Escrituras para perceber que os seus interesses estão ligados ao bem-estar do seu povo. Além disso, se alegremente confessarmos o senhorio de Cristo, então quando perguntarmos sobre o que é melhor para as pessoas, as respostas serão emitidas em termos do que ele pensa ser melhor para as pessoas, e não necessariamente o que as pessoas pensam ser o melhor para si mesmas.

"Espere um pouco", alguém pode dizer. "Pensei que esse livro seria uma série de meditações sobre oração, e especialmente sobre as orações de Paulo. O que todo esse raciocínio teológico sobre a importância das pessoas tem a ver com oração? Que ligação existe entre essa teologia "peso pesado" e minha vida de oração? No que diz respeito ao assunto, que relação há entre toda essa teologia e a vida de oração de Paulo?"

A ligação existe, e é imensamente importante. Há uma linha de pensamento que trata a oração como uma disciplina na qual primar-se, sem consideração pelo enfoque que a oração deve ter nas pessoas. Essa linha estimula a oração por considerar que ela ajuda grandemente à pessoa que está orando, porém dedica pouca atenção àqueles por quem a oração é oferecida. Ou, então, encoraja a oração meditativa, contemplativa e adoradora, com base em que a oração é encaminhada diretamente a Deus. Entretanto, esse pensamento não considera a nossa atitude em relação às pessoas, e nem analisa a importância da intercessão pelos outros.

Uma das características notáveis das orações de Paulo é a grande proporção delas que é dedicada à intercessão pelos outros. É claro que se pode imaginar Paulo simplesmente oferecendo louvor a Deus e orando por si; na verdade, pode-se olhar para um pouco mais longe – os Salmos, por exemplo – e observar o considerável espaço usado neles para louvor e petições que servem aos interesses, em parte, daquele que está orando. Porém, as orações de Paulo, nas quais este livro focaliza a atenção, são extraordinárias por causa da grande parcela de intercessão e ações de graças por outras pessoas.

O poder absoluto dessas orações, e a prioridade que elas enfatizam, não podem ser apreciadas facilmente a menos que se tire tempo para lê-las de uma só vez. Assim, imprimi a maioria delas abaixo. Não as leia às pressas. Tire tempo para lê-las vagarosamente, analisando-as, vocalizando-as calmamente se isso ajudar você a diminuir a marcha.

Essas orações são variadas em forma e conteúdo. Talvez seja importante mencionar que muitos escritores modernos classificam-nas em quatro grupos: (1) orações (em que Paulo parece estar orando ao escrever); (2) relatos de oração (em que Paulo conta a seus leitores sobre suas orações); (3) desejos de oração (em que Paulo refere-se a Deus na terceira pessoa, freqüentemente em formas tais como "Que o Deus de toda paz faça isso..."); (4) exortações à oração. Porém, nós não precisamos perder tempo com essas distinções.[1] Atente, porém, ao conteúdo e à força das orações de Paulo nessa seleção ampliada de suas cartas:[2]

> Primeiramente, dou graças a meu Deus, mediante Jesus Cristo, no tocante a todos vós, porque, em todo o mundo, é proclamada a vossa fé. Porque Deus, a quem sirvo em meu espírito, no evangelho de seu Filho, é minha testemunha de como incessantemente faço menção de vós, em todas as minhas orações, suplicando que, nalgum tempo, pela vontade de Deus, se me ofereça boa ocasião de visitar-vos (Rm 1.8-10).
>
> Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos (Rm 10.1).
>
> Regozijai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, na oração, perseverantes (Rm 12.12).
>
> Ora, o Deus de paciência e da consolação vos conceda o mesmo sentir de uns para com os outros, segundo Cristo Jesus, para que concordemente e a uma voz glorifiqueis ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo (Rm 15.5,6).
>
> E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo (Rm 15.13).
>
> Rogo-vos, pois, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor, para que eu me veja livre dos rebeldes que vivem na Judéia, e que este meu serviço em Jerusalém seja bem aceito pelos santos; a fim de que, ao visitar-vos, pela vontade de Deus, chegue à vossa presença com alegria e possa recrear-me convosco. E o Deus da paz seja com todos vós. Amém (Rm 15.30-33).
>
> Sempre dou graças a [meu] Deus a vosso respeito, a propósito da sua graça, que vos foi dada em Cristo Jesus; porque, em tudo, fostes enriquecidos nele, em toda a palavra e em todo o conhecimento; assim como o testemunho de Cristo tem sido confirmado em vós, de maneira que não vos falte nenhum dom, aguardando vós a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo; o qual tam-

bém vos confirmará até ao fim, para serdes irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor (1Co 1.4-9).

A graça do Senhor Jesus seja convosco (1Co 16.23).

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação! É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus. Porque, assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam em grande medida a nosso favor, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo. Mas, se somos atribulados, é para o vosso conforto e salvação; se somos confortados, é também para o vosso conforto, o qual se torna eficaz, suportando vós com paciência os mesmos sofrimentos que nós também padecemos. A nossa esperança a respeito de vós está firme, sabendo que, como sois participantes dos sofrimentos, assim o sereis da consolação (2Co 1.3-7).

Graças, porém, a Deus, que, em Cristo, sempre nos conduz em triunfo e, por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do seu conhecimento. Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo: tanto nos que são salvos como nos que se perdem. Para com estes, cheiro de morte para morte; para com aqueles, aroma de vida para vida. Quem, porém, é suficiente para estas coisas? (2Co 2.14-16).

Porque o serviço desta assistência não só supre a necessidade dos santos, mas também redunda em muitas graças a Deus, visto como, na prova desta ministração, glorificam a Deus pela obediência da vossa confissão quanto ao evangelho de Cristo e pela liberalidade com que contribuís para eles e para todos, enquanto oram eles a vosso favor, com grande afeto, em virtude da superabundante graça de Deus que há em vós. Graças a Deus pelo seu dom inefável! (2Co 9.12-15).

E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte. Por causa disto, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Então, ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza (2Co 12.7-9a).

Estamos orando a Deus para que não façais mal algum, não para que, simplesmente, pareçamos aprovados, mas para que façais o bem, embora sejamos tidos como reprovados. Porque nada podemos contra a verdade, senão em favor da própria verdade. Porque nos regozijamos quando nós estamos fracos e vós, fortes; e isto é o que pedimos, o vosso aperfeiçoamento (2Co 13.7-9).

A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja, irmãos, com o vosso espírito. Amém (Gl 6.18).

Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado, no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça... (Ef 1.3ss).

Por isso, também eu, tendo ouvido a fé que há entre vós no Senhor Jesus e o amor para com todos os santos, não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações, para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele, iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder; o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais, acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir não só no presente século, mas também no vindouro. E pôs todas as coisas debaixo dos pés e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja, a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas (Ef 1.15-23).

Por esta causa, me ponho de joelhos diante do Pai, de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra, para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior; e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus. Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém (Ef 3.14-21).

E também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho, pelo qual sou embaixador em cadeias, para que, em Cristo, eu seja ousado para falar, como me cumpre fazê-lo (Ef 6.19,20).

Dou graças ao meu Deus por tudo que recordo de vós, fazendo sempre, com alegria, súplicas por todos vós, em todas as minhas orações, pela vossa coopera-

ção no evangelho, desde o primeiro dia até agora. Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus (Fp 1.3-6).

E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção, para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo, cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus (Fp 1.9-11).

Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus (Fp 4.6,7).

A graça do Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito (Fp 4.23).

Damos sempre graças a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, quando oramos por vós, desde que ouvimos da vossa fé em Cristo Jesus e do amor que tendes para com todos os santos; por causa da esperança que vos está preservada nos céus, da qual antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho, que chegou até vós; como também, em todo o mundo, está produzindo fruto e crescendo, tal acontece entre vós, desde o dia em que ouvistes e entendestes a graça de Deus na verdade; segundo fostes instruídos por Epafras, nosso amado conservo e, quanto a vós outros, fiel ministro de Cristo, o qual também nos relatou do vosso amor no Espírito.

Por esta razão, também nós, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós e de pedir que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual; a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus; sendo fortalecidos com todo o poder, segundo a força da sua glória, em toda a perseverança e longanimidade; com alegria, dando graças ao Pai, que vos fez idôneos à parte que vos cabe da herança dos santos na luz. Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados (Cl 1.3-14).

Perseverai na oração, vigiando com ações de graças. Suplicai, ao mesmo tempo, também por nós, para que Deus nos abra porta à palavra, a fim de falarmos do mistério de Cristo, pelo qual também estou algemado; para que eu o manifeste, como devo fazer (Cl 4.2-4).

Damos, sempre, graças a Deus por todos vós, mencionando-vos em nossas orações e, sem cessar, recordando-nos, diante do nosso Deus e Pai, da operosidade da vossa fé, da abnegação do vosso amor e da firmeza da vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo (1Ts 1.2,3).

Outra razão ainda temos nós para, incessantemente, dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens e sim como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes.Tanto é assim, irmãos, que vos tornastes imitadores das igrejas de Deus existentes na Judéia em Cristo Jesus; porque também padecestes, da parte dos vossos patrícios, as mesmas coisas que eles, por sua vez, sofreram dos judeus, os quais não somente mataram o Senhor Jesus e os profetas, como também nos perseguiram, e não agradam a Deus, e são adversários de todos os homens, a ponto de nos impedirem de falar aos gentios para que estes sejam salvos, a fim de irem enchendo sempre a medida de seus pecados. A ira, porém, sobreveio contra eles, definitivamente (1Ts 2.13-16).

Pois que ações de graças podemos tributar a Deus no tocante a vós outros, por toda a alegria com que nos regozijamos por vossa causa, diante do nosso Deus, orando noite e dia, com máximo empenho, para vos ver pessoalmente e reparar as deficiências da vossa fé? Ora, o nosso mesmo Deus e Pai, e Jesus, nosso Senhor, dirijam-nos o caminho até vós, e o Senhor vos faça crescer e aumentar no amor uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco, a fim de que seja o vosso coração confirmado em santidade, isento de culpa, na presença de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos (1Ts 3.9-13).

O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará (1Ts 5.23,24).

A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco (1Ts 5.28).

Irmãos, cumpre-nos dar sempre graças a Deus no tocante a vós outros, como é justo, pois a vossa fé cresce sobremaneira, e o vosso mútuo amor de uns para com os outros vai aumentando, a tal ponto que nós mesmos nos gloriamos de vós nas igrejas de Deus, à vista da vossa constância e fé, em todas as vossas perseguições e nas tribulações que suportais... (2Ts 1.3ss).

Por isso, também não cessamos de orar por vós, para que o nosso Deus vos torne dignos da sua vocação e cumpra com poder todo propósito de bondade e obra de fé, a fim de que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós, e vós, nele, segundo a graça do nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo (2Ts 1.11,12).

Ora, nosso Senhor Jesus Cristo mesmo e Deus, o nosso Pai, que nos amou e nos deu eterna consolação e boa esperança, pela graça, consolem o vosso coração e vos confirmem em toda boa obra e boa palavra (2Ts 2.16,17).

E para que sejamos livres dos homens perversos e maus; porque a fé não é de todos. Todavia, o Senhor é fiel; ele vos confirmará e guardará do Maligno. Nós também temos confiança em vós no Senhor, de que não só estais praticando as coisas que vos ordenamos, como também continuareis a fazê-las. Ora, o Senhor conduza o vosso coração ao amor de Deus e à constância de Cristo (2Ts 3.2-5).

Ora, o Senhor da paz, ele mesmo, vos dê continuamente a paz em todas as circunstâncias. O Senhor seja com todos vós (2Ts 3.16).

Sou grato para com aquele que me fortaleceu, Cristo Jesus, nosso Senhor, que me considerou fiel, designando-me para o ministério (1Tm 1.12).

Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens, em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranqüila e mansa, com toda piedade e respeito. Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade. Porquanto há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos... (1Tm 2.1ss).

Dou graças a Deus, a quem, desde os meus antepassados, sirvo com consciência pura, porque, sem cessar, me lembro de ti nas minhas orações, noite e dia. Lembrado das tuas lágrimas, estou ansioso por ver-te, para que eu transborde de alegria pela recordação que guardo de tua fé sem fingimento, a mesma que, primeiramente, habitou em tua avó Lóide e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também, em ti. Por esta razão, pois, te admoesto que reavives o dom de Deus que há em ti pela imposição das minhas mãos. Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação (2Tm 1.3-7).

Conceda o Senhor misericórdia à casa de Onesíforo, porque, muitas vezes, me deu ânimo e nunca se envergonhou das minhas algemas; antes, tendo ele chegado a Roma, me procurou solicitamente até me encontrar. O Senhor lhe conceda, naquele Dia, achar misericórdia da parte do Senhor. E tu sabes, melhor do que eu, quantos serviços me prestou ele em Éfeso (2Tm 1.16-18).

O Senhor seja com o teu espírito. A graça seja convosco (2Tm 4.22).

A graça seja com todos vós (Tt 3.15b).

Dou graças ao meu Deus, lembrando-me, sempre, de ti nas minhas orações, estando ciente do teu amor e da fé que tens para com o Senhor Jesus e todos os

> santos, para que a comunhão da tua fé se torne eficiente no pleno conhecimento de todo bem que há em nós, para com Cristo. Pois, irmão, tive grande alegria e conforto no teu amor, porquanto o coração dos santos tem sido reanimado por teu intermédio (Fm 4-7).
>
> A graça do Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito (Fm 25).

Então, se seguirmos o exemplo de Paulo, nunca negligenciaremos a importância grandiosa de orar *pelos outros*. A oração nunca descerá até o nível de ser nada mais do que uma casa de retiro na qual encontramos força para nós mesmos, seja por meio da celebração do louvor ou da comunhão mística com Deus, ou pelo alívio de lançar nossos cuidados sobre o Todo-poderoso. A oração pode incluir todos esses elementos, e mais; mas se aprendermos a orar com Paulo, aprenderemos a orar pelos outros. Veremos que nos aproximarmos de Deus com ações de graças e intercessões pelas outras pessoas é parte do nosso serviço. Em resumo, a nossa vida de oração será modelada pelo nosso profundo desejo de procurar o que é melhor para o povo de Deus.

Existem duas inferências. Primeira, devemos sempre submeter à definição de Deus o que é melhor. Isso significa que é vitalmente importante para nós atentar cuidadosamente para as orações das Escrituras, pois de que outro modo saberemos o que Deus julga ser o melhor para nós? Assim como as Escrituras devem reformar as nossas convicções a respeito de Deus, da nossa conduta em relação às outras pessoas e dos nossos valores fundamentais, do mesmo modo ela deve moldar a nossa vida de oração. Aqui está um dos aspectos em que ela pode fazer isso de maneira dramática. Em particular, depois de termos examinado as orações de Paulo, e observado com que freqüência ele ora pelos outros, precisamos analisá-las novamente para descobrir exatamente o que ele pede a Deus em favor deles, e comparar os resultados com o que nós normalmente pedimos.

Em segundo lugar, orar por outras pessoas requer que examinemos o nosso próprio coração. Como podemos orar efetivamente pelos outros se nutrimos ressentimentos contra eles? O obstáculo é mais que psicológico, como se o problema principal fosse a total dificuldade de nos colocarmos em intercessão por aqueles contra quem sentimos amargura. Este, é claro, é um obstáculo verdadeiro: com que freqüência você ora

por alguém com o qual você está ressentido? Mas há uma barreira maior. O próprio Deus declara que pecado não confessado corta a nossa comunicação com ele, separando-nos de suas poderosas respostas. "Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem surdo o seu ouvido, para não poder ouvir. Mas as vossas iniqüidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça" (Is 59.1,2).

Os pecados que nos impedem de orar efetivamente podem ser as manifestações do mal condenadas por Malaquias – coisas tais como uma religião indiferente, que não oferece a Deus o melhor (Ml 1.6-14), lágrimas inexpressivas de arrependimento enquanto o adultério e o divórcio abundam (Ml 2.13-16), e ausência enorme do temor de Deus, carência essa que resulta em corrupção e na opressão do pobre e do desventurado (Ml 3.5), um desejo desditoso de seguir os caminhos do arrogante e dos praticantes do mal na sociedade, alimentados por rumores de que é inútil servir a Deus (Ml 3.13-15). Não é de admirar que Deus não se mova por orações de pessoas que se comportam dessa maneira.

Porém, notoriamente, o que nos corta freqüentemente da intercessão eficaz é a amargura absoluta, o ressentimento cultivado, o rancor sutilmente preservado, uma falta desesperadora de perdão. Lamentavelmente, isso é comum entre nós, não obstante o fato de que é o próprio Senhor Jesus quem ensina: "Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas" (Mt 6.14,15). Ainda mais intencionalmente (para o propósito deste estudo), ele diz: "E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas" (Mc 11.25). Realmente, se experimentamos algo do perdão abundante do Pai, sua misericórdia deve tornar-se o padrão da nossa: "Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou" (Ef 4.32; cf. Cl 3.13).

Se você for sincero a respeito de reformar a sua vida de oração, você deve começar com o seu coração. O pecado não confessado, cultivado, sempre será uma barreira entre Deus e aqueles que ele fez à sua imagem.

É verdade que, às vezes, quando tentamos pôr em ordem relacionamentos que foram dolorosos no passado, a outra parte permanece intransigente. Mas isso é entre aquela pessoa e Deus; você e eu devemos cuidar do *nosso próprio* coração.

Isso é verdade mesmo quando a ofensa foi causada inteiramente pelo outro lado. Não muito tempo atrás, um pastor estava aconselhando uma mulher que, há vinte anos, tinha sido vítima, durante quatro anos, de incesto, sendo o seu próprio pai o cruel ofensor. Finalmente, o seu pai foi para a prisão. As cicatrizes na personalidade e na fé daquela senhora foram se acumulando durante esses vinte anos. Seu próprio marido não sabia nada dessa história e, portanto, podia oferecer pouco apoio ou compreensão. Eles se isolavam de modo crescente, e a fé da mulher murchou até que a oração se tornou impossível, e o culto uma mera farsa.

Enquanto ela e o pastor analisavam essa experiência do passado, um dos passos essenciais que ela teve de dar foi perdoar o seu próprio pai. Isso não significava que ela estava assumindo a culpa dele; antes, significava que ela tinha de lidar com a sua própria amargura e raiva. Para isso, ela precisava do perdão do Senhor; e, nesse contexto, ela precisava perdoar o homem que a havia insultado. Esse perdão tinha de ser total e ilimitado – e expresso a ele, *não importando se a resposta dele fosse de arrependimento ou de desprezíveis autojustificação e fúria.* De fato, ele escolheu a última alternativa, o que não tornou a parte da mulher nem um pouco mais fácil. Porém, o Senhor deu a ela força para perdoar, e aquele perdão foi um ponto decisivo que levou a um relacionamento restaurado com o seu marido, a uma alegria renovada no seu Senhor, e à oração renovada.

Naturalmente, o princípio se estende a todas as áreas da vida, não apenas à amargura provocada por lembranças de incesto. Como podemos interceder pela nossa igreja, se nós, secretamente, menosprezamos alguns dos seus membros? Como podemos orar significativamente por avivamento, se o que queremos é alguma bênção abstrata chamada avivamento e não nos importamos particularmente de ver *pessoas* avivadas? Se guardarmos amargura e ressentimento, orar é pouco mais que tempo e esforço perdidos.

Antes de irmos mais além, agora é o momento de examinar o seu próprio coração, de modo honesto e humilde. Sempre é tempo de fazê-lo,

mas especialmente quando você procura se aproximar do Deus cuja inigualável santidade e benignidade são padrões imutáveis para o seu povo.

Perguntas para revisão e reflexão

1. De que modo o nosso interesse pelas pessoas deveria moldar a nossa escolha de líderes? E o nosso ensino bíblico e a pregação? E a nossa oração?
2. Como disciplina espiritual, leia vagarosamente as orações de Paulo todos os dias durante um mês. Anote as maneiras em que essa disciplina influencia a sua própria vida de oração.
3. De que modo o pecado cultivado na nossa vida atrapalha a nossa vida de oração?

5

Uma paixão pelas pessoas

1 Tessalonicenses 3.9-13

Embora muitas das orações de Paulo sirvam como modelos para a intercessão por outras pessoas, a de 1 Tessalonicenses 3.9-13 é especialmente reveladora na descrição que ela faz das mais profundas emoções do apóstolo. Seu intenso interesse pelos seus leitores manifesta-se não somente na própria oração, mas também nos versículos adjacentes. Vejamos esses exemplos.

A oração de Paulo: um fruto da paixão pelas pessoas (2.17–3.8)

1. A oração de Paulo nasce do seu desejo intenso de estar com os tessalonicenses. O relato da criação dessa igreja por Paulo encontra-se em Atos 17.1-9. Paulo e Silas tinham sido severamente açoitados em Filipos, onde foram aprisionados e, então, intimados a deixar a cidade. Depois de chegarem a Tessalônica, Paulo designou para si mesmo a tarefa de evangelizar as pessoas e estabelecer uma igreja, mas mais uma vez a oposição tornou-se tão exaltada que ele sentiu-se compelido a recuar depois de poucas semanas. Depois de algum sucesso em Beréia,

Outra das orações de Paulo pelos tessalonicenses

17Ora, nós, irmãos, orfanados, por breve tempo, de vossa
presença, não, porém, do coração, com tanto mais empenho
diligenciamos, com grande desejo, ir ver-vos pessoalmente. 18Por
isso, quisemos ir até vós (pelo menos eu, Paulo, não somente
uma vez, mas duas); contudo, Satanás nos barrou o caminho.
19Pois quem é a nossa esperança, ou alegria, ou coroa em que
exultamos, na presença de nosso Senhor Jesus em sua vinda?
Não sois vós? 20Sim, vós sois realmente a nossa glória e a nossa
alegria!

1Pelo que, não podendo suportar mais o cuidado por vós,
pareceu-nos bem ficar sozinhos em Atenas; 2e enviamos nosso
irmão Timóteo, ministro de Deus no evangelho de Cristo, para,
em benefício da vossa fé, confirmar-vos e exortar-vos,

3a fim de que ninguém se inquiete com estas tribulações.
Porque vós mesmos sabeis que estamos designados para isto;
4pois, quando ainda estávamos convosco, predissemos que
íamos ser afligidos, o que, de fato, aconteceu e é do vosso
conhecimento. 5Foi por isso que, já não me sendo possível
continuar esperando, mandei indagar o estado da vossa fé,
temendo que o Tentador vos provasse, e se tornasse inútil o nosso
labor. 6Agora, porém, com o regresso de Timóteo, vindo do vosso

Paulo encontrava-se enfrentando os enormes obstáculos espirituais e intelectuais em Atenas, imediatamente seguidos pelas barreiras morais e culturais de Corinto – uma cidade portuária cosmopolita famosa pela sua decadência moral.

É nesse ambiente que Paulo relembra as igrejas que ele tinha estabelecido recentemente, igrejas nas quais ele quase não passou muito tempo em discipulado e treinamento. Ele só consegue ver essa falha como uma frustrante aberração no seu programa. Na verdade, a sua profunda preocupação por esses crentes é que era tão dolorosa para ele. Por isso, ele pode escrever: "Ora, nós, irmãos, orfanados, por breve tempo, de vossa presença, não, porém, do coração, com tanto mais empenho dili-

meio, trazendo-nos boas notícias da vossa fé e do vosso amor,
e, ainda, de que sempre guardais grata lembrança de nós,
desejando muito ver-nos, como, aliás, também nós a vós outros,
7sim, irmãos, por isso, fomos consolados acerca de vós, pela
vossa fé, apesar de todas as nossas privações e tribulação,
8porque, agora, vivemos, se é que estais firmados no Senhor.
9Pois que ações de graças podemos tributar a Deus no tocante a vós outros, por toda a alegria com que nos regozijamos por vossa causa, diante do nosso Deus, 10orando noite e dia, com máximo empenho, para vos ver pessoalmente e reparar as deficiências da vossa fé?
11Ora, o nosso mesmo Deus e Pai, e Jesus, nosso Senhor, dirijam-nos o caminho até vós, 12e o Senhor vos faça crescer e aumentar no amor uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco, 13a fim de que seja o vosso coração confirmado em santidade, isento de culpa, na presença de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos.

(1Ts 2.17–3.13)

genciamos, com grande desejo, ir ver-vos pessoalmente" (1Ts 2.17); e também: "Pelo que, não podendo suportar mais o cuidado por vós, pareceu-nos bem ficar sozinhos em Atenas; e enviamos nosso irmão Timóteo, ministro de Deus no evangelho de Cristo... Foi por isso que, já não me sendo possível continuar esperando, mandei indagar o estado da vossa fé, temendo que o Tentador vos provasse, e se tornasse inútil o nosso labor" (3.1,2a,5).

Aqui está um cristão tão comprometido com o bem-estar de outros cristãos, especialmente novos convertidos, que simplesmente se consome interiormente de desejo de estar com eles, para ajudá-los, estimulá-los, alimentá-los, estabilizá-los, para estabelecer um fundamento apro-

priado para eles. Não é de admirar, então, que ele se dedique a orar por eles quando descobre que não pode visitá-los pessoalmente.

Isso é típico de Paulo. Ele nunca desce ao nível do mero profissional. Paulo é um homem apaixonado, profundamente comprometido com a vida de pessoas reais. Esse é o motivo que lhe permite dizer: "Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas. Quem enfraquece, que também eu não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me inflame?" (2Co 11.28,29). Estas não são palavras de alguém embriagado de idéias, mas indiferente às pessoas. Nem de alguém que se contenta em pastorear a distância – talvez por meio de livros que escreve, ou de emissários mais jovens. Não, o ministério desse homem não se destina principalmente e, em primeiro lugar, a produzir idéias, livros ou companheiros mais jovens, mas a servir ao povo de Deus; e a isso ele se dedica apaixonadamente. E essa paixão molda as orações que ele expressa em favor deles.

2. A oração de Paulo nasce da afeição ardente que procura o bem dos outros – não o seu louvor, gratidão, aceitação, e muito menos algum sentimento de auto-realização profissional. Isso é extraordinariamente importante. Muitas vezes, quando alguém discorre acerca de como seria maravilhoso voltar ao lar para estar com os seus amados, testemunhamos não somente declarações de amor, mas também confissões de sentimento de solidão e de falta de adaptação. Gostamos de estar com aqueles que amamos porque, na maioria das vezes, eles são os que nos amam. Eles fazem com que nos sintamos estáveis, estimados; quando eles estão por perto, nós sentimos que somos bem-vindos, que pertencemos àquele grupo.

Esse sentimento familiar é perfeitamente normal, e não deve ser desprezado. Infelizmente, existe uma variação perigosa do mesmo no ministério. Existem pregadores que declaram tão ruidosamente o seu amor pela pregação que não fica claro se é o seu próprio desempenho e o seu amor pelo poder que os seduz, ou o desejo de ministrar aos homens e mulheres que os ouvem. Um organista da igreja pode rejeitar todas as sugestões de que um novo músico jovem possa servir da mesma maneira, e logo a razão se torna clara: a identidade do organista está tão ligada ao desempenho público da música que qualquer pensamento de servir às pessoas foi suprimido, a ponto de considerar intolerável a idéia de ser substituído.

Tendo ensinado estudantes de seminário por mais de quinze anos, preocupo-me com o aumento do número de seminarista que, quando perguntados a respeito de como e onde pensam que poderiam servir melhor, respondem mais ou menos assim: "Bem, eu gostaria de lecionar em algum lugar. Todas as vezes que dou uma aula, as pessoas dizem que faço um trabalho muito bom. Ensinar a Bíblia me dá um sentimento maravilhoso de realização. Eu acho que me sentiria satisfeito se ensinasse as Escrituras".

Isso é patético. Conheço pagãos que encontram satisfação e realização ao dar aulas de física nuclear. Sob qualquer ponto de vista cristão da vida, nunca se deve permitir que a auto-realização se torne o ponto dominante. A questão é o serviço, o serviço a pessoas reais. A questão é: Como posso ser mais útil?, e não: como posso me sentir mais útil? O objetivo é: como posso glorificar melhor a Deus por meio do serviço a seu povo?, e não: como posso me sentir mais confortável e valorizado desempenhando algum ministério cristão aceitável? A hipótese é: como o serviço cristão para o qual Deus me convoca pode ser realçado pela minha morte diária, pelo meu compromisso baseado no princípio de tomar a minha cruz dia a dia e morrer?, e não: como a forma de serviço que estou considerando pode promover a minha carreira? Com isso, eu não estou negando que os cristãos podem obter alegria do trabalho oferecido honestamente a Deus, seja esse trabalho um ministério vocacional ou uma pesquisa sobre as propriedades dos quarks. Porém, uma coisa é ter alegria no trabalho para o qual fomos chamados, e outra é tornar o objetivo da vida o regozijo, o critério fundamental que controla as nossas escolhas. Uma coisa é ponderar sobre a avaliação de um líder cristão a respeito dos nossos dons, e outra é focalizar tanto na nossa percepção dos nossos dons que a auto-adoração entra sorrateiramente pela porta dos fundos. Uma coisa é pensar nas pessoas como uma audiência ao vivo que apreciará as nossas exposições de perícia homilética, e outra é moldar cada sermão apaixonadamente para comunicar a verdade ao povo de Deus para o bem deles.

Atente novamente para as palavras de Paulo: "Pelo que, não podendo suportar mais o cuidado por vós... enviamos nosso irmão Timóteo... para, em benefício da vossa fé, confirmar-vos e exortar-vos, a fim de que ninguém se inquiete com estas tribulações. Porque vós mesmos sabeis que estamos designados para isto; pois, quando ainda estávamos

convosco, predissemos que íamos ser afligidos, o que, de fato, aconteceu e é do vosso conhecimento. Foi por isso que, já não me sendo possível continuar esperando, mandei indagar o estado da vossa fé, temendo que o Tentador vos provasse, e se tornasse inútil o nosso labor" (1Ts 3.1-5).

Aqui está um homem cujo profundo amor por esses crentes, esses novos convertidos, assegura que eles não serão usados para alimentar o seu ego ou dar-lhe um sentimento de importância ou satisfazer a sua necessidade de realização. Paulo está em agonia por causa da sua preocupação pelo bem deles. Ele quer estar seguro de que eles estão resistindo à perseguição pela qual estão passando. Ele deseja fortalecê-los e encorajá-los em sua fé, para que não sejam debilitados pelos sofrimentos. Paulo tem um coração pastoral.

Em resumo, Paulo quer não apenas estar com eles, ele deseja estar com eles para o bem deles. E isso é uma demonstração de Cristianismo elementar. Jesus Cristo veio a nós, escolhendo estar conosco – e isso para o nosso bem. Ele escolheu o caminho da autonegação, tendo morrido em vergonha e degradação excruciantes para que outros pudessem viver. Ele nos chama a servir da mesma maneira, não sendo senhores sobre outros, mas por meio da morte ao auto-interesse, para o bem dos outros. Essa postura não é uma máscara a ser usada como um disfarce em congressos religiosos, mas a marca registrada do viver cristão. Suas orações pelos crentes nada mais são do que uma extensão do mesmo amor que as gerou.

3. A oração de Paulo brota de um prazer sincero diante das informações sobre a fé, o amor, a perseverança e a força dos tessalonicenses. Já no primeiro capítulo, Paulo escreveu: "Damos, sempre, graças a Deus por todos vós, mencionando-vos em nossas orações e, sem cessar, recordando-nos, diante do nosso Deus e Pai, da operosidade da vossa fé, da abnegação do vosso amor e da firmeza da vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo" (1Ts 1.2,3). Paulo estava referindo-se à lembrança que guardava deles durante o breve período de tempo em que esteve com eles. O intervalo desde sua partida despertou toda sorte de preocupações acerca de como os crentes tessalonicenses se portariam durante os longos períodos de sofrimento. Essa é a razão de ele ter comissionado Timóteo para ir e obter informações.

Então, ele pode acrescentar: "Agora, porém, com o regresso de Timóteo, vindo do vosso meio, trazendo-nos boas notícias da vossa fé e do vosso amor, e, ainda, de que sempre guardais grata lembrança de nós, desejando muito ver-nos, como, aliás, também nós a vós outros, sim, irmãos, por isso, fomos consolados acerca de vós, pela vossa fé, apesar de todas as nossas privações e tribulação, porque, agora, vivemos, se é que estais firmados no Senhor" (1Ts 3.6-8).

Existem certas pessoas para as quais as únicas notícias interessantes são as más. Se elas ouvem a respeito de cristãos que estão passando por problemas, um pastor que caiu em pecado sexual, uma instituição teológica com dificuldades internas, um trabalho evangelístico que está tropeçando, então o interesse delas é despertado. A piedade delas exige que denunciem esses tempos maus; a retidão delas assegura que elas entoarão suas análises solenes dos pecados que ocasionaram essas tragédias. Mas se realmente existem boas notícias, se elas recebem notícias sobre cristãos que estão alegres, crescendo em santidade e no testemunho eficiente, se ficam sabendo sobre um pastor que é muito frutífero ou de uma instituição que tem sido notavelmente estratégica, então o interesse delas desvanece. Elas não encontram nada para denunciar, nada que possa realçar a sua própria retidão.

Como Paulo é diferente! Todo relato sobre crescimento em princípios reais – em fé e em amor (v.6) – torna-se um ensejo para grande regozijo. Com respeito a isso, Paulo e João são muito parecidos, pois o último escreveu: "Fiquei sobremodo alegre em ter encontrado dentre os teus filhos os que andam na verdade, de acordo com o mandamento que recebemos da parte do Pai" (2Jo 4); na verdade, "... fiquei sobremodo alegre pela vinda de irmãos e pelo seu testemunho da tua verdade, como tu andas na verdade. Não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que meus filhos andam na verdade" (3Jo 3,4).

Assim, mais uma vez encontramos evidência de que as orações de Paulo brotam, em parte, do prazer sincero frente às notícias de que os cristãos estavam avançando resolutamente no caminho cristão. Colocando a questão de modo básico, a oração de Paulo é o produto da sua paixão pelas pessoas. Seu fervor sincero em oração não é um sentimentalismo atiçado, mas o transbordamento do seu amor por irmãos e irmãs em Cristo Jesus.

Isso significa que, se quisermos melhorar a nossa vida de oração, devemos fortalecer o nosso amor. Ao crescermos em amor disciplinado, sacrifical, nos desenvolveremos também na oração de intercessão. Orações superficialmente ferventes, destituídas desse tipo de amor são ocas, rasas, um embuste.

A oração de Paulo: uma paixão permanente pelas pessoas (3.9-13)

Há várias maneiras úteis de se dividir essa oração para que possamos entendê-la melhor. Entretanto, para manter o tema deste capítulo, é melhor analisá-la sob uma perspectiva em particular: como exatamente é que o povo de Deus – nesse caso, os de Tessalônica – aparecem nessa oração? Existem quatro temas que revelam a paixão perseverante de Paulo pelos seus irmãos e irmãs em Cristo.

1. Paulo ora com copiosa gratidão pelo povo de Deus (3.9). Pode-se pensar que, depois de descrever a sua gratidão a Deus pelos tessalonicenses no primeiro capítulo (1.2,3), e declarar abertamente o seu deleite impassível por causa das boas notícias trazidas por Timóteo (3.6-8), Paulo poderia agora dispensar ações de graças adicionais. Mas não é assim que ele vê as coisas. Ele segue em frente com o mesmo tom de gratidão, se possível, com exuberância maior ainda: "Pois que ações de graças podemos tributar a Deus no tocante a vós outros, por toda a alegria com que nos regozijamos por vossa causa, diante do nosso Deus?" (3.9).

Tanto no capítulo inicial deste livro sobre oração, como na primeira parte deste capítulo, tivemos muitas oportunidades de observar como as ações de graça são importantes na vida de oração de Paulo. Sem voltar ao mesmo assunto, é importante salientar duas características distintivas desse exemplo de abundante gratidão.

Apesar de a gratidão não ser endereçada aos tessalonicenses, mas ao Deus dos tessalonicenses, no entanto ela é colocada de modo a encorajá-los. Podemos entender melhor isso se contrastarmos a abordagem de Paulo com duas alternativas. Primeira, o bajulador que dá tapinhas nas costas de todo mundo e sempre elogia a todos. Indiferente à qualidade do trabalho, esse extrovertido chega e berra: "Que trabalho impressionante! Um maravilhoso desempenho. Nunca vi flores tão bem arranjadas". "Uma brilhante exposição. Absolutamente brilhante!" "Não

sei o que os introdutores fariam sem a sua contribuição." Os tapinhas nas costas e os cumprimentos são distribuídos com tanta profusão que você fica se perguntando se essa pessoa está querendo vencer uma competição de popularidade. Talvez essa enxurrada de elogios seja organizada de modo a induzir a retribuição dos mesmos: se você louva as pessoas o bastante, elas começam a louvá-lo também. Elas acham que não têm outra escolha. Apesar de todo esse estímulo jovial, logo surge a dúvida a respeito do nível de discernimento desse bajulador. O que começa como um dom de encorajamento torna-se um tipo de hábito vulgar, uma frivolidade superficial regurgitada em todas as direções sem discrição ou sinceridade. Isso pode fazer algumas pessoas se sentirem bem, mas pode perturbar outras. Isso não promove santidade em ninguém.

Em segundo lugar, os tipos teologicamente sóbrios e exigentes estão profundamente comprometidos com a verdade de que todo o louvor no final pertence somente a Deus, e assim eles raramente agradecem a você por alguma coisa – e quando o fazem, apenas a contragosto. Eles reconhecem, corretamente, que tudo de bom que somos ou temos ou fazemos no final das contas vem das graciosas mãos de nosso Pai celestial. Eles concluem, erroneamente, que nenhum encorajamento deveria ser administrado àqueles que são meramente os mediadores secundários dessa graça divina. Você pode passar incontáveis horas no programa missionário e nunca receber uma palavra de agradecimento, para não dizer louvor. Aparentemente, essas pessoas crêem que esse louvor possa subir à sua cabeça e enchê-lo de vaidade de tal modo que se torne perigoso para o seu bem-estar espiritual. Talvez eles pensem que você deva se satisfazer com o "muito bem" de Deus no último dia.

A abordagem de Paulo em muitas das suas epístolas, e aqui não é exceção, é radicalmente diferente desses dois extremos. Ele encoraja os cristãos agradecendo a Deus pela sua graça na vida deles. Mais precisamente, ele estimula os cristãos *dizendo a eles* que ele agradecia a Deus pela graça na vida deles. Desse modo, ele simultaneamente atraía a atenção para o crescimento espiritual dos tessalonicenses, encorajando-os por meio disso, e insistia em que Deus é aquele que deve ser louvado por isso, humilhando-os por meio disso. Simplesmente, não havia um modo de esses crentes ouvirem atenciosamente ao que Paulo dizia e dar tapi-

nhas de congratulações em suas próprias costas de modo presunçoso: Deus, e somente Deus, devia ser louvado pelos sinais de graça na vida deles. Entretanto, eles nada podiam fazer a não ser sentirem-se encorajados a aprender que o próprio apóstolo observou a obra de Deus em suas vidas e se alegrarem por causa disso.

Essa é uma abordagem padrão para Paulo. Vale a pena examinar cuidadosamente de novo suas orações, citadas no capítulo 4, e observar todas as expressões de ações de graças (Rm 1.8-10; 1Co 1.4-9; 2Co 1.3-7; 9.12-15; Ef 1.3ss,15-23; Fp 1.3-6; Cl 1.3-14; 1Ts 1.2,3; 2.13-16; 3.9; 2Ts 1.3ss; 2Tm 1.3-7; Fm 4-7).

Quanta transformação aconteceria nas nossas igrejas se cada um de nós criasse o hábito de agradecer a Deus pelas outras pessoas e dizer a elas pelo que temos agradecido a Deus relativamente às suas vidas! "Roberto, eu agradeço a Deus pela sua fidelidade como diácono. Não há como não prestar atenção na maneira como você cumprimenta cada pessoa pelo nome, até mesmo a menor das crianças, e que você chega cedo e já começa a fazer todos se sentirem bem-vindos. Eu agradeço a Deus pelo seu ministério." "Patrícia, sempre agradeço a Deus pelo modo como você trabalha no berçário, e também pelo modo como você trata os pais que vão até lá deixar seus filhos. Só os céus revelarão o bem que Deus está fazendo por seu intermédio." E assim você pode fazer com as pessoas que você conhece. É óbvio que seria uma hipocrisia dizer essas coisas se você na verdade não agradecesse a Deus por eles. Dizer a outros que você agradece a Deus por eles quando, na realidade, não o faz, seria um jargão religioso barato. Pior ainda, teria a aparência de manipulação.

Assim, o que precisamos então, é uma vida de oração que agradeça a Deus pelo povo de Deus, e depois diz a esse povo de Deus os motivos pelos quais agradecemos a ele.

Essa lição óbvia pode ter alguma coisa a ver com a crescente incidência de aplausos em muitas igrejas ocidentais. Os aplausos eram desconhecidos. Depois, passaram a ser feitos depois de uma música especial. Atualmente, eles, às vezes, interrompem o sermão. Na minha opinião, isso é um passo para trás. É verdade que algumas pessoas podem considerar isso um tipo de equivalente cultural ao "Amém!". Eu entendo a questão, e não gostaria de introduzir um novo legalismo, banindo os aplausos

completamente. Porém, a diferença fundamental entre o "Amém!" e os aplausos deve ser observada: o "Amém!" é direcionado a Deus, e serve também para incentivar a pessoa que está ministrando, enquanto o aplauso, na nossa cultura, comunica aprovação àquele que está se apresentando. Deus é deixado de fora, e o "apresentador" pode ser facilmente induzido ao orgulho. Essa é uma das muitas maneiras pelas quais as regras do mundo do entretenimento têm se introduzido sutilmente no culto público, criando o perigo de destruí-lo de dentro para fora.

As ações de graças de Paulo a Deus pelos crentes tessalonicenses são, em certa medida, agradecimentos por suas próprias fontes maiores de alegria. O fraseado de Paulo é notável: "Pois que ações de graças podemos tributar a Deus no tocante a vós outros, por toda a alegria com que nos regozijamos por vossa causa, diante do nosso Deus?" (3.9). É evidente que, lendo superficialmente, isso poderia significar que Paulo está simplesmente agradecendo a Deus pela sua própria alegria, revelando, assim, uma avaliação egocêntrica: os tessalonicenses são importantes para ele somente porque fazem com que ele se sinta feliz. Se eles estão indo bem, o ministério de Paulo está vindicado; portanto, ele se sente contente, e assim agradece a Deus pela alegria. Paulo, então, começa a assimilar as variações de caráter de um pregador narcisista que avalia tudo pelo critério idólatra da alegria que o ministério lhe dá.

Na verdade, isso seria interpretar o apóstolo de um modo deploravelmente incorreto. As palavras de Paulo são importantes: ele fala da alegria que tem "diante do nosso Deus" por causa dos tessalonicenses. O apóstolo não usa essa linguagem de modo inconseqüente. A alegria que ele sente, longe de fazer dele o centro do universo, é semelhante à alegria no céu entre a multidão de anjos quando um pecador na terra volta-se para o Senhor. Isso é alegria "diante do nosso Deus" – o tipo de alegria compartilhada com Deus, baseada no tipo de acontecimento que faz o próprio Deus ficar contente. Os valores de Paulo estão de acordo com os valores de Deus, de modo que as coisas que dão alegria a Deus alegram também a Paulo.

Na verdade, o testemunho exuberante de Paulo expõe outro aspecto da sua oração. Paulo não faz essa observação a respeito do crescimento entre os crentes tessalonicenses com objetividade analítica, e muito menos com imparcialidade olímpica. Esse não é o comentário de um

sociólogo profissional avaliando a profundidade desse surpreendente "movimento popular". Nem uma aprovação condescendente de um autodeclarado "grande homem", reconhecendo de modo frio e arrogante que seus protegidos estão no caminho certo. Ao contrário, trata-se do regozijo de um homem que diz, realmente: "Eu amo tanto vocês que, quando vejo a graça de Deus em suas vidas, fico completamente jubiloso. Na verdade, o crescimento espiritual de vocês me dá tanta alegria na presença de Deus que me sinto profundamente em débito com vocês – e sou cada vez mais impelido a agradecer a Deus por vocês". É nesse espírito que Paulo diz a seus leitores: "Sim, vós sois realmente a nossa glória e a nossa alegria!" (2.20). Paulo nunca foi um mero profissional; ele estava apaixonadamente envolvido com esse povo.

Há ainda outra sugestão no texto que nos assegura que a alegria de Paulo não é narcisista. Um verdadeiro narcisista nunca escreveria o segundo ponto da oração de Paulo que prova a sua dedicação ardente ao povo de Deus.

2. Paulo ora para que seja capaz de fortalecer esses crentes (3.10,11). "Orando dia e noite", escreve ele, "com máximo empenho, para vos ver pessoalmente, e reparar as deficiências da vossa fé" (v.10). Então, ele muda a forma da sua oração, referindo-se a Deus na terceira pessoa, mas continuando no mesmo tema: "Ora, o nosso mesmo Deus e Pai, e Jesus, nosso Senhor, dirijam-nos o caminho até vós" (v.11). Essa é a oração, não de um narcisista, mas de um servo.

Há três detalhes que merecem a nossa atenção. Primeiro, Paulo afirma que ele faz essa petição "dia e noite". Todas as vezes que Paulo declara que ele "sempre" agradece a Deus (p. ex., 1Co 1.4; Fp 1.4) ou "incessantemente" agradece a Deus (p. ex., 1Ts 1.2; 2.13) ou, como aqui, pede a Deus "dia e noite", não devemos pensar que Paulo está recorrendo à linguagem hiperbólica, que, tomada literalmente, significaria que o apóstolo nunca tinha tempo para comer ou para dormir. Não devemos pensar nele como pairando num constante (ainda que mal definido) "espírito de oração", com muito pouco de oração concreta. Ele quer dizer que, nos seus momentos regulares de oração, dia e noite, ele se lembra dos tessalonicenses diante do Senhor.[1] Há duas lições a aprender: a importância dos horários freqüentes e regulares de oração, e a importância de lembrar das coisas certas quando começamos a orar.

Veremos mais a esse respeito no próximo capítulo. No momento, basta observar que Paulo está constantemente orando por outros cristãos. Quando contrastamos essa verdade com a inclinação que muitos de nós temos de orar quase exclusivamente por nós mesmos, ficamos envergonhados.

Em segundo lugar, o dever que Paulo sente de orar constantemente, ao lembrar-se deles nos seus momentos de oração dia e noite, é que ele possa vê-los novamente para complementar o que está faltando na fé deles. A deficiência deles vem da ignorância, e não de rebelião. Paulo esteve com eles por tão pouco tempo que não teve a oportunidade, naquela primeira visita, de firmá-los nas Escrituras. Agora, ele deseja ardentemente vê-los novamente, com o único propósito de fortalecer a fé deles.

O que é notável nessa petição não é apenas o enfoque que ela dá ao que Paulo considera importante e no seu compromisso com os irmãos e irmãs em Cristo, mas também o modo como mistura a oração intercessora com seu próprio serviço. Ele não ora simplesmente para que a fé dos tessalonicenses possa ser fortalecida, deixando os meios indefinidos (a fé deles seria fortalecida por algum outro apóstolo ou mestre? Pelo próprio Deus?); não, ele ora para que ele próprio pudesse fazê-lo. Ele é como Isaías depois da sua visão do Todo-poderoso: "Eis-me aqui, envia-me a mim" (Is 6.8).

Para Paulo, a oração não substitui o serviço cristão; ela é parte dele. E, aparentemente, ele não podia orar longo tempo pelos crentes sem desejar servi-los. Isso era verdade até mesmo com relação aos crentes que Paulo ainda não havia encontrado, mas pelos quais orava mesmo assim (Rm 1.11).

Essa disposição deve estar em todos nós. Relativamente poucos de nós são chamados para um ministério transcultural; poucos de nós serão capazes de ministrar pessoalmente a todos os crentes pelos quais devemos orar constantemente. Mas a mentalidade de serviço deve estar em todos nós, especialmente quando oramos. Não há dúvida de que todos nós podemos fazer alguma coisa. Ao mesmo tempo que oramos pelos crentes que conhecemos, podemos também escrever uma carta de encorajamento, criar laços de amizade com um adolescente que está começando a sair do caminho cristão, levar uma criança sem pai para pescar, começar um estudo bíblico indutivo para jovens cristãos no bairro, dirigir calmamente uma humilde palavra de advertência a alguém que

está causando mal com sua língua descuidada, enviar alguns livros para um pastor que está servindo no chamado Terceiro Mundo. Essas coisas não devem ser feitas sem oração; reciprocamente, orar como Paulo orava vai nos impelir a fazer algumas dessas e outras coisas mais. Tanto na nossa oração quanto no nosso serviço pessoal imediato, nos esforçaremos por preencher o que estiver faltando na fé de alguém.

Em terceiro lugar, é notável que Paulo estava ciente dos fatores que o impediam de servir como ele gostaria. Anteriormente, ele havia testificado: "Por isso, quisemos ir até vós (pelo menos eu, Paulo, não somente uma vez, mas duas); contudo, Satanás nos barrou o caminho" (2.18). Não fazemos idéia do modo que essa oposição satânica tomou, mas a oração de Paulo agora é que "o nosso mesmo Deus e Pai, e Jesus, nosso Senhor, dirijam-nos o caminho até vós" (3.11). Esses obstáculos não restringem as suas orações, mas incitam-no a um fervor ainda maior. Eles não são razão para desânimo, mas para uma intercessão renovada.

Todos esses três detalhes fortalecem a relação entre a vida de oração de Paulo e sua paixão pelo povo de Deus.

3. Paulo ora para que haja um transbordamento de amor entre esses crentes (3.12). "E o Senhor vos faça crescer, e aumentar no amor uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco" (3.12). "O Senhor" aqui se refere ao Senhor Jesus, mencionado no versículo imediatamente anterior. Uma tradução mais literal pode ser: "e o Senhor [Jesus] vos faça crescer, e abundar no amor uns para com os outros...". O aumento que Paulo considera aqui não é em termos numéricos, mas em espírito, força, perspectiva, coração (como em 2Co 6.11,13, embora lá o verbo seja um pouco diferente; daí a versão perifrástica, mas correta).

Considerando a quantidade mínima de instrução cristã que os tessalonicenses receberam antes que Paulo fosse forçado a deixá-los, não é extraordinário que isso seja uma das obrigações da oração de Paulo? Ele não restringe a sua oração a considerações doutrinárias, orando somente para que a compreensão dos crentes em Tessalônica pudesse aumentar. Ele ora para que o amor deles pudesse aumentar e transbordar.

É importante reconhecer o quanto essa conduta contrariaria as convenções do mundo antigo. Na maioria das camadas sociais greco-roma-

nas, existia um tipo de contrato social entre aqueles considerados "benfeitores" e os outros. Grupos inteiros de relacionamentos dependiam desses costumes. Uma pessoa razoavelmente bem de vida forneceria alimento, primazia, emprego, honra, dinheiro; em troca, essa pessoa exigiria lealdade, várias formas de serviço, ou informações privilegiadas. Se alguém nutrisse alguma esperança de subir dentro desse sistema, era essencial que cumprisse essas obrigações. Um trabalhador comum não estaria propenso a demonstrar afeição ou lealdade a seus cooperadores; ele desejaria demonstrar afeição e lealdade a alguém que fosse seu "benfeitor", alguém um pouco mais elevado na hierarquia social.

Paulo não admitia isso, nem na igreja nem no modo como os cristãos tratavam os de fora. É verdade que em outra parte ele insiste que os cristãos honrem a quem a honra é devida. No entanto, aqui ele ora para que o amor dos cristãos aumente e transborde "uns para com os outros" (isto é, por crentes na igreja) "e para com todos" (isto é, para com os de fora da comunhão). De igual modo, ele escreve um pouco mais tarde na carta: "Evitai que alguém retribua a outrem mal por mal; pelo contrário, segui sempre o bem entre vós e para com todos" (5.15).

Esse mundo é difícil, cruel. Existem várias afirmações de afeição, muitas formas de pseudo-amor, seja na antiga civilização greco-romana ou na nossa própria. Mas o amor cristão maduro, profundo e ilimitado é um produto raro. Quando ele é demonstrado, fala muito alto a uma sociedade que se farta de egoísmo, luxúria, pactos de admiração mútua, mesmo conhecendo tão pouco de amor. Mostre-me uma igreja em que o coral é conhecido como o Departamento de Guerra, em que as pessoas divergem sobre estratégias evangelísticas ou sobre a cor do carpete, e eu lhe mostrarei uma igreja que não tem orado dessa maneira por um longo tempo. Pelo contrário, veremos uma renovação espiritual profunda se pela graça de Deus nos comprometermos a não desconsiderarmos ninguém – mas colocá-los na nossa lista de oração.

Essa é a razão pela qual Paulo volta a essa petição repetidamente. Ela virá à tona de uma forma ou de outra nas duas próximas orações que examinaremos. No momento, basta comparar a nossa própria vida de oração com a de Paulo e perguntar a nós mesmos até que ponto temos feito dessa petição um interesse apaixonado nas nossas próprias orações.

4. Paulo ora para que esses crentes sejam tão fortalecidos no coração que sejam irrepreensíveis e santos quando o fim vier (3.13). "A fim de que seja o vosso coração confirmado em santidade, isento de culpa, na presença de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos" (3.13). No pensamento bíblico, o coração é não somente o centro da personalidade, o assento da vontade e do entendimento, mas também o lugar onde os motivos ocultos são moldados (cf. 2.4: "... não para que agrademos a homens e sim a Deus, que prova o nosso coração".). Se o nosso coração for fortalecido, se a nossa resolução e a nossa sincera sujeição a Jesus Cristo forem aumentadas, então não precisaremos temer o dia do Senhor. Servimos àquele de quem se diz que "trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e, então, cada um receberá o seu louvor da parte de Deus" (1Co 4.5).

Paulo ora para que os cristãos sejam tão fortalecidos que se tornem "confirmados em santidade, isentos de culpa, na presença de nosso Deus e Pai" – não de acordo com os padrões temporais e mundanos, mas santos e irrepreensíveis na presença de um Deus santo. Paulo quer que "vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo" (Fp 2.15). É por isso que ele ora.

Paulo ora por essas coisas à luz do fim: "na vinda de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos" (v.13). Agora, a relação com o primeiro capítulo deste livro torna-se clara. Lá, nós vimos como Paulo ora com valores eternos em vista; aqui, descobrimos que ele ora com paixão ardente pelas pessoas. Mas, na verdade, esses não são dois pólos distintos; são facetas da mesma visão. Quando oramos pelas pessoas, devemos fazê-lo sabendo que essas pessoas, e nós mesmos, estamos inevitavelmente nos movendo na direção do último dia. Quando oramos com valores eternos em mente, somos levados a orar pelas pessoas, porque pessoas como você e eu são as que prestarão contas a Deus no último dia.

A partir dessa perspectiva, não há uma oração que possamos fazer pelas pessoas que seja mais fundamental do que esta: que Deus possa fortalecer o coração delas de tal modo que elas sejam irrepreensíveis e santas na presença do nosso Deus e Pai no último dia.

Quando foi a última vez que você elevou essas petições a Deus pelas pessoas?

Perguntas para revisão e reflexão

1. De que maneiras a oração de Paulo em 1 Tessalonicenses 3.9-13 mostra a sua paixão pelas pessoas?
2. Estabeleça para si próprio a tarefa de orar fielmente por um cristão (ou cristãos) por quem você não ora. Depois de fazer isso por alguns meses, diga à pessoa que você está fazendo isso – e continue orando.
3. De acordo com essa passagem, qual é a fonte de alegria de Paulo? Qual é a sua? Como a nossa fonte de alegria pode estar relacionada com o conteúdo das nossas orações?

6

O conteúdo de uma oração desafiadora

Colossenses 1.9-14

A mais importante das fontes que continua a moldar a minha vida de oração e também a de maior autoridade é a própria Bíblia. O estudo das Escrituras, com o objetivo de fortalecer a vida de oração, tem dois focos. O primeiro é geral e abrangente: quanto mais aprendermos sobre Deus, seus caminhos e suas perspectivas, mais desenvolveremos a nossa compreensão não somente da teologia elementar, mas também da oração. Toda a prática da oração já pressupõe uma teologia subjacente; por outro lado, a nossa teologia terá uma influência decisiva na nossa vida de oração. É evidente que essa influência não tem apenas uma direção: também é verdadeiro dizer que as nossas orações (ou a falta delas) também influenciarão a nossa teologia. Mesmo assim, uma compreensão mais profunda das Escrituras com certeza influenciará a nossa vida de oração de modo a reformá-la.[1]

O segundo foco é limitado e vigoroso: o estudo das orações das Escrituras. Aprenda a argumentar na oração com Moisés, a cantar com Davi, a ser perspicaz e expansivo com Salomão na dedicação do templo. Analise o significado de fazer a oração ensinada a nós pelo próprio Senhor Jesus. Aprenda a orar com Paulo. Esse estudo nos ajudará a identificar pelo que orar, como nos aproximarmos de Deus, os fundamentos corretos para as

A oração de Paulo pelos colossenses

3Damos sempre graças a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, quando oramos por vós, 4desde que ouvimos da vossa fé em Cristo Jesus e do amor que tendes para com todos os santos; 5por causa da esperança que vos está preservada nos céus, da qual antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho, 6que chegou até vós; como também, em todo o mundo, está produzindo fruto e crescendo, tal acontece entre vós, desde o dia em que ouvistes e entendestes a graça de Deus na verdade; 7segundo fostes instruídos por Epafras, nosso amado conservo e, quanto a vós outros, fiel ministro de Cristo, 8o qual também nos relatou do vosso amor no Espírito.

9Por esta razão, também nós, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós e de pedir que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual; 10a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus; 11sendo fortalecidos com todo o poder, segundo a força da sua glória, em toda a perseverança e longanimidade; com alegria,

nossas petições. Para nos limitar por um momento às petições nas orações de Paulo, devemos nos perguntar o quanto as petições que normalmente apresentamos a Deus distam dos pedidos que Paulo faz nas suas orações. Suponha, por exemplo, que 80 ou 90% das nossas petições pedem a Deus boa saúde, recuperação depois de uma doença, segurança nas estradas, um bom emprego, sucesso em exames, as necessidades emocionais dos nossos filhos, sucesso na nossa solicitação de financiamento e muito mais coisas desse tipo. Quanto das orações de Paulo gira em torno de questões equivalentes? Se o centro das nossas orações estiver distante do centro das orações de Paulo, então até mesmo a nossa própria vida de oração pode servir como um testemunho infeliz do notável sucesso dos processos de paganização na nossa vida e no nosso pensamento.

Essa é a razão porque precisamos estudar as orações de Paulo. A que está diante de nós nos proporciona lições em duas áreas.

12dando graças ao Pai, que vos fez idôneos à parte que vos cabe da herança dos santos na luz. 13Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor, 14no qual temos a redenção, a remissão dos pecados.

15Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; 16pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. 17Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste. 18Ele é a cabeça do corpo, da Igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia, 19porque aprouve a Deus que, nele, residisse toda a plenitude 20e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus.

(Cl 1.3-20)

Lições do cenário da oração

1. Paulo ora por cristãos que nunca encontrou pessoalmente. Paulo escreve que "desde o dia em que *o ouvimos*, não cessamos de orar por vós" (1.9, ênfase acrescentada). Nas três primeiras orações que examinamos, Paulo orava por cristãos a quem ele conhecia pessoalmente. Na verdade, eles eram cristãos pertencentes a uma igreja que ele próprio tinha fundado. Mas aqui, Paulo está escrevendo a uma igreja que ele nunca visitou, uma igreja aparentemente fundada por Epafras, este próprio um colossense que provavelmente foi levado ao Senhor por intermédio do ministério de Paulo em Éfeso (Cl 1.7; 4.12,13; At 19.1,8-10).

Apesar de nunca tê-los visitado, Paulo assegura aos cristãos colossenses que ele orava por eles – pelos seus netos espirituais, por assim dizer. Aparentemente, Paulo havia acrescentado os crentes colossenses à sua

lista de oração, certificando-se assim de nunca parar de orar por eles, e, cada vez que chegava uma nova notícia a respeito da obra de Deus naquele lugar, ela se tornava um estímulo à constante intercessão de Paulo a Deus por eles.

Devemos nos questionar a respeito da amplitude da nossa própria prática na oração. Todas as nossas petições giram em torno da nossa própria família e da igreja, do nosso próprio estimado, mas pequeno, círculo de amigos? É claro que somos primeiramente responsáveis por orar pelo nosso próprio círculo. Se não orarmos pelo nosso próprio círculo, quem o fará? Mas se esse for o alcance máximo das nossas orações, nós nos tornamos limitados, introvertidos. Nossas orações podem ser uma indicação do quanto o nosso mundo é pequeno e egocêntrico.

É evidente que não podemos orar por todos os crentes em todos os lugares, exceto em termos bem gerais. Porém, prestar atenção em informações a respeito de cristãos em várias partes do mundo que nunca visitamos nos fará bem, assim como descobrir o que pudermos acerca deles, e aprender a interceder a Deus em favor deles. Isso não é só uma importante expressão da comunhão da igreja, mas uma disciplina crucial que alargará os nossos horizontes, ampliará o nosso ministério e nos ajudará a nos tornarmos cristãos mundiais.

2. Paulo ora incessantemente. Já cruzamos antes com esse elemento da vida de oração de Paulo. Aqui, nós o encontramos novamente: "desde o dia em que o ouvimos, *não cessamos de orar* por vós" (1.9, ênfase acrescentada). Já observamos que isso não significa que a prática da oração por Paulo era uma experiência mística incessante, ou que a sua afirmação é um exagerado e extravagante uso de linguagem. Antes, apesar de Paulo manter um espírito de oração enquanto desempenhava a sua rotina de atividades normais, ele preservava horários estabelecidos para a oração (como Rm 1.9,10 sugere). Resumindo, Paulo está dizendo aos colossenses que, desde que ouviu a respeito deles, determinou a si mesmo interceder a Deus em favor deles no seu horário disciplinado, regular; ele "não cessou de orar" por eles.

O ponto a ser enfatizado aqui é que existem certas coisas pelas quais não devemos parar de orar. Alguns livros sobre oração defendem com tal urgência os pedidos específicos que essa perspectiva mais ampla é

negligenciada. Quando Paulo diz aos colossenses que ele "não cessava de orar por eles", sugere que existem algumas coisas pelas quais devemos orar repetidamente. A oração é o meio apontado por Deus para nos apropriarmos das bênçãos que são nossas em Cristo Jesus. Muitas das melhores dessas bênçãos nós necessitamos constantemente e, assim, devemos pedi-las sem cessar – como a criança educada num lar caracterizado pela cortesia, em que o meio de obter as coisas, até mesmo as necessárias, é um pedido respeitoso. Por exemplo, os cristãos aprendem a agradecer a Deus, a cada refeição, pelo seu alimento; a oração que o Senhor nos ensinou supõe que devemos pedir o alimento diariamente. Da mesma maneira, de nada servirá estabelecer um horário hoje para pedir a Deus para nos santificar, se não voltarmos a esse pedido durante seis meses ou mais. De algumas bênçãos de Deus nós precisamos constantemente, e ao pedirmos essas bênçãos repetidamente a Deus, ele supre novamente a nossa necessidade.

Esse é o tipo de coisa que Paulo tem em mente quando diz aos colossenses que ele "não cessa de orar" por eles. Existem certas coisas que os cristãos precisam muitas vezes, constantemente, para viverem e servirem como cristãos. Por essas coisas Paulo intercede a seu Pai celestial em favor dos colossenses. Essa natureza incessante da sua vida de oração serve, é claro, como modelo para nos encorajar a aprender a persistência na oração. Porém, talvez mais importante, desperta a nossa curiosidade: pelo que Paulo pensa que deve orar constantemente, seja em favor dos colossenses ou de qualquer outra pessoa? É pelas mesmas coisas que nós oramos constantemente?

3. Paulo liga orações de ações de graça com orações de petição. "*Por esta razão*", escreve Paulo, "*também nós, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós*" (1.9, ênfase acrescentada). Novamente observamos que as petições de Paulo são, de algum modo, relacionadas às suas ações de graça (vs.3-7). Os tipos de coisas pelas quais Paulo agradece a Deus são os mesmos pelos quais ele pede. Porém, pelo fato de já termos observado essa relação em duas das orações de Paulo, não quero me demorar nesse mesmo ponto. Antes, quero observar que essas relações entre os agradecimentos de Paulo a Deus e a sua intercessão diante de Deus nos leva a uma conclusão extremamente importante: apesar de sermos inclinados a orar por pessoas e

situações quando já há uma necessidade desesperadora, a prática comum de Paulo é orar por questões em andamento.

Considere, primeiramente, a nossa própria experiência. É claro que podemos orar quando as coisas vão bem. Porém, não é verdade que somos propensos a orar com muito mais urgência quando as coisas estão indo mal? Quando há enfermidade, problemas financeiros, queda moral, dissensão na igreja, uma decisão difícil, tensões na família – essas são situações que nos levam a orar. Isso não é mal em si próprio. Sempre é estimulante encontrar cristãos que levam as suas necessidades e temores imediatamente a Deus.

Porém, se orarmos somente nessas situações, nós estaremos negligenciando uma grande lição da vida de oração do apóstolo. A freqüência com a qual ele relaciona suas ações de graça por sinais da graça nas vidas desse ou daquele grupo de crentes com suas petições por mais sinais da graça nas vidas dos mesmos crentes, não pode ser acidental. Quando Paulo fica sabendo da ação de Deus em alguma igreja, ele dá graças; então, ele ora por mais dessas ações, dirigido, talvez, pelo conhecimento que tem das necessidades especiais e tendências desse grupo particular de crentes. As boas notícias que ele ouve a respeito desse grupo não inspiram apenas os agradecimentos. Paulo não agradece por uma igreja em particular, de modo a sugerir que as suas petições agora podem se dirigir a outros grupos de crentes, aqueles, talvez, que estejam em circunstâncias mais difíceis.

Sem dúvida, Paulo intercede quando existem barreiras a serem ultrapassadas; a questão aqui é que ele também intercede quando há sinais de vida, poder e graça, pois sua preocupação é que esses sinais sejam protegidos e incrementados.

O que devemos perguntar a nós mesmos é se nosso instinto está na mesma direção. Nós nos sentimos mais compelidos a orar quando a nossa igreja está a ponto de se dividir ou quando acontecem muitas conversões? Nós nos sentimos tão ávidos a interceder pelos nossos filhos quando eles parecem estar fazendo grande progresso na fé quanto quando eles estão sucumbindo às influências de amigos mal escolhidos? Pedimos a Deus evidência da perseverança e do amor generoso entre cristãos que conhecemos quando já testemunhamos algumas dessas virtudes neles?

Nós realmente oramos por questões atuais?

Lições sobre o conteúdo da oração (1.9-14)

Pelo que é, então, que Paulo ora repetidamente em favor dos crentes colossenses, como se o suprimento tivesse de ser constantemente renovado? Nessa oração, só existe uma petição, seguida por uma declaração do seu propósito e uma descrição da maneira como a resposta de Deus à petição surte efeito na vida diária.

1. Paulo pede a Deus para encher os crentes do conhecimento da sua vontade. "Por esta razão", escreve Paulo, "também nós, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós e de pedir que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual" (1.9).

Precisamos analisar o que Paulo quer dizer com "conhecimento de sua [i.e, de Deus] vontade" do qual ele quer que os crentes transbordem. Muitas vezes, somos inclinados a usar a expressão *a vontade de Deus* para nos referir à vontade de Deus para a minha vocação ou para algum aspecto do meu futuro que é determinado por uma escolha iminente. Nós "procuramos a vontade de Deus" a respeito de com quem devemos nos casar, sobre compras mais vultuosas, que igreja freqüentar quando nos mudamos para uma nova cidade.

Nada disso é intrinsecamente errado. Existem muitas maneiras pelas quais o Senhor nos dirige, e não devemos desprezá-las. Entretanto, esse foco é geralmente enganoso, talvez até perigoso, por encorajar-me a pensar acerca da "vontade de Deus" primariamente em termos do meu futuro, da minha vocação, das minhas necessidades – e esta com freqüência é outra forma de egocentrismo, não importa quão piedosamente apresentada. Pior ainda, ela apaga de minha consciência as formas dominantes pelas quais a Bíblia fala da vontade de Deus.

Considere passagens como as seguintes: "Ensina-me a fazer a tua vontade, pois tu és o meu Deus; guie-me o teu bom Espírito por terreno plano" (Sl 143.10). Nessa passagem, fazer a vontade de Deus é virtualmente sinônimo de obedecer ao que Deus ordenou. O que Deus ordenou é a sua vontade; a nossa responsabilidade é cumprir. O salmista aqui não nos estimula a encontrar a vontade de Deus, pois ele supõe que a mesma já é conhecida. Pelo contrário, ele está preocupado com o desempenho dessa vontade. Quando ele diz "Ensina-me", ele não diz, "Ensina-me a tua vontade", mas "Ensina-me *a fazer* a tua vontade".

Paulo exorta os cristãos romanos: "E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Rm 12.2). Aqui a suposição é que a transformação de caráter e de conduta trazida pela renovação da mente do cristão é precisamente o que prepara esse cristão para provar e aprovar a vontade de Deus – ou seja, descobrir pessoalmente e pela experiência que os caminhos dele são os melhores.

Em outra passagem encontramos: "Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios e sim como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus. Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor" (Ef 5.15-17). Nesse contexto, "compreender qual a vontade do Senhor" não pode ser reduzido a uma procura meramente intelectual. Contra o mal e a loucura da sociedade ao redor, em que, por causa do ócio e do hedonismo, as pessoas desperdiçam oportunidades que o Senhor graciosamente dá, os cristãos devem aproveitar ao máximo as oportunidades, evitar a tolice, mostrando, desse modo, que eles compreendem o que é a vontade do Senhor. Os versículos seguintes contrastam a devassidão da embriaguez com a alegria de estar cheio do Espírito, um preenchimento que resulta em relacionamentos corretos em todos os níveis da sociedade (Ef 5.18–6.9). Esse é o modo em que a compreensão da "vontade do Senhor" terá efeito na vida dos crentes.

Em outro lugar, Paulo escreve: "Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação" (1Ts 4.3a); e novamente: "Regozijai-vos sempre. Orai sem cessar. Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco" (1Ts 5.16-18). Quando alguns cristãos perpetuamente mal-humorados e lamurientos me procuram, digo-lhes que sei qual é a vontade de Deus para a vida deles: "Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco". É tolice fingir que você está procurando a vontade de Deus para a sua vida, em termos de um cônjuge ou alguma forma de vocação cristã, quando não há um desejo profundo de adotar a vontade que Deus já revelou bondosamente.

A segunda parte desse versículo que precisa de explicação é a frase *em toda a sabedoria e entendimento espiritual*. Essa tradução supõe que a sabedoria e o entendimento espiritual constituem o meio pelo

qual Deus nos enche do conhecimento de sua vontade. Talvez seja melhor considerar que a preposição grega signifique "que consiste de":[2] o conhecimento ou a percepção da vontade de Deus consiste de toda sabedoria e entendimento espiritual. Conhecimento da vontade de Deus é mais do que conhecimento de um certo grupo de doutrinas (apesar de não poder facilmente ser menos). O conhecimento da vontade de Deus consiste de sabedoria (muito freqüentemente relacionada, nas Escrituras, a saber *como* viver) e entendimento de todos os tipos, num nível espiritual.

É por isso que Paulo ora pelos colossenses. Sua oração é motivada em parte pelo seu interesse acerca do namoro deles com o sincretismo e o pluralismo da sua época. Essas tendências perigosas acabariam por reduzir Cristo a uma importância meramente relativa, e Paulo não aceitaria isso. No capítulo seguinte, ele escreve: "Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo; porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade. Também, nele, estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade" (2.8-10). Do mesmo modo aqui: Paulo ora para que eles possam ser enchidos com o conhecimento da vontade de Deus, um conhecimento que consiste de sabedoria e entendimento de todos os tipos, num nível espiritual. De que outra maneira eles suportariam as pressões da sua cultura pagã adjacente, pressões que são tão sutis quanto endêmicas? De que outra maneira eles pensariam de modo cristão, e levariam genuinamente a mente, o coração e a conduta deles a uma conformidade com a vontade de Deus?

Existe alguma coisa de que a nossa própria geração precise mais urgentemente do que isso? Alguns de nós temos seguido toda moda, imitado muitos, adotado tudo o que a publicidade nos apresenta de modo atrativo, perseguido todo encontro com a mídia. Outros de nós temos estimado rigidamente toda tradição, determinado a mudar o menos possível, adorado o que é antigo simplesmente por ser antigo. Mas onde estão os homens e mulheres cujo conhecimento de Deus é tão vivaz quanto profundo, cujo deleite em ter os pensamentos de Deus assegura que o seu estudo das Escrituras nunca seja meramente intelectual e distante de si próprio, cujo desejo de agradar a Deus supera com facilidade os desejos corruptos remanescentes de brilhar em público?

As pessoas não vivem somente de pão e banheiras de hidromassagem. Necessitamos desesperadamente de uma dependência meditativa e refletiva de toda palavra que procede da boca de Deus (Dt 8.3; Mt 4.4). A necessidade adquire uma urgência dolorosa quando descobrimos que até mesmo dentro de nossas igrejas, sem falar na nação toda, existem padrões do mais básico conhecimento bíblico que estão em franca decadência. É verdade que um conhecimento básico da Bíblia não assegura o tipo de conhecimento da vontade de Deus que Paulo tem em mente. Porém, a ignorância da Bíblia, o lugar focal em que Deus tão generosamente expôs a sua vontade, assegura muito bem que não seremos enchidos com esse conhecimento da vontade de Deus, conhecimento que consiste em toda sabedoria e entendimento espiritual.

Não é de admirar, então, que isso seja algo pelo qual devamos orar constantemente. Se não estivermos orando freqüentemente nesses termos, é para nossa grande vergonha. Poucas necessidades exigem com mais urgência a nossa intercessão diante do nosso misericordioso Pai celestial do que essa. O crescimento rápido de muitas igrejas na África sub-saariana e na América Latina, por exemplo, por mais humilhante e sensacional quanto possa ser, correrá risco a menos que seja acompanhado de um conhecimento mais profundo da vontade de Deus. E no mundo ocidental, onde muitas das igrejas continuam a esbanjar a sua notável herança na graça de Deus, o conhecimento de Deus declina, enquanto o nosso fascínio pelas técnicas e pelas modas aumenta. Essas não seriam razões para nos juntarmos a Paulo na sua oração para que Deus possa fazer os cristãos transbordarem do conhecimento da sua vontade?

2. O propósito do pedido de Paulo é que os crentes possam ser completamente agradáveis ao Senhor Jesus. Depois de articular as suas petições, Paulo revela a razão da sua oração: "a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus" (1.10). Nós já tínhamos deparado com esse pensamento anteriormente. Em 2 Tessalonicenses 1.5, por exemplo, Paulo assegura aos cristãos em Tessalônica que eles serão "considerados dignos do reino de Deus" pelo qual estão sofrendo (veja cap. 1 deste livro). Porém, aqui, a linguagem é ainda mais forte, porque é mais pessoal. O propósito da oração de Paulo é que

os crentes possam levar uma vida "digna do Senhor" – um padrão extraordinariamente alto, e de alguma maneira mais embaraçosamente exigente do que "dignos do reino de Deus".

No caso de os seus leitores serem vagarosos para descobrir o que "digno do Senhor" significa em termos práticos, Paulo já diz: "para o seu [i.e., do Senhor Jesus] inteiro agrado". Isso é o que significa viver uma vida digna do Senhor.

Nós teríamos uma visão mais clara do que isso significa se vivêssemos numa cultura de desonra. Numa cultura de desonra, uma das piores coisas que você pode fazer é trazer vergonha para a sua família, o seu clã ou sua tribo. Geralmente, existe uma série de tabus conhecidos e aceitos, e o povo que pertence àquela cultura se esforça ao máximo para não transgredir aqueles tabus, uma vez que fazê-lo incorreria em terrível desonra.

Não muito tempo atrás, um estudante coreano que tentava uma graduação em pesquisa numa conhecida universidade britânica aproximou-se de mim para perguntar se eu poderia dar-lhe algum conselho. Seu problema era ao mesmo tempo simples e complexo. Simples, porque ele estava indo muito mal em todo o seu trabalho, e estava claro que a universidade ia tirá-lo do programa. Ele precisava aceitar essa dura realidade. No nível mais complexo, ele tinha que lidar com a sua família que estava em Seul. Sua mãe e seu pai tinham se sacrificado para enviá-lo para o Reino Unido, e não podiam conceber a possibilidade de que o seu filho não conseguiria terminar a faculdade. O estudante estava completamente perturbado. Seus pais e irmãos o estavam pressionando para que tivesse êxito de uma forma ou de outra – transferir-se para outra universidade talvez, ou para outro programa, ou para outro tipo de graduação. Se ele voltasse para casa sem um diploma, traria uma vergonha devastadora sobre toda a família.

Geralmente, no mundo ocidental não pensamos nesses termos. É claro que algumas famílias agem dessa maneira, e nenhuma pessoa que tenha alguma sensibilidade deseja desapontar os seus queridos que se sacrificam para lhe dar condições de melhorar na vida. Ainda assim, não vivemos numa cultura de desonra. Um resistente individualismo impregna grande parte da ideologia ocidental, e qualquer vergonha que sintamos é insignificante quando comparada com a vergonha trazida

por pressões sociais impostas a pessoas em muitas culturas do mundo. Porém, numa cultura de desonra, ensina-se às pessoas que elas devem ser dignas do nome de suas famílias, dignas do seu país e da sua cultura. Em contraste com isso, muitos ocidentais são aplaudidos quando agem em inflexível independência de seus iguais.

A maioria das culturas no século 1º se aproximava do padrão de uma cultura de vergonha. Porém, em vez de insistir em que os cristãos vivessem à altura das expectativas da igreja – nossa tribo, se preferir – Paulo diz a eles que devem viver à altura das expectativas do Senhor da igreja. Eles não devem levar uma vida digna da igreja, mas digna do Senhor.

Esse seria um argumento imensamente convincente em uma cultura de desonra. No mundo ocidental, isso é mais do que freqüentemente considerado como apenas uma opção. Mas no mundo de Paulo, ser um cristão, confessar Jesus como Senhor, significava adotar uma visão de mundo em que a pessoa se obriga a agradá-lo de todas as maneiras. Não fazê-lo seria trazer desonra àquele a quem você confessou como Senhor.

Evidentemente, uma cultura de desonra pode manipular as pessoas com terrível crueldade. O preço da coesão social pode ser a destruição da integridade individual. Da mesma maneira, a igreja pode trovejar a verdade de que o nome de Jesus deve ser exaltado, e ainda assim fazê-lo de tal modo que as pessoas são manipuladas, levadas pela culpa sem perdão, pelo poder sem misericórdia, pela conformidade sem graça. Mas a maioria de nossas igrejas no Ocidente sofre de um tipo diferente de problema. Muitos de nós pensamos que podemos pecar e ficar impunes. Estamos debilitados pelo vírus da indiferença.

Se nos juntarmos a Paulo em sua petição, teremos também que estar de acordo com os seus motivos: "a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado". Em pensamento, palavra e obra, em ação e em reação, devo perguntar a mim mesmo: "O que Jesus gostaria que eu fizesse? Que conversa ou conduta é digna dele? Nesse contexto, que tipo de conversa ou conduta devo evitar, simplesmente porque isso o desonraria? O que o agradaria mais?"

Quando feitas e respondidas corretamente, essas simples perguntas transformariam a maneira de trabalharmos, o que fazemos com o nosso

tempo livre, o modo como falamos com o nosso cônjuge e nossos filhos, que responsabilidades assumimos na nossa igreja, o que lemos, o que assistimos na televisão, como tratamos os nossos vizinhos, o que fazemos com o nosso dinheiro.

É claro que não podemos começar a ser totalmente agradáveis a Jesus a menos que Deus nos encha com o conhecimento da sua vontade. Por outro lado, o conhecimento de sua vontade não é um fim em si mesmo, mas tem como objetivo uma maturidade cristã tal que o nosso desejo mais profundo é agradar a Cristo, o Senhor.

Mesmo assim, Paulo não permite que essas preocupações permaneçam num nível teórico ou abstrato. Ele segue adiante descrevendo o que significa ser completamente agradável ao Senhor.

3. Paulo esboça, em termos de quatro características, como é uma vida agradável ao Senhor (1.10b-14). Essas quatro características não são as únicas marcas do crente. Mais propriamente, são traços típicos, e encarnam o que viver "de modo digno do Senhor" realmente significa. No texto grego, elas são sustentadas por quatro particípios.

Cristãos produzem frutos em toda boa obra. Essa é a linguagem de Paulo no versículo 10b. É verdade que os crentes são salvos "pela graça" e "mediante a fé", "e isto . . . não de obras, para que ninguém se glorie" (Ef 2.8,9). Mas a graça franca de Deus na nossa vida tem um propósito irredutível: "Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas" (Ef 2.10).

Os tipos de boas obras demonstrados e o grau de fertilidade variarão muito de um crente para outro. Até mesmo na parábola dos solos, a porcentagem de produção entre os solos produtivos variava consideravelmente (Mc 4.8). Porém, Paulo não pode conceber a idéia de que alguém pudesse ser agradável a Cristo sem ser fértil em boas obras. Ou ainda, a mentalidade de Paulo pode ser apresentada de outro modo: ele ora para que os crentes possam transbordar do conhecimento da vontade de Deus, de tal maneira que eles possam levar uma vida digna do Senhor Jesus e absolutamente agradável a ele – e isso significa ter abundância de boas obras. Não é uma questão de temperamento asceta ou de autoflagelação: é uma questão de produzir frutos (veja Jo 15.1-8).

Os cristãos crescem no conhecimento de Deus. Paulo nunca está satisfeito com o mero *status quo*: os cristãos são organismos que crescem, e não máquinas que simplesmente desempenham a função para a qual foram projetadas.

Ao mesmo tempo, quando Paulo descreve esses crentes como "crescendo no pleno conhecimento de Deus" (1.10b), ele fecha o círculo. A petição na oração de Paulo é que esses crentes pudessem transbordar do conhecimento de Deus, para que eles pudessem levar uma vida digna de Jesus Cristo. Contudo, quando ele descreve um pouquinho da aparência dessa vida, diz que ela é caracterizada pelo crescimento no conhecimento de Deus. Esse não é um círculo vicioso. O que Paulo quer dizer é que o conhecimento da vontade de Deus, conhecimento que consiste de toda sabedoria e entendimento espiritual, torna-se, em parte, obediência, conformidade à vontade de Deus. Para que possamos obedecer a essa vontade, precisamos aprender algumas coisas a respeito dela; a descoberta de mais dessa vontade depende da obediência ao que conhecemos dela.

Em outros termos, existe uma base moral para o conhecimento de Deus. Jesus não disse, em termos semelhantes: "Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo" (Jo 7.17)? Aprender algo da vontade de Deus e usar esse conhecimento para levar uma vida digna do Mestre e completamente agradável a ele é comprometer-se com a obediência. Porém, ao se ocupar com a obediência, você passa a conhecer melhor a Deus. Isso, por sua vez, o impele a mais obediência, que em troca abre novos panoramas no conhecimento de Deus e da sua vontade. É evidente que, na medida em que o seu conhecimento de Deus e de sua vontade aumentam, você é levado a uma obediência maior. Essa obediência é um ponto de acesso a um conhecimento maior de Deus; e assim por diante...

Os cristãos crescem no conhecimento de Deus.

Os cristãos são fortalecidos para demonstrar grande perseverança e paciência. É assim que Paulo pensa a respeito dos crentes: eles estão "sendo fortalecidos com todo o poder, segundo a força da sua glória, em toda a perseverança e longanimidade" (1.11). O que é extraordinário é que o poder pelo qual Paulo ora é freqüentemente relacionado ao poder da ressurreição (Ef 1.19,20; Cl 2.12), mas sua demonstração entre os

crentes, pelo menos à primeira vista, é encontrada não em milagres ou na própria ressurreição deles, mas em grande perseverança e paciência.

"Toda perseverança e longanimidade": a expressão sugere tanto o tipo de resistência que ocorre sob uma opressão, e vence-a com firmeza contínua, quanto o tipo de resistência que sabe como esperar com paciência. Estas não são virtudes populares em nossa época. Nós exaltamos o champanhe: muitas bolhas e muita animação, mas, no final das contas, nada de valor nutricional. Numa época em que os temperamentos são ansiosos, as soluções rápidas são ardentemente solicitadas, o sucesso é venerado, a vitória é estimada, a independência é enaltecida e os triunfos fáceis são prometidos, à primeira vista "toda perseverança e longanimidade" parecem não ser qualidades das mais importantes. Mas a verdade é: elas estão tão além da capacidade humana que requerem o poder do Espírito de Deus. Não devemos confundir essas virtudes com o mero estoicismo (que perde o seu centro moral e, portanto, a sua capacidade para a ofensa justa), e menos ainda com a resistência meramente física. Essas virtudes capacitam o crente a sobreviver com alegria quando perseguido, a triunfar em serenidade e contentamento quando insultado, a confiar na providência completamente sábia e totalmente graciosa de Deus quando alguém está sofrendo como Jó. Quando Jesus vê essas virtudes em nós, ele se agrada.

Os cristãos agradecem alegremente ao Pai. Ações de graças também agradam a Jesus Cristo. Não dar graças seria um testemunho mudo de uma catastrófica perda de perspectiva; agradecer, dar graças com alegria, é lembrar que o Pai "... vos fez idôneos à parte que vos cabe da herança dos santos na luz. Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados" (1.12-14).

Se Deus entendesse que a nossa maior necessidade era econômica, ele teria enviado um economista. Se ele entendesse que a nossa maior necessidade era entretenimento, ele teria enviado um comediante ou um artista. Se Deus tivesse percebido que a nossa maior necessidade era estabilidade política, teria enviado um político. Se ele tivesse percebido que a nossa maior necessidade era na área da saúde, ele teria enviado um médico. Mas ele entendeu que a nossa maior necessidade envolvia o nosso pecado, a nossa alienação dele, a nossa profunda rebelião, a nossa morte; e ele nos enviou um Salvador.

O que Paulo está dizendo é que levar uma vida digna de Jesus Cristo é transbordar de ações de graças alegres à luz da salvação que recebemos de suas mãos. Quando somos transferidos do domínio das trevas para o reino do Filho amado por Deus, a nossa única resposta apropriada é jubilosa gratidão.

De fato, enquanto Paulo pensa desse modo, sua mente é atraída com tanta força para Jesus que ele irrompe numa canção de louvor a Cristo (1.15-20). É claro que é importante para Paulo relembrar aos seus leitores colossenses que Cristo é o Senhor do universo, visto que ele foi o agente da criação de Deus, e dizer a eles que Jesus não é apenas o agente da criação, mas o seu objetivo: "Tudo foi criado por meio dele e para ele" (1.16). Por causa do sincretismo que os rodeava, os colossenses precisavam ser lembrados que só Cristo é o cabeça da igreja. Ainda assim, Paulo os lembra de tal maneira que mostra a alegre exuberância que ele acabava de descrever. É a herança inevitável daqueles que enfatizam as incontáveis bênçãos que estão recebendo de Deus por meio dos méritos de Cristo Jesus.

A linha de pensamento nessa oração do apóstolo é direta. Ele ora constantemente para que esses cristãos transbordem do conhecimento da vontade de Deus. Depois, ele diz a eles o propósito da sua oração: ele quer que eles levem uma vida digna do Senhor, completamente agradável a ele, e Paulo supõe que essa vida seja totalmente impossível a menos que haja uma compreensão espiritual crescente do que é a vontade de Deus. Finalmente, relutante em deixar indefinidas expressões tais como "digno do Senhor" e "para o seu inteiro agrado", ele acrescenta alguns detalhes, dando a elas algumas características concretas de cristãos que vivem desse modo. Ele não tem a intenção de que a sua lista seja completa, meramente típica, mas nem por isso é menos revolucionária. Os cristãos, diz ele, frutificam em toda boa obra. Eles crescem no conhecimento de Deus, eles são fortalecidos pelo poder de Deus para mostrar grande perseverança e paciência, e eles alegremente agradecem ao Pai pela maravilhosa salvação que ele lhes concedeu por meio do Filho amado, Jesus Cristo. Esse pensamento sublime traz à tona uma explosão de louvor ao próprio Jesus.

Quando foi a última vez que você orou assim? O exemplo do apóstolo não sugere que deveríamos orar constantemente desse modo?

Perguntas para revisão e reflexão

1. Admitindo que um objetivo na oração seja que você possa ser totalmente agradável ao Senhor Jesus, a respeito de que coisas concretas na sua própria vida você deveria estar orando?
2. Que tipo de oração você faz por pessoas que nunca encontrou? Como você pode melhorar nessa área?
3. Que tipo de ligação as ações de graças alegres e a perseverança fiel têm com a oração?

7

Pretextos para não orar

Vamos fazer uma pausa agora para refletir sobre as desculpas mais comuns que usamos para justificar a nossa relativa falta de oração, e o que a Escritura diz acerca dessas desculpas.

Estou ocupado demais para orar

Com certeza, esse é um dos pretextos dos quais mais fazemos uso. Vivemos numa época frenética. Tanto no nosso trabalho quanto nos nossos divertimentos, nós nos apressamos, realizamos, efetuamos, esforçamos, fazemos. Não estamos vivendo numa era contemplativa. Quando paramos de nos apressar e realizar e fazer, muitos de nós estacionamos diante de uma televisão, possivelmente conectada a um aparelho de vídeo-cassete, e simplesmente absorvemos o que nos é oferecido. O resultado é que raramente tiramos tempo para pensar, meditar, inquirir, analisar; raramente tiramos tempo para orar.

Lillian Guild[1] conta uma história divertida sobre uma ocasião em que ela e seu marido viajavam de carro e notaram um Cadillac do último tipo com a capota levantada estacionado ao lado da estrada. Seu motorista parecia estar desorientado e agitado. A sra. Guild e seu marido pararam o carro para ver se podiam oferecer ajuda. O motorista, en-

curralado, explicou rápida e, de algum modo encabuladamente, que ele sabia, quando saiu de casa, que tinha pouco combustível, mas como estava com muita pressa para chegar a um importante encontro de negócios, preferiu não perder tempo parando para abastecer. A única coisa que o Cadillac precisava era de combustível. Por acaso, os Guilds tinham um galão de combustível de reserva consigo, e assim eles o esvaziaram no Cadillac sedento, e deram ao motorista indicações sobre um posto de serviços perto do lugar em que estavam. Depois de agradecer profusamente a eles, ele saiu acelerando.

Aproximadamente 20 quilômetros à frente, eles viram o mesmo carro, com a capota levantada, parado ao lado da estrada. O mesmo motorista, não menos perturbado do que da primeira vez, e até mais agitado, ficou pateticamente agradecido quando eles pararam novamente. Você adivinhou: ele estava tão apressado para chegar ao seu encontro de negócios que decidiu não parar no posto e continuou na sombria esperança de que o galão que tinha recebido o levaria ao seu destino.

É difícil acreditar que alguém seja tão tolo, até nos lembrarmos que essa é exatamente a maneira como muitos de nós agimos na vida cristã. Estamos tão ocupados, correndo para o próximo item da agenda, que decidimos não parar para abastecer. Infelizmente, os líderes cristãos podem estar entre os piores transgressores. Confrontados com exigências constantes e urgentes, é fácil para eles negligenciar o seu chamado para o ministério da Palavra e oração por estarem ocupados demais. Na verdade, eles são tentados a investir de significado transcendental todas as suas atividades, de modo que, apesar de sua relativa falta de oração ficar corroendo silenciosamente no fundo da sua consciência, a dor e o ruído podem ser sufocados pela importância absoluta de todas as coisas que eles estão fazendo apressadamente.

É claro que eles dizem a si mesmos, no mais profundo do coração, que orar é de suprema importância. O problema é que a agenda sobrecarregada não vai permitir que este mês a oração receba a atenção que merece.

Qual é a resposta de Deus? A história bem conhecida de Maria e Marta (Lc 10.38-42) certamente deve nos dizer alguma coisa sobre a percepção de Jesus a respeito das nossas ocupações. Marta tinha tanta certeza de que as suas escolhas e o seu ativismo estavam corretos que

ela se indignou com a piedade calma de Maria. Além do mais, Marta sentia que as suas ocupações não eram triviais: afinal de contas, ela estava cuidando de uma grande festa, alimentando as pessoas: "ocupada em muitos serviços" (10.40). Finalmente, a exasperação que sentia em relação à sua irmã manifesta-se no ressentimento contra o próprio Jesus: "Senhor, não te importas de que minha irmã tenha deixado que eu fique a servir sozinha? Ordena-lhe, pois, que venha ajudar-me" (10.40).

Porém, a calma resposta de Jesus até hoje nos confunde: "Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada" (10.41,42).

Outro critério surpreendente quanto ao lugar em que a Bíblia classifica a oração é encontrado num capítulo que trata de casamento e relações sexuais. Lá, Paulo diz a casais casados que eles devem satisfazer as necessidades sexuais um do outro: "A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher" (1Co 7.4). Alguém pode perguntar se existe algum motivo possível para suspender esse princípio. De todas as exceções que Paulo pode ter pensado, o que ele na verdade diz mostra o que ele pensa a respeito da oração: "Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração e, novamente, vos ajuntardes, para que Satanás não vos tente por causa da incontinência" (7.5). Em outras palavras, Paulo não permite que um casal casado desvie-se de sua obrigação de satisfazer as necessidades sexuais um do outro, exceto sob três condições: (1) deve haver consentimento mútuo; (2) o propósito deve ser que eles queiram devotar-se à oração; (3) a suspensão deve ser temporária, por um período definido em comum acordo, depois do qual as obrigações maritais devem ser retomadas.

Um olhar superficial na passagem pode deixar o leitor imaginando por que a intimidade sexual no contexto do casamento deve ser deixada de lado, mesmo que temporariamente, para o propósito da oração. Esse olhar é realmente superficial: entende pouco da vida real. Casais ocupados podem ser tão ativos e, portanto, estar tão cansados que eles dificilmente têm tempo para seus relacionamentos amorosos. Sem dúvida, em alguns casos o problema ainda era pior no século 1º, em que o marido e

a mulher que eram escravos deveriam ser os primeiros na casa a se levantarem de manhã e os últimos a irem para a cama à noite. Quando esse casal oraria junto? Por mais que Paulo valorize as obrigações maritais, ele pode visualizar um casal conscientemente escolhendo não ter sexo junto por um certo tempo, de tal maneira que o tempo que eles gastariam agradando um ao outro sexualmente, eles poderiam devotar à oração. Isso diz alguma coisa a respeito do valor que Paulo dá à oração.

Pouco importa se você é uma mãe de crianças ativas que sugam a sua energia, um importante executivo numa grande corporação multinacional, um estudante graduado preparando-se apressadamente para exames abrangentes iminentes, um encanador que faz horas extras para pagar a faculdade dos filhos, ou um pastor de uma grande igreja que trabalha noventa horas por semana: no final do dia, se você está ocupado demais para orar, você está ocupado demais. Exclua alguma coisa.

Sinto-me espiritualmente esgotado demais para orar

Alguns de nós separamos tempo para orar, e quando chega a hora de fazê-lo, sentimos-nos tão desanimados, ou tão incrédulos, ou tão vazios – resumindo, esgotados demais – para orar. Somos tentados, então, a deixar de orar até nos sentirmos um pouco mais animados a fazê-lo.

Seja o caso de cedermos aos nossos sentimentos ou não, todos nós um dia já nos sentimos assim. Centenas de coisas podem precipitar o nosso desânimo ou sequidão espiritual. Podemos estar dormindo pouco e, portanto, passamos a ver o mundo através dos óculos do pessimismo. Pode ser que os nossos sentimentos tenham sido feridos por alguém que tenha feito uma crítica desenfreada e leviana. O *stress* pode estar cobrando a sua taxa emocional, e nesses casos essa segunda desculpa é também aliada à primeira. Qualquer que seja a causa, no nosso estado de esgotamento espiritual, o desafio de orar parece grande demais para ser enfrentado.

Escondidas por trás desse pretexto estão duas pressuposições que são realmente monstruosas. A primeira é que a aceitação da minha abordagem a Deus em oração deve estar ligada ao modo como eu me sinto. Porém, Deus está especialmente impressionado conosco quando nos sentimos alegres, despreocupados, descansados ou piedosos? A base da aproximação de qualquer cristão ao Pai celestial não é a suficiência da obra

intercessora de Cristo em nosso favor? Isso não é uma parte do que queremos dizer quando oramos "em nome de Jesus"? Não estamos desprezando terrivelmente a cruz quando agimos como se a utilidade ou a aceitação das nossas orações dependessem dos nossos sentimentos? É verdade que quando nos sentimos vazios e abatidos, precisamos lembrar a nós mesmos um pouco mais vigorosamente que a única razão pela qual Deus nos aceita é a graça que ele nos deu por meio da pessoa e obra do seu Filho. Mas isso com certeza é melhor do que dar a impressão de que estamos mais preparados para orar quando nos sentimos bem.

A segunda pressuposição inaceitável por trás dessa atitude é que a minha obrigação de orar é, de algum modo, diminuída quando não me sinto animado a fazê-lo. Isso é atribuir ao meu humor ou aos meus sentimentos o direito de determinar o que eu devo fazer. E isso, evidentemente, é intoleravelmente egoísta. Isso significa que eu, e somente eu, determino qual é a minha obrigação, o meu dever. Em resumo, isso significa que eu sou o meu próprio deus. Isso é agir como se a Bíblia nunca tivesse dito: "regozijai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, *na oração, perseverantes*" (Rm 12.12, ênfase acrescentada).

Qual é a resposta de Deus? Duas das parábolas de Jesus são especialmente relevantes. Em Lucas 18, Jesus fala a respeito de uma viúva persistente que levou o seu caso a um juiz corrupto que "não temia a Deus, nem respeitava homem algum" (18.2). A princípio ele a ignorou, mas finalmente a persistência dela valeu a pena: "Bem que eu não temo a Deus, nem respeito a homem algum; todavia, como esta viúva me importuna, julgarei a sua causa, para não suceder que, por fim, venha a molestar-me" (18.4,5). Jesus tira a conclusão: "Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los? Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça" (18.7,8). A questão não é que Deus seja como um juiz corrupto que responde somente quando o atormentam constantemente. Não, o argumento é *a fortiori*: se até mesmo um juiz corrupto reage à persistência, quanto mais o justo Deus? Afinal de contas, o versículo inicial do capítulo nos lembra: "Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer" (18.1). Na verdade, no que diz respeito a Jesus, a verdadeira questão não é se Deus responde ou não às orações, mas se temos ou não fé para perseverar, pois a passagem finaliza com Jesus fazendo a pergunta inquiridora: "Contudo, quando vier o Filho do Ho-

mem, achará, porventura, fé na terra?" (18.8). Ceder sob a desculpa de que nos sentimos esgotados demais ou algo semelhante é meramente admitir que não exercemos o tipo de fé que persevera.

Outra parábola com um ponto de vista semelhante é a da pessoa que vai à meia-noite à casa do seu amigo. Ele o acorda e diz: "Amigo, empresta-me três pães, pois um meu amigo, chegando de viagem, procurou-me, e eu nada tenho que lhe oferecer" (Lc 11.5,6). Inicialmente, o homem que está dentro da casa se desculpa. Ele e sua família já estão na cama, e não querem ser incomodados. Mas Jesus, sabendo do compromisso de hospitalidade da comunidade, que caracterizava a Palestina do século 1º, comenta: "digo-vos que, se não se levantar para dar-lhos por ser seu amigo, todavia, o fará por causa *de seu desejo de não se envergonhar*[2] e lhe dará tudo o de que tiver necessidade" (Lc 11.8). Não fazer isso, naquela cultura, traria vergonha sobre ele e sobre a sua família. Ele pode até não querer ajudar o homem à porta, e se indignar diante da perspectiva de sair da cama, mas é simplesmente inconcebível, naquela cultura de desonra, que ele finalmente se recuse a atender ao amigo.

Jesus extrai o princípio moral: "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á" (11.9,10). A questão não é que Deus tenha de responder às orações para não se envergonhar. Novamente, o argumento é implicitamente *a fortiori*: se até mesmo um vizinho preguiçoso e desatencioso finalmente faz a coisa certa pelo simples motivo de não querer trazer vergonha para o seu nome e o de sua família, quanto mais Deus responderá as orações do seu povo? Afinal de contas, ele tem o seu próprio nome a zelar! Ele se comprometeu no pacto da graça a satisfazer as necessidades do seu povo, para provar que é absolutamente confiável e fidedigno. Ele não pode ser menos que fidedigno, ou traria vergonha para o seu nome. Portanto peça, bata, procure.

Em ambas parábolas, há a suposição implícita de que Deus pode não responder imediatamente, que esperar faz parte da sua sabedoria, até mesmo resistir a nós, para que possamos exercitar a nossa fé e procurá-lo com sinceridade. Um pouco de reflexão nos mostra que isso é uma coisa boa. Se Deus respondesse a todas as orações no instante em que elas fossem proferidas, ele se tornaria um robô, a alavanca de poder

num talentoso momento de mágica. Ele não seria o Deus que sabiamente responde a seu povo, e que determina todas as coisas de acordo com a sua soberana bondade, mas um gênio poderoso confinado numa garrafa mágica chamada oração.

Deus insiste em que aprendamos a não nos esconder atrás dos nossos sentimentos de esgotamento espiritual, incredulidade crônica ou deslizes rumo ao desânimo. Ele quer que aprendamos a confiar nele, a perseverar na oração. Resumindo, na oração, como em outras áreas da vida, Deus quer que confiemos e obedeçamos.

Não sinto necessidade de orar

Esse pretexto é uma banalidade mais enganosa do que as duas primeiras. Poucos de nós somos tão crassos que raciocinamos conscientemente: "Sou importante demais para orar. Tenho autoconfiança demais em mim mesmo para orar. Sou independente demais para orar". Em vez disso, o que acontece é o seguinte: apesar de abstratamente eu afirmar a importância da oração, na realidade posso tratar a oração como algo importante somente com respeito à vida de outras pessoas, especialmente daquelas que julgo ter um caráter mais fraco, que são mais necessitadas, menos competentes, menos produtivas. Assim, embora eu afirme a importância da oração, na minha própria vida posso não ter uma necessidade profunda de orar. Eu posso estar me saindo tão bem sem muita oração que a minha autoconfiança está constantemente sendo reforçada. Isso dá origem a ainda outra rodada de falta de oração.

Qual é a resposta de Deus? Se os cristãos que se abrigam sob essa presunção não aprenderem atitudes melhores por ouvir as Escrituras, Deus pode falar com eles por meio da terrível linguagem da tragédia. Servimos a um Deus que se deleita em manifestar-se ao contrito, ao humilde de coração, ao manso. Quando Deus nos encontra tão inchados que não sentimos a nossa necessidade dele, baixar um pouco a nossa crista é um ato de bondade da parte dele; deixar-nos na nossa autoestima exagerada seria um ato de julgamento.

Essa lição é ensinada em inúmeras passagens das Escrituras. Alguém pode pensar, por exemplo, no estratagema dos gibeonitas, relatado em Josué 9. Nessa altura, o povo de Deus tinha testemunhado o poder de Deus na travessia do Jordão e na destruição de Jericó. Depois de um

revés ocasionado pelo pecado de Acã, eles tinham, pelo poder e pela sabedoria de Deus, subjugado Ai (Js 7-8). Nessa altura da história de Israel, o povo de Gibeon se aproximou, usando roupas velhas e sandálias gastas, e carregando pão embolorado para dar a impressão de que vinham de longe. Eles fingiram que não pertenciam às tribos corruptas da terra da qual teriam que ser expulsos pelos israelitas, mas sim estrangeiros que simplesmente queriam fazer um tratado de paz com Israel porque percebiam que Israel era um poder crescente (Js 9.9-13).

Qual foi a resposta de Israel? "Então, os israelitas tomaram da provisão e não pediram conselho ao Senhor. Josué concedeu-lhes paz e fez com eles a aliança de lhes conservar a vida; e os príncipes da congregação lhes prestaram juramento" (9.14,15).

Que acusação condenatória! O texto não poderia também ser, de alguma maneira, parafraseado e aplicado a muitos de nós? "John Smith refletiu sobre as oportunidades de emprego que estavam diante dele, mas não perguntou ao Senhor." "Jane Brown pediu o conselho de várias pessoas antes de tomar a sua decisão, mas não perguntou ao Senhor." "A Igreja Comunitária Evangélica formou um comitê para explorar possíveis abordagens evangelísticas para a sua comunidade, mas não perguntou ao Senhor."

É dolorosamente fácil para nós chegarmos a todos os tipos de pontos cruciais no ministério, no serviço, no desenvolvimento familiar ou quanto a mudanças na vocação, e, exatamente por termos usufruído de vitórias espirituais no passado, abordarmos essas questões com um critério sofisticado, mas sem oração. Amamos a nossa independência. Como resultado, podemos tropeçar e cair repetidamente porque, apesar de termos exercitado toda a nossa engenhosidade intelectual, não procuramos a face de Deus, não imploramos pela sua sabedoria.

Considere Ezequias. Ele clamou a Deus por quinze anos a mais de vida, e ele concedeu-lhe. A maior parte desses anos foi preenchida com trabalho produtivo. Entretanto, Ezequias falhou miseravelmente num ponto. Quando alguns enviados do poderoso Império Babilônico apareceram, Ezequias, lisonjeado pela atenção deles, ofereceu-lhes um passeio, guiando-os para mostrar a riqueza do seu reino. Sem dúvida, as informações escritas dos enviados permaneceram no arquivo. Esse pequeno incidente tornou-se um fator crucial na decisão da Babilônia de saquear

o reino, algumas décadas mais tarde (2Rs 20.12-21). Porém, talvez a avaliação mais surpreendente venha do escritor de Crônicas. Ele reconhece que Ezequias fez muitas coisas boas e, depois, acrescenta: "Contudo, quando os embaixadores dos príncipes da Babilônia lhe foram enviados para se informarem do prodígio que se dera naquela terra, Deus o desamparou, para prová-lo e fazê-lo conhecer tudo o que lhe estava no coração" (2Cr 32.31). Não estava no coração de Ezequias procurar a face do Senhor, seu coração estava autoconfiante, e por isso ele tropeçou terrivelmente nesse ponto crucial.

Precisamos pensar que não são apenas os pecados grandes e grosseiros que nos impedem de orar. Muitas vezes, nós caímos nos pontos sutis.

Estou amargo demais para orar

Não podemos viver por muito tempo neste mundo sem cruzar com a injustiça, a falta crônica de integridade. Muitos de nós aceitamos esse pecado com uma tranqüilidade razoável, raciocinando que, afinal de contas, este é um mundo caído. Porém, quando a injustiça ou a falta de integridade é dirigida a nós, a nossa reação pode ser muito menos filosófica. Então, podemos nutrir um espírito de vingança, ou no mínimo de amargura, maldade e fofoca. Esses pecados, por sua vez, asseguram que as nossas orações são nada mais que falatórios repetitivos; finalmente esse pecado pode levar à paralisação crônica das orações. "Como é que alguém ainda espera que eu ore, se tenho sofrido tanto?" "Não fale comigo a respeito de orar pelos meus inimigos: eu sei quem impediu a minha promoção."

A própria vida é consumida pela avaliação mesquinha da maneira como você é observado pelas pessoas ao seu redor. Nesse pântano de autopiedade e ressentimento, a oração verdadeira é excluída. Em outras palavras, muitos de nós não quer orar porque sabemos que a oração disciplinada e bíblica nos forçaria a eliminar o pecado que preferimos acariciar. É muito difícil orar com compaixão e zelo por alguém por quem preferimos guardar rancor.

Qual é a resposta divina? No final da versão de Mateus da oração do Senhor, Jesus acrescenta: "Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará

as vossas ofensas" (Mt 6.14,15). Em outro lugar, Jesus diz: "E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas" (Mc 11.25).

A idéia não é que pelo nosso ato de perdoar outros, de alguma maneira nos tornamos merecedores do perdão do Pai, mas sim que, pelo nosso ato de perdoar outras pessoas, demonstramos que realmente desejamos o perdão do Pai. Mediante essa aproximação a Deus, nós comunicamos que o nosso arrependimento é genuíno e a nossa contrição é real. Os cristãos nunca deveriam se aproximar de Deus como se eles gozassem de uma vantagem especial com o Todo-poderoso que lhes permitisse participar das suas bênçãos, mas não da sua disciplina. É precisamente por sabermos que somos pecadores carentes de perdão que reconhecemos que pedir perdão enquanto não perdoamos outras pessoas nada mais é do que uma hipocrisia religiosa barata.

Na verdade, podemos olhar para essa questão da amargura não só da perspectiva daqueles que precisam de perdão, mas também daqueles que o receberam. A Bíblia nos diz: "Longe de vós, toda amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda malícia. Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou" (Ef 4.31,32). À luz do perdão incomparável que recebemos por Jesus ter suportado a nossa culpa, que direito poderíamos ter de negar o perdão?

Estou envergonhado demais para orar

Lembremos da resposta de Adão e sua esposa depois da desobediência proposital deles à única proibição de Deus. "Quando ouviram a voz do Senhor Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do Senhor Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim" (Gn 3.8). A vergonha nos leva a nos esconder da presença de Deus; a vergonha se esconde atrás de uma folhagem dissimuladora de gracejos enquanto se recusa a ser honesta; a vergonha abriga a fuga e o escapismo; a vergonha engendra a paralisação das orações.

Qual é a resposta de Deus? Deus procurou Adão e Eva e lidou com o pecado deles. De qualquer maneira, não podemos nos esconder de Deus com êxito, "Porque os caminhos do homem estão perante os olhos do Senhor, e ele considera todas as suas veredas" (Pv 5.21). "E não há

criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas" (Hb 4.13). Porém, se é vão fugir de Deus, o nosso sentido de vergonha dificilmente seria uma base adequada para desculpar a nossa falta de oração. Pelo contrário, ela deve ser um esporão que nos leva de volta ao único que pode nos perdoar e dar-nos a absolvição completa, de volta à liberdade de consciência e à ousadia na oração que seguem o despertar do alegre conhecimento de que fomos aceitos por um Deus santo por causa da sua graça.

Estou satisfeito com a mediocridade

Alguns cristãos querem ter o bastante de Cristo para ser identificados com ele, mas não o bastante para ser seriamente incomodados; eles se agarram genuinamente à ortodoxia cristã básica, mas não querem se ocupar de um estudo bíblico sério; valorizam a honradez moral, especialmente do tipo público, mas não se engajam numa luta contra as corrupções interiores; eles se afligem com a qualidade do sermão do pregador, mas não se preocupam muito com a qualidade da sua própria vida de oração. Esses cristãos se contentam com a mediocridade.

Qual é a resposta de Deus? Muitas passagens que apóiam esse argumento poderiam ser citadas. Uma das mais intrigantes é a carta escrita por Tiago, o meio-irmão do nosso Senhor. Embora esteja escrevendo a cristãos, ele considera necessário dizer: "Cobiçais e nada tendes; matais, e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras. Nada tendes, porque não pedis" (Tg 4.2). Aqui estão cristãos, brigando e disputando, profundamente frustrados porque não oram. E quando eles oram, não há muita diferença: "pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres" (Tg 4.3).

Vistos da perspectiva divina, esses cristãos são "infiéis" (4.4), porque, ao mesmo tempo em que mantêm um relacionamento íntimo com Deus nominalmente, tentam manter um relacionamento íntimo com o mundo. "Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus" (Tg 4.4).

A resposta de Deus é absolutamente inflexível: "Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós. Chegai-vos a Deus,

e ele se chegará a vós outros. Purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração. Afligi-vos, lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto, e a vossa alegria, em tristeza. Humilhai-vos na presença do Senhor, e ele vos exaltará" (Tg 4.7-10).

A triste verdade é que, por várias vezes, todos nós precisamos aplicar essas palavras à nossa vida.

Questões para revisão e reflexão

1. Que pretextos, com exceção dos mencionados neste capítulo, são usados de vez em quando para justificar a falta de oração? Analise-os sob uma perspectiva bíblica.
2. Você já apelou para alguma desculpa para justificar a sua própria falta de oração? Quais delas? Elas são boas?
3. Deus nos aceita com base no nosso desejo ou não de orar? Se não, com base em que ele nos aceita? Como isso deve influenciar a prioridade que determinamos para a oração?

8

Superando os obstáculos

Filipenses 1.9-11

Todos nós concordamos que alguns crentes são dotados com um ministério especial de oração. Enquanto William Carey é muitas vezes citado como "o pai das missões modernas", foi a sua irmã, acamada durante anos, quem passou horas todos os dias interce-dendo pelo ministério dele e por outros que estavam começando a seguir o caminho que ele abriu. George Muller, de Bristol, foi extraordinariamente dotado quanto à oração.

Ainda assim, já caminhamos o bastante para reconhecer que não podemos justificar a nossa relativa falta de oração dizendo que aqueles que são especialmente efetivos são mais dotados do que nós. Onde quer que estejamos no caminho da maturidade cristã, poderíamos estar melhor do que estamos, e muitos de nós poderiam estar muito melhor. Um dos passos mais importantes que podemos dar é reconhecer onde estamos. Confessamos com tranqüilidade que estamos perigosamente murchos. O nosso conhecimento de Deus é insignificante, e almejamos orar com um sentido maior de realidade e um grau maior de fertilidade. Queremos aprender a orar.

Poucas das orações de Paulo têm um potencial maior para nos ajudar a transpor as dificuldades da sequidão espiritual e falta de fé do que a de

A oração de Paulo pelos filipenses

[1]Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus, inclusive bispos e diáconos que vivem em Filipos,
[2]graça e paz a vós outros da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.
[3]Dou graças ao meu Deus por tudo que recordo de vós, [4]fazendo sempre, com alegria, súplicas por todos vós, em todas as minhas orações, [5]pela vossa cooperação no evangelho, desde o primeiro dia até agora. [6]Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus.
[7]Aliás, é justo que eu assim pense de todos vós, porque vos trago no coração, seja nas minhas algemas, seja na defesa e

Filipenses 1.9-11. Ela pode nos ajudar a vencer as nossas desculpas para não orar. Formalmente, essa é uma oração curta e simples. Para os nossos propósitos, pode ser útil analisar os objetivos da oração de Paulo, dividindo-a em três partes.

Paulo ora pelo que é excelente

Num sentido, pode-se dizer que o que Paulo está pedindo a Deus é um amor constantemente crescente: "E também faço esta oração", escreve ele, "que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção" (1.9). Porém, a continuação da leitura mostra claramente que, pelo menos nessa oração, o amor pelo qual Paulo ora não é um fim em si mesmo, mas um meio para alcançar um objetivo. Paulo diz aos filipenses que ele ora para que o amor deles possa aumentar "para aprovardes as coisas excelentes" (v.10).

Assim, apesar de Paulo estar orando aqui para que o amor dos filipenses pudesse aumentar, essa petição está tão intimamente ligada a um objetivo diferente, ou seja, que eles possam discernir e aprovar o que é melhor, que se torna legítimo dizer que Paulo está orando pelo que é melhor, pelo que é excelente. Ainda não desvendamos o que são, exatamente, essas coisas excelentes; nem exploramos o modo em que um

confirmação do evangelho, pois todos sois participantes da graça comigo. [8]Pois minha testemunha é Deus, da saudade que tenho de todos vós, na terna misericórdia de Cristo Jesus.

[9]E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção, [10]para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo, [11]cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus.

(Fp 1.1-11)

aumento no amor move a igreja em direção ao objetivo de aprovar essas coisas excelentes, as coisas melhores. Entretanto, o que fica imediatamente claro é que a oração de Paulo fala sobre a morte da mediocridade entrincheirada, da presunçosa auto-satisfação, do contentamento com as nossas próprias desculpas. Paulo ora pelo que é excelente.

Paulo não espera que a excelência seja lançada sobre a igreja num pacote. Ele ora para que os crentes possam discernir e aprovar o que é melhor, ou seja, que eles possam provar pela experiência e, por meio disso, aprovar[1] o que é melhor. Mas, o que são essas coisas características, essas coisas excelentes pelas quais Paulo ora?

Três indícios que o texto oferece nos ajudam a responder a essa pergunta. Primeiro, Paulo supõe que, se os filipenses devem discernir e aprovar o que é melhor, o amor deles terá que aumentar "mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção". Essa é a razão pela qual ele ora por esse amor. Não é fácil entender a excelência que ele deseja que os crentes filipenses procurem. Para distinguir e aprovar o que é excelente, os cristãos devem ser caracterizados por esse amor abundante.

Por que Paulo descreve o amor cristão desse modo? O amor que "aumenta mais e mais" é bastante comum, mas o que dizer do amor que aumenta "mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção"?

Talvez possamos chegar mais rapidamente ao que Paulo quer dizer se substituirmos a frase pelas qualidades opostas. Paulo não ora para que o amor deles possa "aumentar mais e mais em ignorância e insensibilidade" ou em "estupidez e artificialidade" ou em "sentimentalismo barato e nostalgia míope". Em vez disso, ele ora pedindo que o amor deles possa aumentar "mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção". O amor sempre crescente pelo qual Paulo ora deve ser perspicaz. Ele deve ser limitado pelo "conhecimento" e "percepção". Sem as restrições do conhecimento e da percepção, o amor se degenera muito facilmente em sentimentalismo insípido ou no tipo de pluralismo piegas que o mundo freqüentemente confunde com amor. O amor cristão será acompanhado pelo "conhecimento" – isto é, de acordo com Paulo, a compreensão madura do significado do evangelho que é o fruto de instrução sadia e da experiência completa. O amor cristão é também acompanhado por (literalmente) "toda percepção": a expressão "toda" aqui não significa "percepção total" (NVI), mas amplitude de percepção – isto é, percepção moral em toda a gama de experiências da vida.

É claro que o conhecimento e o discernimento sem amor podem facilmente se tornar arrogantes, autoritários e casuísticos. Mas amor sem conhecimento e discernimento logo se torna uma paródia de si mesmo. O amor cristão pelo qual Paulo ora é regulado pelo conhecimento do evangelho e pela percepção moral abrangente. Esses limitadores não abafam o amor. Longe disso: eles asseguram a sua pureza e o seu valor. Esse amor, insiste Paulo, deve abundar cada vez mais.

O ponto principal é que os cristãos devem abundar mais e mais nessa qualidade de amor se querem experimentar e aprovar o que é melhor. Assim, "o que é melhor" deve ser delicado, ou sutil ou difícil de descobrir para aqueles cujo amor não é abundante assim. Paulo simplesmente admite que, a menos que o seu amor seja crescentemente abundante em conhecimento e em toda a percepção, você não será capaz de discernir e aprovar o que é melhor. Em outras palavras, se o discernimento do "que é melhor" for completamente dependente de um amor crescente assim, um pouco de luz é lançada na essência de "o que é melhor" sobre as coisas excelentes que Paulo deseja que os cristãos procurem.

O segundo indício está na expressão traduzida como "o que é melhor" (NVI). Estudiosos têm debatido sobre se a expressão[2] significa

algo como "coisas que são diferentes" ou "coisas superiores". A primeira opção significa que Paulo quer que os crentes cresçam no seu amor "para aprovarem as coisas que são diferentes"; a segunda significa que Paulo deseja que os crentes cresçam no seu amor "para aprovarem [i.e., colocar à prova] coisas superiores, as coisas que realmente importam". Porém, talvez as duas noções não estejam tão distantes uma da outra como alguns imaginam. O raciocínio de Paulo é que existem incontáveis decisões na vida nas quais o que importa não é tomar uma decisão direta entre o certo e o errado. O que você precisa é do discernimento extraordinário que o ajuda a perceber como as coisas são diferentes, e então fazer a melhor escolha possível. Isso é o que Paulo quer dizer por escolher "coisas excelentes". Seu ponto principal até aqui, então, é que o amor moldado e afiado pelo conhecimento e pela percepção moral é o requerimento absoluto para testar e aprovar as "coisas excelentes", para desenvolver "um sentido do que é vital" (*Moffatt*).

Há um terceiro indício que nos ajudará a compreender o conteúdo das "coisas excelentes", o conteúdo do que é melhor pelo que Paulo ora. Esse indício não é outro senão um dos temas dominantes em toda essa epístola. Já no versículo 6 desse capítulo, Paulo diz aos filipenses que ele sempre ora por eles com alegria, porque ele está confiante "de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus". Em outras palavras, Paulo não conjectura apenas a manutenção da fé dos filipenses, mas um desenvolvimento positivo em sua disciplina, até que ela seja coroada com a perfeição efetuada pelo último dia, o dia de Jesus Cristo.

Se julgarmos por seu próprio exemplo, a confiança de Paulo de que o Senhor efetuará esse crescimento não diminui nem um pouquinho a necessidade de uma determinação pessoal de crescer. Assim, dois capítulos depois, o apóstolo comprova a sua própria intenção: "para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte; para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos" (3.10,11). Então ele explica onde exatamente ele se vê nesse processo: "Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das

coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (3.12-14).

Quando colocamos esses três indícios juntos, a natureza das coisas excelentes que Paulo deseja que os crentes procurem é vislumbrada. Essas coisas excelentes nada mais são do que todos os elementos característicos do discipulado cristão maduro, e não podemos discernir e aprovar a menos que o nosso amor abunde mais e mais no conhecimento e profundidade de percepção. "Coisas excelentes" incluem uma experiência crescente do poder da ressurreição e crescente participação nos sofrimentos de Cristo. Acima de tudo, essas coisas excelentes resultam num conhecimento crescente de Jesus Cristo (Fp 3.10), em antecipação ao dia de Cristo, no qual toda a boa obra de Jesus Cristo em nós culminará.

A busca dessa excelência não depende de uma distinção transparente entre o certo e o errado. Pelo contrário, ela depende de escolhas delicadas que refletem todo o sistema de valores da pessoa, todo o seu conjunto de prioridades, o seu coração e a sua mente. Essa é a razão pela qual Paulo ora para que o amor dos filipenses possa crescer continuamente em conhecimento e em percepção: ele deseja que o coração e a mente deles tornem-se profundamente cristãos, pois de outra maneira eles não poderão discernir nem aprovar o que é excelente.

Talvez alguns exemplos práticos possam ajudar a esclarecer a oração de Paulo.

O que você faz com o seu tempo? Quantas horas por semana você passa com os seus filhos? Você passou algum tempo, nos últimos dois meses, testemunhando do evangelho a alguém? Quanto tempo você passsa assistindo a televisão ou em outras formas de descanso? Você está comprometido, no uso que faz do tempo, com o que é excelente?

O que você leu nos últimos seis meses? Se você encontrou tempo para ler jornais e revistas, alguns romances, um conto ou dois ou talvez um informativo comercial, você encontrou tempo também para ler um comentário ou alguma outra literatura cristã, para ajudar você a entender melhor a Bíblia ou desenvolver a sua disciplina espiritual ou ampliar os seus horizontes? Você está comprometido, no seu hábito de leitura, com o que é melhor?

Como são os relacionamentos interpessoais na sua família? Você tira um tempo de vez em quando para pensar refletidamente sobre como você poderia fortalecer os laços com a sua esposa e os seus filhos?

Você passa algum tempo em oração particular? Você participa de reuniões de oração? Você tem feito alguma coisa para melhorar nesse aspecto?

Como você decide o que fazer com o seu dinheiro? Você dá uma porcentagem estabelecida, digamos, 10% da sua renda, para a obra do Senhor, mesmo que relutantemente, e então considera o restante como seu? Ou você se considera um mordomo do Senhor, de modo que todo o dinheiro que você ganha, no final das contas, é dele? Você sente prazer quando pode contribuir com muito mais do seu dinheiro para um ministério estratégico, simplesmente porque você ama investir na eternidade?

A sua compaixão tem se aprofundado com o passar dos anos, de tal maneira que, longe de tornar-se mais cínico, você tenta dar passos concretos para servir àqueles que têm menos que você?

O seu estudo e leitura da Bíblia têm aumentado tanto o seu conhecimento de Deus que o seu culto sincero ao Todo-poderoso cresce em espontaneidade, devoção e alegria?

Em que altura da sua vida você decide alegremente, por nenhuma outra razão senão a de que você é um cristão, pisar fora da sua "zona de conforto", vivendo e servindo com abnegação penosa e difícil?

Por trás das suas respostas a todas essas perguntas estão opções. A última coisa que eu quero fazer é gerar uma carga de culpa por causa das escolhas que estão constantemente diante de nós, escolhas nas quais muitas vezes nós falhamos em usar para a glória de Deus. Na verdade, hesitei a respeito de incluir esses parágrafos exatamente por essa razão. Sentimentos de culpa não nos ajudarão, por si só, a fazer escolhas corretas; eles simplesmente aumentarão o nosso *stress* e os nossos ressentimentos.

Mas se o nosso amor aumenta cada vez mais, moldado todo o tempo pelo conhecimento e pela percepção moral, então esses são os tipos de escolhas que desejaremos fazer – e desejaremos fazê-las bem. Eles são os tipos de escolhas que não podem ser feitos com base somente na lei. Eles brotam de um coração transformado pela graça de Deus.

"Ah", você responde, "uma vez que Deus exige que o amemos com o coração, a alma, a mente e a força, já que ele exige que sejamos santos como ele é santo, o objetivo dessa perfeição não é exigido por Deus? As escolhas a que você está se referindo não vêm a nós porque Deus exige a nossa obediência total? Assim, isso não é simplesmente uma questão de obedecer às suas exigências, sua lei?"

Se por lei de Deus você quer dizer suas exigências de que nos submetamos sem reserva ao seu senhorio e visemos a uma obediência perfeita, então é claro que você está certo. Porém, o ponto que eu quero deixar claro aqui é que meros estatutos, simples lei criada por precedência, não pode de modo algum cobrir todos os casos. Considere, por exemplo, o uso que fazemos do tempo. Cada um de nós tem 24 horas por dia para gastar. Porém, cada um de nós precisa de diferentes quantidades de horas para dormir. Nós somos diferentes quanto à nossa capacidade de concentração – e cada um é diferente quanto ao equilíbrio particular do tempo, descanso e experiência. Remir "o tempo porque os dias são maus" pode indicar coisas bem diferentes para cristãos diferentes, tanto no número de horas que eles investem quanto na maneira em que eles as investem. O chamado para usar o tempo sabiamente pode sugerir para cristãos cheios de atividades que eles diminuam o ritmo e aprendam a interceder a Deus; para os cristãos mais meditativos, mais reflexivos, pode tornar-se um desafio ao evangelismo ativo ou a um trabalho com pessoas de baixa renda. Como o tempo de descanso deve ser usado? Os cristãos maduros podem relaxar memorizando alguns textos da Escritura, lendo um clássico puritano ou lendo atentamente um comentário recente sobre Isaías. Porém, um cristão seria necessariamente menos maduro se ele ou ela pegasse um romance para ler? Alguém poderia dizer que os cristãos menos maduros na verdade caíram em pecado apenas porque não usaram o seu tempo de descanso de modo tão proveitoso?

A oração de Paulo não trata disso. O que ele quer é que os cristãos orem, em todos os estágios da sua peregrinação espiritual, pela "excelência", pelo que é melhor. É óbvio que a busca pelo que é melhor nunca pode ser empreendida sem um apelo constante ao padrão da graciosa revelação que Deus faz de si mesmo nas Escrituras. Mesmo assim, Paulo se recusa a estabelecer um conjunto arbitrário de critérios a serem verificados pelos cristãos, a partir do qual eles devem avaliar a si mes-

mos; ele se recusa a impor obstáculos difíceis para os crentes vencerem. Em vez disso, ele simplesmente ora a seu Pai celestial e pede a ele que esses crentes possam procurar o que é melhor. Sabendo perfeitamente bem que eles não podem buscar a excelência sem que tenham o coração e a mente transformados, ele ainda especifica, na sua oração, que Deus fará o amor deles aumentar mais e mais em conhecimento e em percepção, de modo tal que eles sejam capazes de discernir o que é melhor.

Paulo não consegue se satisfazer com o *status quo*. Sabendo que somos destinados à perfeição a ser alcançada quando Cristo voltar, Paulo quer que já nos apressemos em direção a ela. Ele não consegue ser apático na sua oração, porque quanto mais frutífero e santo ele se torna, mais percebe o quanto mais além ele precisa ir; e ele quer que os crentes filipenses compartilhem da mesma visão. Em resumo, Paulo é apaixonado acerca de buscar a excelência espiritual, e do mesmo modo que ele próprio a busca (3.10-14), assim ele ora pelos outros (1.9-11).

Agora, eu gostaria de me dirigir diretamente ao ministro que lê estas páginas.

Você deseja, de todo o seu coração, o que é melhor para a congregação a que você serve? Então você deve perguntar-se quanto tempo você devota a fazer esse tipo de oração.

Parte do problema que nós, ministros do Ocidente, enfrentamos quando damos cabeçadas contra esse desafio é que, conquanto saibamos que fomos chamados para o ministério da Palavra e da oração, várias pressões eminentes se impõem, pressões tão persistentes que acabam moldando os nossos valores e, portanto, a nossa agenda.

O trabalho do pastor está diversificado. Nós não nos damos mais ao ministério da Palavra e da oração, porque nos tornamos conselheiros profissionais, angariadores de fundos, administradores, membros de comitês, árbitros, políticos e personalidades da mídia.

Muitos pastores estão confusos a respeito da sua própria identidade e podem sofrer de baixa estimativa do valor do seu trabalho. Até cerca de trinta anos atrás, a classe pastoral era geralmente respeitada no mundo ocidental. Três décadas de secularismo crescente, da apresentação persistente pela mídia da classe pastoral como sem importância ou charlatões ou ambos, de percepções públicas de que nós somos obsoletos

(como dinossauros) e arrogantes, e podemos passar a nos sentir um pouco inseguros. Muitos de nós trabalhamos com profissionais e até ensinamos a profissionais, mas logo descobrimos que nós mesmos não somos tratados como profissionais. Pode-se argumentar que essas pressões não deveriam incomodar aqueles que seguem no caminho da cruz. Na prática, entretanto, muitos clérigos compensam de forma excessiva, agindo de maneira muito semelhante a profissionais e muito pouco parecidos com aqueles que se entregam ao ministério da Palavra e da oração.

Não são poucos os pastores que se sentem desanimados e infrutíferos. Muitos pastores trabalham por meses e anos sem verem um único convertido. Alguns têm idéias brilhantes, mas sentem que não podem carregar o peso da tradição eclesiástica consigo; outros valorizam as tradições de suas próprias origens e sentem-se ameaçados pela sucessão infindável de inovações passageiras. Os anos passam aos poucos e uma resignação desencorajadora se estabelece.

Alguns pastores mergulham num ativismo sem fim. Não por culpa de ninguém, mas deles mesmos, que se entregam a trabalhos sem fim, sempre se mantendo ocupados, mas nunca encontrando tempo para estudar, pensar, meditar e orar.

Essas e outras pressões semelhantes corroem os nossos valores, desviam os nossos objetivos e, finalmente, corrompem os nossos horários. Se recuperarmos as nossas prioridades bíblicas, todas essas pressões aparecerão a uma luz diferente. O trabalho foi diversificado? Uma vez que as nossas prioridades estejam definidas, aprenderemos a encaminhar as tarefas à sua posição apropriada, de acordo com os valores da Escritura. Delegue algumas coisas; cancele outras. Você não tem que ter um boletim; você tem que orar. Você não tem que participar de todo comitê ou participar de toda reunião; você tem que orar. Estamos confusos a respeito dos nossos papéis? Se nos lembrarmos que fomos chamados para orar pelo que é melhor e nos consagramos a isso, poderemos nos importar um pouco menos com as opiniões de um mundo secular e nos dedicarmos mais escrupulosamente a servir ao único Mestre cujas opiniões realmente importam. Nós nos sentimos infrutíferos e desanimados? Não somente devemos lembrar a nós mesmos que o nosso Mestre está mais interessado na fidelidade do que nas estatísticas, mas também devemos ser ousados o bastante para perguntar se um pouco da nossa

esterilidade não é o resultado de estarmos desviados do ministério da Palavra e da oração. O quanto nós temos orado pelo que é melhor – por uma colheita espiritual, por conversões, por démonstrações do fruto do Espírito? Será que temos experimentado pouco porque pedimos tão pouco? A nossa improdutividade é proporcional à nossa falta de oração? A oração de Paulo penetra através de muitas dessas desculpas. E, finalmente, nós mergulhamos no ativismo? Quando, então, nós nos dedicamos ao que fomos chamados, ao ministério da Palavra e da oração? Quando oramos pelo que é excelente?

É claro que a determinação de Paulo de orar dessa maneira pelos crentes de Filipos não deve se restringir, na sua aplicação, aos pastores. Cada crente deve perguntar: até que ponto eu oro por coisas excelentes, coisas consideradas excelentes aos olhos de Deus, tanto por mim mesmo quanto por aqueles que estão ao meu redor? Eu oro para que o meu amor possa aumentar mais e mais em conhecimento e percepção, de tal maneira que eu possa distinguir entre o que é admissível e o que é excelente, entre o que é aceitável e o que é melhor, testando e aprovando o que é melhor na minha própria vida? Eu oro dessa maneira pela minha igreja?

Ou, falando francamente, eu prefiro a sombria mediocridade?

Paulo ora pelo que é excelente, e está totalmente certo de que esse tipo de excelência não pode ser obtido sem oração.

A oração de Paulo está relacionada a uma visão de longo alcance.

A versão revista e atualizada de Almeida nos dá a impressão de que duas coisas dependem do aumento do amor: "[1] para aprovardes as coisas excelentes e [2] serdes sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo, cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo" (1.10,11a). Na verdade, o grego começa uma nova frase sem esse "e" que foi inserido [2]. Isso sugere que tudo antes de "serdes sinceros e inculpáveis" nos prepara para esse novo propósito. Em outras palavras, Paulo ora para que os crentes testem e aprovem o que é excelente "para [ele diz a eles] serdes sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo, cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo".

Pode-se entender a questão de testar e aprovar o que é excelente como sendo um mero exercício intelectual. Esse caminho é descartado não

somente pela insistência de Paulo de que o amor perspicaz é uma pré-condição do exercício, mas também por sua insistência de que o alvo do exercício é a pureza transparente (isso é o que a palavra sugere), completa irrepreensibilidade e uma vida cheia de justiça. Assim, apesar dessa busca da excelência certamente desafiar os poderes mentais das pessoas, não está restrita a eles. Na verdade, ela desafia a todos os nossos poderes, todo o nosso ser, e isso se expressa numa vida transformada.

Duas expressões nessa parte da oração de Paulo precisam de uma explicação.

A primeira é "cheios do fruto de justiça" (v.11). A palavra grega para "justiça"[3] é muitas vezes traduzida por "justificação", e alguns argumentam que isso é o que Paulo quer dizer aqui. De acordo com esse ponto de vista, "o fruto de justiça" é a vida que resulta da justificação, ou seja, daquele ato decisivo de Deus a partir do qual meus pecados foram atribuídos a Cristo e sua justiça atribuída a mim. Não há nada intrinsecamente objetável nessa interpretação, mas ela provavelmente está errada. A expressão *o fruto da justiça* ou *o fruto do justo* é uma expressão bastante estereotipada que torna duvidoso que Paulo a tenha usado proveitosamente fora do seu significado comum (veja Pv 11.30; Am 6.12). Além disso, a expressão inteira, "cheios do fruto de justiça", aqui é paralela a "sinceros" e "inculpáveis". Parece, portanto, ser melhor tomar todas as três como qualidades éticas. Ser "cheios do fruto de justiça" é ser caracterizado pela conduta – as ações, as palavras e os pensamentos – que o próprio Deus julga ser a correta.

Mesmo assim, esse conjunto de qualidades justas é o fruto da justiça; na verdade, é o fruto da justiça que vem por intermédio de Jesus Cristo. A ilustração é de um organismo que produz fruto, e quem torna o crescimento e a frutificação possíveis é Jesus Cristo. Devemos colocar a nossa energia na tarefa, mas devemos entender que é Jesus Cristo quem torna possível que esse fruto apareça como produto do crescimento espiritual. Assim como em Gálatas o amor, a alegria, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão e o domínio próprio constituem o "fruto do Espírito" (Gl 5.22,23), também aqui todas as coisas justas que os filipenses falem ou digam ou pensem é o "fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo". Paulo nunca nos exorta meramente a tentar mais, separadamente de tentar ser cristãos

dignos de Jesus Cristo; e ele é o primeiro a reconhecer que a vida justa que resulta é, no final, o produto da graça de Deus.

A segunda expressão, e aquela que é crucial para os nossos propósitos, é *para o dia de Cristo Jesus* (v.10). Na nossa língua, a preposição *para* tem um significado puramente temporal. Porém, a expressão no original sugere "com vistas ao dia de Cristo". Organizando nossa linha de pensamento, Paulo ora para que o amor desses cristãos possa aumentar mais e mais no conhecimento e toda percepção, de modo que eles sejam capazes de discernir e aprovar o que é verdadeiramente excelente – e tudo isso para que eles possam ser puros e irrepreensíveis e cheios do fruto da justiça, com vistas ao dia de Cristo. Voltamos assim à dimensão do antegozo, tão característica de outras orações de Paulo (veja capítulos 1 e 2 deste livro). Ao mesmo tempo, voltamos ao tema da perseverança: já notamos que apenas alguns versículos antes Paulo expressa a sua confiança de que aquele que começou boa obra nos crentes filipenses a completará até o dia de Cristo Jesus. Esse é o tema que Paulo está retomando aqui.

Paulo não apela ao "dia de Cristo", o dia da sua volta, para fazer uma ameaça disfarçada. Ele não está dizendo: "Você realmente precisa começar a mostrar sinais da sua conduta reta a respeito da qual tenho falado, ou você poderá ser pego no final, enfrentando horrível julgamento, ou, no mínimo, terá muito que explicar". Em vez disso, ele está dizendo algo que a maioria dos cristãos considerará até mais constrangedor. Paulo está dizendo que eles devem viver na expectativa do dia de Cristo – isto é, eles devem viver de tal maneira que mostre que eles se lembram de que estão caminhando em direção àquele dia e estão completamente compelidos por ele. Naquele dia, nos "novos céus e nova terra, nos quais habita justiça" (2Pe 3.13), o fruto da nossa vida será inteiramente justo. Mesmo agora, diz Paulo, os cristãos viverão com esse dia em vista e produzirão muito fruto justo no antegozo desse dia. Isso é parte do convite à excelência.

A igreja deve ver-se como um posto avançado do céu. Ela é um microcosmo do novo céu e da nova terra, trazidos de volta, por assim dizer, à nossa esfera temporal. Nós ainda estamos contaminados pelos fracassos, pecados, recaídas, rebelião, egocentrismo; ainda não somos o que devemos ser. Mas pela graça de Deus, não somos o que éramos. Pois enquanto estivermos aqui, devemos lutar contra o pecado, e antegozar, o quanto

pudermos, uma vida que se assemelha à vida que teremos no êxtase imaculado da justiça perfeita. Devemos viver na expectativa do dia de Cristo.

Isso significa, é claro, que os cristãos constituem um tipo de comunidade missionária intrínseca. Nossa cidadania verdadeira está no céu; já estamos assentados com Cristo nos lugares celestiais (Ef 2.6). Mas até a consumação, levamos a nossa vida aqui em baixo, um posto avançado missionário e celestial num mundo perdido, moribundo e decadente. Devemos nos ver como um posto avançado do novo céu e da nova terra num velho mundo que está sob o julgamento de Deus.

Isso significa que, quando Paulo faz essa oração, ele ora por nada menos que avivamento. Ele ora para que os cristãos possam ser, desde já, o que eles devem ser, o que nós certamente seremos um dia. O texto nos ensina a orar para que ponhamos à prova e aprovemos para nós mesmos as mais altas, melhores e mais santas coisas – tudo com vistas ao dia de Jesus Cristo. Mesmo agora, a oração de Paulo insiste, os cristãos devem ser tão santos quanto for possível a pecadores perdoados nesse lado da eternidade. E devemos orar com esse objetivo. É dessa maneira que a oração de Paulo pelo que é excelente está relacionada a uma visão de longo alcance, ao dia de Jesus Cristo.

Não é necessário um vasto conhecimento da história dos avivamentos[4] para descobrir que quando um verdadeiro avivamento se manifesta, os ressentimentos se desvanecem. Quando o avivamento acontece, a autopromoção é vista como feia, e definha até desaparecer. Quando o avivamento acontece, homens e mulheres se interessam por serem santos, levam a questão da integridade a sério, adotam a genuína autonegação e aprendem a amar. Quando o avivamento acontece, o nosso preocupante sentido de irrealidade desaparece, e o céu parece ser mais real, e certamente mais importante do que essa ordem do mundo transitório. Quando o avivamento acontece, a adoração não é mais um exercício, mas uma das principais características da nossa vida. Palhaçadas, truques e entretenimento se desvanecem; o dia de Jesus Cristo parece se aproximar. Como resultado dessa nova experiência da graça de Deus trabalhando poderosamente na nossa vida, o evangelismo torna-se não só uma paixão, mas imensamente mais frutífero.

Inevitavelmente, logo alguns imitarão o avivamento aplicando técnicas e testes, tentando, por assim dizer, codificar a graça e domesticar o

poder de Deus. Abusos acontecem e, às vezes, se multiplicam tão rapidamente que o avivamento é extinto ou transformado numa pálida imitação de si mesmo. Ainda assim, aqueles que testemunharam pelo menos um pouco da poderosa ação do Espírito Santo em tempos de bênçãos, freqüentemente são marcados com uma unção especial. Como uma pessoa convertida num avivamento coloca: "Eu nasci de novo no fogo do avivamento, e não pretendo morrer nas cinzas da sua lembrança".

O ponto principal a enfatizar nesse contexto é que, embora a oração de Paulo pelo que é excelente seja equivalente a orar por avivamento, o que ele faz é orar. Ele não está simplesmente exortando as pessoas a serem melhores, nem está tentando organizar um avivamento, e muito menos repreendendo os crentes severamente por causa da falta de avivamento. O que ele faz é orar por avivamento. Pois, se o avivamento verdadeiro é uma obra de Deus, se o amor transformador e discernente que capacita os crentes a aprovar o que é melhor na realidade é o fruto da obra de Deus na nossa vida, se a verdadeira justiça é fruto que vem por meio de Jesus Cristo, então, apesar de Deus usar os meios, estes por si mesmos não garantem nada. Somente Deus pode produzir transformação; apenas Deus pode conceder um avivamento. Julgando pelo exemplo de Paulo, apesar de podermos desenvolver a nossa salvação com temor e tremor, devemos reconhecer que os nossos melhores esforços nesse sentido nada mais são do que a obra de Deus em nós tanto para o querer quanto para o agir de acordo com o seu bom propósito (2.12,13). Assim, é urgente que peçamos a Deus para trabalhar em nós; é vital que aprendamos a fazer essa oração junto com Paulo.

A igreja ocidental não precisa de nada mais urgente do que de grupos de crentes, desconhecidos, não solicitados, privativamente, fielmente, sem promoção ou fanfarra, pactuados a procurar a face de Deus, orando urgentemente pelo que é melhor enquanto contemplam o dia de Jesus Cristo – orando, em resumo, por avivamento. Qual seria o fim dessas coisas? Deus é soberano e cheio de compaixão: quem sabe o que ele pode fazer?

A oração de Paulo não é idólatra, mas louva a Deus

Infelizmente, a busca pela excelência pode ser desgraçadamente idólatra. A questão pode ser observada em incontáveis contextos. Você se

casa com alguém que você sabe que é um pouco perfeccionista e, na primeira noite, descobre o que isso significa exatamente quando é severamente repreendido por apertar o tubo de pasta de dente em vez de enrolá-lo. As pessoas podem ser perfeccionistas em algumas áreas e não em outras. Na nossa família, tanto minha esposa quanto eu somos meticulosos natos. Inevitavelmente, surgem problemas quando, sem consultar o outro, um de nós organiza a mesma coisa de modo bem diferente e espera que a outra pessoa se adapte ao nosso próprio plano "perfeito".

Pais perfeccionistas podem ser desesperadamente rígidos com os filhos. Não só na área da conduta básica, mas em habilidades, esportes, trabalhos escolares, atividades recreativas, eles chegar a depreciar os esforços dos filhos e repreendê-los furiosamente por não seguirem os seus padrões, que são sinceramente irreais.

O perfeccionismo, nos seus disfarces mais infelizes, também invade a igreja. Há alguns anos, depois de uma reunião de oração, sentei-me para tomar um café com um dos mais capazes pregadores que já ouvi. Esse homem é extraordinário. Nunca o ouvi pregar sem que a minha mente fosse informada e o meu coração desafiado. Nas relativamente raras vezes em que eu o ouço, seu ministério invariavelmente remodela minhas idéias pela Palavra de Deus. Apesar de estar ainda com pouco mais de 40 anos, ele serve numa igreja estratégica. Porém, nessa noite, enquanto tomávamos café, ele começou a dizer devagar algumas palavras com o seguinte sentido: "Don", disse ele, "para dizer a verdade, eu estou ficando cansado. Pela primeira vez, entendo por que alguns pregadores capacitados terminam na administração ou como professores aos 50 anos de idade. Não posso manter esse nível de ministério, domingo após domingo, semana após semana, sem me destruir. Estou cansado. E confesso que sou perfeccionista o bastante para não querer subir ao púlpito a menos que esteja completamente preparado. A menos que eu sinta que a mensagem esteja pronta, não me sinto disposto a pregá-la".

Respondi com algúmas trivialidades e oramos juntos. Alguns meses mais tarde, quando eu estava pregando e fazendo conferências na Austrália, alguém me transmitiu um dos ditos de Broughton Knox, outrora o diretor da Moore Theological College. De acordo com essa informação, Knox disse a seus alunos: "Deus não está interessado em 100%".

É claro que, num sentido, essa é a única coisa em que Deus está interessado. Ele quer que confiemos nele e obedeçamos totalmente a ele; ele quer que o sirvamos com 100% de lealdade. Porém, nesse caso o foco está nele. O que Broughton Knox queria dizer é que, muitas vezes, o que chamamos de "100%" não é uma sujeição irrestrita a Deus e ao seu evangelho, mas meramente o reflexo de uma personalidade perfeccionista. Para algumas pessoas, a menos que elas tentem resolver o que estão fazendo com 100% de sua energia e competência, não compensa fazê-la. Eles não podem aceitar a si próprios a menos que trabalhem desse modo. Com freqüência, eles são os altos empreendedores. Porém, sob uma perspectiva cristã, essa atitude pode ser nada mais nada menos que outra forma de auto-adoração – resumindo, uma forma de idolatria.

Então, eu escrevi ao meu colega pregador e citei Broughton Knox: "Deus não está interessado em 100%". O fato é que, eu disse a ele, preferiria ouvi-lo pregar por mais trinta ou quarenta anos a 80% da sua capacidade, do que por mais três ou quatro anos a 100% da sua capacidade. Se a escolha tiver que ser feita com base no que for bom para a igreja, com base no número de pessoas que ouviriam o evangelho apresentado de modo poderoso e inteligente e, portanto, com base no que traria mais glória para Cristo, a mesma decisão deveria ser tomada. Em toda a nossa busca pela excelência, nunca devemos cultuar a excelência. Isso seria simplesmente idólatra.

O mesmo problema surge em muitos níveis. A dona de casa perfeccionista, que constantemente insiste que a casa deve estar perfeita, pode ser tão "perfeita" que é quase impossível conviver com ela. O executivo perfeccionista pode fazer do sucesso nos negócios um ídolo a ser adorado a todo custo. O estudante cristão, que não pode aceitar tirar menos do que a nota máxima, pode estar muito mais interessado em manter uma reputação pessoal do que em servir ao Cristo ressurreto.

Nada disso deve ser tomado como uma desculpa para a preguiça, o descuido e a falta de disciplina. Partindo de uma perspectiva bíblica, a profunda pergunta que devemos fazer é: quais são os nossos motivos? Existem diferentes tipos de personalidades, cada uma com seus próprios pontos fortes. Mas a pergunta é esta: estamos preocupados em usar os dons e as graças que Deus tem nos dado, utilizá-los para a sua

glória e para o bem do seu povo? Ou queremos simplesmente fazer o que nos interessa mais?

É nesse ponto que Paulo é muito cuidadoso. Ele ora pelo "que é melhor", e entende que esse melhor deve resultar no "fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo", e então, cuidadosamente acrescenta que tudo isso é para a glória e o louvor de Deus (1.11b).

Este é o teste principal: o teste dos nossos motivos. Alguns de nós buscamos o que é excelente, mesmo na área espiritual, simplesmente porque achamos difícil fazer diferente. A nossa natureza perfeccionista fica perturbada quando há uma disciplina inferior, uma pregação inferior, um testemunho inferior, uma oração inferior ou um ensino inferior. Se estivermos preocupados com essas coisas porque sentimos nelas uma igreja que afundou no contentamento com a mornidão e a mediocridade espiritual; se tentarmos mudar essas coisas porque no fundo do nosso coração zelamos pela glória de Cristo e pelo bem do seu povo, isso é uma coisa; se, por outro lado, a nossa preocupação com essas questões é dirigida primariamente pelos nossos próprios padrões elevados e perfeccionistas, seremos menos inclinados a ajudar, e mais tendentes a depreciar. O nosso próprio culto se tornará uma fonte de orgulho secreto, exatamente porque é mais competente do que muito do que vemos ao nosso redor. E com pesar afirmamos que grande parte desse interesse ostensivo pela qualidade pode ser nada mais nada menos do que autoadoração, a mais horrível idolatria de todas.

Na verdade, Paulo já havia tentado aniquilar esse tipo de excelência. Orando para que o amor dos crentes filipenses aumentasse mais e mais, como condição e meio para discernir e aprovar o que era melhor, ele estabeleceu a natureza da excelência que lhe interessava. O amor é, em sua essência, abnegado; ele busca o interesse de Deus e o bem dos nossos companheiros na jornada espiritual. Agora, Paulo dá à sua oração o foco mais penetrante: o apóstolo intercede a Deus nesses termos com a finalidade de que o próprio Deus pudesse ser glorificado e louvado.

Justamente por isso, se a nossa busca do que é excelente, tanto na oração quanto na nossa vida cristã mais geralmente, estiver intimamente ligada ao nosso próprio ego e a noções indistintas de auto-realização, ela será inútil. Na mesma medida que a nossa procura pelo que

é excelente é impelida mais e mais pelo amor perspicaz, e dirigido "para a glória e louvor de Deus", assim também estaremos nos juntando ao apóstolo em suas orações, bem como aprendendo a viver com os valores eternos em vista.

Essas lições podem ser especialmente importantes para aqueles que são mais idosos. A aposentadoria pode revelar o lugar em que colocamos o nosso coração; assim também a incapacidade médica. O bispo Stanway foi usado por Deus para multiplicar igrejas e fortalecer o alcance do evangelho em toda a África Oriental. Só na Tanzânia ele foi responsável pela criação de mais de 20 dioceses; alguns se referiam a ele como o apóstolo da Tanzânia. Já aposentado, ele ajudou a fundar um seminário na América do Norte. Mas quando eu o encontrei, ele havia retornado à sua terra natal, a Austrália, e o mal de Parkinson o havia debilitado tanto que ele não podia mais falar. Ele se comunicava escrevendo num papel na prancheta; para ser mais exato, ele não conseguia mais escrever, mas desenhava suas respostas em letras de forma dificilmente legíveis. Quando eu consegui conhecê-lo um pouco, senti-me animado a perguntar-lhe como ele estava enfrentando aquela enfermidade incapacitadora. Ele tinha sido tão ativo e produtivo em toda a sua vida; como ele estava lidando com aquela situação de ser posto de lado? Ele teve que desenhar sua resposta na prancheta três vezes para que eu pudesse lê-la: "Não há futuro na frustração".

Para resumir, o bispo Stanway não se daria ao luxo de se sentir frustrado. Ele vivia na perspectiva da eternidade diante dele, e a frustração não faz parte da mesma. Ele simplesmente não tinha ligado o seu ego ao seu serviço, de tal modo que, quando as formas ativas e frutíferas de serviço que ele desfrutou por décadas foram retiradas, ele próprio não foi ameaçado. Ele ainda podia confiar no seu Mestre, e buscar o que era melhor dentro dos limites impostos a ele.

Martin Lloyd-Jones foi um dos pregadores mais influentes do século. Poucas semanas antes da sua morte, alguém perguntou a ele como, depois de décadas de ministério frutífero e atividades extraordinárias, ele enfrentava agora a situação de estar sofrendo de uma fraqueza tão intensa que solicitava grande parte da sua energia apenas para que ele fosse da cama para a sua poltrona e de volta à cama. Ele replicou usando as palavras de Lucas 10.20: "Não obstante, alegrai-vos, não porque os es-

píritos se vos submetem, e sim porque o vosso nome está arrolado nos céus". Em outras palavras, não relacione a sua alegria e o seu senso de bem-estar ao poder no ministério. O seu ministério pode ser tirado de você. Relacione a sua alegria ao fato de que você é conhecido e amado por Deus; vincule-a à sublime verdade de que o seu nome está escrito no céu. Isso nunca pode ser tirado de você. Lloyd-Jones acrescentou: "Sinto-me perfeitamente satisfeito".

Aqui, então, está um teste prático para confirmar se a excelência que busco é realmente para a glória e o louvor de Deus ou para minha própria imagem. Se as coisas que valorizo são retiradas, a minha alegria no Senhor diminui? Ou estou tão ligado aos meus sonhos que a destruição dos mesmos significa que eu também estou destruído?

A busca de Paulo em oração pelo que é excelente não é idólatra; pelo contrário, ela é vinculada ao louvor de Deus. Ele teria entendido o antigo hino irlandês:

Sê tu minha visão, ó Senhor do meu coração,
Todo o resto para mim nada é; tu, porém, és tudo;
Meu pensamento mais precioso, à luz do dia ou na escuridão.
Quando eu ando e durmo, tua presença é minha luz.

Sê tu minha sabedoria, minha palavra fiel;
Tu, sempre comigo e eu, sempre contigo, Senhor;
Tu, meu grande pai e eu, teu filho leal;
Habitando tu em mim e eu, sendo um contigo.

Sê tu meu peitoral, minha espada para o combate;
Minha armadura, minha força verdadeira;
O abrigo de minh'alma, a minha torre forte.
Eleva-me para o céu, tu que és fonte do meu poder.

Riquezas não me importam, nem dos homens o vão louvor,
Tu és minha herança hoje e sempre o serás;
Somente tu, o primeiro em meu coração, Senhor.
Soberano do céu, meu tesouro tu és.

Rei altíssimo celestial, sol sempre a resplandecer,
Conquistada a vitória, concede-me os gozos do céu;
Cerne do meu coração, suceda o que suceder,
Sê tu, ainda, minha visão, soberano de todas as coisas.

Be Thou my vision, O Lord of my heart,
All else but naught to me, save that Thou art;
Thou my best thought in the day and the night,
Waking and sleeping, Thy presence my light.

Be Thou my wisdom, Thou my true word;
Thou ever with me, and I with Thee, Lord;
Thou my great Father, and I Thy true son;
Thou in me dwelling, and I with Thee one.

Be Thou my breastplate, my sword for the fight;
Thou my whole armour and Thou my true might;
Thou my soul's shelter, and Thou my strong tower,
Raise Thou me heavenward, great power of my power.

Riches I heed not, nor man's empty praise,
Thou mine inheritance now and always;
Thou and Thou only the first in my heart,
Sovereign of heaven, my treasure Thou art.

High King of heaven, Thou heaven's bright sun,
Grant me its joys after victory is won;
Heart of my own heart, whatever befall,
Still be my vision, O Ruler of all.

Ouça então essa oração que Deus colocou na sua Palavra para que possamos aprender o que devemos pedir: "E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção, para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e

inculpáveis para o Dia de Cristo, cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus" (1.9-11).

Perguntas para revisão e reflexão

1. Discorra sobre a ligação que existe entre o amor crescente que é modelado pelo conhecimento e pela percepção moral... e aprovar o que é melhor.
2. Discorra ainda sobre a natureza das coisas melhores pelas quais devemos orar.
3. Que porcentagem das suas orações é por coisas de valor eterno? Você acha que as suas orações devem mudar? Por quê? Ou, por que não?
4. Como Paulo evita fazer da busca pelo que é excelente um exercício idólatra? Como esse exemplo deveria se aplicar a você?

9

Um Deus soberano e pessoal

A oração transforma as coisas. Por todos os lugares, você vê placas divulgando essa idéia. Você pode ter uma na sua casa. Sob essa conjuntura, "A oração transforma as coisas", incontáveis sermões têm sido pregados e incontáveis orações têm sido feitas.

Ou ela não transforma?

Se a oração transforma as coisas, como podemos crer que Deus é soberano e onisciente? Como podemos afirmar que ele tem seus planos todos delineados e que esses planos não podem falhar? Se nem um pássaro cai dos céus sem o seu decreto, se vivemos e nos movemos e temos nossa existência sob a sua soberania, se ele realiza tudo de conformidade com o propósito de sua vontade (Ef 1.11), então em que sentido significativo podemos dizer que a oração transforma as coisas?

Na verdade, essa é a razão pela qual algumas pessoas argumentam que Deus deve ser severamente limitado em alguns aspectos. Elas raciocinam de modo mais ou menos assim: "Francamente, parece-nos que embora Deus seja extraordinariamente poderoso, não é razoável pensar que ele seja onipotente e absolutamente soberano. Não há dúvida de que isso reduziria o universo inteiro a um brinquedo – o brinquedo de Deus.

Nós perderíamos a nossa liberdade; nós nos tornaríamos meras marionetes, porções de matéria levadas por todos os lados por uma deidade despótica. Se, nesse tipo de universo, nós oramos, então oramos só porque Deus ordena que oremos; se não oramos, Deus determinou isso também. Em qualquer dos casos, é difícil ver como as nossas orações na verdade transformam qualquer coisa. É claro que não tem muito significado encorajar as pessoas a serem ferventes ou ardentes na oração: o seu encorajamento foi ordenado, e se elas ouvirem você e fizerem orações ardorosas, isso também foi determinado. A questão toda se torna muito falsa. Obviamente não há outra opção razoável: nós simplesmente temos que concluir que Deus não pode ser totalmente soberano e absolutamente onipotente".

Se Deus não é absolutamente soberano, de acordo com essa linha de raciocínio, talvez a razão de ele não responder às suas orações como você gostaria é que ele não pode. Suponha que você esteja orando pela conversão de sua irmã. Se Deus já fez tudo o que ele pode para trazê-la para si mesmo, mas de alguma maneira ela não permitiu, por que se importar em pedir a ele que a salve? Não é um pouco indecente pressionar Deus a fazer mais quando ele já fez o melhor que ele pôde?

Ou, alguém pode argumentar que Deus é poderoso, mas um tanto quanto indiferente, relutante em fazer alguma coisa a menos que o peçamos. Aí, é claro, ele atende a alguns pedidos, mas rejeita outros simplesmente porque não pode fazer nada melhor.

Assim, afinal de contas, a oração transforma as coisas – mesmo se o preço desses tipos de raciocínio é que Deus não é poderoso, e portanto, não tão fidedigno quanto pensávamos que ele fosse. Na verdade, se Deus não é realmente onipotente, podemos imaginar, em momentos mais difíceis, como podemos estar certos de que ele fará com que tudo funcione corretamente com o universo no fim?

Outros argumentam que a única mudança que a oração efetua é no interior da pessoa que ora. Eles afirmam que por orar por certas coisas, focalizar nelas e se empenhar por elas, a pessoa é transformada. Posso orar por fazer um bom trabalho no meu emprego e, por estar orando nesse sentido, minha determinação é reforçada, sou levemente transformado para melhor, e o resultado pode ser que o meu trabalho realmente melhore. Mas a única mudança imediata efetuada pela oração é em mim.

Grosseiramente, isso significa que não importa realmente se Deus está lá ou não. A oração nada mais é do que uma muleta psicológica. A oração é uma coisa boa, mas só para pessoas fracas e inseguras.

Os cristãos nunca terão esses tipos de pensamentos, que são basicamente ateístas. Ironicamente, alguns de nós adotamos uma versão cristã da mesma abordagem. Nós também, às vezes, dizemos que o que a oração transforma é primariamente a pessoa que ora, mas atribuímos essa mudança não à psicologia, mas à obediência. Pensamos que a única oração significativa é: "Não seja feita a minha vontade, mas a tua". Se isso for respondido, então nos tornamos mais afinados com a vontade e o propósito de Deus, e isso é bom.

Ainda assim, apesar da importância de orar para que a vontade de Deus seja feita, certamente essa não é a única oração na Bíblia. Nas Escrituras, os crentes não somente oram por si mesmos, eles pedem coisas. Eles pedem a Deus que transforme as circunstâncias, que lhes dê coisas, e até mesmo que ele mude de idéia. Em muitas passagens, como veremos, é apresentado a nós que Deus, ao ouvir essas orações, "arrependeu-se" – o que não é muito diferente de dizer que ele "mudou de idéia".

Mas se Deus muda de idéia, por que outras passagens da Escritura apresentam-no como constante, seguro, imutável?

É triste dizer que nós somos suficientemente perversos para encontrar razões para não orar, não importa a perspectiva que adotemos. Considere missões. Se você crê que Deus "elege" ou escolhe algumas pessoas para a vida eterna, e não escolhe outras, você pode ser tentado a concluir que não há motivo para orar pelos perdidos. Os eleitos infalivelmente serão salvos: por que se preocupar em orar por eles? Assim, você tem uma boa razão para não orar. Se, por outro lado, você pensa que Deus já fez tudo que ele pôde para salvar os perdidos, e agora tudo depende do livre-arbítrio deles, por que pedir a Deus para salvá-los? Ele já fez a sua parte; resta muito pouco para ele ainda fazer. Apenas vá lá e pregue o evangelho. De qualquer modo, você tem outra razão para não orar.

Você pode realmente causar sérios danos à sua mente se pensar sobre esse tipo de coisas.

A Bíblia insiste para que oremos, ela nos estimula a orar, nos dá exemplos de orações. Se o nosso raciocínio nos leva para longe da oração, algo está errado com ele; alguma coisa não está correta com a nossa

teologia se a mesma se tornar um desincentivo à oração. Ainda assim, isso é o que acontece às vezes. O crente levemente ingênuo mas entusiástico, pode ter mais experiência na oração do que o teólogo que pensa muito sobre a oração. Ou, novamente, às vezes quando um cristão desenvolve uma apreciação crescente pelas "doutrinas da graça" – verdades que salientam a soberania, a autonomia e a graça de Deus – um dos primeiros resultados é um trágico decréscimo na disciplina da oração. Isso aconteceu na minha própria peregrinação em certo momento. A falha não estava nas doutrinas, mas em mim e na minha inabilidade de entrelaçá-las de modo correto com outros ensinos bíblicos.

A soberania de Deus e a responsabilidade humana

Neste capítulo, quero falar sobre alguns passos que me ajudaram a pensar um pouco mais biblicamente a respeito da oração. Apesar de, no que se refere à oração, eu estar longe do tipo de maturidade que eu gostaria de conseguir, essas reflexões bíblicas têm-me auxiliado não só a pensar sobre a oração, mas a orar. Vou começar enunciando duas verdades, as quais são demonstrativamente ensinadas ou exemplificadas continuamente na Bíblia:[1]

1. Deus é absolutamente soberano, mas nas Escrituras a sua soberania nunca funciona para reduzir a responsabilidade humana.
2. Os seres humanos são criaturas responsáveis – ou seja, eles escolhem, crêem, desobedecem, respondem, e há significado moral nas escolhas que eles fazem; mas, nas escrituras, a responsabilidade humana nunca funciona para diminuir a soberania de Deus nem para tornar Deus absolutamente contingente.

Meu argumento é que ambas as proposições são ensinadas e exemplificadas na Bíblia. Parte do nosso problema é não acreditar que ambas possam ser verdadeiras. Nós temos a tendência de usar uma e depreciar a outra; tendemos a enfatizar uma à custa da outra. Porém, a leitura responsável das Escrituras proíbe esse reducionismo.

Devemos começar olhando para o quadro maior. O texto de Provérbios 16 retrata Deus como tão completamente soberano que quando você ou eu lançamos um dado, o lado que sai para cima é determinado por

Deus (16.33). "O Senhor fez todas as coisas para determinados fins e até o perverso, para o dia da calamidade" (16.4). "O coração do homem traça o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos" (16.9). "Por que diriam as nações: Onde está o Deus deles? No céu está o nosso Deus e tudo faz como lhe agrada" (Sl 115.2,3).

De acordo com Jesus, se os pássaros são alimentados, é porque o Pai os alimenta (Mt 6.26); se as flores do campo crescem, é porque Deus as veste (6.30). Assim, Deus está por trás dos chamados processos naturais. Essa é a razão pela qual os escritores bíblicos preferem dizer que o Senhor envia a chuva, em vez de dizer simplesmente: "Está chovendo" – e isso a despeito de eles estarem perfeitamente cientes do ciclo da água. Os profetas entendiam a amplitude do domínio de Deus: "Eu sei, ó Senhor, que não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir os seus passos" (Jr 10.23). "Tudo quanto aprouve ao Senhor, ele o fez, nos céus e na terra, no mar e em todos os abismos" (Sl 135.6). A passagem de Efésios 1.3-14 é mais forte do que qualquer outra: Deus "faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade" (Ef 1.11). De maneira misteriosa, e sem ser maculado com o próprio mal, Deus se coloca por trás de homicídios involuntários (Êx 21.13), infortúnios familiares (Rt 1.13), desastre nacional (Is 45.6,7), tristeza pessoal (Lm 3.32,33,37,38) e até mesmo do pecado (2Sm 24.1; 1Rs 22.21ss.). Entretanto, em nenhum desses casos a responsabilidade humana é diminuída. Assim, apesar de ser Deus quem, na sua ira, incita Davi a fazer o censo proibido (2Sm 24.1), Davi é considerado responsável por suas ações.

A segunda declaração que fiz não é menos fortemente amparada nas Escrituras. Há incontáveis passagens nas quais os seres humanos recebem ordens de obedecer, de escolher e de crer, bem como são considerados responsáveis se falharem nessas coisas. O próprio Deus faz comoventes apelos para nos estimular ao arrependimento, porque ele não tem prazer na morte do perverso (Is 30.18; 65.2; Lm 3.31-36; Ez 18.30-32; 33.11). Em sua época, Josué pôde desafiar Israel usando estas palavras: "Agora, pois, temei ao Senhor e servi-o com integridade e com fidelidade... Porém, se vos parece mal servir ao Senhor, escolhei, hoje, a quem sirvais... Eu e a minha casa serviremos ao Senhor" (Js 24.14,15). O convite imperioso do próprio evangelho assume profunda responsabilidade: "Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor

e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo... Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido" (Rm 10.9,11). É óbvio que nada disso coloca em risco a soberania de Deus: apenas uns poucos versículos anteriores a esses apresentam o apóstolo citando a Escritura (Êx 33.19) para provar que "tem ele misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz" (Rm 9.18).

Centenas de passagens poderiam ser exploradas para demonstrar que a Bíblia admite tanto que Deus é soberano quanto que as pessoas são responsáveis pelas próprias ações. Por mais difícil que possa ser para muitas pessoas do mundo ocidental conciliar essas duas verdades ao mesmo tempo, é necessária uma grande dose de ingenuidade interpretativa para argumentar que a Bíblia não as sustenta.

Na verdade, a Bíblia não só apóia essas duas verdades em grande número de passagens distintas, como apresenta as duas juntas em muitas passagens. Temos espaço para mencionar apenas sete.

Gênesis 50.19,20

Depois da morte de seu pai, os filhos de Jacó se aproximaram de José e imploraram que ele não se vingasse deles pelo fato de terem-no vendido para ser escravo. A resposta de José é instrutiva: "Não temais; acaso, estou eu em lugar de Deus? Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida".

Entenderemos melhor o que José diz se observarmos atentamente o que ele não diz. José não diz: "Olhem bem, pecadores miseráveis, vocês premeditaram e executaram esse plano perverso, e se não fosse Deus ter me acudido no último momento, teria sido muito pior para mim do que foi". Nem diz ele: "A intenção de Deus era enviar-me para o Egito com tratamento de primeira classe, mas vocês, réprobos desprezíveis, deturparam os planos dele e causaram-me muitos sofrimentos".

O que José diz é que, no mesmo acontecimento, os irmãos intentaram o mal e Deus planejou o bem. A soberania de Deus no acontecimento, com o plano de salvar milhões de pessoas da miséria durante os anos de fome, não diminui o mal dos irmãos; a conspiração maligna deles não torna Deus dependente. Tanto a soberania de Deus quanto a responsabilidade humana são admitidas como verdade.

2 Samuel 24

Já mencionamos que Deus, na sua ira, incita Davi a contar as pessoas, e então, quando o mesmo efetua esse ato proibido, sente a sua consciência acusar e, no final, tem de escolher entre três severos julgamentos que Deus apresenta. O resultado é que 70 mil pessoas morrem.

É importante lembrar que a Bíblia insiste em que Deus é bom, perfeitamente bom. "Eis a Rocha! Suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são juízo; Deus é fidelidade, e não há nele injustiça; é justo e reto" (Dt 32.4). "Deus é luz, e não há nele treva nenhuma" (1Jo 1.5). Os céus ecoam com o louvor: "Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações! Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois só tu és santo" (Ap 15.3,4).

Por outro lado, há várias passagens, como essa em 2 Samuel 24, em que Deus é apresentado como, de algum modo, por detrás do mal. O mal não acontece simplesmente, deixando Deus a gaguejar: "Puxa! Isso fugiu do meu controle; foi um deslize. Desculpem-me por isso". Assim, Deus envia a certas pessoas uma "forte ilusão" para que elas acreditem em grande mentira (2Ts 2.11); ele seduz os profetas de Acabe, de tal maneira que as suas profecias são tolices (1Rs 22.21ss.); e, finalmente, ele está por trás dos sofrimentos de Jó. A história de Jó é importante para refletirmos sobre 2 Samuel 24 e o incitamento de Davi a pecar levantando o censo. A razão é que em 1 Crônicas 21, onde a história é recontada de forma ligeiramente diferente, é Satanás, e não Deus, que incita Davi a contar o povo. Alguns leitores pensam que isso é uma contradição intolerável. Certamente, a ênfase é diferente, mas não constitui uma contradição. Do mesmo modo que em Jó, pode-se dizer que Satanás aflige Jó, ou que Deus aflige Jó: as duas coisas não são necessariamente mutuamente excludentes.

É evidente que isso suscita toda sorte de perguntas difíceis acerca de causalidades secundárias e semelhantes. Todavia, o meu único objetivo no momento é mostrar que Deus é apresentado como soberano sobre a vida de Davi, incluindo esse pecado particular na sua vida, enquanto o próprio Davi não é desculpado por isso: Davi ainda é responsável por suas ações. Ambas as proposições são aceitas como verdadeiras.

Isaías 10.5-19

Essa passagem é típica de muitos profetas. Deus dirige-se ao mais cruel superpoder da época de Isaías: "Ai da Assíria, cetro da minha ira! A vara em sua mão é o instrumento do meu furor. Envio-a contra uma nação ímpia e contra o povo da minha indignação lhe dou ordens, para que dele roube a presa, e lhe tome o despojo, e o ponha para ser pisado aos pés, como a lama das ruas" (Is 10.5,6). O contexto deixa claro que o povo contra quem Deus está enviando os assírios não é outro senão a sua própria comunidade da aliança. Deus está irado com o seu povo por causa do pecado deles e, assim, ele envia os assírios contra eles. Mesmo assim, Deus aqui proclama uma calamidade sobre os assírios em relação à sua missão. Por quê? Porque eles pensam que estão fazendo tudo isso por si mesmos. Eles pensam que Samaria e Jerusalém são apenas como as capitais das nações pagãs que eles já dominaram. Portanto, quando o Senhor terminar o seu trabalho contra o Monte Sião e Jerusalém (i.e., quando ele terminar de puni-los por intermédio dos assírios), então ele "castigará a arrogância do coração do rei da Assíria e a desmedida altivez dos seus olhos" (10.12). "Porventura, gloriar-se-á o machado contra o que corta com ele? Ou presumirá a serra contra o que a maneja?... Pelo que o Senhor, o SENHOR dos Exércitos, enviará a tísica contra os seus homens, todos gordos, e debaixo da sua glória acenderá uma queima, como a queima de fogo" (10.15,16).

Aqui encontramos Deus usando um superpoder militar como se fosse nada mais que uma ferramenta – um machado ou uma serra – para cumprir os seus propósitos de julgamento severo. Mas isso não significa que os assírios não sejam responsáveis pelas suas ações. O orgulho deles, bem como a "altivez desmedida de seus olhos" e, acima de tudo, a arrogância de pensar que eles se tornaram fortes são profundamente ofensivos ao Todo-poderoso, e ele os considera culpados. Eles podem ser instrumentos nas suas mãos, mas isso não os absolve da responsabilidade.

João 6.37-40

No contexto do discurso sobre o "pão da vida", Jesus declara: "Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora" (Jo 6.37). Por um lado, isso significa que todos os eleitos, todo o povo escolhido de Deus, são vistos como um presente

que o Pai dá ao Filho e, por outro lado, que uma vez que eles foram dados a Jesus, de sua parte Jesus certamente os manterá consigo: ele nunca os afastará. Que esse é o significado da última parte do versículo 37 torna-se claro especialmente quando seguimos a argumentação nos versículos seguintes. "De modo nenhum o lançarei fora", disse Jesus, "porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou. E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia" (6.37-39).

Assim, Deus é visto como tão soberano no processo da salvação que diz que o povo de Deus é dado como um presente pelo Pai ao Filho, enquanto o Filho os preserva até o último dia, quando (ele promete) ele os ressuscitará. Entretanto, isso não faz com que esse povo privilegiado consista de meros robôs. O versículo seguinte pode descrever esse mesmo povo em termos do que eles fazem: "De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia" (6.40).

As nossas duas proposições são admitidas como verdadeiras, e não é permitido a nenhuma delas diminuir a outra.

Filipenses 2.12,13

Depois de apresentar poderosamente o exemplo singular de Jesus Cristo (2.6-11), Paulo escreve: "Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença, porém, muito mais agora, na minha ausência, desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (2.12,13). O significado desses versículos tem sido debatido, e este não é o lugar para me juntar aos debatedores. Contudo, diante disso, o significado de Paulo pode tornar-se um pouco mais claro se reconhecermos o que ele não diz.

Paulo não diz a seus leitores para desenvolver a sua salvação visto que Deus já fez a sua parte, e agora o resto é por conta deles. E ele também não lhes diz que Deus já fez tudo, de maneira que tudo que eles precisam fazer é se tornarem extremamente passivos: "Deixe que as coisas aconteçam" ou algum outro lema equivalente. Pelo contrário, ele diz a eles para desenvolver a salvação deles exatamente porque é Deus

que está trabalhando neles, tanto no nível de suas vontades quanto no nível de suas ações ("tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade").

Não somente a verdade de nossas duas proposições é assumida, como a soberania de Deus, que se estende de modo a incluir a nossa vontade e a nossa ação, funcionam como um incentivo à nossa própria diligência na área espiritual.

Atos 18.9,10

Um argumento semelhante é apresentado em Atos 18, onde a eleição de Deus torna-se um incentivo ao evangelismo. Paulo chega em Coríntios sem dúvida um pouco desanimado devido ao tratamento rude que recebeu quando andava pelo sul, através da Macedônia a caminho da Acaia. Agora, numa visão noturna, o Senhor fala a ele: "Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; porquanto eu estou contigo, e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade" (18.9,10). A expectativa da conversão de muitas pessoas, uma expectativa assegurada pelos propósitos de Deus na eleição, é que dá a Paulo perseverança e força quando ele se instala em Corinto para um extenso ministério.

Eu entendi alguma coisa a respeito desse argumento quando ainda era criança e estava começando a fazer perguntas difíceis. Meu pai era um fundador de igrejas em Quebec. Naquela época, havia poucos frutos. Naquela época, uma igreja evangélica de fala francesa bastante próspera devia ter cerca de 20 ou 30 membros assíduos. Várias vezes o meu pai pregou para um grupo de 20 pessoas. Em determinada época, muitos americanos que tinham sido notavelmente eficientes no ministério na África Ocidental Francesa foram a Quebec para examinar a situação. Um ou dois tentaram transmitir a sutil mensagem (sem ser tão grosseiros a ponto de articulá-la, é claro): "Dá licença, pessoal, e mostraremos a vocês como se faz".

Nenhum daqueles missionários permaneceu. Todos foram embora depois de poucos meses. Eu já era crescido o bastante e perguntei ao meu pai por que nenhum deles tinha ficado para ajudar. Com mansidão, ele explicou que eles tinham servido em áreas em que conheceram grande bênção, e era difícil para eles considerar o trabalho numa área em que parecia haver tamanha frieza. E eu insisti com meu pai: por que então

ele tinha ficado? Por que ele não ia para algum outro lugar onde o poder do Senhor fosse abundante? Por que se comprometer a trabalhar onde há tanto para desencorajar e tão pouco fruto? Ele gentilmente respondeu-me: "Eu fico porque acredito de todo o meu coração que Deus tem muitas pessoas nesse lugar".[2]

É claro que papai poderia ter ido para a sepultura sem ter visto nenhum desses frutos. Porém, pela misericórdia de Deus, a ceifa começou em 1972. A partir de uma base de um pouco menos de 50 igrejas evangélicas, muitas centenas surgiram. Onde um esforço evangelístico maior numa área metropolitana deve ter atraído umas poucas centenas de pessoas a ouvir o evangelho, milhares começaram a participar. Porém, a questão é que essa é meramente outra ilustração do que Paulo entendeu em Atos 18.9,10: a soberania de Deus na eleição, longe de desencorajar o evangelismo, torna-se um incentivo a continuar com a tarefa. Mais uma vez, nossas duas proposições são admitidas como verdade.

Atos 4.23-30

Essa passagem em Atos é a mais reveladora das sete que estou discutindo brevemente.

Logo de início, Pedro e João, recentemente libertos da prisão – uma prisão que é um presságio de uma perseguição pior por vir – relatam suas experiências "aos irmãos" (4.23), isto é, aos cristãos que viviam em Jerusalém. A reação deles é orar. Eles começam suas orações com uma afirmação da soberania de Deus: "Tu, Soberano Senhor, que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há" (4.24). Eles não só confessam Deus como o Criador do universo, eles citam um Salmo que afirma a soberania perpétua de Deus sobre as nações, mesmo quando essas nações se rebelam contra ele: "Levantaram-se os reis da terra, e as autoridades ajuntaram-se à uma contra o Senhor e contra o seu Ungido" (4.26, citando o Sl 2.2). Nesse Salmo, Deus não é desconcertado por essa oposição: "Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles" (Sl 2.4).

Não há dúvida de que os cristãos que estavam orando em Jerusalém lembraram-se daquele contexto. Mesmo assim, eles não citam o Salmo todo. Havendo mencionado os reis da terra e os governadores se ajuntando para se opor ao Senhor e seu Ungido, eles pensam no exemplo mais revoltante dessa rebelião contra o Deus que os criou: "porque verdadeira-

mente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel" (At 4.27). Os primeiros cristãos entenderam que o cumprimento mais infeliz do Salmo 2 está nos acontecimentos que levam à cruz. Uma conspiração horrorosa para perverter a justiça e ganhar vantagem política era nada mais que uma conspiração contra o próprio Deus, e contra o seu "Ungido", seu Messias.

Mas a oração desses cristãos não pára ali. Eles realisticamente fazem um resumo da culpa a ser colocada aos pés de Herodes, Pôncio Pilatos e várias autoridades dos gentios e judeus, e então acrescentam: "para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram" (4.28).

Até mesmo uma reflexão rápida demonstra que qualquer outra alternativa destrói a estrutura da fé cristã. Suponha que Deus não tivesse sido soberano a respeito da conspiração que levou Jesus ao Calvário. Não teríamos de concluir que a cruz era um tipo de idéia posterior na mente de Deus? Não deveríamos pensar, então, que a intenção de Deus era fazer algo bem diferente, mas depois, devido a esses rebeldes terem corrompido seu plano, ele fez o melhor que pôde, e o resultado foi a morte expiatória de Jesus na cruz? Toda a Escritura clama contra essa sugestão. Então, devemos concluir, com alguns teólogos modernos, que se Deus é tão soberano quanto os cristãos do século 1º manifestamente criam – tão soberano na verdade que os conspiradores meramente fizeram o que "a tua mão e o teu propósito predeterminaram" – que os conspiradores não podem ser acusados? Mas isso também destrói o Cristianismo. A razão de Jesus ter ido para a cruz foi para pagar a penalidade dos pecadores; a hipótese é que esses pecadores carregam a responsabilidade moral real, a culpa moral verdadeira pela qual a penalidade foi decretada. Se os seres humanos não são considerados responsáveis por esse ato, por que eles deveriam ser considerados responsáveis por qualquer ato? E se eles não são considerados responsáveis, então por que Deus deveria enviar o seu Ungido para morrer no lugar deles?

Deus é absolutamente soberano, apesar de sua soberania não diminuir a responsabilidade humana; os seres humanos são criaturas moralmente responsáveis, apesar de esse fato não colocar em risco, de modo algum, a soberania de Deus. No Calvário, todos os cristãos têm que admitir a verdade dessas duas declarações, ou devem desistir do seu título de cristãos.

O mistério e a natureza de Deus

Se concordarmos, pois, que a Bíblia freqüentemente afirma ou exemplifica a verdade dessas duas declarações, quais são as implicações disso?

Em primeiro lugar, nós nos recusamos a pensar que essas duas afirmações contenham uma profunda contradição. Admitimos que há mistério nelas, e teremos que explorar apenas onde se encontra esse mistério. Mas se formos cuidadosos com a semântica, evitaremos abordar essas duas declarações como se elas fossem mutuamente excludentes. O Cristianismo não está interessado em tentar você a crer em absurdos contraditórios. De vez em quando ele invoca o mistério, mas não o contra-senso.

Isso significa, por exemplo, que devemos ser cuidadosos a respeito da noção de liberdade. Muitos cristãos hoje pensam que se os seres humanos devem ser considerados criaturas moralmente responsáveis, eles devem ser livres para escolher, crer, desobedecer, e assim por diante. Mas, o que "liberdade" significa? Às vezes, sem pensar a respeito, supomos que tal liberdade deve acarretar necessariamente o poder de trabalhar fora da soberania de Deus. Pensamos que a liberdade envolve o poder absoluto de ser contrário – ou seja, o poder de quebrar qualquer vínculo, de tal modo que não exista nenhuma exigência na escolha que fazemos. Se formos constrangidos a escolher certa opção, se o que decidimos é, na verdade, absolutamente inevitável, então, como poderia ser nosso? E se não é verdadeiramente nosso, como podemos ser considerados moralmente responsáveis?

No entanto, as passagens que acabamos de pesquisar clamam em protesto. Para não ir além do último exemplo: Herodes e Pôncio Pilatos e o restante conspiraram juntamente; eles fizeram o que queriam fazer, mesmo tendo feito o que o poder e a vontade de Deus haviam determinado antecipadamente. Essa é a razão por que muitos teólogos se recusam a relacionar "liberdade" ao poder absoluto de agir de modo contrário à vontade de Deus. Em vez disso, eles relacionam isso ao desejo, ao que os seres humanos voluntariamente escolhem. Os irmãos de José fizeram o que queriam fazer; Herodes, Pilatos e os governantes dos judeus fizeram o que queriam fazer; os assírios também. Em cada caso, a soberania de Deus estava operando por trás das cenas: os participantes

humanos, para usar a linguagem dos cristãos primitivos, fizeram o que o poder e a vontade de Deus tinham decidido de antemão o que deveria acontecer. Mas eles não podem ser desculpados. Eles fizeram o que quiseram fazer.

A única razão para trazer esse assunto à baila é insistir que as nossas duas proposições, por mais difíceis e misteriosas que sejam, podem ser consideradas tolas e até mesmo plenamente contraditórias se começarmos com suposições e definições questionáveis que não tenham apoio nas Escrituras.

Em segundo lugar, é vital ver que Deus não se coloca por trás do bem e do mal exatamente da mesma maneira. Existem duas posições a evitar: (1) Alguns supõem que Deus não se encontra, em nenhum sentido, atrás do mal e (2) outros pensam que Deus está atrás do bem e do mal exatamente do mesmo modo.

No primeiro caso, o raciocínio é que certas coisas acontecem no universo, ou seja, todo acontecimento do mal, que estão completamente fora do controle de Deus. Isso significaria que existe um outro poder, à parte de Deus e fora do domínio da sua soberania, que o desafia. Na filosofia, esse ponto de vista é chamado dualismo. Num universo assim, é difícil estar certo quanto a qual dos lados, o bem ou o mal, vencerá no final. Já observamos textos suficientes para ter certeza de que a Bíblia não ratifica essa concepção de Deus.

A segunda posição considera que o que Deus ordena acontece; o que ele não ordena não acontece. Se tanto o bem quanto o mal acontece, só pode ser porque Deus ordena ambos. Porém, se ele está por trás do bem e do mal exatamente da mesma maneira, isto é, se ele está por trás deles simetricamente, ele é inteiramente amoral. Ele pode ser poderoso, mas não bom.

O testemunho da Bíblia não nos permitirá aceitar nenhuma dessas posições. A Bíblia insiste que Deus é soberano, tão soberano que nada do que acontece no universo pode escapar ao limite mais distante de seu controle; ainda assim, a Bíblia insiste que Deus é bom, irrestritamente bom, o próprio padrão da bondade. Somos levados a concluir que Deus não se coloca atrás do bem e do mal exatamente do mesmo modo. Em outras palavras, ele coloca-se atrás do bem e do mal *assimetricamente*. Ele coloca-se atrás do bem de tal maneira que o bem, no final das con-

tas, pode ser creditado a ele; ele coloca-se atrás do mal de modo tal que o que é mal é inevitavelmente atribuído aos agentes secundários e a todos os seus efeitos malignos. Eles não podem escapar ao seu domínio, exatamente da mesma maneira que Satanás não tem poder sobre Jó sem a permissão de Deus; apesar disso, Deus permanece misteriosamente distante do mal em si.

Digo "misteriosamente" porque como ele faz isso é um mistério, por razões ainda a ser exploradas. Na verdade, é o próprio caráter misterioso do seu controle que impele não poucos escritores bíblicos a lutar em agonia a respeito do problema do mal – não apenas o escritor de Jó, mas também Habacuque, alguns dos salmistas, e outros.

Em terceiro lugar, e o mais importante, as nossas duas proposições concernentes à soberania de Deus e à responsabilidade humana estão diretamente ligadas à natureza de Deus. Se Deus fosse soberano e nada mais, poderíamos, todos nós, nos tornarmos cristãos fatalistas, mas seria difícil encontrar um lugar para a interação humana com a deidade, um lugar para a responsabilidade humana. Se Deus fosse pessoal e nada mais – falando conosco, respondendo-nos, perguntando e respondendo – seria fácil compreender como os seres humanos são responsáveis em relação a ele, mas seria difícil apreender como esse tipo de Deus seria transcendente, soberano e onipotente.

A maravilhosa verdade é que Deus é tanto transcendente quanto pessoal. Ele é transcendente: ele existe acima ou além do tempo e espaço, desde que ele existia antes que o universo fosse criado. Dessa esfera exaltada e dificilmente imaginável, ele reina soberanamente sobre as obras das suas mãos. Ainda assim, ele é pessoal: ele se apresenta a nós não como um poder bruto ou uma força irresistível, mas como Pai, como Senhor. Quando ele fala e emite uma ordem, se eu obedeço estou obedecendo a ele; se eu desobedeço, estou desobedecendo a ele. Todos os meus relacionamentos mais significativos com Deus são vinculados ao fato de que Deus se manifestou como pessoa.

Parte do nosso problema é que virtualmente tudo o que entendemos por "pessoal" é moldado pela nossa experiência no tempo e no espaço. Achamos difícil imaginar como Deus pode ser transcendente e pessoal ao mesmo tempo, mesmo vendo claramente que a Bíblia o apresenta exatamente com essas características.

Assim, qualquer que seja o mistério escondido no nosso par inicial de declarações, ele é nada mais nada menos que o mistério do próprio Deus. Os cristãos estão preparados para aceitar certos mistérios. Confessamos que o Pai é Deus, o Filho é Deus, e o Espírito Santo é Deus – ainda assim há um só Deus. Ao longo das eras, os pensadores cristãos se esforçaram para mostrar como não existe, necessariamente, contradição nessa compreensão do caráter trinitário de Deus, mesmo havendo muitos tipos de mistério envolvidos. Assim também aqui: Deus é soberano e transcendente, e ele é pessoal.

Talvez seja o modo de Deus se colocar fora do tempo e do espaço que o capacite a controlar as causas secundárias da maneira como ele o faz. Eu não sei. Como será o tempo aos olhos de um Deus transcendente? Eu não sei. Eu sei apenas que a Bíblia fala do seu poder *pre*destinador e da sua *pre*ordenação dos acontecimentos, mesmo que essas sejam categorias de tempo. Suponho que, se ele quiser se comunicar efetivamente conosco, ele deve condescender conosco graciosamente, usando categorias que podemos entender. Porém, não obstante todos os mistérios envolvidos na discussão sobre a natureza de Deus, eu percebo, com base nas Escrituras, que ele é simultaneamente pessoal e transcendente. Ele é absolutamente soberano sobre a sua ordem criada, e ainda assim ele é nada menos que pessoal ao lidar comigo. Às vezes, é mais importante adorar esse Deus do que entendê-lo.

Conclusão

O que tudo isso tem a ver com oração?

Antes de responder a essa pergunta diretamente, é essencial extrair uma lição crucial da discussão anterior. Admitamos que a Bíblia insista em que Deus é absolutamente soberano, e os seres humanos sejam criaturas moralmente responsáveis; admitamos que o próprio Deus é tanto transcendente quanto pessoal. Vamos admitir francamente que isso envolve um grau significativo de mistério. A pergunta que devemos nos fazer, então, é a seguinte: como podemos assegurar que esses pares complementares de verdade operem da maneira correta na nossa vida? Se há tanto mistério a respeito delas, não estaremos sempre correndo o risco de usar essas verdades de um modo que negue o mistério ou contradiga alguma outra coisa que devêssemos saber?

A resposta é simples, mas tem efeitos profundos. Devemos fazer o melhor para assegurar que essas verdades complementares operem na nossa vida da mesma maneira que elas operam na vida dos crentes descritos nas Escrituras.

Por exemplo, como a eleição opera nas Escrituras? Como a eleição deveria atuar na nossa vida? Ela nunca age nas Escrituras para fomentar o fatalismo; ela nunca opera para apagar o zelo evangelístico. Repetidamente, ela atua para enfatizar a maravilha da graça (Jo 6.68-70; Rm 9). Também funciona, entre outras coisas, para assegurar a certeza da frutificação espiritual entre o povo de Deus (Jo 15.16) e para encorajar a perseverança no evangelismo (At 18.9,10).

Como as constantes exortações a crer e a obedecer operam na Escritura? Elas nunca operam para retratar Deus como fundamentalmente no fim de seus próprios recursos e completamente dependente de nós; elas nunca reduzem Deus à dependência. Pelo contrário, elas operam para aumentar a nossa responsabilidade, para enfatizar a urgência dos passos que devemos dar, para nos mostrar qual é a única resposta apropriada a esse tipo de Deus.

Como a repetida verdade da providência soberana de Deus funciona na Escritura? Ela nunca trabalha para autorizar o fatalismo desatencioso; nunca me permite ser moralmente indiferente com base em que eu não consigo, de qualquer modo. Pelo contrário, a ênfase bíblica na soberania de Deus trabalha de maneira bem diferente. Por exemplo, ela me fornece base para acreditar que tudo está sob o controle gracioso de Deus, de tal modo que todas as coisas cooperarão para o bem nas vidas do povo de Deus (Rm 8.28).

Devemos organizar exatamente a mesma abordagem quando tratarmos da oração.

Como a soberania de Deus atua em passagens das Escrituras nas quais a oração é apresentada? Certamente ela nunca atua como uma desmotivação à oração! Ela pode proibir certos tipos de orações ilógicas: por exemplo, Jesus proíbe seus seguidores de tagarelarem como os pagãos, que pensam que serão ouvidos por causa de suas muitas palavras. "Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais" (Mt 6.8). Por outro lado, essa proibição não pode ser tomada como uma condenação geral de toda

perseverança na oração, desde que o mesmo Jesus em outra passagem frisa que essa perseverança é importante (Lc 11,18).

A soberania de Deus pode também funcionar como um incentivo a orar de acordo com a vontade de Deus. Assim, Jesus ora: "Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti" (Jo 17.1). Isso é importante. A hora no Evangelho de João é o tempo apontado pelo Pai, no qual Jesus seria de fato glorificado por meio da cruz, retornando assim à glória que ele tinha com o Pai antes do início do mundo (Jo 12.23,24; 17.5). Ao dizer que a hora tinha chegado, Jesus está reconhecendo que o tempo apontado por seu Pai havia chegado. Isso não leva Jesus a dizer somente "Seja feita a tua vontade". E menos ainda produz silêncio: a hora chegou e não há muito que se possa fazer a respeito, desde que tudo foi ordenado por meu Pai celestial. Pelo contrário, a lógica de Jesus é a seguinte: a hora designada por meu Pai para a "glorificação" do seu Filho chegou; então, Pai, glorifique o teu Filho.

Esse tipo de lógica não é incomum de modo algum. Aqueles que oram, nas Escrituras, normalmente oram de acordo com o que Deus já manifestou que vai fazer. Um exemplo magnífico é encontrado em Daniel 9. Ali nos é dito que Daniel entende, a partir das Escrituras, "que o número de anos, de que falara o SENHOR ao profeta Jeremias, que haviam de durar as assolações de Jerusalém, era de setenta anos" (Dn 9.2). Um fatalista simplesmente limparia o suor da testa e olharia para a frente, em direção à libertação prometida tão logo os 70 anos se cumprissem. Daniel não! Daniel está perfeitamente consciente de que Deus não é um robô, e menos ainda um gênio que sai da garrafa ao nosso comando. Deus não é só soberano, ele é pessoal, e por ser pessoal ele é livre.[3] Assim Daniel dirige-se a este Deus pessoal, confessando seus próprios pecados e os do seu povo: "Voltei o rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração e súplicas, com jejum, pano de saco e cinza" (9.3). Em outras palavras, é exatamente porque Daniel está ciente da promessa desse Deus pessoal e soberano que ele sente a obrigação de orar de acordo com o que ele aprendeu nas Escrituras com respeito à vontade daquele Deus. A maior parte do restante do capítulo registra a oração de Daniel. Ele lembra Deus que enquanto Daniel e os filhos de Israel pecam, Deus é aquele "que guarda[s] a aliança e a misericórdia" (9.4), que a Deus "pertence a misericórdia e o perdão, pois nos temos rebelado contra ele" (9.9). Ele ora: "ó Deus nosso, ouve a oração... e sobre o teu santuá-

rio assolado faze resplandecer o rosto, por amor do Senhor. Ó Senhor, ouve; ó Senhor, perdoa; ó Senhor, atende-nos e age; não te retardes, por amor de ti mesmo, ó Deus meu; porque a tua cidade e o teu povo são chamados pelo teu nome" (9.17,19). Em outras palavras, ele roga a Deus para preservar a integridade do seu próprio nome, a santidade do seu próprio pacto, a sua reputação de misericordioso e perdoador.

E o exílio termina.

Talvez as passagens mais surpreendentes que combinam a soberania e a pessoalidade de Deus sejam aquelas que falam de Deus abrandando a sua fúria. Enquanto Moisés está no Monte Sinai recebendo as tábuas da lei, os filhos de Israel sucumbem à terrível idolatria do bezerro de ouro. Deus está furioso: "Tenho visto este povo, e eis que é povo de dura cerviz. Agora, pois, deixa-me, para que se acenda contra eles o meu furor, e eu os consuma; e de ti farei uma grande nação" (Êx 32.9,10).

Porém, Moisés simplesmente não "deixou" Deus. Na sua intercessão, os argumentos são notáveis, suplicando a Deus tanto como o Soberano como a suprema Deidade pessoal. Moisés argumenta que se Deus levasse a cabo o seu plano de destruição, os egípcios escarneceriam, dizendo que Deus era malicioso e que ele havia levado o seu povo para o deserto para destruí-lo. Ao mesmo tempo, Moisés lembra Deus de suas promessas soberanas: "Lembra-te de Abraão, de Isaque e de Israel, teus servos, aos quais por ti mesmo tens jurado e lhes disseste: Multiplicarei a vossa descendência como as estrelas do céu, e toda esta terra de que tenho falado, dá-la-ei à vossa descendência, para que a possuam por herança eternamente" (32.13). Em outras palavras, se Deus destruísse o seu povo, não quebraria ele suas próprias promessas? Como um Deus fiel pode fazer isso? De acordo com Moisés, esse não é um argumento para um fatalismo carola – simplesmente confie nas promessas de Deus e tudo vai dar certo – mas para intercessão. Assim, Moisés vai direto ao ponto principal: "Torna-te do furor da tua ira e arrepende-te deste mal contra o teu povo" (32.12).

"Então, se arrependeu o Senhor do mal que dissera havia de fazer ao povo" (32.14).

Um leitor descuidado pode ser tentado a dizer: "Veja, Deus muda de idéia. Seus propósitos não são soberanos e imutáveis. A oração transforma as circunstâncias porque transforma a mente de Deus".

Mas essa conclusão seria parcial e prematura. Se Deus não tivesse se abrandado no seu propósito declarado de destruir os filhos de Israel, então, paradoxalmente, ele comprovaria ser volúvel com respeito às firmes promessas dadas a Abraão, Isaque e Jacó. Por outro lado, se Deus permanece fiel às promessas feitas aos patriarcas, então, como Moisés constata, Deus não pode destruir os israelitas, e deve, portanto, reverter o julgamento que havia pronunciado contra Israel. É exatamente nisso que Moisés fia-se ao orar.

Quando comparamos as orações de Amós, um verdadeiro profeta de Deus, com a falta de oração dos falsos profetas, obtemos um discernimento adicional em relação ao abrandamento da ira de Deus. Amós tira lições dos julgamentos ameaçadores de Deus contra o povo, e intercede em favor deles apaixonadamente: "Senhor Deus, perdoa, rogo-te; como subsistirá Jacó? Pois ele é pequeno" (Am 7.2). Fica comprovado que a oração de Amós foi efetiva. Duas vezes nos é dito: "Então, o Senhor se arrependeu disso" (7.3,6). Em contraste, Deus repreende severamente os falsos profetas de Israel exatamente porque eles não intercediam pelo povo. "Não subistes às brechas, nem fizestes muros para a casa de Israel, [uma linguagem que significa que eles não intercediam a Deus em favor do povo] para que ela permaneça firme na peleja no Dia do Senhor" (Ez 13.5). Ninguém estava intercedendo seriamente a Deus: "Busquei entre eles um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha perante mim, a favor desta terra, para que eu não a destruísse; mas a ninguém achei. Por isso, eu derramei sobre eles a minha indignação, com o fogo do meu furor os consumi; fiz cair-lhes sobre a cabeça o castigo do seu procedimento, diz o Senhor Deus" (Ez 22.30,31).

A importância extraordinária dessas passagens não pode passar despercebida. Deus espera que argumentemos com ele; ele espera que crentes piedosos intercedam a ele. A intercessão deles é o único meio apontado por ele de persuadi-lo a se abrandar, e se eles falharem com relação a isso, então ele não se abranda e sua ira é derramada. Se compreendermos que algo semelhante ocorreu na vida de Moisés, devemos concluir que Moisés é eficiente na oração, não no sentido de que Deus teria quebrado suas promessas da aliança aos patriarcas, nem no sentido de que Deus perdeu o seu autocontrole temporariamente até que Moisés conseguisse acalmá-lo, trazendo-o novamente à razão. Não, na misericórdia

de Deus, Moisés provou ser o meio apontado pelo próprio Deus, por meio da oração intercessória, de trazer o abrandamento que nada mais era do que uma graciosa confirmação da aliança com Abraão, Isaque e Jacó.

A verdade realmente magnífica é que seres humanos como Moisés, você e eu podemos participar do cumprimento dos propósitos de Deus pelos meios designados pelo próprio Deus. Nesse sentido limitado, a oração certamente transforma as circunstâncias; não se pode considerar que ela transforma circunstâncias de algum modo absoluto que deixa Deus de fora.

É evidente que estamos andando em círculos ao redor do mistério fundamental, o mistério da natureza de Deus. Esse Deus apresenta-se a nós como pessoal, e assim podemos orar a ele, argumentar com ele, apresentar razões a ele, interceder. Porém, ele também é soberano, o tipo de Deus que trabalha em nós – não menos em nossas orações! – "tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2.13). Sua soberania não diminui a sua pessoalidade. Ele é sempre não menos do que soberano e pessoal.

O perverso e o descrente apelarão para a soberania de Deus para argumentar sobre a futilidade da oração num universo determinado; eles apelarão para passagens que descrevem Deus como uma pessoa (incluindo as que falam do seu abrandamento) para inferir que ele é fraco, volúvel e impotente, concluindo mais uma vez que é inútil orar. Mas o fiel insistirá em que, a soberania e a pessoalidade de Deus, tratadas apropriadamente, tornam-se razões para mais oração, e não para abandonar a oração. Vale a pena orar a um Deus soberano porque ele é livre e pode tomar as atitudes que bem lhe pareçam; vale a pena orar a um Deus pessoal porque ele ouve, responde e age em favor do seu povo, e não de acordo com a rigidez cega do destino inexorável.

Também é útil lembrar que a oração que oferecemos não pode ser isenta da soberania de Deus. Se eu oro corretamente, Deus está trabalhando seus propósitos graciosamente em mim e por meu intermédio, e a oração, apesar de minha, é, simultaneamente, o fruto da obra poderosa de Deus em mim por meio do seu Espírito. Ao usar esse recurso designado por Deus, eu me torno um instrumento para realizar algo determinado por Deus. Se eu não oro, não é como se aquilo que Deus determinou falhasse, deixando Deus um tanto frustrado. Em vez disso, toda a situação agora

mudou, e minha falta de oração, pela qual eu sou totalmente responsável, não pode escapar por si mesma do alcance da soberania de Deus, forçando-me a concluir que nesse caso existem outros recursos designados por Deus em vista, possivelmente incluindo julgamento para mim e para aqueles por quem eu deveria estar intercedendo![4]

Em resumo, embora a natureza de Deus seja profundamente misteriosa para nós em muitos aspectos, não continuaremos no erro por muito tempo se permitirmos que os aspectos complementares do caráter de Deus trabalhem na nossa vida do mesmo modo que operaram na vida dos seus servos nas Escrituras. E, então, aprenderemos melhor como orar, e por que devemos orar, e pelo que devemos orar, e como devemos pedir. Descobriremos que a ênfase bíblica na soberania e na pessoalidade de Deus, se trabalharem corretamente na nossa vida, servirá como um incentivo eficaz à oração e como orientação quanto ao modo em que devemos nos aproximar de Deus.

Questões para revisão e reflexão

1. Quais são as duas verdades que devem ser mantidas juntas se quisermos pensar biblicamente a respeito da oração? Como essas verdades estão relacionadas à natureza de Deus?
2. Se admitirmos que há um certo mistério no modo em que essas duas verdades se ligam, como elas podem funcionar na nossa vida sem constante distorção? Dê alguns exemplos. Inclua algum comentário sobre o raciocínio de Daniel na oração registrada em Daniel 9.
3. Escolha uma das seguintes passagens e explique-a a alguém: Gênesis 50.19,20; Isaías 10.5-16; Atos 4.23-30; Filipenses 2.12,13.
4. A oração transforma as circunstâncias?

10

Orando ao Deus soberano

Efésios 1.15-23

Como faz muitas vezes em outras passagens, Paulo relaciona o conteúdo da sua oração (1.15-23) ao louvor que ele oferece a Deus (1.3-14). Suas palavras iniciais aos efésios talham essa ligação: "Por isso... não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações" (1.15,16). As palavras *por isso* referem-se à linha de pensamento dos versículos anteriores. Lá Deus é louvado porque ele "nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo" (1.3). A evidência final para essa bênção é atordoante: ele "nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele" (1.4). Isso não foi um ato de capricho soberano, mas de amor soberano: "em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade" (1.4b,5).

Nenhuma dessas bênçãos nos foi dada por causa da nossa bondade e do nosso valor intrínsecos. Elas são todas "para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado" (1.6). Essa referência a Jesus impele Paulo a se estender um pouco a respeito do que

Uma das orações de Paulo pelos efésios

[3]Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, [4]assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor [5]nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, [6]para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado, [7]no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça, [8]que Deus derramou abundantemente sobre nós em toda a sabedoria e prudência, [9]desvendando-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, [10]de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra; [11]nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade, [12]a fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que de antemão esperamos em Cristo; [13]em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa; [14]o qual é o

Jesus realizou sob o comando do Pai (1.7-10). Depois, o apóstolo volta ao tema central: "nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade" (1.11), de tal maneira que nós também sejamos "para louvor da sua glória" (1.12). Paulo quer que os seus leitores descansem na certeza de que o "nós" a respeito do qual ele está falando também os inclui: "em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa" (1.13). As bênçãos de Deus, incluindo o dom maravilhoso do "Espírito Santo da promessa" (1.13), pertencem àqueles que são "sua propriedade", e tudo isso é "em louvor da sua glória" (1.14).

penhor da nossa herança, até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória.

15Por isso, também eu, tendo ouvido a fé que há entre vós no Senhor Jesus e o amor para com todos os santos, 16não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações, 17para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele, 18iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos 19e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder; 20o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais, 21acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir não só no presente século, mas também no vindouro. 22E pôs todas as coisas debaixo dos pés e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à Igreja, 23a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas.

(Ef 1.3-23)

Por essa razão, diz Paulo, ele se põe a orar. Por que razão? Alguns pensam que Paulo está dizendo simplesmente que ele ouviu a respeito da fé dos seus leitores e decidiu orar por eles. Mas, sem dúvida, essa é uma visão muito limitada de uma pequeníssima parte dos versículos 3-14. Além do mais, o versículo 15 menciona que Paulo ouviu a respeito da fé dos seus leitores, mas ainda assim trata essa informação como algo diferente dessa razão que conta para o conteúdo da oração de Paulo. É muito mais provável que as palavras *por isso* se refiram a todos os versículos 3-14, ou, mais especificamente, aos seus temas repetidos e centrais. Num espírito profundo de adoração, Paulo esteve esboçando a soberania de Deus, especialmente na redenção, como a âncora para sua graça e como a fonte das bênçãos gozadas pelo seu povo. Ao pensar a

respeito dessas coisas, Paulo encontra razões específicas pelas quais orar. O que Deus já realizou soberanamente constitui uma razão específica para ele orar como faz – de acordo com os propósitos de Deus.

Resumindo, a oração de Paulo nesse capítulo é um modelo de como orar sob a soberania de Deus. Em particular, o relato da oração de Paulo enfatiza três aspectos da soberania de Deus.

1. Por Deus ser soberano, Paulo oferece ações de graças pela graça soberana e mediadora de Deus na vida dos seus leitores (1.15,16). Paulo, tendo ouvido da "fé que há entre vós no Senhor Jesus e o amor para com todos os santos" (1.15),[1] vê na conversão e transformação deles um maravilhoso exemplo da soberana e graciosa intervenção de Deus na vida de homens e mulheres. A "fé" (que provavelmente aqui inclui a confiança e a fidelidade) deles repousa seguramente no Senhor Jesus; o caráter deles foi transformado – não de modo místico, insípido, ou meramente sentimental e particular, mas publicamente, de modo que eles podem demonstrar ricamente "amor para com todos os santos". Paulo ouviu falar sobre a fé e o amor deles, e dá graças e ora por eles.

No entanto, com as palavras *por isso*, Paulo relaciona a sua oração mais dramaticamente ao que Deus tem feito soberanamente neles, sem dúvida como está exemplificado na fé e no amor deles, do que às próprias informações a respeito da fé e do amor. Por ser Deus que trabalhou neles, Paulo não parou de agradecer a Deus; porque é só Deus quem continua a efetuar essa transformação de modo soberano e gracioso, ele é quem deve receber os pedidos para que continue a sua boa obra. Assim, Paulo se compromete (ele diz a seus leitores) a "fazer menção de vós em minhas orações". Em resumo, por Deus ser soberano, Paulo oferece ações de graças pela graça soberana e mediadora de Deus na vida dos seus leitores.

A hipótese, é claro, é que, à parte da obra transformadora e poderosa de Deus, esse povo nunca teria sido convertido. Sem Deus, eles nunca teriam começado a demonstrar a confiança, a fidelidade e o amor que agora eram ricamente demonstrados na vida deles. Portanto, quaisquer virtudes cristãs que os caracterizasse tornavam-se motivo para louvor sincero a Deus.

Nós, cristãos, sabemos disso; às vezes, nós cantamos essa verdade melhor do que a articulamos de outras formas. Um dos meus hinos favoritos é este, anônimo:

Eu procurei o Senhor, e mais tarde eu soube
Ele moveu o meu coração a procurá-lo, procurando-me;
É verdade, ó Salvador, não fui eu quem o encontrou;
Não, eu fui encontrado por ti.

Tu estendeste a tua mão e envolveste a minha;
Andei e não submergi no agitado mar, na tempestade;
Não fui eu quem se segurou tão forte em ti;
Como tu, querido Senhor, segurou a mim.

Eu encontro, eu ando, eu amo, mas oh!, todo
O meu amor é apenas uma resposta, Senhor, a ti!
Pois tu estavas de antemão com minha alma;
Tu sempre me amaste.

Assim como nós damos graças a Deus quando reconhecemos a sua obra silenciosa e efetiva na nossa vida, também agradecemos a Deus quando ouvimos a respeito de sua obra na vida de outras pessoas. Se ouvirmos de um grande número de pessoas em outra cidade ou país que foram genuinamente transformadas pelo evangelho, não pensaríamos em ir a elas para agradecer-lhes por terem se tornado cristãs. Em vez disso, agradecemos a Deus por trabalhar de tal modo nelas para que se tornassem cristãs. Isso é o que Paulo está fazendo.

Assim, se queremos imitar as orações de Paulo, devemos ficar atentos aos relatos de progresso do evangelho, não só em círculos imediatamente ao nosso redor, mas também de lugares que nunca visitamos. Podemos pedir que organizações missionárias nos enviem seus boletins informativos; podemos receber as cartas de oração de pessoas que estão trabalhando em lugares distantes; podemos ler as notícias encontradas em algumas revistas cristãs. Quando encontrarmos informações confiáveis acerca de pessoas que se tornaram cristãs pela graça de Deus, aprenderemos a responder como Paulo: imediatamente nos voltaremos para o Deus cuja graça interferiu soberanamente na vida delas, com resultado tão feliz, e ofereceremos a ele louvor e ações de graças.

Se até mesmo os anjos do céu se rejubilam por um único pecador que se arrepende, não parece muito pedir ao povo de Deus para oferecer ações de graças pelas mesmas notícias.

Quando foi a última vez que você ofereceu esse tipo de ações de graças a Deus? É concebível que ouçamos a respeito de pessoas que se renderam a Cristo sem expressarmos a nossa gratidão a Deus?

2. Porque Deus é soberano, Paulo intercede para que os propósitos soberanos e santos de Deus na salvação do seu povo sejam cumpridos (1.17-19a). Assim como Daniel orou pelo fim do exílio porque Deus havia prometido que o exílio terminaria, assim também Paulo orou para que os cristãos pudessem crescer no conhecimento de Deus porque Deus declarou sua intenção de expor seu povo às glórias da sua graça, tanto agora como na eternidade. Assim como os cristãos clamam "Vem, Senhor Jesus!" precisamente porque eles sabem que Jesus prometeu fazer exatamente isso, assim também eles oram para que Deus continue a executar os seus propósitos soberanos e graciosos naqueles em quem ele começou a fazê-lo. É porque Deus nos escolheu em Cristo (1.4); é porque ele nos predestinou em amor para sermos adotados como seus filhos por meio de Jesus Cristo (1.4,5); é porque Deus derramou abundantemente em nós as riquezas de sua graça (1.7,8) – em resumo, é por essa razão que devemos orar como Paulo ora. A graça soberana de Deus na nossa vida não deve servir como um desincentivo à oração, mas como um incentivo, assim como o é para Paulo: "Por isso... não cesso... fazendo menção... o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da Glória..." (1.15-17).

O que é, exatamente, que Paulo pede?

A oração de Paulo é para que os efésios possam conhecer melhor a Deus. Isso é o que o texto diz. De todas as coisas que Paulo poderia ter pedido, essa é a que ele coloca no topo da sua lista: "para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele" (1.17).

Você sente que conhece suficientemente bem a Deus? Certamente nenhum cristão zeloso gostaria de responder a essa pergunta de modo afirmativo. Na verdade, quanto mais conhecemos Deus, mais queremos conhecê-lo melhor.

Como esse conhecimento crescente de Deus acontecerá? Ele acontece por nós nos aproximarmos de Deus em oração e pelo fato de pedirmos a ele que nos dê o Espírito de sabedoria e de revelação, para que possamos conhecê-lo melhor.

Há dois detalhes nesse versículo que, entendidos corretamente, esclarecem bastante o que Paulo quer. Primeiro, quando pede algo a Deus, muitas vezes Paulo dirige-se a Deus ou descreve Deus em termos que estão relacionados ao pedido. Por exemplo, em Romanos 15.4 Paulo diz que o que estava escrito nas Escrituras antigas foi escrito para nos ensinar, de tal maneira que "pela paciência e consolação das Escrituras, tenhamos esperança". Então, ele ora para que "o Deus da paciência e da consolação vos conceda o mesmo sentir de uns para com os outros, segundo Cristo Jesus" (Rm 15.5). Está claro que Paulo pensa que um espírito de unidade entre cristãos depende da paciência e da consolação das Escrituras, e é assim que ele descreve Deus quando ora.

Assim também aqui. Aquele a quem Paulo se dirige na oração é "o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo" e o "Pai da glória". A primeira expressão nos lembra de que aquele a quem oramos manifestou-se supremamente a nós em seu Filho Jesus o Cristo, Jesus nosso Senhor. Todas as bênçãos de Deus vêm por meio do seu Filho; e mais, todas as bênçãos da nova aliança de Deus já foram garantidas para nós por seu Filho, de tal maneira que orar no nome de Jesus, ou dirigir-se a Deus como o Pai de Jesus Cristo, é reconhecer o fundamento pelo qual Deus responde a essas petições: o próprio Jesus.

A segunda expressão, "o Pai da glória", não implica que o Pai tenha, de alguma maneira, procriado glória. Porém, a glória é freqüentemente associada tanto ao domínio de Deus quanto à sua graciosa auto-revelação. Assim, é o Deus da glória que aparece a Abraão quando ele ainda está na Mesopotâmia (At 7.2). Quando Moisés deseja conhecer melhor Deus, ele suplica ao Todo-poderoso que lhe mostre a sua glória – e Deus faz isso, mesmo sendo o rastro fugidio da sua glória (Êx 33.18-23). Jesus quer voltar ao domínio do seu Pai, à glória que ele teve com o Pai antes do início do mundo (Jo 17.5). Mesmo assim, o que ele fez na terra, o que ele fez supremamente na cruz, foi manifestar a glória de Deus (Jo 1.14; 2.11; 12.27,28). A glória é o último destino do cristão, e nós já estamos sendo "transformados, de glória em glória, na sua própria imagem" [do Senhor] (2Co 3.18). Assim, para Paulo, orar ao Pai da glória é confessar que ele está ciente do domínio de Deus, é articular a sua gratidão pela auto-revelação graciosa de Deus e considerar o domínio do Pai como a esperança máxima do cristão.

Agora, lembre-se da petição, e fica claro como essas duas descrições de Deus estão ligadas a ela. Paulo ora que Deus possa conceder aos seus leitores o Espírito de sabedoria e revelação, para que eles o conhecessem melhor. Que tipo de Deus responderá a essa oração? É o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, pois todas as bênçãos de Deus foram garantidas a nós pela obra de Cristo. E mais: nós somos aparentados com Deus por meio de Cristo. Nele nós fomos escolhidos (1.11); Deus desvendou-nos "o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo" (1.9). Além disso, a menos que Deus, cujo domínio é glória, graciosamente revele a nós mais de sua glória, como nos empenharemos por conhecê-lo melhor, preparando-nos assim para o dia em que nós também entraremos na sua glória?

Em segundo lugar, Paulo não ora simplesmente para que possamos conhecer Deus melhor, mas para que Deus possa nos dar o Espírito de sabedoria e revelação com a finalidade de que possamos conhecê-lo melhor. Há um meio estabelecido para o fim desejado. O que é requerido é a sabedoria e a revelação mediadas pelo Espírito. Isso não é simplesmente um corpo de verdades a serem assimiladas pela leitura de um livro de teologia sistemática (embora essa leitura possa nos fazer muito bem). É crescimento em sabedoria – provavelmente referindo-se aqui a como viver no universo de Deus de modo a agradá-lo – e em revelação.

Hoje em dia, algumas pessoas ficam agitadas quando encontram Paulo orando para que Deus pudesse dar-nos o Espírito de revelação. A revelação não atingiu o seu clímax em Jesus Cristo? Não é provável que esse tipo de conversa hoje nos leve a procurar revelação fora do cânon? De fato, hoje muitos cristãos fazem uma distinção entre revelação e iluminação, reservando o último termo para experiências não normativas, o esclarecimento da mente de uma pessoa para que a verdade e as alegações, os valores e as normas de Deus sejam absorvidos e adotados. Porém, Paulo pode usar "revelação" para ambos os conceitos. Seu contexto sempre deixa o seu objetivo suficientemente claro. "Revelação" pode referir-se à auto-revelação sem paralelos de Deus nas Escrituras normativas; e pode também se referir ao que consideramos "iluminação". Assim, escrevendo aos filipenses, Paulo diz: "Todos, pois, que somos perfeitos, tenhamos este sentimento; e, se, porventura, pensais doutro modo, também isto Deus vos esclarecerá [lit., revelará]" (Fp 3.15). Assim também

aqui: nós, cristãos, temos necessidade de que o Espírito de Deus revele mais de si mesmo e dos seus caminhos a nós, se queremos conhecer melhor Deus, pois é tarefa do Espírito tomar coisas que pertencem ao domínio de Deus, o domínio da glória, e trazê-las a nós de maneira tal que possamos recebê-las (2Co 2.9-16).

Somente essa obra realizada pelo Espírito de Deus nos capacitará a conhecê-lo melhor. Portanto, devemos orar por isso. Se falharmos em fazê-lo, trairemos o nosso interesse de realmente conhecê-lo melhor, mesmo que um momento de reflexão nos mostre que não há nada mais importante no universo, tanto agora como na eternidade, do que conhecer Deus melhor. Portanto, com Paulo nós devemos orar sinceramente a Deus para que possamos conhecê-lo melhor.

Em particular, a oração de Paulo a Deus é que possamos ter o discernimento necessário para compreender certas verdades cruciais. Assim como ele pede a Deus que se revele por meio do seu Espírito, também pede a Deus que os olhos dos seus leitores sejam iluminados, de tal modo que eles possam aprender certas coisas. Assim, de certo modo, esse é uma continuação do mesmo pedido; ou, colocando de outro modo, é o outro lado do mesmo pedido. O Espírito revela; nós devemos ter as nossas faculdades espirituais sintonizadas para receber o que Deus revela por seu Espírito. Porém, só o fato de que Paulo ora por ambas as questões, mostra que ele entende que, no final, é Deus, e somente Deus, quem nos revela e nos capacita a compreender o que ele revela. Essa é a razão pela qual Paulo ora; essa é a razão pela qual nós devemos orar. Nós nunca cresceremos no conhecimento de Deus da maneira como devemos se não pedirmos a Deus por coisas como essas. Elas são fundamentais para a experiência e o alcance da maturidade de todos os cristãos. Se forem omitidas, tudo o mais que fizermos será pouco mais do que participarmos de jogos religiosos.

Então, o que é que Paulo quer particularmente que os seus leitores vejam com olhos esclarecidos?

Primeiro, Paulo quer que os efésios entendam a esperança do seu chamado – isto é, o objetivo da sua salvação. Como já observamos em outros exemplos de orações de Paulo, o chamado de Deus a seu povo é eficaz. Se você foi chamado, você foi salvo. A esperança do chamado de uma pessoa, portanto, é o aspecto do chamado ou da salvação dessa

pessoa pelo qual ela ainda aguarda com interesse. Se você é um cristão, a esperança do seu chamado é o componente da sua salvação que você aguarda com ansiedade no futuro.

Em outras palavras, essa "esperança" nada mais é do que vida no novo céu e nova terra, vida na presença de Deus. É a "esperança da glória de Deus" (Rm 5.2), a esperança de compartilhar dessa glória, a esperança de aparecer com Cristo na glória no final (Cl 3.4). É a expectativa de ser apresentado a Cristo "sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito" (Ef 5.27).

Na nossa geração, que reflete muito pouco sobre o futuro e quase nunca sobre a eternidade, é dolorosamente óbvio que precisamos de ajuda, ajuda de Deus, para sermos capazes de conhecer a esperança à qual fomos chamados. Somente assim ficaremos mais interessados em viver com os valores da eternidade constantemente diante dos nossos olhos. O que teremos de mostrar diante do grande Rei no último dia será infinitamente mais importante para nós do que o que deixarmos para trás aqui.

A segunda bênção que Paulo quer que os seus leitores sejam capazes de compreender é "as riquezas de sua gloriosa herança nos santos"; ou, mais literalmente, "as riquezas da glória da herança [de Deus] nos santos", continuando assim o tema da "glória". Já nesse capítulo, Paulo nos disse que Deus redimirá, na consumação, aqueles que constituem a sua propriedade (1.14). Nós somos herança de Deus; usando a linguagem do quarto evangelho, somos aqueles que o Pai deu ao Filho, seu presente a seu Messias. Esse pensamento seria incrível, não fosse pelo fato de que Deus nos vê em Cristo (1.11; veja Cl 2.1-10). A avaliação que Deus faz do seu povo é estabelecida por sua avaliação de Cristo.

Precisamos nos ver como somos, como Deus nos vê. Paulo quer que apreciemos o valor que Deus nos dá, não porque somos intrinsecamente merecedores, mas porque fomos identificados com Cristo. Nós fomos escolhidos em Cristo; a sua justiça foi considerada como nossa; o nosso destino é sermos co-herdeiros com ele. Se mantivermos essa visão de quem somos diante dos nossos olhos – nada mais do que herança de Deus! – nos preocuparemos em viver de acordo com esse chamado inimaginavelmente alto. Isso não significa que focalizamos em nós mesmos, como se devêssemos nos emproar e nos elogiar por sermos parte da herança de Deus. Antes, Paulo quer que compreendamos "as rique-

zas da glória" da herança de Deus, ou seja, os privilégios inefavelmente grandes que pertencem à herança de Deus, simplesmente pelo fato de sermos herança de Deus. Pode haver maior e mais alto incentivo para viver à luz da glória de Deus e do céu? Em vista da graça e da glória a serem concedidas generosamente a nós, pela única razão de que Deus nos fez sua herança em Cristo, devemos viver para o louvor de Deus. Essa é a razão pela qual Paulo quer que compreendamos exatamente quem nós somos.

Em terceiro lugar, Paulo quer que conheçamos "a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos" (1.19a). Exatamente o que esse poder faz, ao operar em nós, é algo a respeito do que Paulo não desenvolve muito até a sua oração seguinte, em Efésios 3.14-21, a oração que devemos estudar no próximo capítulo. Apenas isto deve ser dito no momento: Paulo não pode estar satisfeito com uma qualidade de Cristianismo que seja ortodoxo, mas morto, rico na teoria da justificação, mas impotente quando se trata da transformação de vidas. Veremos que ele tem idéias muito específicas na mente a respeito do que aquele poder realiza. Mas quaisquer que sejam essas descrições e restrições, desde que é o poder de Deus que Paulo considera na vida dos crentes, ele sabe que deve orar por isso, e sabe que deve orar para que os crentes saibam disso e que isso seja sentido na própria existência deles.

Resumindo: porque Deus é soberano, Paulo intercede para que os propósitos soberanos e santos de Deus quanto à salvação do seu povo possam ser cumpridos. Em particular, a sua oração a Deus é que nós possamos conhecê-lo melhor e possamos ter o discernimento para compreender certas verdades cruciais – a esperança do nosso chamado, as riquezas da gloriosa herança de Deus nos santos e a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos.

Quando foi a última vez que você orou por essas coisas?

3. Porque Deus é soberano, Paulo faz um retrospecto das mais dramáticas demonstrações do poder de Deus (1.19b-23). Depois de falar sobre o poder de Deus que ele quer que os cristãos sintam, Paulo, antes de explicar como quer que esse poder opere em nós (o que ele só faz no cap. 3), apresenta o seu critério e padrão de comparação. O poder pelo qual Paulo ora é "segundo a eficácia da força do seu poder; o qual exerceu ele em Cristo" quando certas coisas aconteceram. Que coisas?

O que você teria escolhido para descrever o poder de Deus? Quando você pensa na soberania de Deus, para o que a sua mente se volta? Confesso que sou inclinado a pensar no poder de Deus na criação. Ele fala, e o mundo vem a existir de súbito. Ele projeta a molécula de água, com a sua notável estrutura atômica que assegura uma densidade maior a quatro graus centígrados do que no ponto de congelamento, de tal maneira que os lagos e rios congelem não do fundo para a superfície, mas da superfície para o fundo, providenciando uma manta de gelo com água por baixo para que os peixes sobrevivam. Eu imagino Deus calculando a matemática dos quarks, com meias-vidas em frações de bilhões de segundos. Imagino Deus desenhando cada estrela e sustentando o universo por meio da sua poderosa palavra. Penso no prazer que ele tem no pica-pau, com a sua cauda de penas especialmente projetada para capacitá-lo a bicar com muita força. Eu me maravilho com um Deus que cria o casuar, o guepardo e o ornitorrinco. Seu poder se estende para além dos limites da nossa imaginação.

Mas não é isso o que Paulo tem em mente aqui. Afinal, para um Deus onipotente não pode haver graus de dificuldade. Não há um ato que seja "mais poderoso". Paulo não está à procura de demonstrações mais poderosas ou mais difíceis do poder de Deus, pois essas categorias são essencialmente sem significado. Antes, ele procura as mais gloriosas e reveladoras. Como resultado, ele focaliza sobre três acontecimentos.

Paulo menciona o poder exercido quando Cristo foi ressuscitado de entre os mortos. O poder que os cristãos devem sentir é semelhante ao poder que Deus exerceu em Cristo "ressuscitando-o dentre os mortos" (1.20). Paulo pensa na ressurreição de Jesus Cristo. Aqui está a anulação da morte, a destruição do pecado; a ressurreição de Cristo é considerada como os primeiros frutos da poderosa ressurreição que zombará da morte e inaugurará um novo céu e uma nova terra. Não é de admirar que Paulo, em outra passagem, declare que ele deseja conhecer Cristo e o poder de sua ressurreição (Fp 3.10).

Paulo descreve o poder demonstrado no Cristo exaltado. O poder que os cristãos devem sentir é semelhante ao poder que Deus exerceu em Cristo "fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais, acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir não só no presente século, mas também no vindouro"

(1.20,21). Há níveis de autoridade a respeito dos quais sabemos muito pouco, poderes demoníacos e poderes seráficos, não somente neste mundo, mas nos céus (veja Cl 1.16). Porém, acima de todos eles está Cristo Jesus, elevado à direita de Deus como resultado de sua obediência até à morte e sua ressurreição vitoriosa (veja Fp 2.6-11).

Na verdade, essa visão controla parte dessa linha de argumentação no capítulo 2. Lá, Paulo diz que apesar de estarmos mortos nas nossas transgressões e nos nossos pecados e, por natureza, sermos objetos da ira (2.1), no entanto, por causa do seu grande amor por nós, Deus, "sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo... e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus" (2.4-6). É óbvio que, por um lado, eu ainda estou aqui, não lá. Mas, porque Deus me vê "em Cristo", e Cristo está assentado com o seu Pai nos céus, portanto Deus me vê lá em princípio. Esse é o meu destino; esse é o lugar a que pertenço, por causa do grande amor de Deus por mim. Essa é a razão pela qual minha cidadania canadense nunca pode ser mais do que secundária: eu já sou um cidadão da Nova Jerusalém, e estou sentado com Cristo nos céus.

Paulo declara o poder exercido por Cristo sobre todas as coisas – para a igreja. "E pôs todas as coisas debaixo dos pés e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja, a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas" (1.22,23). Toda a soberania de Deus é mediada por Cristo (veja 1Co 15.27; Sl 110.1), e todo esse poder soberano é para o bem da igreja. Cristo é o cabeça sobre todas as coisas: isto é, ele exercita autoridade sobre tudo. Mas esta metáfora "cabeça" dá uma guinada quando a idéia do "corpo" é introduzida. Apesar de Cristo ser o cabeça sobre tudo, ele é, em particular, o cabeça da igreja, que é o seu corpo.[2] Ele é colocado, de modo ideal, para assegurar que toda a sua soberania seja exercida para o bem do seu povo.

Nenhuma gota de chuva cai fora da esfera da soberania de Jesus. Todos os nossos dias – a nossa saúde, as nossas enfermidades, as nossas alegrias, as nossas vitórias, as nossas lágrimas, as nossas orações e as respostas às nossas orações – caem dentro da amplitude da soberania daquele que usa uma face humana, uma face sombreada por espinhos. Toda a soberania de Deus é mediada por aquele que foi crucificado em

meu favor. Para os cristãos, isso significa que a soberania de Deus não pode mais ser vista meramente como um item do credo, e menos ainda como a fonte de mistério sem fim. Existe mais material para confissão de doutrina aqui do que o necessário, e não pequeno mistério; mas esses mistérios giram em torno daquele que morreu em meu lugar. Os mistérios da oração permanecem, mas eles se dissolvem em adoração e gratidão. É muito mais fácil aceitar os mistérios da soberania divina quando o amor divino é tão grande quanto a soberania divina.

Toda essa soberania é exercida para a igreja. Esse é um pensamento impressionante. Deus "pôs todas as coisas debaixo dos pés e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja" (1.22). Que gratidão isso deveria invocar em nós! Que incentivo para orar de acordo com os propósitos de Deus para o seu povo!

Irmãos e irmãs em Cristo, às vezes passaremos por situações em que tentaremos pensar sobre Deus, mas chegaremos à conclusão de que essas coisas estão muito além de nós, que não conseguimos interiorizar esses pensamentos, que não conseguimos compreendê-los. Porém, se focalizarmos no que Deus revelou acerca de si mesmo, essa meditação se tornará um solo firme não para reclamação, não para interesse próprio, não para fatalismo ou uma desculpa para pecar, mas base para a adoração – e um incentivo para nos aproximarmos deste Deus soberano e amoroso, e interceder a ele de acordo com o seu próprio plano e propósito declarado nas Escrituras, para a glória do seu Filho e o bem do seu povo.

Questões para revisão e reflexão

1. Quais são os pedidos de Paulo em Efésios 1? Resuma-os com suas próprias palavras. Você ora regularmente por coisas assim? Por quê? Como você pode melhorar com respeito a isso?
2. Que relevância tem para a sua vida de oração a impressionante conclusão da oração de Paulo, em que ele recorda a melhor analogia do poder que ele quer ver operando na vida de todo crente?
3. O que essa passagem nos ensina sobre como orar sob a soberania de Deus?

11

Orando por poder

Efésios 3.14-21

Como você aprendeu a orar? Eu fui criado num lar cristão conservador e ensinado na versão do Rei Tiago da Bíblia e, assim, aprendi a orar usando o inglês elisabetano. Quando eu era menino, essa não era considerada uma forma mais santa ou mais reverente de inglês; simplesmente era a linguagem da Bíblia em inglês que quase todos os protestantes de fala inglesa usavam na época. Não me lembro do que eu disse quando me atrevi a orar em voz alta pela primeira vez numa reunião de oração. Mas apesar de ser bem jovem, comecei de alguma forma parecida com esta: "Nós te agradecemos, Pai celestial, porque por tua graça tu tens condescendido em visitar-nos". Ironicamente, quando nossa família orava em francês (cresci num lar bilíngüe), as nossas orações eram feitas num francês razoavelmente moderno. Isso se devia muito ao fato de nossas Bíblias francesas serem mais atuais, lingüisticamente falando, do que as em inglês.

Por outro lado, se você foi criado num lar moderno pagão, e não se tornou cristão antes do terceiro ano de faculdade, sua primeira oração pública deve ter soado um pouco diferente. Talvez você tenha sido levado a Cristo por um grupo da Cruzada do Campus. Você foi a seus estu-

Outra das orações de Paulo pelos efésios

[14]Por esta causa, me ponho de joelhos diante do Pai, [15]de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra, [16]para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior; [17]e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, [18]a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade [19]e

dos e reuniões e, finalmente, quando teve coragem o bastante para orar em público, sua oração começou assim: "Jesus, nós queremos apenas te agradecer porque o senhor está aqui".

Não estou sugerindo que uma dessas orações seja melhor do que a outra. Deus, afinal de contas, olha o coração. O que eu estou querendo dizer é que os cristãos aprendem a orar ouvindo as pessoas ao seu redor.

Não há nada intrinsecamente mau a respeito disso. Se vivêssemos num tempo e lugar em que os cristãos fossem caracterizados pela oração ungida e instruída, seria um privilégio maravilhoso aprender com eles. Infelizmente, apesar de haver uns poucos sinais de ressurgimento, a oração no Ocidente tem caído em tempos difíceis, e existem poucos modelos para mostrar à nova geração de crentes.

Como, então, devemos reformar a nossa vida de oração?

Não há dúvida de que a melhor resposta é voltar às orações da Bíblia. Se todas as partes da nossa vida devem ser renovadas e reformadas pela Palavra de Deus, quanto mais a nossa vida de oração? Se a nossa geração não levantar muitos guerreiros da oração, cujos hábitos de oração reflitam exatamente os padrões das Escrituras, é urgente que retornemos à fonte primária. Então aprenderemos novamente sobre o que orar, que argumentos usar, quais os temas nos quais focalizar, que paixão é conveniente, como essas orações se encaixam numa visão cristã mais ampla, como manter a centralidade do próprio Deus na nossa vida de oração.

conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus.
20Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, 21a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém.

(Ef 3.14-21)

A oração diante de nós tem duas petições ricas e longas, que examinaremos a fundo. Paulo as fixa sobre duas bases ou razões, e finaliza a oração com uma palavra de louvor, uma poderosa doxologia.

Duas petições principais

Duas petições emergem diretamente do texto. Paulo ora (1) que Deus possa nos fortalecer com poder por meio do seu Espírito no nosso ser interior (3.16,17a) e (2) que possamos ter poder para compreender as dimensões ilimitadas do amor de Cristo (3.17b-19).

A primeira petição é uma oração por poder. Paulo ora regularmente por poder. Já nessa epístola (como vimos no capítulo 10), Paulo tinha pedido a Deus poder para os seus leitores: "iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos" (1.18,19a). Aqui, Paulo ora por poder mais diretamente: "para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder" (3.16).

A natureza desse poder é cuidadosamente delimitada. O poder pelo qual Paulo ora é mediado pelo Espírito de Deus: "vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito" (3.16). Não menos importante, a esfera na qual esse poder opera é o que Paulo chama de "homem interior". O que exatamente Paulo quer dizer com isso?

Conseguimos visualizar melhor o que Paulo quer dizer quando consideramos outra passagem que ele escreveu na qual ele usa exatamente a mesma expressão. Em 2 Coríntios 4.16-18, Paulo escreve: "Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior [exatamente a mesma expressão de Ef 3.16] se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas". O corpo de Paulo, seu "homem exterior", está se desgastando sob o ataque dos anos e da perseguição; o "homem interior" é o que sobra quando o homem exterior tiver se deteriorado completamente.

A maioria de nós, no Ocidente, não sofreu grande perseguição, mas todos nós estamos ficando mais velhos. Na verdade, às vezes podemos ver em pessoas de idade avançada algo do processo que Paulo tem em mente. Todos nós conhecemos santos mais idosos que, ao terem suas forças físicas reduzidas, tornam-se, no entanto, mais e mais firmes e radiantes. A memória deles pode estar se desvanecendo; a artrite pode ser quase insuportável; as aventuras fora dos seus pequenos aposentos ou apartamentos podem estar severamente restritas. Porém, de algum modo eles vivem como se já tivessem um pé no céu. Enquanto o seu homem exterior enfraquece, o seu homem interior vai de força em força. Por outro lado, conhecemos pessoas idosas que, pelo que sabemos, não estão sofrendo de nenhuma decadência orgânica séria e, ainda assim, ao sentirem o peso dos anos sobre si, tornam-se mais e mais amargurados, cáusticos, exigentes, malvados e introvertidos. É quase como se as restrições civilizadoras impostas a eles pelas expectativas culturais não fossem mais adequadas. Na sua juventude, eles tiveram resistência física suficiente para manter seu homem interior de alguma maneira encoberto. Agora, com as reservas de energia diminuindo, o que eles realmente são no seu interior vêm à tona.

Mesmo para aqueles que ainda estão longe de se tornarem cidadãos idosos, as restrições e as crescentes limitações do homem exterior se fazem sentir. Meu corpo não é o que era há vinte anos. Toda vez que tomo banho, mais alguns fios de cabelo desaparecem no ralo para nunca mais serem vistos. Eu tenho artrite em duas ou três juntas; tenho de vigiar o meu consumo de calorias; os meus reflexos são, às vezes, um

pouco mais vagarosos do que costumavam ser; dentro de alguns anos eu precisarei de óculos de leitura. E um dia, se este velho mundo durar até lá, eu definharei, e meu homem exterior será levado para descansar numa cova. Ainda assim, insiste Paulo, no homem interior, nós, cristãos, "somos renovados dia a dia".

A esperança máxima do cristão é a ressurreição do corpo. Mas até recebermos esse presente, é o nosso homem interior que está sendo fortalecido pelo poder de Deus. Numa cultura em que tantas pessoas estão desesperadas por boa saúde, mas não demonstram almejar a transformação do homem interior, os cristãos têm urgente necessidade de seguir o exemplo de Paulo, orando por demonstrações do poder de Deus no homem interior. Em resumo, o principal interesse de Paulo é orar por uma manifestação do imenso poder de Deus na esfera do nosso ser que controla o nosso caráter e nos prepara para o céu.

Devemos fazer duas importantes perguntas a respeito da primeira petição de Paulo.

Qual é o propósito dela? Afinal de contas, muitas pessoas procuram poder. Simão, o mágico, queria o poder do Espírito para manipular as pessoas e manter sua posição na comunidade. A maioria de nós conhece cristãos cujo discurso a respeito do poder de Deus na própria vida parece perigosamente próximo de um perpétuo jogo no qual eles se sentem superiores ao inferiorizar os outros ao seu redor. A perseguição ao poder que eles fazem de um modo triunfalístico está bem distante da postura do apóstolo. Afinal de contas, Paulo, que queria experimentar mais do poder da ressurreição de Cristo também queria partilhar mais profundamente dos sofrimentos de Cristo (Fp 3.10), um equilíbrio quase desconhecido no Ocidente. Por que, exatamente, então, Paulo ora para que os cristãos pudessem conhecer mais do poder de Deus?

Compreenderemos melhor a natureza e o foco desse poder pelo qual Paulo ora se observarmos o seu propósito. Eu oro, escreve Paulo, "para que, segundo a riqueza da sua [de Deus] glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior; e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé" (3.16,17a).

Não se pode deixar de notar o caráter trinitário da oração. Paulo pede ao *Pai* (v.14) que possamos ser fortalecidos mediante o seu *Espírito* (v.16) para que *Cristo* (v.17) possa habitar no nosso coração pela fé.

Mesmo assim, à primeira vista esse propósito expresso parece um pouco estranho para o leitor cristão. Não cremos nós que Cristo, por seu Espírito, estabelece residência em nós quando nos tornamos cristãos (veja Jo 14)? Por que, então, Paulo diz que o propósito da sua oração é que Cristo possa habitar no nosso coração pela fé? Ele já não está fazendo isso?

Ajuda bastante reconhecer que o verbo aqui traduzido por "habitar" é forte. A esperança de Paulo é que Cristo verdadeiramente estabelecerá residência no coração dos crentes, ao confiarem nele (isso é o que "pela fé" significa), para fazer do coração deles o seu lar.

O quadro se torna mais claro se considerarmos uma analogia. Pense num casal cuidadosamente juntando recursos suficientes para dar de entrada numa casa. Eles compram a sua casa, reconhecendo muito bem que a mesma precisa de muitos consertos. Eles não suportam o papel de parede preto e prata da suíte do casal. Existem montes de entulho no porão. A cozinha foi projetada ao gosto do encanador, não da cozinheira. O telhado tem goteiras em alguns lugares, e o isolamento térmico dificilmente corresponde às exigências mínimas. O quadro de distribuição é muito pequeno, a iluminação do banheiro é insuficiente, o permutador de calor do aquecedor está corroído. Mas, ainda assim, esse é o primeiro lar desse jovem casal, e eles estão gratos.

Os meses passam rapidamente, e depois os anos. O papel de parede em preto e prata foi substituído por outro, em tons pastéis. O casal remodelou a cozinha, fazendo eles mesmos grande parte do serviço. O telhado não goteja mais, e o aquecedor foi substituído por uma unidade mais potente que inclui também um ar-condicionado central. Melhor ainda, como a família aumentou, esse casal acrescentou alguns cômodos extras no porão, bem como uma pequena ala para servir como sala de estudos e de costura. A grama está perfeitamente podada e exibe um deslumbrante jardim adornado de pedras e plantas. Vinte e cinco anos depois da compra, o marido um dia comenta com a sua esposa: "Sabe, eu realmente gosto desta casa. Este lugar se adapta perfeitamente às nossas necessidades. Em todos os lugares onde olhamos, vemos os resultados do nosso próprio trabalho. Esta casa foi talhada para corresponder às nossas necessidades e gosto, e eu realmente me sinto confortável".

Quando Cristo, por seu Espírito, estabelece residência dentro de nós, encontra o equivalente moral a montes de entulho, papel parede preto e

prata, e um furo no telhado. Ele toma providências para tornar essa residência um lugar apropriado para ele, um lar no qual ele se sinta confortável. Haverá muita limpeza a fazer, vários consertos e algumas ampliações muito necessárias. Mas o seu objetivo é claro: ele quer estabelecer residência no nosso coração, ao exercitarmos a fé nele.

Quando pessoas estabelecem residência por longo tempo em algum lugar, no final a presença delas caracteriza essa habitação. Essa posição foi bem compreendida por Jean Sophia Pigott quando, em 1876, escreveu um poema dirigido a Jesus. O primeiro verso expressa a alegria da fé:

> Tu, cujo nome é Jesus,
> Senhor ressurreto de vida e poder,
> Oh!, que alegria é confiar em Ti,
> Todas as horas de todos os dias!
> De tua admirável graça eu canto,
> Salvador, Conselheiro, e Rei.

Mas é a terceira estrofe que capta exatamente o que Paulo quer dizer quando ele ora que Cristo possa habitar no nosso coração pela fé:

> Faça da minha vida um brilho esplendoroso
> De Tua vida, que todos possam ver
> O poder de Tua própria ressurreição
> Poderosamente manifesto em mim.
> Sempre permita que o meu coração se torne
> Ainda mais conscientemente Teu lar.

Embora a linguagem seja diferente, a idéia é profundamente semelhante à ênfase tão amada entre os puritanos. Para adotar a linguagem de Gálatas 4.19, eles estavam profundamente interessados em que Cristo pudesse ser *formado* nos crentes.

Não nos enganemos: quando Cristo entra na nossa vida, ele nos encontra em mau estado. É necessário grande poder para nos mudar; e essa é a razão pela qual Paulo ora por poder. Ele pede que Deus possa nos fortalecer por seu poder em nosso homem interior, que Cristo possa genuinamente estabelecer residência em nós, transformando-nos numa casa que em todos os seus detalhes reflita o seu próprio caráter.

A idéia de se livrar do velho e sujo, e adotar o novo e limpo, de desfazer-se do velho e manchado e assumir o novo e radiante, ocorre nos escritos de Paulo de muitas formas. Por exemplo, estes versos de Colossenses devem ser lidos devagar e de modo meditativo, e com um honesto auto-exame:

> Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno e a avareza, que é idolatria; por estas coisas é que vem a ira de Deus [sobre os filhos da desobediência]. Ora, nessas mesmas coisas andastes vós também, noutro tempo, quando vivíeis nelas. Agora, porém, despojai-vos, igualmente, de tudo isto: ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena do vosso falar. Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou; no qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos.
>
> Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade. Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós; acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição.
>
> Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração, à qual, também, fostes chamados em um só corpo; e sede agradecidos. Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração. E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai. [Cl 3.5-17]

Essa passagem é tanto poderosa quanto prática. Em termos concretos, ela explica, nos mínimos detalhes, as mudanças que Paulo espera que aconteçam na vida dos crentes – ou, usando a mesma linguagem da sua oração em Efésios 3, ela explica as mudanças que Paulo imagina ao orar para que o poder de Deus opere de tal maneira no nosso homem interior que nos tornemos habitações adequadas para o Cristo ressurreto. Esse é o tipo de propósito que Paulo tem em mente quando ora por poder.

Podemos fazer uma segunda importante pergunta acerca dessa petição: *com que medida de recursos a oração deve ser respondida?* Essa é uma pergunta a fazer, o que dizer da provisão? O texto responde à nossa pergunta. Paulo escreve: "para que, segundo a riqueza da sua glória, vos

conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior; e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé" (3.16,17a). O que são estas "riquezas da sua glória" nas quais Paulo está preparado para confiar?

Para Paulo, a expressão refere-se ao que Deus já garantiu para nós por causa de Cristo. Isso está claro em outra passagem talvez mais conhecida: "E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades" (Fp 4.19). Da perspectiva de Paulo, tudo o que vem de Deus a nós, vem por intermédio de Jesus Cristo. Jesus Cristo garantiu o nosso perdão; ele nos reconciliou com Deus; ele cancelou o nosso pecado, ele assegurou o dom do Espírito Santo a nós; ele garantiu a vida eterna a nós e nos promete a vida da consumação; ele nos fez filhos da nova aliança; sua justiça foi considerada como nossa; ele ressurgiu dos mortos, e toda a soberania de Deus é mediada por ele e direcionada para o nosso bem e para a glória de Deus. Esse é o Filho a quem Deus enviou para nos redimir. No plano perfeitamente sábio de Deus e na sua ação perfeitamente poderosa, todas essas bênçãos foram garantidas pela odiosa morte do seu Filho e sua ressurreição triunfante. Todas as bênçãos que Deus tem para nós estão relacionadas à obra de Cristo.

Assim, o estoque das "riquezas da sua glória em Cristo Jesus" é tão generoso quanto os benefícios garantidos por Cristo. Depreciar o suprimento é depreciar Jesus; duvidar da provisão que Deus tem feito para nós é duvidar da provisão que Deus nos assegurou no seu Filho. É muito mais sábio compreender e acreditar que o Deus que já tem nos abençoado tão generosamente no seu Filho tem reservas não menos generosas de poder para derramar sobre nós ao nos levar à maturidade cristã. Essa é a razão pela qual Paulo pede a Deus o seu poder transformador: ele está persuadido de que a provisão é tão ampla quanto os benefícios assegurados por Jesus Cristo no Gólgota.

Essa primeira petição, então, é um pedido de poder – poder para ser santo, poder para pensar, agir e falar de modos totalmente agradáveis a Cristo, poder para fortalecer as decisões morais, poder para andar em gratidão transparente a Deus, poder para ser humilde, poder para ser perspicaz, poder para ser obediente e confiante, poder para crescer de conformidade com Jesus Cristo. Aqui está algo que não é apenas um

cristianismo de credo. Não há dúvida de que o cristianismo bíblico insiste em algumas verdades que devem ser cridas e, ao mesmo tempo, ameaça aqueles que se recusam a crer nelas: em resumo, ele é profundamente firmado em credos. Mas o Cristianismo não é meramente firmado em credos. O próprio Demônio pode recitar o Credo dos Apóstolos, e, sem dúvida, confessar a sua verdade, mas ainda assim não ter experimentado nada do seu poder transformador. Porém, o propósito de Deus para os homens e mulheres que ele redime não é simplesmente fazê-los acreditar em certas verdades, mas transformá-los, num processo que dura a vida toda e se estende em direção ao céu. E, então, Paulo ora exatamente assim: ele pede ao seu Pai celestial que, segundo as suas riquezas gloriosas, ele possa fortalecer os crentes com poder por meio do seu Espírito no homem interior deles, de tal modo que Cristo possa habitar no coração deles pela fé.

Isso nos leva à segunda petição:[1] que possamos ter poder para compreender as dimensões ilimitadas do amor de Cristo. Aqui também, o ponto principal emerge diretamente do texto: "estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento" (3.17b-19a).

Assim como a primeira petição, essa é uma oração por poder. Aqui, contudo, o poder de Deus na nossa vida, dado em resposta a essa oração, opera de modo um pouco diferente. Seu propósito é nos capacitar a compreender as dimensões ilimitadas do amor de Cristo.

Paulo não está sugerindo que os seus leitores nunca tenham conhecido o amor de Deus por eles em Cristo Jesus. Longe disso: ele sabe que eles são cristãos, e portanto reconhece que eles foram "arraigados e alicerçados em amor" (v.17). Ele não pode pensar na salvação deles sem trazer à memória que a mesma depende totalmente do amor soberano de Deus. Até mesmo no primeiro capítulo dessa epístola, Paulo devotou-se ao louvor do "Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo", com base em que "nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado" (Ef 1.3-6). Não

é de admirar, então, que ele considere os cristãos como aqueles que foram "arraigados e alicerçados em amor".

O fato notável a respeito dessa petição, contudo, é que Paulo admite claramente que os seus leitores, apesar de serem cristãos, não apreciam suficientemente o amor de Cristo. Agora ele quer que eles tenham o poder de compreender quão grande é o amor de Cristo. Essa não é uma oração para que possamos amar mais a Cristo (embora isso seja um bom objetivo de oração); não, é uma oração para que possamos compreender melhor o amor dele por nós.

Isso não pode ser meramente um exercício intelectual. Paulo não está pedindo que seus leitores tornem-se capazes de articular a grandeza do amor de Deus em Cristo Jesus, ou entendam apenas com o intelecto o quanto é significativo o amor de Deus no plano da redenção. Ele está pedindo a Deus que eles possam ter o poder de compreender as dimensões desse amor em suas experiências. Sem dúvida, isso inclui a reflexão intelectual, mas não pode ser reduzido apenas a ela.

Pelo fato de algumas ramificações da igreja terem apelado para a experiência em detrimento da revelação, ou ter falado com loquacidade a respeito de uma "espiritualidade" mal definida que é fundamentalmente divorciada do evangelho, alguns de nós têm reagido emocionalmente e começado a ver toda menção a experiências, na melhor das hipóteses, suspeita e, às vezes, até perversa. Essa reação exagerada deve cessar. As próprias Escrituras requerem que permitamos mais lugar para a experiência do que isso. No meio de um desespero fora do comum, o salmista aprende o segredo do mais profundo contentamento: "Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra. Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre" (Sl 73.25,26). Paulo nos lembra que "Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo" (Rm 14.17). Em uma de suas orações ele pede um certo tipo de experiência: "E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo" (Rm 15.13). Para ele, o amor de Cristo é tão precioso que ele precisa apenas se aproximar do tema para romper num espontâneo louvor adorador: "vivo pela fé no Filho de Deus", escreve ele, e então acrescenta, "que me amou e a si mesmo se

entregou por mim" (Gl 2.20). Pedro diz a seus leitores: "a quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória, obtendo o fim da vossa fé: a salvação da vossa alma" (1Pe 1.8,9). O fato de eles terem "a experiência de que o Senhor é bondoso" (1Pe 2.3) torna-se um incentivo à pureza. Isso não pode ter o seu significado reduzido simplesmente à descoberta de que o Cristianismo é intelectualmente satisfatório.

Mesmo na epístola diante de nós, Paulo segue em frente para fazer um impressionante contraste: "E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito" (Ef 5.18). A hipótese é que, embora o vinho ofereça um tipo de êxtase, ele é enganoso, pois leva à devassidão. Por contraste, o "êxtase" produzido pelo Espírito Santo não traz devassidão, nem ressacas, mas pureza, relacionamentos corretos e a alegria do Senhor (o versículo seguinte fala de "louvar de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais").

Assim, quando Paulo pede a Deus que os cristãos possam ter o poder de compreender as dimensões ilimitadas do amor de Cristo, ele não usa a linguagem da compreensão meramente intelectual. Com que profundidade nós apreciamos o amor? Como nós o medimos? Podemos falar de 40 baldes de amor? De um hectare e meio de amor? Paulo recorre à metáfora e depois ao paradoxo. Sua metáfora é uma medida linear: "compreender qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade do amor de Cristo". Seu paradoxo é mais impressionante ainda: "e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento" – isto é, conhecer o que está além do mero conhecimento.

O que nós devemos entender é "que aqueles documentos bíblicos nos quais os escritores oferecem os seus ensinamentos por meio da narrativa de suas experiências devem estabelecer padrões de experiência espiritual, exatamente do modo como eles o fazem com relação à verdade divina, e devem ser expostos de maneira que apresente e reforce tanto um quanto outro".[2]

Não devemos pensar que Paulo está apelando a um misticismo descontrolado. Para ele, o amor de Cristo não é meramente alguma coisa a ser experimentada em particular. O amor de Cristo foi supremamente mostrado *na História* numa terrível cruz fora de Jerusalém alguns anos antes de Paulo escrever. Esse amor foi um plano redentor maravilhosa-

mente rico que o próprio Deus havia revelado graciosamente ao longo dos séculos, e depois realizado na morte, ressurreição e exaltação do seu Filho. Paulo não está incentivando alguma experiência de amor fora dos limites do evangelho. Ele certamente não está sugerindo que qualquer experiência "espiritual" seja válida e importante. O que ele pressupõe, ao contrário, é que à parte do poder de Deus, os cristãos terão pouquíssima apreciação do amor de Cristo. Eles precisam do poder de Deus para apreciar as dimensões ilimitadas desse amor. E assim Paulo ora por poder.

Podemos cantar essas coisas mais fluentemente do que falar a respeito delas. Por mais de um século, a igreja tem cantado:

Amado com amor eterno,
Conduzido pela graça a conhecer esse amor;
Ó Espírito enviado das alturas
Tens me ensinado essa verdade.
Oh! Esta paz completa e perfeita
Oh! Esse sentimento totalmente divino!
Em um amor que não pode cessar
Eu sou dele e ele é meu.

O céu acima é azul cintilante,
A terra ao redor é suave e verdejante;
Há vida em cada matiz
Os olhos daqueles que não têm Cristo nunca viram.
Pássaros entoando os mais alegres cantos
Flores resplandecendo a beleza mais profunda
Uma vez que eu sei, como agora sei,
Eu sou dele e ele é meu.

Sou dele para sempre, somente dele:
Quem poderá separar-nos um do outro?
Ah! Com que medida de felicidade
Cristo pode encher o coração amoroso!
Os céus e a terra podem falhar e desaparecer
A primeira luz do dia pode se apagar;
Mas, enquanto Deus e eu durarmos,
Eu sou dele, e ele é meu.

George Wade Robinson (1838-1877)

As pessoas que lêem biografias cristãs sabem que muitos homens e mulheres de Deus revelaram uma profunda experiência do amor de Deus. Diz-se que R. A. Torrey viu a face de Deus, e um dia, enquanto lia as

Escrituras e orava, ele foi dominado por uma percepção tão profunda do amor de Deus por ele que começou a chorar sem parar. Finalmente, ele pediu a Deus que não o mostrasse mais: ele não podia suportar.

Uma percepção genuína e profunda do amor de Cristo raramente acontece a uma pessoa que não gaste muito tempo com as Escrituras. Mesmo assim, essa percepção pode ser provocada pela tragédia – uma perda terrível, por exemplo, ou um sofrimento prolongado. Quando eu tinha cerca de 10 anos de idade, experimentei algo um tanto semelhante a isso. Eu tinha estado muito doente, tendo ficado no hospital por várias semanas. O risco de morte havia passado, e eu voltei para casa para uma convalescença vagarosa de vários meses. Numa tarde, eu acordei e vi minha mãe sentada ao lado da minha cama, chorando mansamente. Como só um menino de 10 anos poderia fazer, eu disse sem pensar: "Ó, mamãe, você *realmente* me ama!"

É óbvio que isso fez com que ela ficasse mais triste, e ela saiu rapidamente do quarto. Mas, quando penso naquela tarde, entendo um pouco melhor por que eu falei daquela maneira. Se você tivesse me perguntado no dia anterior se os meus pais me amavam, eu responderia sem hesitação que sim. Mas a doença deu-me a oportunidade de testemunhar as lágrimas de minha mãe, e isso me fez refletir. Em vez de dizer automaticamente: "É claro que meus pais me amam", eu analisei conscientemente o que estava acontecendo e articulei a minha conclusão. Se o resultado não foi bem expresso ou na hora adequada, a reflexão em si foi correta e boa e marcou um passo no meu processo de crescimento.

De maneira não diferente, às vezes é quando sofremos, quando observamos a universalidade do decreto da morte, quando estamos debilitados, quando observamos uma ponta de crueldade extraordinariamente bárbara, quando somos colocados de lado por uma doença crônica, que somos impelidos a parar e refletir no amor de Deus por pecadores e rebeldes como nós somos. Servimos ao Senhor Cristo, que sofreu no nosso lugar, que aprendeu a obediência por meio das coisas que sofreu. As bugigangas que prendem a nossa atenção desaparecem, e as coisas eternas assumem o seu lugar legítimo. Então, sabemos o que significa confessar que o amor de Deus é "tão ilimitado e infinito quanto a eternidade".

Paulo quer que compreendamos algo das dimensões ilimitadas do amor de Cristo, conheçamos esse amor que ultrapassa o conhecimento

e, assim, ele ora para que possamos ter o poder de Deus de tal modo que sejamos capazes de dar esse passo. Mas, por quê? Por que ele pensa que isso é tão importante? Ele nos diz: ele quer que os seus leitores conheçam "o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus" (3.19b).

Colocando a questão em termos simples, Paulo quer que tenhamos poder para compreender o amor de Deus em Cristo Jesus, com a finalidade de sermos maduros. Ser "tomados de toda plenitude de Deus" é simplesmente a maneira paulina de dizer "ser tudo o que Deus quer que você seja", ou "ser maduro espiritualmente". Uma expressão semelhante é encontrada no capítulo seguinte dessa epístola, em que Paulo nos diz quão grande é a variedade de pessoas na igreja para servir, "para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo" (4.12,13). O próprio Deus, o próprio Cristo, é o padrão. Deus diz em outra parte: "Sê perfeito, pois eu sou perfeito", e "Sê santo, pois eu sou santo"; agora ele diz aqui, com efeito, "Seja maduro, seja completo, como eu sou maduro, completo".

Você vê a impressionante implicação? Paulo toma por certo que não podemos ser espiritualmente maduros como devemos a menos que recebamos poder de Deus para capacitar-nos a compreender as dimensões ilimitadas do amor de Cristo. Podemos pensar que somos cristãos particularmente maduros por causa da nossa teologia, da nossa educação, dos nossos anos de experiência, das nossas tradições; mas Paulo sabe melhor que nós. Ele sabe que não podemos ser maduros como devemos ser até que "conheçamos este amor que excede todo entendimento". Essa é a razão pela qual ele ora como o faz: ele quer que cresçamos em nossa compreensão do amor de Cristo para que nos tornemos maduros, "tomados de toda a plenitude de Deus".

Podemos entender intuitivamente como isso funciona por meio das nossas experiências no campo natural. Perry Downs, um colega na instituição em que ensino, e sua esposa, Sandy, têm servido por vários anos como pais de criação.* A maioria das crianças que eles têm ajudado,

* Casais que se dispõem a cuidar de crianças sem lar até que elas sejam adotadas (N.T.).

agora bem acima dos 20 anos, foi para a casa deles quando ainda era recém-nascida e ficou lá até ser adotada. Porém, alguns anos atrás, a agência com a qual eles estão ligados pediu-lhes para receber dois garotos gêmeos de 18 meses. Perry e Sandy hesitaram, mas concordaram em aceitá-los quando a agência assegurou-lhes de que os meninos ficariam com eles por apenas seis semanas.

Na primeira noite no lar dos Downs, os meninos foram colocados para dormir, e nenhum pio se ouviu do quarto deles. Meia hora depois, curioso, Perry entrou sorrateiramente no quarto. Ele encontrou os meninos bem acordados, seus travesseiros molhados de lágrimas, mas nenhum deles fazia um som. Isso indicava que eles tinham apanhado por terem chorado em vários dos lares nos quais tinham ficado antes de irem para o lar de Perry e Sandy. Esse era o nono lar deles. Testes sugeriam que os gêmeos tinham sido irremediavelmente prejudicados tanto emocional como intelectualmente.

O que aconteceu foi que os gêmeos ficaram com Perry e Sandy por quase dois anos. Quando foram adotados, eles foram considerados normais quanto às capacidades emocionais e intelectuais.

É claro que essa é apenas uma história entre milhões. Só precisamos ler os jornais para sermos lembrados de que, sem considerar outros fatores, a menos que uma criança seja criada num lar em que o amor e a disciplina estejam presentes a cada passo, essa criança não alcançará maturidade emocional. Incontáveis estudos têm mostrado, por exemplo, que uma menina criada sem um pai amável e firme raramente aprende como dar e receber amor. Inevitavelmente, isso causará problemas em seu próprio casamento. Com o maciço colapso da família, estamos apenas começando a colher os frutos do vendaval.

Eu não sugeriria nem por um momento que cicatrizes emocionais não têm cura. A graça de Deus alcança todo tipo de ambiente e transforma poderosamente pessoas destruídas. Porém, desconsiderando outros elementos, à parte da intervenção da graça de Deus, todos nós sabemos que para um ser humano atingir a maturidade emocional e interpessoal completa, a estabilidade de um lar amável e disciplinado é um ingrediente indispensável.

A mesma coisa é verdade na área espiritual. Assim como um ser humano não pode desfrutar de maturidade normal e se tornar uma pessoa

madura sem a estrutura de amor disciplinado no lar, assim também um cristão que não cresce na experiência do amor de Deus sem Cristo não alcança a maturidade completa. Isso é o que Paulo pressupõe na sua oração. Ele ora para que os cristãos possam ter poder para compreender as dimensões ilimitadas do amor de Deus, de tal modo que sejam tomados de toda a plenitude de Deus.

Como todas as analogias, essa não é perfeita. No caso dos gêmeos, eles tinham sido privados de amor e das estruturas da disciplina; no nosso caso, corremos desse amor, privamos a nós mesmos desse amor – assim como o filho pródigo. Porém, o resultado é o mesmo: imaturidade miserável, relacionamentos empobrecidos, confiança destruída, um sentimento falido de realidade espiritual.

Para que possamos compreender o amor de Deus, precisamos de nada menos que o poder de Cristo. Parte do nosso profundo "me-ismo" é manifesto em tal independência que nós não desejamos realmente chegar tão perto de Deus a ponto de nos sentirmos dependentes dele, inundados por seu amor. Assim como no casamento uma esposa pode fugir de um relacionamento que seja íntimo demais, julgando-o um tipo de invasão de privacidade, quando na realidade essa reação é um sinal de intensa imaturidade e egoísmo, assim também na área espiritual: quando somos atraídos um pouco mais para perto do Deus vivo, muitos querem se afastar e demarcar o seu próprio território. Queremos experimentar o poder para estarmos no controle; Paulo ora por poder para que possamos ser controlados pelo próprio Deus. Nosso profundo e patético egocentrismo é precisamente a razão de precisarmos do poder de Deus para nos transformar, se for para compreendermos o amor de Cristo que excede todo o entendimento e atingirmos a maturidade que as Escrituras colocam diante de nós.

É maravilhoso deleitar-nos no amor de Deus. Sentir verdadeiramente esse amor, viver no calor do seu brilho, envolver toda a vida com novo significado e propósito. A fraternidade dos santos adota nova profundidade; a "comunhão" torna-se preciosa, não o aperto de mãos artificialmente convencionado num culto ou o compartilhar de uma garrafa de café ou de chá. Perdoar outras pessoas torna-se algo quase natural, porque nós mesmos, graças ao amor sem medida de Deus, fomos tão perdoados. Outros podem nos menosprezar, mas isso faz pouca diferen-

ça se Deus nos ama. Como os problemas, tristezas ou privações nos levarão ao desespero macabro, quando podemos dizer como Paulo: "Quem nos separará do amor de Cristo?" (Rm 8.35). O nosso modo de falar, os nossos pensamentos, as nossas ações, as nossas reações, os nossos relacionamentos, os nossos alvos, os nossos valores – tudo é transformado se somente vivermos no gozo consciente do amor de Cristo. Nosso testemunho então não é mais seco e meramente correto; é vivo e também vital. Estamos, em resumo, crescendo espiritualmente.

Não devemos pensar que Paulo está pleiteando algum tipo de Cristianismo do Soldado Solitário, como se estivesse interessado somente na maturidade do cristão individualmente. Longe disso. Ele escreve: "*vos* conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior; e, assim, habite Cristo no *vosso* coração, pela fé, estando *vós* arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus" (3.16-19). "É necessário todo o povo de Deus para entender todo o amor de Deus", escreve John Stott.[3] De fato, é difícil imaginar qualquer pessoa cristã crescendo genuinamente nesse sentido e ainda assim ser indiferente a seus irmãos. É inconcebível que uma compreensão genuína e profunda do amor de Jesus Cristo possa permanecer inteiramente privada. Paulo quer que toda a igreja cresça dessa maneira; e ele ora com essa finalidade.

> Compreender quão largo, longo, alto e profundo
> O amor de Cristo, experimenta-o quando
> Mero conhecimento rompe suas categorias, então
> Escapa à frágil moldura da linguagem, ceifa
> A mais rica colheita que a salvação traz, e empilha
> Memórias de um mar de amor, novamente
> E ainda de novo cascateando sobre nós – homens
> Não podem conhecer outra beatitude tão rica e profunda.
> Senhor Deus, em amor o Senhor nos estabeleceu
> E nos arraigou em solo não menos excelente –
> Não simples plantas expostas a toda rajada
> De vento, mas todos os santos bebem do amor sublime.
> Faça-me conhecer – uma criatura cortada do solo –
> A medida de toda a plenitude encontrada em Deus.

Não é isso o que você quer? Quando foi a última vez que você orou desse modo? Você não quer fazer desse o seu alvo? Por que não incorporar esse tipo de petição às suas orações diárias pelos próximos seis meses? Talvez possamos ouvir Deus cochichando: "Nada tendes, porque não pedis" (Tg 4.2b)?

Dois fundamentos para as petições de Paulo

1. As petições de Paulo estão de acordo com os desígnios de Deus. Por esta causa, diz Paulo, ele ajoelha-se diante do Pai e ora (v.14). Por qual causa? Claramente, as palavras *por esta causa* se referem a alguma coisa nos versículos anteriores. Mas quando lemos os versículos 3.1-13, imediatamente notamos algo extraordinário. O primeiro versículo dessa seção, 3.1, também começa com as palavras *por esta causa*, e então a sentença é interrompida: "Por esta causa eu, Paulo, o prisioneiro de Cristo Jesus, por amor de vós, gentios –". Podemos supor que Paulo estava continuando a sua oração pelos efésios quando parou e decidiu que era necessário dizer mais sobre a natureza do ministério apostólico e seu relacionamento com o evangelho e a igreja. Isso significa que as palavras *por esta causa,* no versículo 14, referem-se ao versículo 1, e a partir daí, aludem a Efésios 1 e 2.

Nestas páginas, não pretendo expor esses dois capítulos. Ainda assim, é bastante fácil resumir seus principais impulsos, identificar a direção do argumento de Paulo. O apóstolo louva a Deus por sua graça soberana ao juntar judeus e gentios perdidos numa nova humanidade, uma nova comunidade. Isso, Deus fez por meio da obra redentora do seu Filho na cruz. Dirigindo-se aos gentios convertidos, Paulo conclui: "Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito" (2.19-22). Então Paulo acrescenta: "Por esta causa... Por esta causa, me ponho de joelhos diante do Pai" (3.1,14). Por qual causa? Paulo ora por esta causa, ou seja, que o desígnio declarado de Deus em criar essa nova humanidade é levar as pessoas que fazem parte dela ao tipo de maturidade espiritual descrita na metáfora ampliada do

"santuário dedicado ao Senhor . . . habitação de Deus no Espírito". Em outras palavras, as orações de Paulo estão inteiramente de acordo com os propósitos de Deus. Assim, os propósitos manifestos de Deus tornam-se, para Paulo, um motivo para expor essas petições em particular ao seu Pai celestial. Em resumo, Paulo está orando de acordo com o que ele conhece acerca da vontade de Deus, assim como fez em Efésios 1 (veja capítulo 10 deste livro).

Rapidamente aprendemos que Deus está mais interessado na nossa santidade do que no nosso conforto. Ele se deleita muito mais na integridade e pureza da sua igreja do que no bem-estar material dos seus membros. Ele se manifesta mais claramente aos homens e mulheres que têm prazer nele e obedecem a ele do que a homens e mulheres cujos horizontes giram em torno do próprio emprego, da própria casa bonita e de sua saúde razoável. Ele se empenha muito mais em construir um "templo" corporativo, no qual o seu Espírito habita, do que em preservar a nossa reputação. Ele está mais vitalmente disposto a demonstrar a sua graça do que a exaltar a nossa inteligência. Ele está mais interessado na justiça do que na nossa comodidade. Ele está mais profundamente comprometido a aumentar a nossa fé do que a nossa popularidade. Ele prefere que o seu povo viva em gratidão disciplinada e alegria santa do que em autoconfiança forçada e felicidade superficial. Ele deseja que procuremos a morte diária, não o autocontentamento, pois este leva à morte, enquanto que aquela, à vida.

Esses valores essenciais do evangelho devem moldar a nossa vida de oração, como moldam a vida de Paulo. Na verdade, eles se tornam o fundamento para a nossa vida de oração ("Por esta causa... oro"): é um conforto maravilhoso, um impulso admirável à fé, saber que você está orando de acordo com a vontade declarada do Deus Todo-poderoso.

2. As petições de Paulo são dirigidas ao Pai celestial. "Por esta causa", Paulo escreve, "me ponho de joelhos diante do Pai, de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra" (3.14-15). A expressão que a versão ARA traduz por "de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra" é extremamente difícil de traduzir. Pode simplesmente significar que toda noção de paternidade – paternidade da família nuclear, do clã, da tribo – encontra o seu arquétipo máximo no próprio Deus: Deus é o Pai supremo, o modelo de toda

paternidade sadia. Mas pode também significar que Deus é o Pai celestial de todo o seu povo, estando eles ainda neste mundo ou já no céu. De qualquer maneira, Deus é o Pai supremo.

No pensamento ocidental, "pai" não tem muitas nuanças de dignidade e autoridade. Porém, no mundo antigo,.o pai não era somente aquele que buscava o bem da sua família, mas aquele que dispensava favores e governava a unidade familiar ou o clã. O Deus de quem nos aproximamos em oração não é simplesmente o Outro transcendente. Ele é o Pai celestial, e nós somos "membros da família de Deus" (2.19). O Deus de quem nos aproximamos é não somente poderoso, mas ele se relaciona conosco: ele é nosso Pai. O próprio Jesus não ensinou a seus discípulos a orar, "Pai nosso..."?

Certamente é difícil não ver que Paulo está fazendo referência ao ensino de Jesus: "Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6.31-33). Ou, então: "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á. Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem?" (Mt 7.7-11).

Assim, quando Paulo se aproxima de Deus com as suas petições, ele lembra a si mesmo de que o Deus a quem ele se dirige é seu Pai celestial, o Pai arquetípico, o Pai de todos os que são verdadeiramente seu povo no céu e na terra. Ele é um Deus bom; ele sabe como conceder boas dádivas. Paulo ousa aproximar-se desse Deus com essas solicitações porque ele sabe que Deus é um Deus bom, um Pai celestial. Assim, a natureza e o caráter de Deus tornam-se para Paulo um motivo fundamental para a oração intercessória.

Quanto mais refletimos sobre o tipo de Deus que se manifestou nas Escrituras e supremamente em Jesus Cristo, no tipo de Deus que revelou os seus planos e propósitos para a sua própria "família", o tipo de

Deus que ouve as nossas orações e as responde – mais seremos encorajados a orar. A falta de oração é freqüentemente um índice da nossa ignorância acerca de Deus. Um conhecimento real e vital de Deus não somente ensina-nos a respeito do que orar, mas nos dá um poderoso incentivo à oração.

Uma palavra final de louvor (3.20,21)

Paulo pediu a Deus algumas bênçãos de extraordinário valor; ele pediu ao Todo-poderoso por bênçãos que são imensuráveis. Agora, na sua doxologia final (sua "palavra de louvor"), ele coloca essas petições em perspectiva enfatizando dois temas.

1. O Deus a quem ele pede é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos. Esse é um pensamento tremendo. O leitor sofisticado, demasiado confiante, tanto nos dias de Paulo quanto nos nossos, pode bem pensar que as petições estabelecem um tom elevado, mas que é um tanto otimista demais ao esperar que Deus na verdade responda a essas orações. Porém, Paulo não desiste. O Deus a quem ele ora, o Deus a quem ele dirige a sua palavra final de louvor, é "poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós" (3.20).

É claro que, em parte, essa confiança nada mais é que o vínculo da crença de que Deus é onipotente. Para um Deus onipotente, não pode haver graus de dificuldade. Mas certamente Paulo está dizendo algo além disso. Deus é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou imaginamos, não somente porque ele é poderoso, mas também porque ele é generoso. Ele ama dar boas dádivas a seus filhos. Pensar em Deus de maneira diferente dessa é aviltá-lo; pensar em Deus dessa maneira é, em si mesmo, equivalente a um convite para orar.

Simplesmente não é possível pedir por boas coisas que estejam além do poder de Deus de nos conceder; não podemos nem imaginar boas coisas que estejam além do poder de Deus de nos conceder. A palavra final de louvor de Paulo, assim, torna-se um incentivo imensamente poderoso à oração.

2. O propósito final da oração de Paulo é que haja glória a Deus na igreja e em Cristo Jesus. É triste pensar que até mesmo no final da

oração podemos tropeçar feio. Mas é isso o que acontece. É possível pedir boas coisas pelos motivos errados. Podemos desejar que o poder de Deus opere de tal modo na nossa vida que nos tornemos mais santos; podemos pedir poder para compreender as dimensões ilimitadas do amor de Deus – e ainda assim deturpar esses bons pedidos ao considerarmos suas realizações dentro de uma estrutura na qual todo o universo gire em torno do nosso progresso. O pecado original é o tipo de egocentrismo que quer usurpar o lugar de Deus. Como será trágico, então, se as nossas orações por boas coisas nos deixarem ainda pensando a respeito de nós mesmos em primeiro lugar, ainda pensando na vontade de Deus principalmente em termos do seu efeito imediato em nós mesmos, ainda esperando por bênçãos simplesmente para sermos abençoados.

Podemos ter progredido um pouco na qualidade do que pedimos, mas a questão mais profunda é: nós levamos essas petições diante de Deus com um objetivo imediato (que possamos receber o que estamos pedindo) e com um alvo máximo – que Deus possa ser glorificado?

Pois esse, com certeza, é o teste mais profundo: Deus tornou-se tão central em todo o nosso pensamento e atividades e, conseqüentemente, na nossa vida de oração, que não podemos imaginar facilmente pedir por qualquer coisa sem conscientemente esperar que a resposta traga glória a Deus?

Essa é a visão de Paulo na sua palavra conclusiva de louvor. Ele ora para que haja glória a Deus, tanto na igreja, quando esta obedece progressivamente a Deus, o agrada e faz dele o centro de sua existência, como em Cristo Jesus, presumivelmente como resultado de ele ser exaltado pela igreja em pensamentos, palavras e ações.

Assim, então, é como devemos reformar a nossa vida de oração. Aprenderemos a orar com o apóstolo não somente com as suas petições, mas com as suas palavras de louvor, com o seu objetivo máximo, com o seu profundo teocentrismo.

Perguntas para revisão e reflexão

1. Como você aprendeu a orar? Quais foram as influências dominantes na sua vida de oração?
2. Resuma as duas petições da oração de Paulo em Efésios 3.14-21.

3. Quais são os propósitos dessas duas petições?
4. Até que ponto você tem incorporado uma dessas petições ou ambas (não necessariamente com as mesmas palavras) às suas orações?
5. Quais são os dois fundamentos para a oração de Paulo, do modo como ele as relata?
6. Que fundamentos ou razões se escondem por trás de suas orações? Como você pode melhorar nesse aspecto?
7. Que passos você pode dar para fazer com que a glória de Deus seja o interesse principal da sua vida?

12

Oração pelo ministério

Romanos 15.14-33

Dizem que a coerência é o bicho-papão das mentes humildes. Aplicada à teologia, essa máxima evita sistemas que sejam exatos e precisos. Um pouco de mistério, um pouco de inconsistência, deixa espaço para um Deus soberano e transcendente.

Por outro lado, poucos de nós estamos preparados para pensar que a inconsistência é uma grande virtude. A palavra evoca volubilidade, instabilidade, e até mesmo falsidade. Aqueles que tratam o Deus da verdade seriamente não podem deixar de concluir, por exemplo, que as várias partes das Escrituras, essa revelação do próprio Deus, devem ter certo grau de coerência. As Escrituras revelam o Deus único, o Deus da verdade. Nós não gostaríamos de pensar que nesse caso a inconsistência é o bicho-papão da Mente humilde!

Mesmo assim, isso não significa que a Bíblia é como um quebra-cabeça que garante que todas as peças estão disponíveis. Ela é mais parecida com um quebra-cabeça cujo fabricante garantiu que todas as peças que ele providenciou pertencem ao mesmo quebra-cabeça, mesmo se, por várias boas razões, ele não nos tenha dado todas elas. "As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus", diz Moisés, "po-

A oração de Paulo pelos romanos

14 E certo estou, meus irmãos, sim, eu mesmo, a vosso respeito, de que estais possuídos de bondade, cheios de todo o conhecimento, aptos para vos admoestardes uns aos outros. 15 Entretanto, vos escrevi em parte mais ousadamente, como para vos trazer isto de novo à memória, por causa da graça que me foi outorgada por Deus, 16 para que eu seja ministro de Cristo Jesus entre os gentios, no sagrado encargo de anunciar o evangelho de Deus, de modo que a oferta deles seja aceitável, uma vez santificada pelo Espírito Santo. 17 Tenho, pois, motivo de gloriar-me em Cristo Jesus nas coisas concernentes a Deus. 18 Porque não ousarei discorrer sobre coisa alguma, senão sobre aquelas que Cristo fez por meu intermédio, para conduzir os gentios à obediência, por palavra e por obras, 19 por força de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito Santo; de maneira que, desde Jerusalém e circunvizinhanças até ao Ilírico, tenho divulgado o evangelho de Cristo, 20 esforçando-me, deste modo, por pregar o evangelho, não onde Cristo já fora anunciado, para não edificar sobre fundamento alheio; 21 antes, como está escrito:

Hão de vê-lo aqueles que não tiveram notícia dele,
e compreendê-lo os que nada tinham ouvido a seu respeito.

22 Essa foi a razão por que também, muitas vezes, me senti impedido de visitar-vos.

23 Mas, agora, não tendo já campo de atividade nestas regiões e desejando há muito visitar-vos, 24 penso em fazê-lo quando em

rém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre..." (Dt 29.29). Isso significa que, ao montar o quebra-cabeça, sempre haverá peças faltando; significa que jogadores desajeitados tentarão a forçar algumas peças em espaços aos quais elas não pertencem e podem ser tentados a deixar algumas peças de fora porque não conseguem visualizar o lugar em que elas se encaixariam.

Assim, precisamos tomar cuidado com aqueles tipos de consistência que, intencionalmente ou não, eliminam parte do testemunho das Escrituras, ou que forçam as peças do quebra-cabeça com tal violência que

viagem para a Espanha, pois espero que, de passagem, estarei convosco e que para lá seja por vós encaminhado, depois de haver primeiro desfrutado um pouco a vossa companhia. [25]Mas, agora, estou de partida para Jerusalém, a serviço dos santos. [26]Porque aprouve à Macedônia e à Acaia levantar uma coleta em benefício dos pobres dentre os santos que vivem em Jerusalém. [27]Isto lhes pareceu bem, e mesmo lhes são devedores; porque, se os gentios têm sido participantes dos valores espirituais dos judeus, devem também servi-los com bens materiais. [28]Tendo, pois, concluído isto e havendo-lhes consignado este fruto, passando por vós, irei à Espanha. [29]E bem sei que, ao visitar-vos, irei na plenitude da bênção de Cristo.

[30]Rogo-vos, pois, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor, [31]para que eu me veja livre dos rebeldes que vivem na Judéia, e que este meu serviço em Jerusalém seja bem aceito pelos santos; [32]a fim de que, ao visitar-vos, pela vontade de Deus, chegue à vossa presença com alegria e possa recrear-me convosco. [33]E o Deus da paz seja com todos vós. Amém.

(Rm 15.14-33)

construímos uma figura empenada, sem espaços vazios, e não conseguimos ver que negamos a existência das coisas secretas. O próprio Deus se torna domesticado, adequado, controlável.

Essas reflexões são importantes para o tópico da oração. Num sentido, eu posso argumentar, as orações das Escrituras são maravilhosamente consistentes. As orações de Moisés, de Paulo, de Pedro ou de João – todas elas são dirigidas ao mesmo Deus. Quaisquer que sejam as diferenças que essas orações tenham, elas também apresentam notáveis semelhanças quanto à ênfase, à entonação, a tipos de argumentos, e coi-

sas assim. Por exemplo, Paulo não relaciona grande parte das suas orações à sua visão do fim, à sua ávida expectativa do retorno de Cristo, e à absoluta importância de viver à luz desse acontecimento cataclísmico? Assim também João faz com respeito ao Apocalipse; Pedro faz o mesmo, quando escreve: "Ora, o fim de todas as coisas está próximo; sede, portanto, criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações" (1Pe 4.7).

Até mesmo no corpo das suas cartas, as orações registradas de Paulo tendem, como temos visto, a reunir vários temas. Isso não significa que elas sejam formalistas: as orações de Paulo são vigorosas, e um pouco do seu vigor é devido ao fato de o apóstolo relacionar muitas das suas orações às suas ações de graças e aos temas da carta que ele está escrevendo.[1]

Mesmo assim, estou ciente de quão pouco do material bíblico sobre oração este pequeno livro cobre. Por exemplo, este livro não examina nenhum dos salmos, embora muitos deles sejam orações. Na verdade, as orações preservadas nos salmos refletem toda a amplitude da experiência humana – a esperança, o temor, a ira, a dúvida, a fé, o desespero, a traição, o amor, o desânimo, a solidão, e muito mais. Um dos motivos pelos quais as pessoas idosas apreciam os salmos mais do que os jovens, é por terem vivido mais e terem sentido mais e, portanto, elas podem se identificar com a ampla gama de experiências refletidas neles. Ainda assim, todas essas orações valiosas permanecem intocadas nestas páginas.

E isso não é tudo. Há muitas outras orações na Bíblia. Existem temas relacionados com a oração que nós tocamos apenas de leve. Por exemplo, o que fazemos com as orações "não respondidas"? O que fazer acerca daquelas petições específicas que somos ensinados a fazer, tais como: "... A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara" (Mt 9.37,38)?

A única razão que tenho para mencionar essas questões é que eu não gostaria que alguém tratásse este livro como se o mesmo fosse um manual de oração do tipo "como fazer". Eu não gostaria de dar a impressão de que, se você repetir as orações de Paulo como fórmula mágica, você transformará a sua vida. A oração não é como uma boa receita: simplesmente siga um conjunto de procedimentos mecânicos e, no final, tudo dará certo. Essa é a razão por que este livro tenta enfatizar o relaciona-

mento que devemos cultivar à medida que oramos ao Deus vivo; e, no nono capítulo, nós trabalhamos o nosso caminho por alguns dos mistérios da oração, reconhecendo, por assim dizer, as áreas em que estão faltando várias peças do quebra-cabeça. Porém, algumas pessoas amam um tipo de consistência, nas suas disciplinas espirituais, que a própria Bíblia não autoriza. Portanto, eu seria negligente se não incluísse um capítulo sobre uma oração de Paulo que é diferente das que observamos. De fato, esta é uma oração que não foi respondida da maneira que Paulo queria. Coerências internas profundas em todas as orações de Paulo ainda são abundantes, mas elas não são formais, rasas, mecânicas.

Na oração diante de nós (Rm 15.30-33), não encontramos Paulo dizendo às pessoas o assunto pelo qual ele orava, mas pedindo oração por si mesmo e pelo seu ministério. Esses pedidos não são por santidade (seja do crente como indivíduo ou da igreja), petições por uma compreensão crescente do amor de Deus, ou por poder para transformar o homem interior de alguém. Essa oração é pelo ministério, em particular pelo ministério de Paulo. Podemos tirar quatro lições importantes dela.

1. Paulo quer que essa oração seja oferecida com seriedade, urgência e persistência. Paulo inicia com uma série de expressões fortemente emotivas. "Rogo-vos... que luteis juntamente comigo... nas orações a Deus a meu favor" (15.30). O apóstolo não faz uma recomendação distante a esses crentes romanos a quem ele ainda não encontrou, mas suplica apaixonadamente a eles. Ele os lembra de sua união com ele: "Rogo-vos, pois, irmãos". Essa é a mesma linguagem que Paulo usa em Romanos 12.1, e com a mesma intensidade: "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus".

Porém, o elemento mais forte do apelo está no que ele diz em seguida: "Rogo-vos, pois, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor" (15.30). A lógica do apelo é mais ou menos a seguinte: se vocês verdadeiramente confessam Jesus, o Messias, como Senhor, eu rogo a vocês, em seu nome, que orem por mim. Se vocês participam da salvação que ele obteve para vocês, se vocês se submetem a ele, que nos ensinou a orar, se vocês provaram a sua redenção e desejam ardente-

mente ver o seu reino expandir-se no mundo, então eu suplico que orem por mim e por meu ministério. Se vocês conhecem qualquer coisa do "amor do Espírito" (que, nesse contexto, não se refere ao nosso amor pelo Espírito, mas ao amor com o qual o Espírito nos enche e nos capacita), então demonstrem esse amor por meio desse ministério de intercessão ao qual estou impulsionando vocês. Se o Espírito está trabalhando em vocês, como podem não amar? Se vocês me amam, como podem deixar de orar por mim? Pois vocês devem sempre lembrar que as suas orações refletem a sua compreensão de quem Cristo é, e quão profundamente vocês amam.

Esse é um franco apelo à prática cristã. E esse não é o único lugar nas cartas de Paulo em que ele apela para a prática dos seus leitores. Considere este argumento: "Se há, pois, alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há entranhados afetos e misericórdias, completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento" (Fp 2.1,2). Aqui, é óbvio, Paulo não está estimulando seus leitores à oração. Entretanto, a forma do argumento é a mesma: se você já experimentou as bênçãos do evangelho, então, com certeza você fará isso que estou pedindo. Assim também em Romanos 15: se vocês pertencem a Jesus Cristo e já experimentaram o poderoso amor do Espírito operando por intermédio de vocês, então certamente vocês demonstrarão alegremente esse amor por um apóstolo de Jesus Cristo orando por ele.

Ainda há outra expressão que descreve poderosamente o tipo de oração que Paulo quer que seja oferecida em seu favor. Ele escreve: "Rogo-vos, pois, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito, que *luteis juntamente comigo* nas orações a Deus a meu favor" (15.30, ênfase minha). As palavras em itálico representam um verbo no original grego, um verbo usado somente aqui no Novo Testamento. No entanto, outras formas do mesmo grupo de palavras ocorrem no Novo Testamento, às vezes relacionadas à oração. Por exemplo, Paulo escreve aos colossenses e diz a eles o seguinte, a respeito de Epafras: "o qual *se esforça sobremaneira*, continuamente, por vós, nas orações, para que vos conserveis perfeitos e plenamente convictos em toda a vontade de Deus" (Cl 4.12b, ênfase minha). Em outro lugar ele escreve: "Gostaria,

pois, que soubésseis quão *grande luta* venho mantendo por vós [ele está se referindo à sua vida de oração] pelos laodicenses e por quantos não me viram face a face" (Cl 2.1, ênfase minha).

Nitidamente, Paulo via a oração como parte da luta do cristão. O grupo de palavras é freqüentemente associado à disciplina ardorosa do atleta que se esforça para vencer. Essa é a razão por que Samuel Zwemer, missionário pioneiro nas terras muçulmanas, podia proferir seu famoso ditado: "A oração é o ginásio de esportes da alma". A idéia não é que a oração se torna intrinsecamente superior e potencialmente mais efetiva quando é oferecida num frenesi de suor. Nem é provável que exista qualquer alusão ao relato da luta de Jacó com Deus (Gn 32.22-32).[2] Em vez disso, a idéia é que Paulo entende que a verdadeira oração inclui um elemento de esforço, disciplina, trabalho, agonia espiritual contra os sombrios poderes do mal. À medida que os cristãos romanos oram dessa maneira por Paulo, eles estão se unindo a ele na sua luta apostólica.

Ver a oração dessa maneira é consistente com a figura do conflito espiritual pintado em Efésios 6. Lá, Paulo adverte seus leitores que, se quiserem "ficar firmes contra as ciladas do diabo" (6.11), precisam colocar toda a armadura de Deus. Então, depois de dizer a eles para se cingirem com o cinto da verdade, a couraça da justiça, o capacete da salvação e todas as outras peças necessárias, Paulo acrescenta: "com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos e também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho, pelo qual sou embaixador em cadeias, para que, em Cristo, eu seja ousado para falar, como me cumpre fazê-lo" (6.18-20).

Em muitas partes deste mundo, essa questão de luta espiritual é levada muito mais a sério do que muitos de nós, no Ocidente, a consideram. Viver e servir em tribos cuja cultura é profundamente baseada no animismo, por exemplo, é surpreendente. A falta de profundidade do conflito espiritual no Ocidente sem dúvida deve algo a séculos de influência cristã e à implacável exposição à superstição. Porém, de modo menos nobre, ela também deve algo, hoje em dia, ao puro secularismo, e à uma visão de mundo penetrante que interpreta toda a realidade num plano naturalista. Em outras palavras, a nossa falha em ter uma melhor

percepção do que está acontecendo no domínio demoníaco pode, às vezes, dever-se menos à nossa herança cristã do que ao nosso profundo compromisso com uma cultura que fixa razões sociológicas, psicológicas e econômicas para tudo.

Por bem ou por mal, esse estado de coisas está mudando. A maioria das cidades, de qualquer tamanho, no mundo ocidental agora foi transformada em lar para convenções de bruxos. O crescimento de um interesse geral pelo oculto às vezes explode num relato horrível da mídia, revelando rituais satânicos e até mesmo assassinatos. Os poderes demoníacos podem também descarregar doses maciças de culpa, desespero e vergonha sobre nós. Infelizmente, pelo fato de sermos tão insensíveis à possibilidade de que esses surtos de depressão possam estar relacionados ao nosso chamado como cristãos, podemos tolamente tentar vencê-los e nos animar indo às compras, saindo com um amigo, lendo um livro. Quão raramente pensamos no primeiro recurso de Paulo – o seu desejo imediato de procurar a face do Senhor Jesus em oração.

Paulo compreende que essa questão da oração, de lutar em oração, não é mais do que o vínculo do fato de que estamos empenhados num conflito sobrenatural. Não estamos nas ruas simplesmente tentando convencer as pessoas intelectualmente. Nosso objetivo não é impressionar as pessoas com o nosso gosto musical, a nossa eloqüência ardente ou poder emocional. Nosso objetivo é ganhar pessoas para Jesus Cristo; é preciso novo nascimento, uma demonstração do poder de Deus na conversão e transformação. O próprio Satanás se coloca contra nós; pois "... a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes" (Ef 6.12). Porém, mesmo se todo esse poder das trevas estiver contra nós, ninguém menos que Jesus está em nosso favor. Nossa luta é profunda, espiritual e sobrenatural. Num conflito como esse, devemos aprender a organizar as armas apropriadas. E entre as principais está esse tipo de oração fervorosa, urgente e persistente.

2. Paulo pede oração por si, em relação ao seu próprio ministério. Essa é a primeira vez, neste livro, que focalizamos a nossa atenção numa passagem em que Paulo pede oração por si mesmo. Por outro lado, se você voltar à lista das orações de Paulo no capítulo 4 deste livro, des-

cobrirá que passagens assim não são incomuns. Vale a pena ponderar sobre alguns desses textos. Um deles foi citado acima (Ef 6.12,18-20). Aqui estão mais três:

> O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará. *Irmãos, orai por nós.* [1Ts 5.23-25, itálico adicionado]

> Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida. Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos; o qual nos livrou e livrará de tão grande morte; em quem temos esperado que ainda continuará a livrar-nos, *ajudando-nos também vós, com as vossas orações a nosso favor*, para que, por muitos, sejam dadas graças a nosso respeito, pelo benefício que nos foi concedido *por meio de muitos.* [2Co 1.8-11, itálico adicionado]

> E, ao mesmo tempo, prepara-me também pousada, pois espero que, *por vossas orações*, vos serei restituído. [Fm 22, itálico adicionado]

Paulo teria proferido seu "Amém!" a estas linhas de Joseph Hart:

> Se a dor afligir, ou a injustiça oprimir,
> Se os cuidados distraírem, ou os temores desalentarem,
> Se a culpa abater, ou o pecado angustiar,
> O remédio está diante de ti: Ore.

Apesar de, em algum sentido, todos esses pedidos por oração estarem ligados ao ministério de Paulo, é importante parar e indagar pelo que, exatamente, ele está pedindo aqui em Romanos, e como esses pedidos estão ligados à visão do que ele foi chamado para fazer. Em Romanos 15, ele pede oração por duas coisas.

Paulo pede oração para que pudesse ser liberto dos rebeldes na Judéia. Isso é inferido das próprias palavras de Paulo: "para que eu me veja livre dos rebeldes que vivem na Judéia" (15.31a). Paulo já havia explicado que estava de caminho para a Judéia, levando consigo uma quantia substancial de dinheiro, coletado pelas igrejas na Macedônia e Acaia, como oferta para os crentes em Jerusalém (15.26). Porém, ele

sabia que poderia não ser tão bem recebido na Judéia, apesar do fato de ser portador de um presente para algumas pessoas do seu povo.

A razão era tanto teológica quanto cultural. Havia muitos judeus conservadores, não-convertidos, em Jerusalém, que não somente pensavam que Paulo era um vira-casaca, mas consideravam-no um indivíduo extremamente perigoso que apresentava o sério risco de destruir os próprios fundamentos da revelação bíblica de Deus no pacto mosaico. De acordo com a perspectiva deles, sua indiferença à circuncisão interferia na lei de Deus. Sua ênfase em Jesus e sua morte e ressurreição basicamente inferiorizava o templo como lugar de encontro de Deus com os pecadores. A identidade e a herança culturais judaicas estavam relacionadas à observância dos rituais e tabus; e aqui estava Paulo tentando fomentar uma nova comunidade constituída tanto de judeus quanto de gentios. Da perspectiva dos seus oponentes, Paulo estava não somente tentando o impossível, mas o inconcebível, até mesmo uma blasfêmia.

O Livro de Atos está cheio de relatos breves da animosidade levantada contra Paulo por alguns membros da comunidade judaica. Depois da sua conversão, na primeira viagem a Jerusalém, ele "falava e discutia com os helenistas; mas eles procuravam tirar-lhe a vida" (At 9.29). Depois do seu poderoso discurso em Antioquia da Pisídia, no "sábado seguinte, afluiu quase toda a cidade para ouvir a Palavra de Deus. Mas os judeus, vendo as multidões, tomaram-se de inveja e, blasfemando, contradiziam o que Paulo falava" (At 13.44,45). Quando a Palavra do Senhor se espalhou por toda região, "os judeus instigaram as mulheres piedosas de alta posição e os principais da cidade e levantaram perseguição contra Paulo e Barnabé, expulsando-os do seu território" (At 13.50). Em Listra, depois de certo sucesso inicial, "sobrevieram, porém, judeus de Antioquia e Icônio e, instigando as multidões e apedrejando a Paulo, arrastaram-no para fora de cidade dando-o por morto" (At 14.19). Houve mais problemas, causados por judeus em Tessalônica (At 17.5-8), Beréia (At 17.13), Corinto (18.12-17), Éfeso (19.8,9) e Macedônia (20.3). Tudo isso aconteceu antes que a carta aos Romanos fosse escrita.

Duas coisas precisam ser enfatizadas. Primeira, essas descrições não são produto de um anti-semitismo profundo. Deus sabe, para nossa profunda vergonha, quantas pessoas que se consideram cristãs e têm feito coisas horríveis aos judeus. Porém, no início da vida da igreja, isso não

acontecia. Tipicamente, eram as pessoas no poder que faziam a perseguição, e nos primeiros dias da expansão da igreja, quando a igreja era comparativamente pequena e muitos dos convertidos vinham das sinagogas, as autoridades da sinagoga constituíram-se em algumas das mais virulentas oposições ao evangelho. Em todo caso, tantos dos primeiros convertidos eram judeus ou prosélitos que falar do caráter "anti-semítico" da igreja seria abusar do termo. Além do mais, Paulo e outros, às vezes, enfrentavam oposição também de fontes gentílicas, e esses incidentes também foram narrados fielmente (p. ex., a surra e a prisão sofridas por Paulo e Silas em Filipos, At 16.16ss.; o motim em Éfeso, At 19.23ss.). Se tanto Paulo quanto Lucas (em Atos) registram algumas das oposições que os apóstolos sofreram (leia 2Co 11.22ss), o registro deles é motivado não por preconceito racial, mas por sua compreensão de que o evangelho divide os seres humanos, qualquer que seja a etnia a qual pertençam.

Isso nos leva ao segundo fator que deve ser enfatizado. A Nova Versão Internacional fala dos "descrentes da Judéia" de quem Paulo deseja ser livre. O original grego é mais forte: eles são os "desobedientes da Judéia" ou "os rebeldes da Judéia". A distinção é importante, especialmente hoje. Somos inclinados a aceitar o ponto de vista moderno de que "crença" é simplesmente uma questão de opinião. Se você é um crente ou não, é uma questão particular. Isso tem a ver com sua inclinação e condicionamento; nenhuma questão de verdade suprema está em jogo. Entretanto, os escritores do Novo Testamento, incluindo Paulo, nunca vêem as coisas desse modo. Eles sustentavam que Deus revelou-se objetivamente – não somente num passado distante, mas agora decisivamente, em seu Filho, Jesus Cristo, a quem ele ressuscitou dos mortos. Não confiar totalmente nele não é meramente uma questão de preferência religiosa, nem uma questão de "incredulidade" no sentido moderno da palavra, mas desobediência intencional, rebelião moral. É a elevação pecaminosa da opinião, da preferência e das prioridades pessoais acima da centralidade de Deus, que se revelou poderosamente a nós com incomparável bondade, paciência e amor. Não crer nesse tipo de Deus e nesse modo de revelação deve-se a uma total auto-idolatria, ao pecaminoso culto do eu e todas as suas opiniões míopes. Em resumo, é flagrante rebelião.

Não é de admirar, então, que Paulo pede orações para que possa se ver livre dessas pessoas em sua iminente visita a Jerusalém.

Paulo pede orações para que o seu trabalho em Jerusalém possa ser aceito pelos santos de lá. Esta, também, nada mais é do que a linguagem de Paulo: "... que este meu serviço em Jerusalém seja bem aceito pelos santos" (Rm 15.31).

Esse apelo por oração reflete as sensibilidades pastorais de Paulo pela situação em Jerusalém. Virtualmente, todos os crentes em Jerusalém eram judeus. Naturalmente, alguns deles provavelmente seriam afetados por aqueles judeus não convertidos que consideravam a conduta de Paulo desprezível. Os cristãos, afinal de contas, são freqüentemente influenciados pelos pontos de vista dos descrentes ao redor. Paulo é um realista: ele não espera que todos os cristãos de Jerusalém entendam, para não dizer aprovem, tudo o que ele tinha feito.

Podia haver outro fator em sua inquietação. Ele estava levando dinheiro das igrejas na Macedônia e Acaia para ajudar os crentes pobres na área de Jerusalém. Ele desejava ardentemente que essa oferta não somente suprisse as necessidades do povo de Deus, mas também resultasse em "muitas graças a Deus" (2Co 9.12). Porém, algumas pessoas não conseguem receber presentes – especialmente daquelas pessoas julgadas inferiores. É preciso graça para receber presentes com o espírito correto, tanto quanto para dá-los com o espírito correto. Se os santos de Jerusalém reagissem com a atitude certa, haveria não só graças a Deus, mas também uma rica infusão de um espírito de unidade na igreja espalhada pelo Império Romano e além. Essa é a razão pela qual Paulo pede oração pelo seu serviço em Jerusalém.

Essas, então, são as duas questões que Paulo levanta especificamente aos seus leitores, pedindo orações em seu favor. Claramente, hoje não podemos pedir orações exatamente dessa maneira. No entanto, não é difícil encontrar aplicações legítimas para necessidades semelhantes de hoje.

Quando oramos por missionários, plantadores de igrejas, pastores, e outros líderes espirituais, há muitas necessidades que devemos manter em mente. Notamos, no início deste capítulo, por exemplo, que Paulo pede oração para que ele possa falar do evangelho com ousadia, como devia: esse tipo de oração deveria estar nos nossos lábios constantemen-

te, oferecida a Deus em favor daqueles cuja tarefa é anunciar o evangelho constantemente a outros. Mas, das duas petições que Paulo faz aqui, nós podemos fazer as seguintes extensões:

Devemos orar para que os líderes cristãos sejam livres da oposição de pessoas externas que tentam destruir o seu ministério. Em nossos dias, esse tipo de problema provavelmente não virá de uma sinagoga. Em grande parte do mundo ocidental, os desafios mais destrutivos provavelmente não tomarão a forma de perseguição que seja fisicamente perigosa – apesar de cristãos que trabalham em certos guetos urbanos ou com alguns adeptos de cultos, com ocultistas e com viciados em drogas corram riscos físicos. Permanece o fato de que há muitas outras ameaças à vitalidade e fecundidade de líderes cristãos, e algumas dessas ameaças vêm de pessoas de fora.

Ocasionalmente, há pessoas que se esforçam, ativamente, para derrubar um líder cristão. De vez em quando, um proeminente cristão torna-se o alvo de ataques realmente sórdidos da mídia. Tenho visto governos locais, liderados por algum anticristo virulento (para usar a linguagem de 1Jo 2.18), expedindo leis e exercendo a burocracia civil para embaraçar, limitar e, se possível, destruir ministros cristãos e seus líderes. Ou, embora os ministros sejam, freqüentemente, indiferentes em seus relacionamentos com o sexo oposto, e que aqueles que caem não são inocentes e sejam, muitas vezes, de fato os instigadores, no entanto conheci duas ou três mulheres que determinaram para si mesmas o trabalho de seduzir ministros e derrubá-los, um deles com admirável sucesso. Em algumas denominações, a política do poder é tão implacável e amoral que o mais bondoso julgamento é que alguns dos políticos eclesiásticos, apesar de suas togas clericais, são "intrusos" em qualquer sentido bíblico. Esses, também, podem arruinar líderes cristãos a quem eles rejeitam como exageradamente "conservadores", "biblicistas" ou "fundamentalistas".

Na nossa sociedade, o líder cristão corre perigo mais comumente com as pessoas externas, não porque elas conspiram publicamente para destruir a igreja, mas porque os seus valores e influência freqüentemente tornam-se um laço. É triste dizer, mas muitos ministros do evangelho, sem mencionar outros líderes, não são imunes aos apelos do dinheiro e do poder. Ser convidado para integrar esse clube ou aquela junta pode

aumentar a influência e os contatos do líder cristão. Na verdade, provavelmente a maioria dos cristãos aceitaria esses convites exatamente por essa razão. Porém, em muitos casos, aceitar o convite também serve para amordaçar o cristão: hoje existem conferências e compromissos sociais demais para tornar o testemunho profético possível. O pastor se torna domesticado, reprimido pela coleira da proeminência social.

Você mesmo será capaz de citar vários exemplos. Não é necessário muito tempo para que o observador cuidadoso identifique áreas em que líderes cristãos estão constantemente em perigo por causa de pessoas de fora e, portanto, necessitam das orações do povo de Deus em sua defesa.

Devemos orar para que líderes cristãos possam entender que seu serviço cristão é aceitável àqueles a quem eles ministram. Às vezes, é claro, é o líder que erra, e a igreja moldada pelos limites bíblicos se sentirá obrigada a exercer a disciplina. Esse é um assunto importante, mas eu não quero lidar com ele aqui. Porém, por uma razão ou outra, líderes cristãos freqüentemente descobrirão que seus ministérios simplesmente não são aceitos por alguns daqueles a quem eles procuram servir, e essa oposição pode ser extraordinariamente destrutiva.

De alguma maneira, o problema está ficando pior atualmente. Os "baby-boomers"* chegaram ao poder; os "baby-busters"** estão logo atrás deles. De modos diferentes, ambos os grupos tendem a focalizar em uma ou duas questões que têm enorme significado para eles. Esses cristãos de uma só questão, seja essa questão a escola em casa, a versão do rei Tiago, um estilo particular de culto, o apelo feito do púlpito como um teste para a ortodoxia, um modelo peculiar de evangelismo, um certo ponto de vista a respeito de profecia, tornam-se tão fixos na visão deles que perdem a perspectiva e julgam o ministério dos outros pelo uso de um critério reducionista e distorcido.

Pior ainda, muitos nessa geração participam da igreja para encontrar paz e felicidade, e não perdão e santidade. Eles querem se sentir satis-

---

* Referência aos filhos de uma geração na qual houve uma explosão da taxa de natalidade. Nos EUA, isso aconteceu logo depois do fim da Segunda Guerra Mundial, ou seja, nos anos 50, 60 e meados de 70 do século 20. (N.T.)

** Referência aos americanos, especialmente nas décadas de 80 e 90, que optaram por maior rigor no controle de natalidade. (N.T.)

feitos, e não descobrir como Cristo é o cumprimento da revelação antiga. Eles preferem o entretenimento ao culto, a oratória à verdade e o roteiro à piedade. Se essas pessoas têm uma voz dominante numa igreja cujos líderes procuram sinceramente ser fiéis à Escritura (apesar dos métodos contemporâneos de expressão), os líderes passam dificuldades.

Precisamos orar para que Deus nos envie pastores auxiliares e outros líderes que sejam sábios, espirituais, piedosos, disciplinados, instruídos, devotos e fiéis às Escrituras. Mas também precisamos orar para que o ministério deles seja aceitável aos santos. É trágico quando existem tão poucos líderes fiéis, ungidos, visionários; é uma acusação terrível contra a igreja quando aqueles que o Senhor envia são tratados como escória. Essas coisas acontecem, e freqüentemente. Talvez elas não acontecessem com tanta freqüência se houvesse um número maior de pessoas orando para que Deus fizesse com que os ministérios de seus líderes mais fiéis e espiritualmente dispostos fossem amplamente aceitáveis entre os santos.

3. Para Paulo, a oração pelo seu ministério prevê outro ministério. Esta é a conclusão que deve ser tirada dos aspectos "de longo alcance" na oração de Paulo. Ele escreveu: "para que eu me veja livre dos rebeldes que vivem na Judéia, e que este meu serviço em Jerusalém seja bem aceito pelos santos; a fim de que, ao visitar-vos, pela vontade de Deus, chegue à vossa presença com alegria e possa recrear-me convosco" (15.31,32). Isso deve ser analisado em contraste com o pano de fundo dos versículos imediatamente anteriores a esse pedido de oração. Paulo não pediu simplesmente que pudesse ir a Roma e ter umas merecidas férias. Ele explicou que pregar o evangelho em terreno virgem, onde o evangelho era simplesmente desconhecido, sempre foi sua aspiração (15.20). Essa é a razão por que ele sentia que não havia mais lugar para ele trabalhar no extremo oriental do Mediterrâneo (15.23). Seu plano, então, era, em viagem para a Espanha, parar em Roma e visitar os seus leitores (15.24), onde esperava pregar o evangelho e estender o seu ministério para novos campos. Porém, primeiro ele devia fazer a viagem para Jerusalém e entregar o dinheiro que fora cuidadosamente coletado na Macedônia e Acaia para ser ofertado aos crentes carentes da igreja mãe.

Assim, quando Paulo pediu oração relacionada à sua viagem a Jerusalém, ele não conseguia considerar essa viagem sem pensar tam-

bém no ministério que tencionava desenvolver além de Jerusalém. Primeiro, ele planejava ir a Roma para compartilhar no ministério lá (Rm 1.11-13), e então, usando-a como base, desejava ir para a Espanha e pregar o evangelho lá. Quem sabe onde ele teria ido depois disso, se os seus planos tivessem funcionado? Assim, "recrear" em Roma significa propagar não somente a sua alegria num ministério mútuo, mas também sua esperança de adquirir algum suporte para ajudá-lo em sua viagem para a Espanha.

Essa é uma visão abrangente e idealizadora da oração. Apesar de articular os detalhes de interesses imediatos de Deus, também mantém em mente a visão maior, e conjectura ir além dos limites estabelecidos. Essa visão não pede a Deus simplesmente por graça suficiente para passar pelas dificuldades presentes; ela continua perguntando para onde estamos indo, como estamos evangelizando, como o triunfo nessa pequena escala pode se encaixar no próximo estágio de expansão.

Parece que Paulo estava sempre vários passos à frente no serviço no qual se engajava. Essa é a razão pela qual esse pedido de oração não somente absorve os desafios imediatos, mas coloca-os na corrente e direção mais ampla do ministério. Paulo é um homem que sonha, que fita novas necessidades e oportunidades, e estas são cuidadosamente ligadas à sua própria vida de oração e às orações que ele solicita a outros.

A oração de Paulo não era o mesmo tipo de oração com extensas generalizações que às vezes a imitam. Todos nós já ouvimos orações do tipo: "Senhor, derrame o teu Espírito sobre todos em todo o mundo. Senhor, salve a todos". Esse tipo de oração reflete um aspecto do caráter de Deus: o Senhor não tem prazer na morte do ímpio, e ele próprio clama: "Volte, volte, por que você morreria?" No entanto, é uma oração que não receberá uma resposta positiva, como a própria Bíblia deixa claro; assim, não compensa muito fazê-la, pelo menos desse modo. Porém, a minha impressão é que para todo crente que oferece esse tipo de petição de longo alcance, geral, existem vários outros que se atolam em pontos relativamente minuciosos com respeito à sua saúde, à sua prosperidade, ou melhor, aos desafios da próxima Escola Bíblica de Férias ou à inconstância de um filho adolescente, que perdem completamente qualquer senso da esfera e direção de ministério. Eles não

têm sonhos; eles nunca oram por despertamento; eles nunca visualizam uma próxima fase potencial do ministério e os passos que poderiam ser dados para chegar lá.

Suponha que você seja um missionário trabalhando numa pequena tribo na África Central. Pelo que você ora? Além do óbvio – boa saúde, evangelismo da vila, o treinamento de líderes locais – você liga os seus pedidos a uma visão mais abrangente? Você pensa em termos de ajudar a estabelecer igrejas nativas e apropriadamente contextualizadas? Você considera alcançar outra tribo por intermédio desta? É necessário estabelecer uma escola bíblica? Se sim, sob que princípios ele deveria ser estabelecida? Que iniciativas você está tomando para deixar de fazer uma tarefa? Esses sonhos interferem na sua vida de oração?

Eu não gostaria de deixar a impressão de que todos são chamados para um ministério extenso e imediatamente frutífero. Alguns de nós somos chamados para situações em que o trabalho é vagaroso e difícil. Mesmo assim, se não sonharmos e não considerarmos possibilidades, é improvável que oremos por elas ou que trabalhemos em direção a elas. Podemos passar a nossa vida simplesmente desempenhando as funções com as quais depararmos diariamente. Muito melhor seria, sempre que possível, relacionar os nossos interesses imediatos às possibilidades maiores de um ministério abrangente.

Além do mais, é vitalmente importante reconhecer que a oração de Paulo nada mais é que uma preocupação pelo próprio evangelho, e por sua expansão num mundo necessitado. Fazemos bem em lembrarmos aqui as palavras freqüentemente citadas de E. M. Bounds: "Um dos reforços constitucionais do evangelho é a oração. Sem oração, o evangelho não pode ser pregado efetivamente, nem promulgado fielmente, nem experimentado no coração, nem praticado na vida. E, pela mesma simples razão de que, ao deixar a oração fora do catálogo de deveres religiosos, deixamos Deus fora, e sua obra não pode progredir sem ele".[3]

Isso é o que é tão atrativo a respeito da oração de Paulo. Ele não queria que o seu serviço fosse aceitável aos santos de Jerusalém e tolerável aos judeus de lá para que sua vida pudesse ser um pouco mais fácil ou para que sua reputação tivesse destaque nos poderosos partidos da hierarquia eclesiástica. Ele queria que o seu caminho fosse facilitado com o propósito de seguir em frente rumo à próxima fase do ministério.

Ele se importava com o evangelho; ele estava apaixonadamente comprometido com a sua expansão. Isso é o que norteava as suas orações.

É isso o que impulsiona as nossas orações?

4. Finalmente, é importante saber que algumas das orações de Paulo não foram respondidas como ele gostaria. Especificamente, Paulo pede orações para que ele pudesse ser salvo daqueles na Judéia que desobedeciam ao evangelho, que seu ministério fosse aceitável aos santos de Jerusalém, e tudo isso para que ele pudesse "recrear-se" em Roma e ser enviado para o próximo ministério e plantação de igrejas na Espanha.

Mas sabemos como a história se desenrola: temos o Livro de Atos. Desses três pedidos, o segundo foi concedido, o primeiro não foi (Paulo foi preso em Jerusalém devido à instigação dos "rebeldes na Judéia") e, pelo que sabemos, ele nunca chegou à Espanha. É claro que ele chegou a Roma, mas não como pensava: depois de dois anos de encarceramento em Cesaréia, e uma audiência diante de um tribunal comprovadamente corrupto, ele apelou para César e foi enviado de navio para Roma, passando por outro naufrágio (o seu quarto!) pelo caminho. Quando Paulo pediu as orações registradas na nossa passagem, ele certamente não considerava esses resultados.

Ainda assim, é tranqüilizador reconhecer que algumas das orações de Paulo não foram respondidas como ele gostaria, pois essa é nossa experiência também. Essa não é a única oração "sem resposta" na Escritura, ou a única oração em que algumas das respostas vieram em formas que quem estava orando preferiria não tê-las. No jardim do Getsêmani, o próprio Jesus orou: "passe de mim este cálice" e mesmo assim acrescentou: "Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres"; porém permanece o fato de que o pedido inicial não foi respondido como Jesus gostaria.

Em 2 Coríntios 12.1-10, Paulo ora três vezes para que o "mensageiro de Satanás", seu "espinho na carne", fosse removido, e não foi. Deus respondeu com suprimento de mais graça e, a seu tempo, Paulo conseguiu ver que essa tinha sido uma resposta boa e sábia, mas certamente não era o que Paulo tinha em mente quando ele fez as suas orações pela primeira vez.

Suponha, a bem da argumentação, que todas as vezes que pedíssemos a Deus alguma coisa e finalizássemos as nossas orações com algu-

ma fórmula apropriada, tal como "em nome de Jesus", recebêssemos imediatamente o que pedimos. Como seria a nossa visão da oração? Como seria a nossa visão de Deus? A oração não se tornaria um pouco como uma mágica inteligente? O próprio Deus não se tornaria nada mais do que um gênio extraordinariamente poderoso a ser chamado, não pela fricção da garrafa, mas pela oração? "Por favor, me dê a esposa ideal, hoje. No nome de Jesus, amém." "Por favor, levante mais 82 missionários para o Zaire, com todo o suporte necessário, até o final da semana. No nome de Jesus, amém." Que religião fácil e domesticada!

Porém, isso não é verdadeira religião. Isso é mágica, não adoração; isso é outro grande engano, não uma submissão genuína ao senhorio de Cristo. É superstição, e não um relacionamento pessoal com o Deus Pai que é sábio, bom e paciente.

Ele pode nos dar o que pedimos; ele pode fazer-nos esperar; ele pode negar. Ele pode nos dar o que pedimos, mas por outros meios bem diferentes, como quando ele proveu Paulo com mais graça para enfrentar o sofrimento imposto pelo espinho na carne, em vez de remover o espinho.

Há dois poemas, até onde sei anônimos, que acrescentam muito em termos de profunda teologia em termos bem práticos:[4]

Pedi ao Senhor que eu crescesse
Na fé, no amor, e em toda graça;
Possa de sua graça saber mais,
E procure mais intensamente sua face.

Pensei que num momento especial
De uma vez ele responderia ao meu pedido;
E, pelo poder constrangedor do seu amor,
Subjugaria os meus pecados e dar-me-ia descanso.

Em vez disso, ele me fez sentir
O mal encerrado no meu coração
E deixou o furioso poder do inferno
Assaltar minha alma em toda parte.

"Senhor, por quê?" Roguei tremendo.
"Perseguirás teu miserável até à morte?"
"É desta maneira", replicou o Senhor,
"Que eu respondo a oração por graça e fé."

"Essas aflições íntimas eu inflijo
Para de ti mesmo e do orgulho libertar-te,
E arruinar os teus planos de alegria terrena,
Para que possas procurar teu tudo em mim!"

Ou ainda:

Ele pediu forças para poder conseguir;
E foi feito fraco para que obedecesse.
Ele pediu saúde para fazer grandes coisas;
Foi dado a ele enfermidades para fazer coisas melhores.
Ele pediu riquezas para ser feliz;
Foi dado a ele pobreza para ser sábio.
Ele pediu poder para receber o louvor dos homens;
Foi dado a ele fraqueza para sentir necessidade de Deus.
Ele pediu todas as coisas para que pudesse gozar a vida;
Ele recebeu vida para gozar todas as coisas.
Ele nada recebeu das coisas que pediu, de tudo que esperou;
sua oração foi respondida.

Há um sentido profundo pelo qual o soberano, santo, amoroso e sábio Pai a quem nos dirigimos no nome de Jesus está mais interessado em *nós* do que nas nossas orações. Não quero com isso depreciar a oração, apenas dizer que a resposta de Deus a nossas orações não pode ser abstraída do tratamento que ele aplica a nós.

Eu não conheço o fim pelo princípio. Somente Deus sabe. Mas ele está interessado em mim como seu filho, da mesma maneira como ele estava interessado na vida e no ministério do apóstolo Paulo. Parte do interesse da oração é chegar a conhecer melhor a Deus; parte é captar mais de sua mente e vontade; parte está ligada ao ensinar-me a esperar, ou ensinar-me que meus pedidos são, muitas vezes, preconceituosos, ou meus motivos, egoístas.

Assim como a resposta inesperada de Deus às orações de Paulo foi a melhor possível (exatamente porque era resposta de Deus), assim também suas respostas às nossas orações sempre serão para sua glória e para o bem do seu povo.

Perguntas para revisão e reflexão

1. As suas orações por outras pessoas são caracterizadas por zelo, urgência e persistência? Se não, por quê?

2. Até que ponto o amor ao evangelho e ao alcance do evangelho norteiam as suas orações? Como você pode progredir nessa área?
3. Você sente que algumas de suas orações não têm sido respondidas? Você recebeu respostas que não esperava? Como você pode explicar essa experiência?
4. Analise dificuldades particulares que líderes cristãos de sua igreja ou grupo enfrentam, e ore (de preferência com outros) por esses líderes.

Epílogo: Uma oração por reforma espiritual

E agora, Senhor Deus, eu peço a sua bênção sobre todos os que leram este livro, pois sem a mesma não haverá benefício verdadeiro. Podemos ter educação, mas não compaixão; podemos ter formas de orar, mas sem adoração e intercessão frutíferas; podemos ter oratória e sermos carentes de unção; podemos emocionar o seu povo, mas não transformá-lo; podemos expandir a mente deles, mas demonstrar sabedoria e entendimento muito limitados; podemos entreter a muitos, mas encontrar poucos que sejam solidamente regenerados por seu bendito Santo Espírito.

Assim, pedimos que o Senhor nos abençoe, pelo poder do Espírito, para que possamos conhecê-lo melhor e crescer na nossa compreensão do seu incalculável amor por nós. Abençoe-nos, Senhor Deus, não com vitórias fáceis ou infindas, mas com fidelidade. Abençoe-nos com a quantidade certa de lágrimas, e com uma mente e um coração famintos, tanto de conhecer como de praticar a sua Palavra. Abençoe-nos com uma profunda fome e sede de justiça, zelo pela verdade e amor pelas pessoas. Abençoe-nos com a perspectiva que pondera todas as coisas sob o ponto de vista da eternidade. Abençoe-nos com um amor transparente pela santidade. Conceda-nos força na fraqueza, alegria no sofrimento, calma nos conflitos, paciência quando enfrentarmos objeção ou quando formos atacados, lealdade sob tentação, amor quando somos odiados, firmeza e cautela quando o ambiente preferir as coisas passageiras.

Rogamos ao Senhor, santo e misericordioso Deus, que possamos ser usados pelo Senhor para a ampliação do seu reino, para que levemos muitos a conhecê-lo e a amá-lo verdadeiramente.

Conceda-nos, acima de tudo, que a nossa vida possa, cada dia mais, trazer glória ao seu querido Filho, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Que o Deus da paz que, por meio do sangue da eterna aliança, ressuscitou nosso Senhor Jesus de entre os mortos, o grande Pastor das ovelhas, nos equipe com todas as coisas boas para fazer a sua vontade, e que ele possa trabalhar em nós o que é agradável a ele, mediante Jesus Cristo, a quem seja a glória para sempre e sempre. Amém.

Notas finais

Prefácio

1. D. A. Carson, org., *Teach Us to Pray: Prayer in the Bible and the World* (Grand Rapids: Baker/Exeter: Paternoster, 1990).

Introdução: A necessidade imediata da igreja

1. J. I. Packer, em *My Path of Prayer*, David Hanes, org. (Worthing, West Sussex: Henry E. Walter, 1981), p.56.

Capítulo 1: Lições da escola de oração

1. Há uma discussão proveitosa a respeito de algumas dessas questões em *Trying to Be Good,* de Thomas E. Schmidt (Grand Rapids: Zondervan, 1990), cap. 3.
2. Veja David H. Adeney, "Personal Experience of Prayer", em *Teach Us to Pray: Prayer in the Bible and the World,* org. D. A. Carson (Grand Rapids: Baker/Exeter: Paternoster, 1990), pp.309-315.
3. Bill Hybels, *Too Busy Not to Pray: Slowing Down to Be with God* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1988), esp. pp.101-106.
4. Patrick Johnstone, *Operation World: A day-to-day guide to praying for the world,* 4ª ed. (Bromley, Kent: STL, 1986).
5. Stanley J. Grenz, *Prayer: The Cry for the Kingdom* (Peabody, Mass.: Hendrickson, 1988), p.37.
6. Veja D. A. Carson, *The Farewell Discourse and Final Prayer of Jesus* (Grand Rapids: Baker, 1980), pp.109-110; edição inglesa, *Jesus and His Friends* (Leicester: InterVarsity, 1986), pp.108-110.
7. Para defesa dessa interpretação, veja Peter T. O'Brien, "Romanos 8.26,27: A Revolutionary Approach to Prayer?" *The Reformed Theological Review* 46 (1987): pp.65-73.

8. Citado por C. S. Lewis em *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer* (Nova York: Harcourt, Brace and World, 1964), pp.67,68.
9. *Ibid.*, p.68.
10. Em *My Path of Prayer,* org. David Hanes (Worthing, West Sussex: Henry E. Walter, 1981), p.57.

Capítulo 2: A estrutura da oração

1. A construção preposicional peculiar no texto grego (*eis ho*) sugere que tudo o que precede os versículos 11,12 conduz aos mesmos; daí a tradução idiomática da NVI.

Capítulo 3: Petições diguas

1. Uma pequena ambigüidade no texto leva alguns intérpretes a entender essa parte do versículo de modo diferente. A oração de Paulo, literalmente interpretada, é que Deus "cumpra com poder todo propósito de bondade e obra de fé". É possível considerar "todo propósito de bondade" como se referindo aos bons propósitos de Deus. Mas a "obra de fé" certamente é do crente, e a expressão "todo" mais provavelmente inclui ambos os objetos, de maneira que é mais natural entender o texto como se encontra na NVI: que Deus "cumpra todo bom propósito e toda obra que procede da fé".

Capítulo 4: Orando por outras pessoas

1. Naturalmente as distinções são, até certo ponto, artificiais. Por exemplo, o grupo freqüentemente rotulado "orações de Paulo" talvez seja mais imediato do que os "relatos" das orações de Paulo, mas certamente elas também são apenas relatos, e parciais, pois não temos transcrições de uma oração completa de Paulo.

2. Não incluídas estão algumas passagens tais como Romanos 8.26,27, em que Paulo fala sobre oração: "Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos".

Capítulo 5: Uma paixão pelas pessoas

1. Veja especialmente Peter T. O'Brien, "Thanksgiving within the Structure of Pauline Theology", em *Pauline Studies* (Festschrift de F. F. Bruce), org. por Donald A. Hagner e Murray J. Harris (Grand Rapids: Eerdmans, 1980), pp.50-66, especialmente p.56.

Capítulo 6: O conteúdo de uma oração desafiadora

1. Um artigo extraordinariamente útil e perceptivo sobre a teologia bíblica da oração é o de Edmund P. Clowney, "A Biblical Theology of Prayer", em *Teach Us to Pray: Prayer in the Bible and the World*, org. D. A. Carson (Grand Rapids: Baker/Exeter: Paternoster, 1990), pp.136-173.
2. Isto é, considerando a preposição *en* epexegeticamente como "conhecimento".

Capítulo 7: Pretextos para não orar

1. Lillian R. Guild, em *Ministry* (maio de 1985), p.28.

2. O significado da palavra grega é controvertido. Literalmente, *anaideia* significa "impudência", e alguns atribuem essa impudência ao homem à porta. Ele demonstra "pura audácia" em insistir tanto, tão tarde. Alguns estendem esse significado para argumentar que a palavra refere-se à "persistência descarada" desse homem; daí a palavra "importunação" na versão NVI [e também na ARA – N.R.], referindo-se, é claro, à perseverança do homem que está batendo à porta. Isso é quase que certamente incorreto. O significado da palavra não pode ser tão dilatado, e o objetivo da parábola não fica sendo a atitude do homem que bate, mas a atitude do homem que está dentro da casa. A saída seria reconhecer que em grego *anaideia* pode significar "impudência" num sentido um pouco diferente. Enquanto, em nossa língua, pessoas "impudentes" são aquelas que são potencialmente capazes de qualquer atitude tola porque não se importam se incorrem em vergonha, no grego, pessoas "impudentes" podem ser aquelas cuja conduta assegura que elas evitarão a vergonha: elas agem de tal maneira que são literalmente "sem-vergonha", completamente inocentes de qualquer vergonha. Com esse sentido, a palavra refere-se à pessoa que está dentro da casa. Como "impudência" em nossa língua não possui esse significado positivo, a minha tradução é uma paráfrase: "desejo de não se envergonhar".

Capítulo 8: Superando os obstáculos

1. Grego *dokimadzô*.
2. Grego *ta diapheronta*.
3. Por exemplo, *dikaiosynç*.
4. Eu uso o termo *avivamento* no seu sentido histórico, não no sentido contemporâneo encontrado entre alguns batistas do sul dos Estados Unidos, em que avivamento é, mais ou menos, o equivalente às "cruzadas evangelísticas". Nesse último sentido, é possível falar sobre "organizar um avivamento" ou "planejar um avivamento"; no sentido histórico do termo, isso seria considerado grotesco.

Capítulo 9: Um Deus soberano e pessoal

1. A discussão que se segue é uma condensação de um tratamento mais longo sobre a soberania de Deus e da responsabilidade humana, tirada do meu livro *How Long, O Lord? Reflections on Suffering and Evil* (Grand Rapids: Baker, 1990/Leicester: InterVarsity, 1991), caps. 11, 12.

2. Naturalmente, ele disse "muitas pessoas" em vez de "muito povo", pois nesse período (final da década de cinqüenta), ele estava mergulhado na versão do Rei Tiago.

3. Cf. J. Gresham Machen, *The New Testament: An Introduction to Its Literature and History* (reedição: Edimburgo: Banner of Truth, 1976), p.320, que, escrevendo a respeito dos crentes de um estágio um pouco posterior, comenta criteriosamente sobre a liberdade de Deus: "Essa concepção permeia todas as orações da igreja apostólica; em todas elas o homem vai a Deus como uma pessoa vai a outra. Deus é livre; Deus pode fazer o que ele quer; por meio de Cristo, ele é o nosso Pai. Ele não está preso por

suas próprias palavras; ele é independente da natureza; ele governará todas as coisas pelo bem dos seus filhos. Esse é o Deus que pode responder às orações".

4. Alguns leitores podem querer seguir esta linha de pensamento um pouco mais além. Cf. Paul Helm, "Asking God", *Themelios* 12 (1986-87), pp.22-24. Um livro útil é o de W. Bingham Hunter, *The God Who Hears* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1986), especialmente cap. 4.

Capítulo 10: Orando ao Deus soberano

1. Essa linguagem sugere que Paulo não tinha conhecido os seus leitores pessoalmente, ou, pelo menos, a maioria deles – do mesmo modo que a sua Carta aos Colossenses (veja cap. 6). Se essa carta foi escrita por Paulo à igreja em Éfeso, a linguagem nesse versículo é um pouco difícil de explicar. De fato, a designação *aos santos que vivem em Éfeso* (1.1) é textualmente duvidosa: segundo o meu entender, as palavras *em Éfeso* não faziam parte do manuscrito original. É bastante plausível que essa carta fosse uma missiva circular enviada de Éfeso aos crentes em toda a Ásia Menor, para a área principal do Vale do Lico (a mesma área coberta pelas "sete igrejas" de Apocalipse 2-3). Se for assim, podemos facilmente imaginar como as palavras *em Éfeso* logo se tornaram vinculadas à cópia deixada em Éfeso, a primeira cidade a ter recebido a carta.

2. A última sentença, que não nos diz respeito aqui, é muito difícil, e o seu significado é debatido nos comentários. Sou inclinado a considerar o particípio grego no final do versículo não como ativo (NVI "que enche") mas como passivo ("que está sendo enchida", referindo-se à igreja), com "plenitude" em aposição ao pensamento geral que precede esta última sentença. A idéia, então, é aproximadamente esta: Cristo, que como cabeça soberana preside a igreja, é também imanente na igreja, preenchendo-a perfeitamente "ao alcançar o máximo de sua perfeita plenitude" (a linguagem é de H. Chadwick). Cristo é aquele em quem a plenitude da Deidade reside (Cl 2.9) e, com essa plenitude, constantemente supre todas as necessidades da igreja.

Capítulo 11: Orando por poder

1. A estrutura das orações nesses versículos é bastante complicada. Como resultado, os comentaristas divergem a respeito do relacionamento entre eles, e portanto, do número de petições independentes. A exposição aqui resulta da minha própria interpretação da estrutura desses versículos.

2. J. I. Packer, *A Quest for Godliness: The Puritan Vision of the Christian Life* (Wheaton: Crossway, 1990), p.69.

3. John R. W. Stott, *God's New Society: The Message of Ephesians* (Downers Grove, Ill: InterVarsity, 1979), p.137.

Capítulo 12: Oração pelo ministério

1. Esta é uma conclusão essencial dos importantes estudos feitos por G. P. Wiles, *Paul's Intercessory Prayers*, SNTSMS 24 (Cambridge: Cambridge University Press, 1974), e Peter T. O'Brien, *Introductory Thanksgivings in the Letters of Paul*, SuppNovT 49 (Leiden: Brill, 1977).

2. As semelhanças verbais necessárias para apoiar essa asserção simplesmente não estão lá. Veja David G. Peterson, "Prayer in Paul's Writings", em *Teach Us to Pray: Prayer in the Bible and the World,* org. D. A. Carson (Grand Rapids: Baker, 1990), p.99, e a literatura citada lá.

3. E. M. Bounds, *A Treasury of Prayer*, compilado por Leonard Ravenhill (Minneapolis: Bethany Fellowship, 1961), p.159.

4. Mais recentemente, eles foram citados por J. I. Packer, em *My Path of Prayer*, org. David Hanes (Worthing, West Sussex: Henry E. Walter, 1981), pp.63,64.

Notas ampliadas

Mencionei no prefácio que o material deste livro havia sido preparado originalmente como uma série de sete sermões. Alguns pregadores que leram estas páginas podem estar interessados em saber como o material foi originalmente configurado. Os capítulos mais tópicos eram introduções ampliadas a sermões tipicamente expositivos. À parte de muitas mudanças editoriais que prepararam o material para a impressão, os sete sermões formavam uma série com o título "Orando com Paulo", e os sete títulos e passagens eram os seguintes:

1. Fundamentos (2Ts 1.3-12) [material da introdução, e caps. 2 e 3 deste livro].
2. Pessoas (1Ts 2.17–3.13, esp. 3.9-13) [material dos caps. 4 e 5].
3. Prática (Cl 1.1-14, esp. 1.9-14) [material dos caps. 1 e 6].
4. Excelência (Fp 1.1-11, esp. 1.9-11) [material dos caps. 7 e 8].
5. Mistério (Ef 1.3-23, esp. 1.15-23) [material dos caps. 9 e 10].
6. Poder (Ef 3.14-21) [material do cap. 11].
7. Ministério (Rm 15.14-33, esp. 15.30-33) [material do cap. 12].

UM CHAMADO À REFORMA ESPIRITUAL

Deus não requer acalorados programas na igreja e programações frenéticas. Ele deseja somente que seu povo o conheça mais intimamente, diz D. A. Carson. O apóstolo Paulo encontrou a intimidade espiritual em sua própria comunhão com o Pai. *Um chamado à reforma espiritual* investiga as Epístolas para ver que lições Paulo ensinou em sua "escola de oração".

Os cristãos da atualidade ainda podem alcançar a convicção que Paulo desfrutou seguindo seus princípios de vida e sua busca por uma profunda experiência espiritual.

D. A. Carson é professor pesquisador do Novo Testamento no Trinity Evangelical Divinity School, em Deerfield, Illinois. Ele é autor de vários livros e editor de *Teach us to pray* e *Right with God*.

Oração/Bíblia
ISBN 85-762
9 788576 2

EDITORA CULTURA CRISTÃ
www.cep.org.br